GRANDES BATALHAS

As Campanhas de Alexandre 334-323 a.C.

Alexandre Conquista a Ásia

OSPREY
PUBLISHING

As Campanhas de Alexandre 334-323 a.C.

GRANDES BATALHAS

As Campanhas de Alexandre 334-323 a.C.

Alexandre Conquista a Ásia

John Warry

OSPREY
PUBLISHING

© 2010 RBA Coleccionables, S.A. da tradução
Pérez Galdós, 36 bis
08012 Barcelona (Espanha)
www.rbacoleccionables.com

Realização editorial: EDITEC
Edição: Mónica Municio, João Piroto
Revisão: Maria João Moreno
Paginação: Alejandra Villanueva

Tradução: Beta Projectos Editoriais, Lda.

Título original: *Alexander 334-323 BC: Conquest of the Persian Empire*
Primeira edição na Grã-Bretanha, 2002. Osprey Publishing Ltd.
© 2002 Osprey Publishing Ltd.
www.ospreypublishing.com

ISBN Obra Completa: 978-84-473-6796-2
ISBN Volume 3: 978-84-473-6885-3
Depósito Legal: M-23.394-2010
Impressão e encadernação: Dédalo Offset, S.L.
Impresso em Espanha. *Printed in Spain*

São rigorosamente proibidas, sem a autorização escrita dos titulares do *copyright*, sob as sanções estabelecidas nas leis, a reprodução parcial ou total desta obra por qualquer meio ou procedimento, compreendendo a reprografia e o tratamento informático, e a distribuição de exemplares através de aluguer ou empréstimo público.

O editor fez todos os esforços possíveis para obter as autorizações pertinentes de todo o material reproduzido neste livro. Se se verificar alguma omissão, pedimos que nos façam chegar por escrito a reclamação correspondente para corrigir o erro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 6
Pérsia, Grécia e Macedónia

EXÉRCITOS E COMANDANTES 12
Homens e armamento • Objectivos de guerra e estratégias

A BATALHA DE GRANICO 18
A táctica de Alexandre • A primeira vitória

DEPOIS DE GRANICO 27

A BATALHA DE ISSO 30
Marcha e contramarcha • Frente a frente • Ventos de batalha

DEPOIS DE ISSO 40

O CERCO DE TIRO 42
Operações navais • Uma brecha na muralha • O interlúdio egípcio

A BATALHA DE GAUGAMELA 55
Avanço para Guagamela • Na batalha • Vitória final

OS ANOS DE BACTRIANA 70

A BATALHA DE HIDASPES 73
Operações nocturnas • A reacção indiana • A derrota de Poros

REGRESSO À BABILÓNIA 84

DEPOIS DE ALEXANDRE 89

O CAMPO DE BATALHA, HOJE 91

CRONOLOGIA 92

GLOSSÁRIO 93

BIBLIOGRAFIA 95

ÍNDICE 96

INTRODUÇÃO

PÉRSIA, GRÉCIA E MACEDÓNIA

Para compreender o lugar que Alexandre Magno ocupa na história, é preciso considerar brevemente o curso dos acontecimentos que determinaram as relações entre a Grécia e a Pérsia durante o século e meio anterior. As cidades gregas da costa asiática do Egeu foram súbditas dos reis lídios de Sardes, até que a própria Lídia foi ultrapassada pela ascensão meteórica da Pérsia como poder imperial. Os persas, tal como os lídios, eram uns senhores pouco exigentes. Até 499 a.C. as cidades helénicas da costa não se rebelaram e, quando receberam ajuda da Grécia continental, os reis persas Dario e Xerxes organizaram duas expedições punitivas contra a Grécia nos anos 490 e 480 a.C., respectivamente, mas ambas fracassaram.

As invasões persas foram repelidas; a independência da Grécia estava assegurada, mas o conflito entre as cidades helénicas não tardou a deflagrar novamente, e a longa guerra do Peloponeso entre Esparta e Atenas (431-404 a.C.), com os seus moldes alternativos de aliança e confronto, acabaram por esgotar a Grécia. Se os persas não conseguiram aproveitar-se da fraqueza dos helénicos, foi porque eles próprios, após a morte de Xerxes em 464 a.C., entraram num período de enfraquecimento militar. O sucessor de Xerxes, Artaxerxes I, demonstrou uma notável capacidade diplomática, mas em 404 a.C. a Pérsia perdeu o controlo do Egipto e não voltaria a recuperar esta província senão em 343 a.C., com a chegada de Artaxerxes III e a ajuda de um mercenário grego chamado Mentor.

Nos últimos anos da guerra do Peloponeso, os sátrapas (governadores provinciais) persas da Ásia Menor, umas vezes sozinhos e outras com a ajuda de aliados, deram o seu apoio umas vezes a Atenas e outras a Esparta, de uma forma muito bem calculada para manter o equilíbrio de poder e assegurar a continuidade da guerra. A derrota ateniense de 404 a.C. deveu-se a Lisandro, almirante espartano, ter recebido financiamento dos persas para o equipamento e a manutenção da frota.

Mas a supremacia espartana não tardou a alarmar os persas, e uma aliança entre as frotas persa e ateniense restaurou o poder de Atenas graças à vitória naval de Cnido (396 a.C.). Entretanto, um exército grego de 10.000 homens apoiou as pretensões do príncipe persa Ciro numa guerra contra o seu irmão Artaxerxes II. O exército teve que partir para a Mesopotâmia, para depois se retirar para a costa do mar Negro. Os gregos não puderam ignorar esta aventura, verdadeira façanha militar, e os generais espartanos que estavam à frente das cidades helénicas da Ásia Menor contra os sátrapas persas reuniram forças para marchar para a guerra nas remotas terras da Ásia. Mas em 386 a.C., tanto Esparta como Atenas concederam aos persas o direito de domínio sobre as cidades gregas do interior da Ásia Menor, em troca de lhe reconhecerem as suas próprias reivindicações. Esta paz, um pouco hipó-

crita, também não durou muito tempo, e o estado de guerra na Grécia recomeçou pouco depois. De facto, a guerra era endémica tanto na Europa como na Ásia, e a riqueza e as energias de todos os estados e nações implicados eram dedicadas, ano após ano, a actos de violência e destruição que não obedeciam a motivos patrióticos.

O auge da Macedónia

O território da Macedónia tinha-se mantido, durante muito tempo, afastado desta lamentável situação. Na primeira metade do século IV a.C., a sua posição geográfica e estratégica não teve muita importância na política greco-persa. Há que destacar que a Macedónia não tinha feito parte do tratado assinado em 386 a.C., no qual se cedia à Pérsia o controlo da Ásia Menor continental. No entanto, isto não significava que os macedónios não eram um povo guerreiro. Pelo contrário, a população mista da região (gregos, trácios e ilírios) lutava entre si e contra os vizinhos que tentavam anexar as suas terras.

Finalmente, em 358 a.C., o regente grego da Macedónia proclamou-se rei. Era Filipe II, pai de Alexandre Magno. A partir da sua sede de governo em Pela, a uns 30 km do golfo Termaico (ou da Tessalónica), Filipe afirmou a sua autoridade no território da Macedónia e estendeu as suas fronteiras até envolver o vale do Estrimão, na Trácia Ocidental, de onde tinha fácil acesso às minas de prata e ouro. Nos vinte anos seguintes, graças ao seu oportunismo político e ao seu exército, Filipe conseguiu dominar todo o campo da política grega. Impôs aos helénicos uma paz que eles próprios não tinham conseguido, e satisfez a sua ambição pessoal como estadista. Com toda a justiça, Filipe pode ser considerado o benfeitor da civilização grega.

É verdade que Filipe não impôs a sua autoridade sem travar várias batalhas militares e diplomáticas, muitas vezes prolongadas e tortuosamente dirigidas, e quando Atenas e Tebas decidiram finalmente unir os seus exércitos contra ele, Filipe infligiu-lhes uma contundente derrota em Queroneia, na Beócia, em 338 a.C. Embora Esparta se tenha mantido à parte, Filipe conseguiu convocar um congresso de estados gregos em Corinto, onde foi proclamado líder de uma federação helénica contra a Pérsia.

A guerra contra a Pérsia tinha conseguido unir muitos estados gregos na época da invasão de Xerxes (480 a.C.). Filipe encabeçava um esforço bélico semelhante — mas desta vez ofensivo em vez de defensivo —, cujo objectivo era confirmar a sua autoridade sobre toda a Grécia, pelo bem desta e pelo seu próprio. No entanto, um complô gerado na sua própria casa acabou com a sua vida em 336 a.C. Alexandre, que tinha então 20 anos de idade, executou o assassino sem fazer perguntas. Talvez tenha adivinhado que o crime tinha sido instigado pela sua própria mãe, Olímpia, em benefício do próprio Alexandre, já que Filipe nunca se mostrou disposto a manter-se monógamo. Então Alexandre herdou o reino do seu pai e tudo o relacionado com ele.

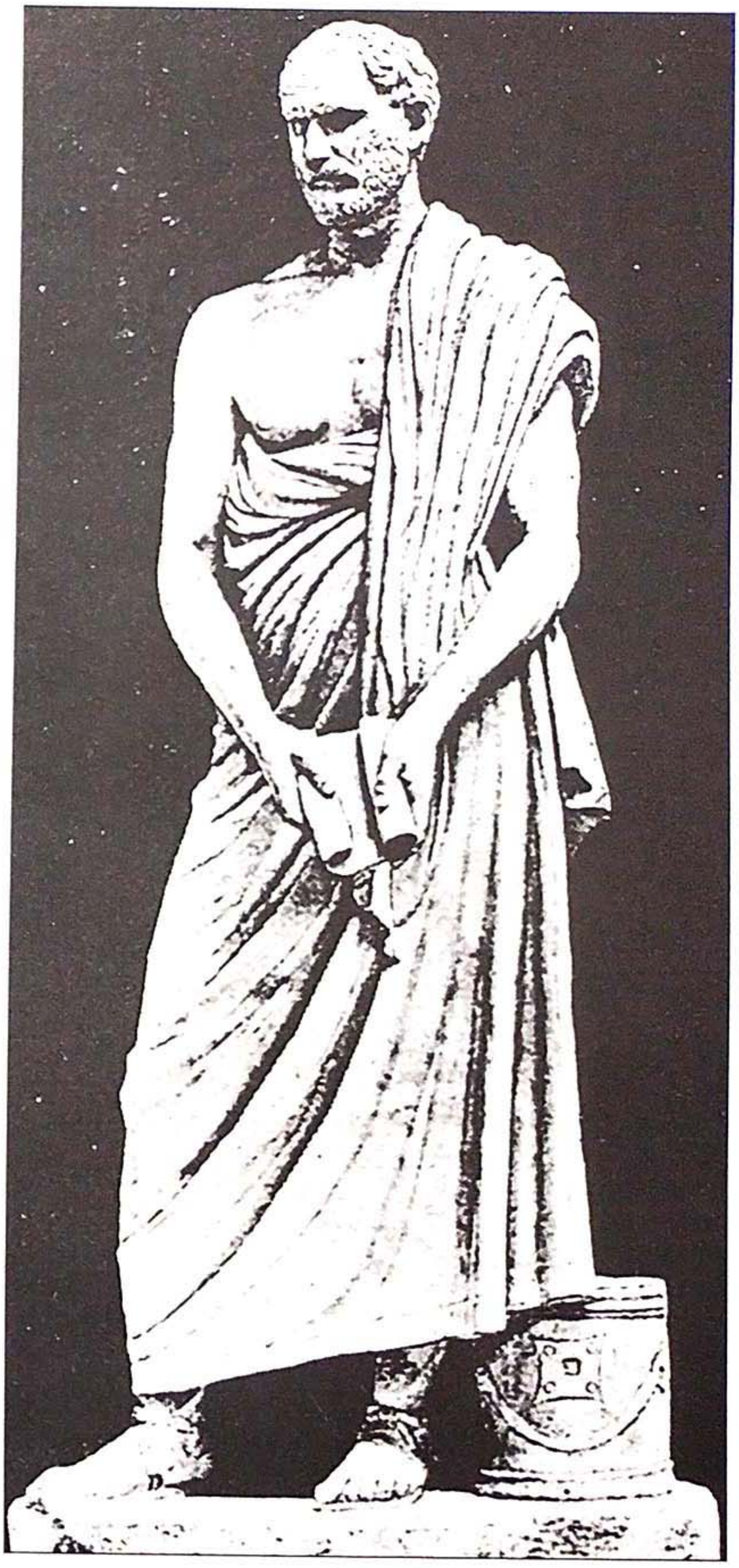
Alexandre ao comando

Embora para Alexandre a guerra contra a Pérsia tenha sido um importante objectivo militar e político, os primeiros conflitos em que participou tiveram lugar perto de sua casa. As políticas pan-helénicas de Filipe tinham-lhe granjeado tanto amigos como inimigos em toda a Grécia, mas o rápido avanço de Alexandre com o seu exército pela Tessália e pelas Termópilas (336 a.C.) foi suficiente para desencorajar qualquer aspiração de independência entre as cidades gregas, que não tardaram a reconhecê-lo como sucessor do seu pai em tudo o que se relacionasse com a guerra com a Pérsia.

Em pouco tempo, Alexandre certificou-se de que toda a Grécia estava controlada por guarnições macedónias ou políticos simpatizantes com a sua causa. Na verdade, não se pode aplicar o termo «marionetas» a estes últimos, uma vez que entre eles havia tanto homens sinceros como oportunistas. De qualquer maneira, a Grécia desfrutou da paz até que, em 335 a.C., Alexandre foi chamado para a guerra para assegurar a sua guarnição na Trácia, que lutava contra uma rebelião. As tribos em questão recebiam ajuda de aliados citas do outro lado do Danúbio, mas, inesperadamente, Alexandre

NA PÁGINA SEGUINTE, À ESQUERDA **O orador ateniense Ésquines, contemporâneo de Filipe II da Macedónia e de Alexandre Magno, teve uma atitude conciliadora e de compromisso com a liderança da Macedónia. Isso fez com que se tornasse adversário político e inimigo pessoal de Demóstenes durante muitos anos. Em 330 a.C., quando o poder da Macedónia estava no seu apogeu, Demóstenes continuava a lutar pelos seus ideais.**

Cabeça de Apolo, tal como costuma aparecer nas moedas de Filipe II da Macedónia, pai de Alexandre Magno. No reverso aparece a inscrição «Philippou» (Filipe). Etimologicamente, Filipe significa «apaixonado por cavalos». Os cavalos apareciam nas moedas macedónias desde tempos imemoriais e esta tipologia talvez seja proveniente do distrito mineiro da Trácia, ocupado por Alexandre I da Macedónia (498-454 a.C.).



EM CIMA, À DIREITA **Demóstenes, o orador, é recordado pelo seu nobre estilo literário; a sua carreira como estadista é mais discutível. Tanto Filipe como Alexandre da Macedónia mostraram uma certa tolerância face à sua implacável hostilidade. Após a morte de Alexandre, levou de novo para Atenas os ideais da cidade-estado grega, e suicidou-se após ser ameaçado de prisão pelos macedónios de Antípatro (322 a.C.).**

transportou o seu exército através do Danúbio em barcos de pesca e pôs fim às hostilidades. Com a guerra com a Pérsia em mente, necessitava de pacificar a Trácia, uma vez que se encontrava na rota do Helesponto (Dardanelos) e da remota Pérsia.

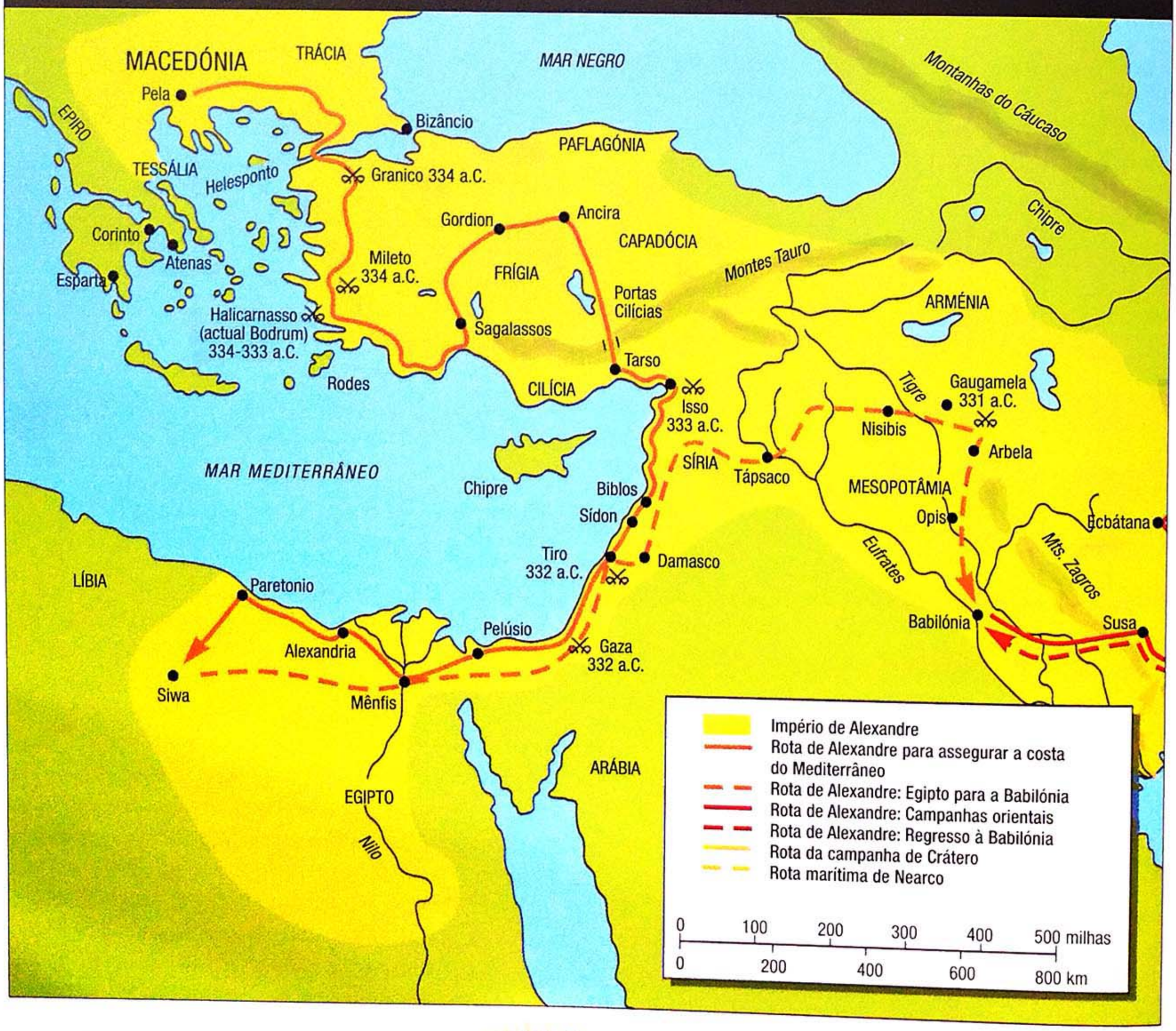
Naquela época, outra guerra entre tribos ameaçava a Macedónia a partir da região da Ilíria adjacente à costa do Adriático, e também a sua presença foi requerida nessa zona. Enquanto Alexandre estava ocupado com as tribos ilírias, uma nova revolta rebentou na Grécia após se ter difundido o rumor da sua morte. Dois oficiais da guarnição macedónia de Tebas foram assassinados e a própria guarnição corria perigo. Quando as notícias chegaram aos ouvidos de Alexandre, este apressou-se a mostrar que estava vivo e regressou rapidamente à Grécia. Tinha, mesmo então, a esperança de conseguir um

acordo com os tebanos, mas não foi feliz. Finalmente, saqueou a cidade e arrasou-a sem piedade. Este exemplo bastou para provocar um ânimo conciliador no resto da Grécia, que se apressou a submeter-se, como já antes o fizera, à liderança da Macedónia.

No início da Primavera seguinte, Alexandre já estava pronto para marchar para a guerra contra a Pérsia. Deixou o seu comandante Antípatro para defender a Grécia com uma força de 12.000 soldados de infantaria e 1.500 ginetes. Alexandre atravessou a Trácia e dirigiu-se para o Helesponto à frente do seu exército de invasão. Os números mais fiáveis falam de pouco mais de 30.000 soldados de infantaria, incluindo tropas pesadas e ligeiras, por exemplo, arqueiros. Calcula-se que a sua força de cavalaria era de cerca de 5.100 ginetes. Alexandre podia esperar que se juntassem a ele outras tropas macedónias na Ásia, o que restava da inconclusa guerra do seu pai contra as cidades satélites atenienses no Propôntide (mar de Mármara), embora seja provável que a maior parte dessas tropas já se tivessem retirado da zona.

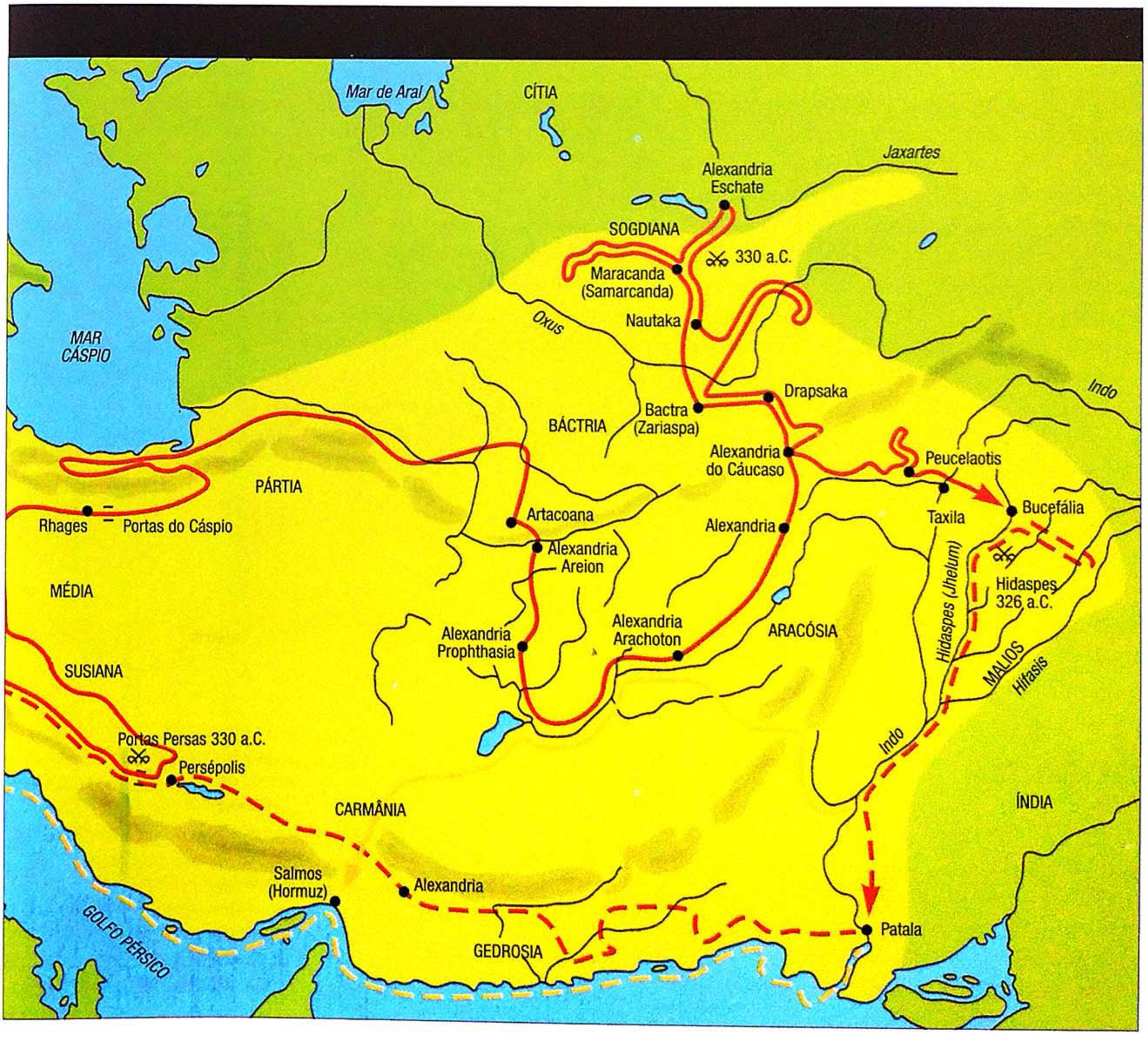
Entre as tropas ligeiras de Alexandre há a destacar os agrianos, um contingente tribal procedente do extremo setentrional da Macedónia.

AS CONQUISTAS DE ALEXANDRE MAGNO



Alexandre, na sua guerra contra os ilírios, tinha recebido o determinante apoio de Langaro, rei dos agrianos, que, se não tivesse morrido entretanto, teria sido recompensado com o casamento com a meia-irmã de Alexandre. De qualquer maneira, os agrianos eram leais a Alexandre, e não só lutaram juntamente com ele em batalhas na Ásia, como também o seguiram para a Índia.

Alexandre assegurara a Grécia continental e a Trácia antes de decidir invadir o território persa. O general demonstrou que era um homem precavido, pois também assegurou o controlo da costa mediterrânica antes de penetrar no interior da Ásia, e consolidou as suas posições na Mesopotâmia antes de continuar para leste. Também não se aventurou para a Índia antes de ter estabelecido guarnições nas províncias orientais do Império Persa. O carácter paciente e minucioso de Alexandre posto em prática com estas políticas e estratégias a longo prazo aliava-se a uma faculdade para tomar decisões rápidas e imprevistas, que muitas vezes pareciam a consequência de um simples impulso. Por sorte, estes minuciosos preparativos a longo prazo suavizaram o seu carácter impetuoso e justificaram as suas acções imprevistas, que de outro modo teriam parecido perigosamente precipitadas.



EXÉRCITOS E COMANDANTES

Desde o princípio das guerras contra os persas e durante os quatro anos seguintes Alexandre encontrou na pessoa de Parménio, general de confiança de Filipe que dirigira as forças da Macedónia na costa asiática contra os aliados de Atenas, um braço direito competente e leal. Nas batalhas de Alexandre, Parménio estava sempre à frente da ala esquerda defensiva da cavalaria. É muitas vezes representado a aconselhar Alexandre, conselhos que eram quase sempre ignorados.

Os três filhos de Parménio também serviram no exército macedónio sob o comando de Alexandre: Filotas, como oficial de cavalaria; Nicanor, à frente da infantaria, e Heitor, demasiado jovem para assumir o comando. Infelizmente, Heitor perdeu a vida num acidente a bordo de um barco no Nilo e Nicanor morreu no Oriente. Filotas e Parménio viriam a ter um fim ainda mais trágico. Após a morte dos dois líderes, chegaram outros, como Coeno e Crátero, para não mencionar Seleuco e Ptolomeu, que, juntamente com alguns outros, se tornariam os herdeiros das conquistas de Alexandre.

A vida de Hefestião coexistiu com a de Alexandre, tendo conservado a confiança e o afecto do seu senhor até ao fim. Apesar disso, nunca foi um comandante que tenha sobressaído no campo de batalha, e o seu nome costuma ser mencionado apenas em relação a alguns serviços subordinados. Quando Hefestião morreu em Ectábana (324 a.C.), deixou uma aflita viúva persa e organizou-se um magnífico funeral em sua honra.

Os generais persas que defrontaram Alexandre no noroeste da Ásia (Arsames, Petines, Reomitres, Nifates e Espitrídates) demoraram demasiado a mobilizar-se face à ameaça macedónia, mas Espitrídates e outros comandantes persas fizeram gala de grande coragem e valor no campo de batalha. Neste sentido, distinguiam-se do próprio Dario, que, apesar dos seus elaborados preparativos de guerra, fugia do campo de batalha quando sentia a sua integridade pessoal ameaçada.

No princípio, os persas receberam ajuda de Mémnon, um comandante de mercenários gregos, irmão daquele Mentor que tinha ajudado o Império Persa na reconquista do Egipto. No entanto, os ciúmes que os persas sentiam de Mémnon provocaram algumas divisões antes da batalha de Granico.

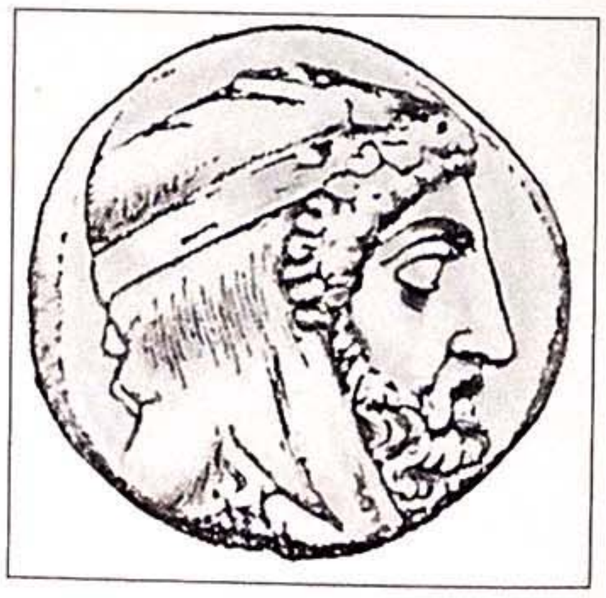
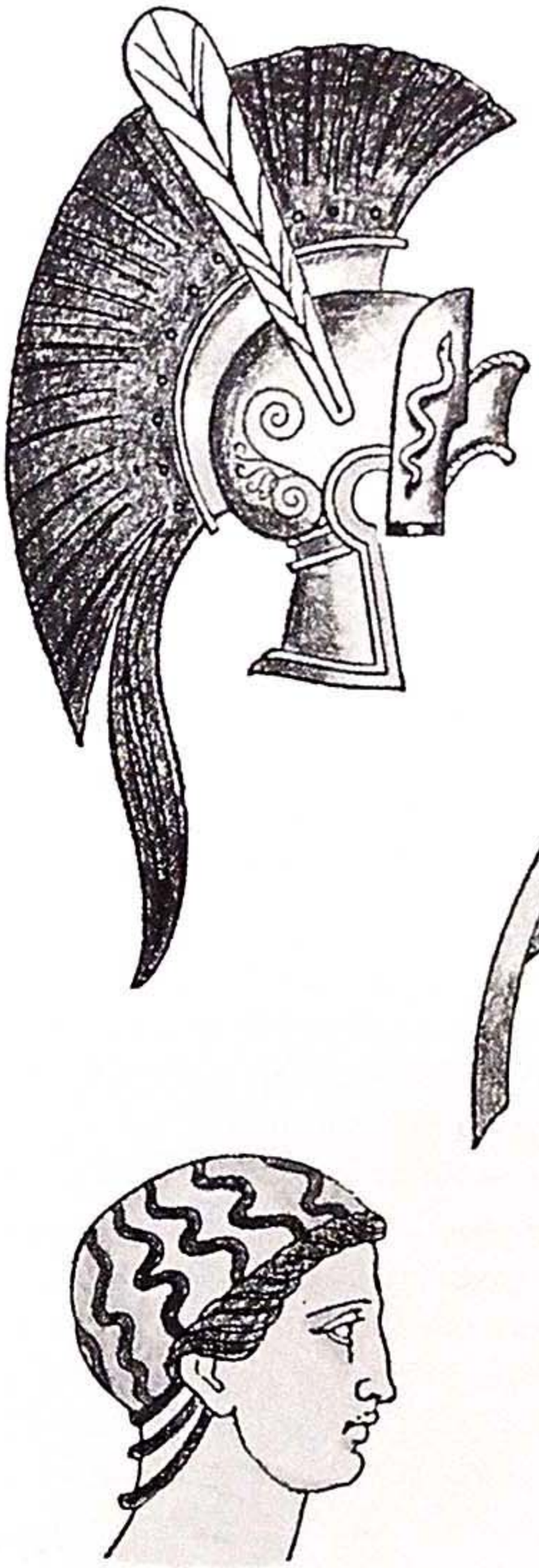
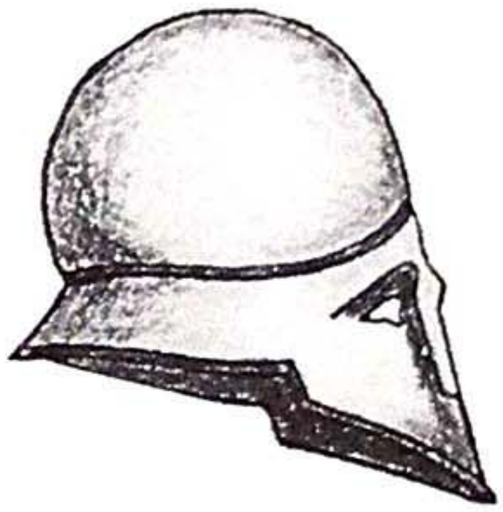


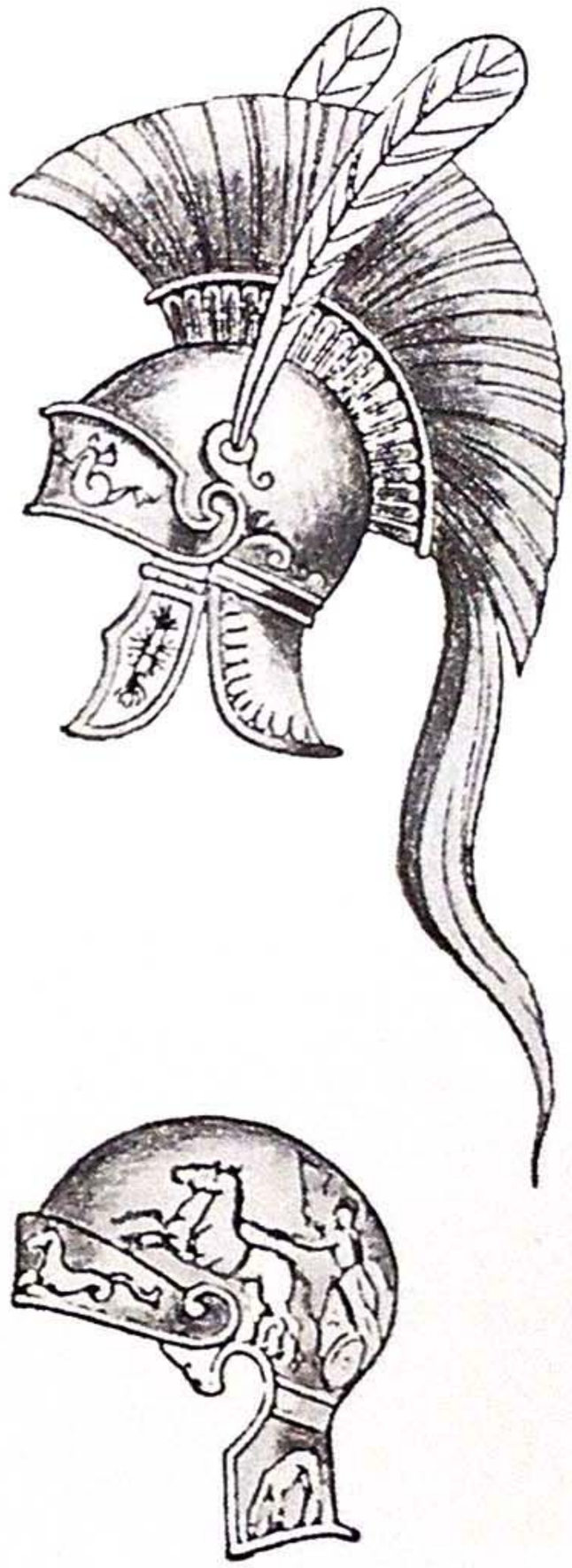
Ilustração copiada de uma moeda de prata que se encontra no British Museum. Foi cunhada em nome do rei persa, tal como indicam as inscrições do reverso. O toucado da cabeça mostra de novo as típicas protecções laterais, mas é preso com uma faixa ou diadema. Talvez se possa comparar com o que a figura situada no extremo direito do mosaico de Isso usa.

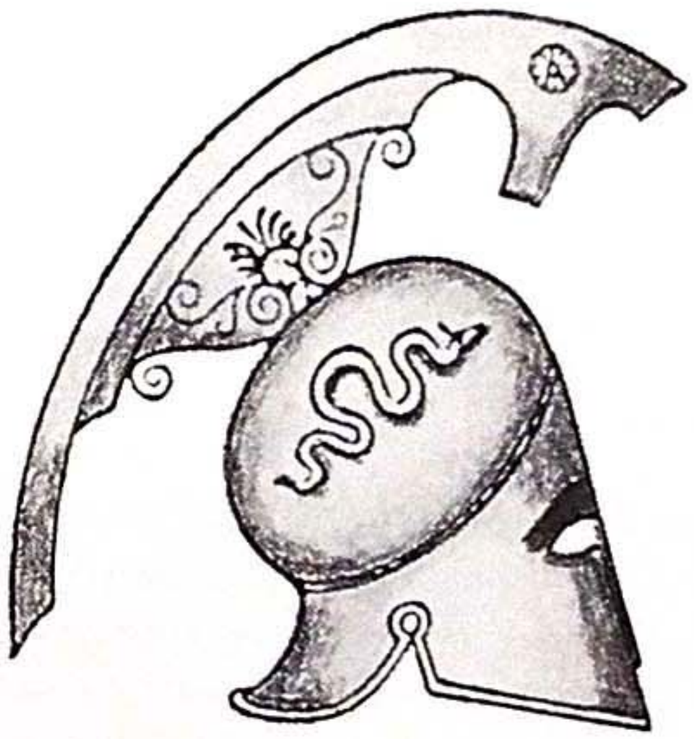
HOMENS E ARMAMENTO

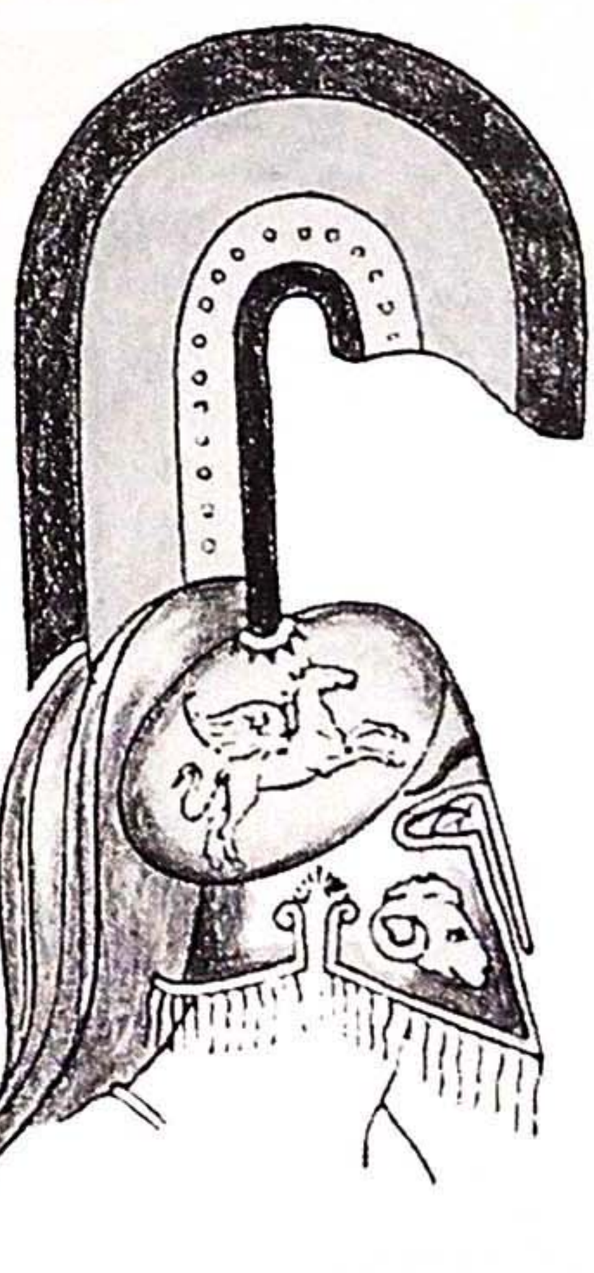
Alexandre herdou do seu pai o exército que conduziu à Ásia. Era formado por três corpos: uma força de assalto de cavalaria na ala direita; a ala esquerda defensiva, também de cavalaria, e uma massa central de piqueiros, lanceiros de infantaria que, regra geral, trabalhavam com outros soldados de infantaria bem equipados, os «hipaspistas». No princípio, era o hipaspista quem carregava o escudo, muitas vezes um escravo. Este termo também podia designar o honorável portador da armadura do rei, e aplicava-se de forma

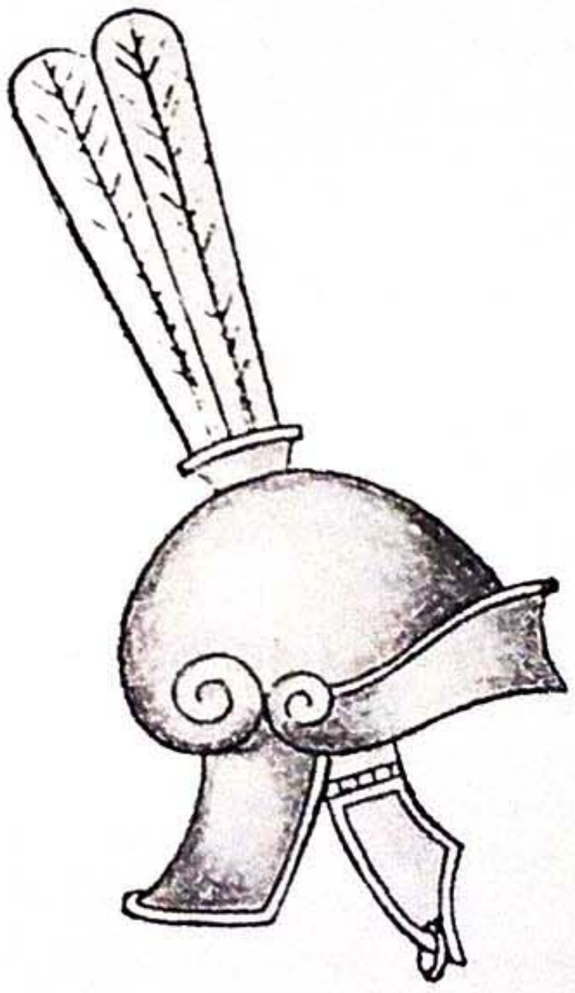






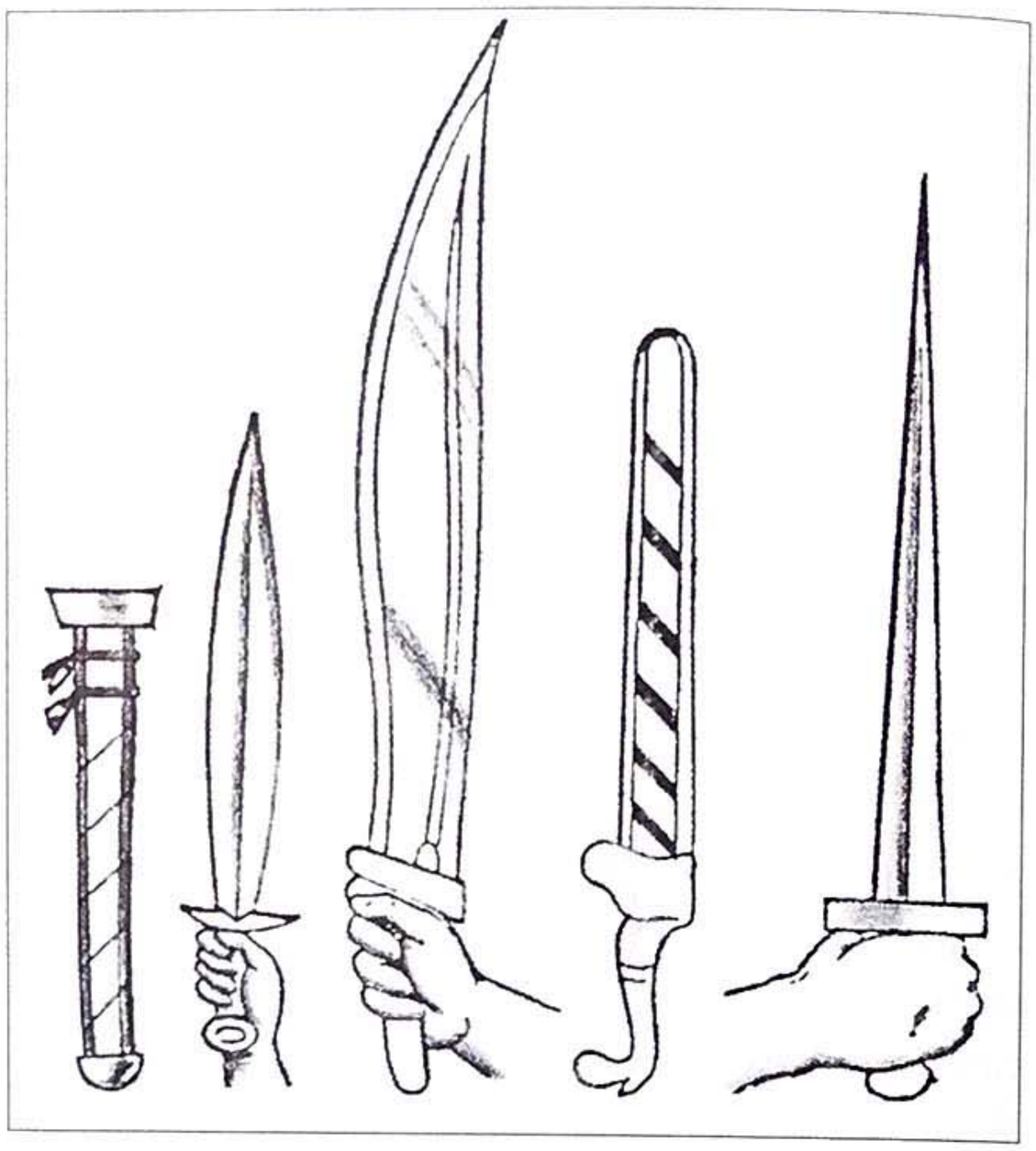






A maior parte dos tipos de capacetes gregos que foram recuperados têm um desenho simples e funcional. Existiam capacetes mais ornamentados, com frequência muito decorados. Costumavam ser de bronze, mas o que Alexandre usava em Gaugamela era de ferro polido para que brilhasse como a prata.

Guarda hipaspista macedónio. A natureza exacta destes soldados não é clara, mas parece provável que fossem tropas mais ligeiras que os hoplitas da falange e que protegessem o flanco vulnerável desta na batalha. (Richard Geiger)



honorífica aos soldados de infantaria macedónios. Com frequência, a estes soldados juntavam-se-lhes na ala direita as tropas ligeiras de escaramuçadores, arqueiros, fundeiros e lançadores de dardo. A forma como estas tropas eram utilizadas é estudada em cada batalha concreta. A cavalaria de elite, os «Companheiros», eram principalmente macedónios de língua grega e recebiam ajuda de outros esquadrões de cavalaria macedónios (os peónios do norte da Macedónia), assim como de lanceiros exploradores. Os ginetes tessálios e trácios serviam muitas vezes juntamente com os peónios no flanco esquerdo.

Os Companheiros protegiam-se com capacetes de metal e armaduras parcialmente metálicas, mas não usavam escudo. Os ginetes de outros contingentes carregavam uma panóplia mais leve. Os lanceiros de infantaria usavam capacetes e caneleiras de bronze, assim como pequenos escudos que manejavam com o antebraço. Os hipaspistas (termo que às vezes se traduz como «guarda») eram lanceiros que usavam curiosos escudos. Por vezes, tanto estes como os lanceiros recebiam o nome de «Companheiros a pé». Ambos eram macedónios de língua grega, embora se tolerasse a fala, entre eles, de dialectos menos cultos.

Os Companheiros, quer fossem ginetes ou infantes, eram recrutados nas localidades macedónias de acordo com um critério territorial. Assim, cada um era o «companheiro» do seu vizinho nas armas, tal como do rei ou comandante a quem serviam. Desconhece-se o sentido original do termo.

Outros macedónios, procedentes das zonas mais selvagens e remotas do território, serviam como escaramuçadores ou como fundeiros, como já se referiu. Para sua defesa, confiavam na sua agilidade, embora alguns

NA PÁGINA ANTERIOR **A maioria dos soldados de infantaria gregos e macedónios tinham espadas embainhadas como armas de reserva. Os cabos das espadas e das lanças podiam partir-se facilmente, e inclusive os arqueiros, em alguma ocasião, podiam encontrar-se mais perto do inimigo do que o previsto. Na época de Alexandre, a espada cortante (*kopis* ou *makhaira*) era uma arma de uso habitual.**

Os escultores e os pintores gregos misturavam realismo e convenção na altura de representar temas mitológicos. Esta estátua representa Eros (Cupido) a esticar o seu arco; a atitude do deus, a apoiar-se na perna, com o joelho ligeiramente desviado para tentar esticar o arco, era uma prática habitual na época de Alexandre.

Guarda a pé persa «portador de maçãs», equipado com uma couraça de couro castanho e reforçada em bronze, um escudo de bronze de estilo grego e uma lança própria da infantaria persa com um contrapeso em forma de maçã de ouro que dava o nome à unidade. (Richard Geiger)

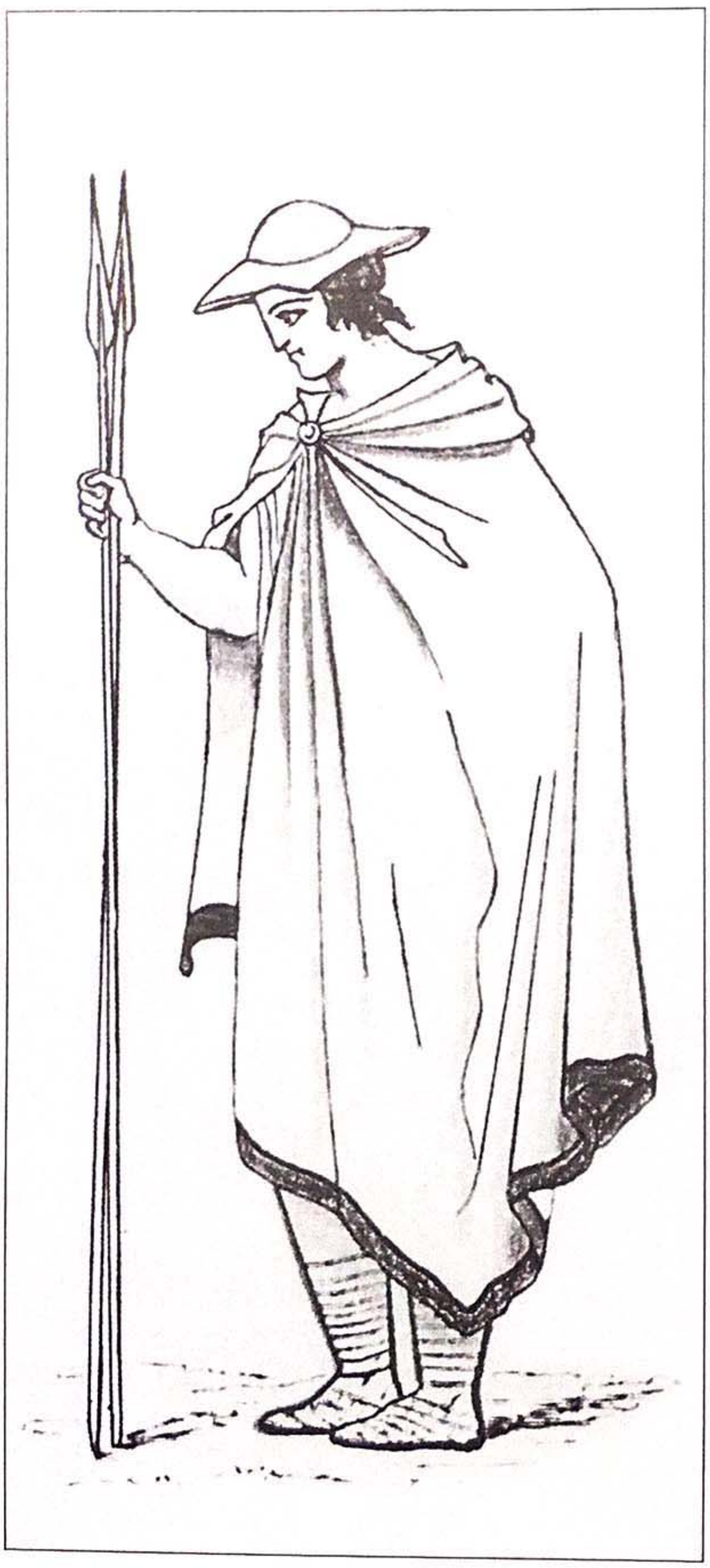


Ilustração procedente de um vaso grego, que mostra um soldado em ordem de marcha, cujo *himation* está preso com um alfinete sobre o seu peito. Tem na cabeça o *petasos*, um chapéu de feltro de abas largas. O seu calçado é muito completo, com as perneiras separadas dos sapatos. Apesar de, nas cenas de batalhas, os guerreiros aparecerem muitas vezes descalços, os exércitos antigos marchavam calçados.

usassem escudos ligeiros. A maior parte destes soldados usavam espadas embainhadas como armas de reserva.

É claro que Alexandre também dispunha de tropas aliadas gregas e trácias. Os mercenários gregos estavam sempre disponíveis. As principais forças das tropas persas que defrontaram Alexandre eram a cavalaria e os arqueiros. De facto, estes últimos montavam com frequência a cavalo, em cujo caso apenas se protegiam com túnicas e caneleiras de materiais acolchoados. A cavalaria pesada utilizava couraças, que às vezes pareciam as dos gregos, mas também existiam as de materiais moles e cobertos com escamas de metal.

Como infantaria, os persas confiavam nos hoplitas gregos mercenários, mas também dispunham da sua própria infantaria pesada *(cardaces)*, provavelmente armada à semelhança dos hoplitas gregos. A infantaria ligeira usava lanças e espadas para golpear com o fio, e protegia-se com roupas

NA PÁGINA ANTERIOR **Soldado persa representado num vaso do século IV a.C. Trata-se de um criado de Dario, magnificamente ataviado com roupas bordadas. Ao contrário da maior parte do calçado do mundo grego antigo, o seu calçado cobre os dedos dos pés. Tem um gorro com protecções laterais tipicamente persa e de outros povos não gregos (bárbaros). É provável que o gorro tivesse esta forma por ser cortado de uma pele de animal; as protecções laterais eram confeccionadas com a pele das patas. O soldado envolvia com elas o queixo ou o pescoço, como se fosse um cachecol, para se proteger do pó na batalha e na caça. (Compare-se com o mosaico de Isso)**

acolchoadas. É provável que os numerosos contingentes nacionais do distante Império Persa não dispusessem de qualquer equipamento, além das suas armas de caça comuns.

OBJECTIVOS DE GUERRA E ESTRATÉGIAS

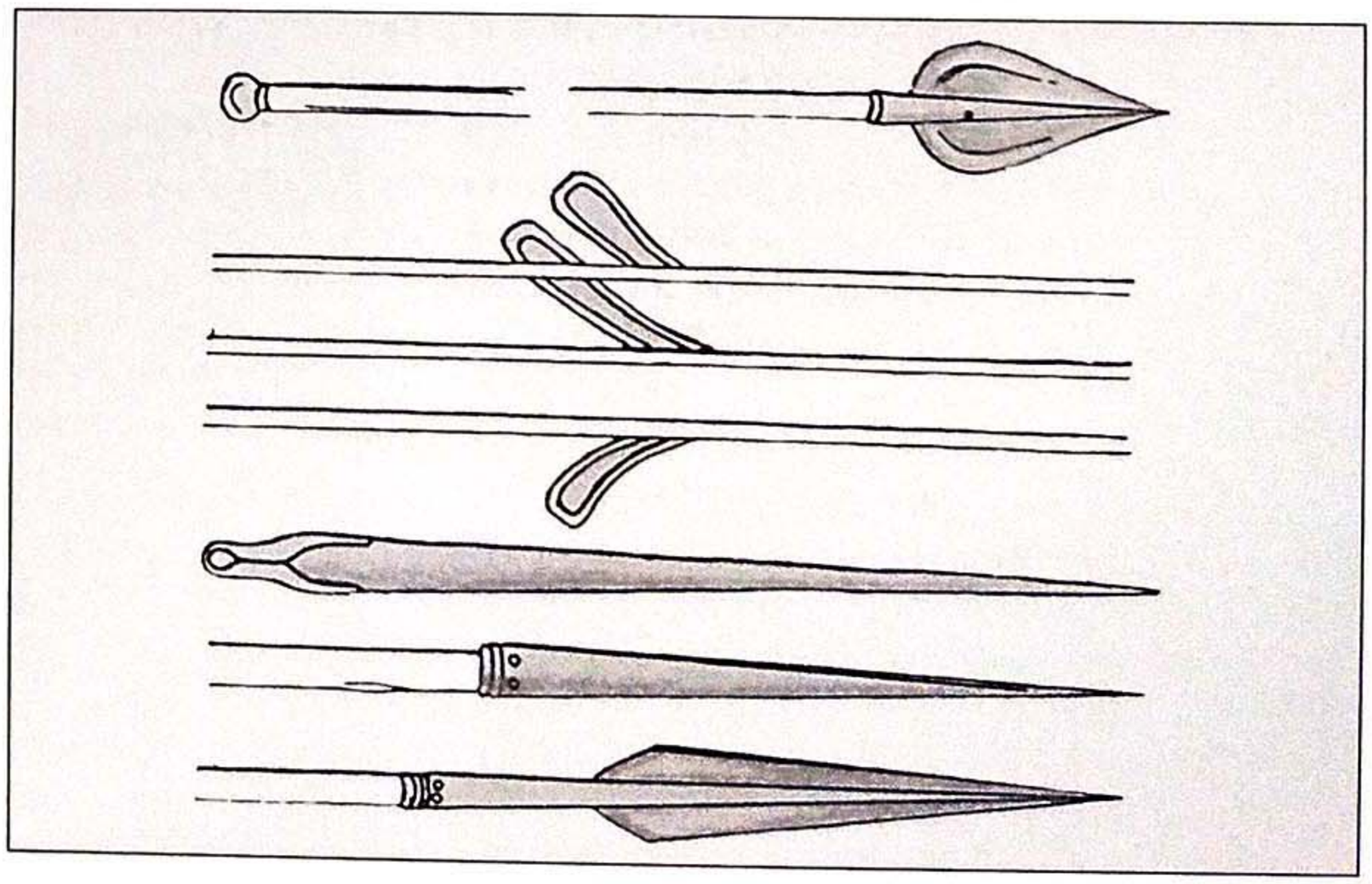
É muito difícil precisar até que ponto as ambições de Alexandre se tornaram realidade. Há a destacar, uma vez mais, que pensava que, antes de empreender uma nova aventura, devia consolidar as suas conquistas.

O seu primeiro objectivo foi libertar as cidades gregas da Ásia. Depois, enquanto ainda estada ocupado a subjugar as cidades fenícias das costas da Síria e da Palestina, comentou, numa carta dirigida a Dario, que o seu principal objectivo era vingar-se das anteriores invasões persas da Grécia. Dario ofereceu-se para lhe ceder os domínios ocidentais do Império, mas Alexandre recusou a oferta do rei persa e submeteu-o em 332 a.C., quando invadiu a Mesopotâmia.

Mas, apesar das suas conquistas, Alexandre não se sentia satisfeito. Com o pretexto de capturar o fugitivo Dario, invadiu as províncias do nordeste da Pérsia. É difícil saber se o seu propósito de unir as civilizações e culturas da Pérsia e da Grécia se deve considerar um meio para pacificar os territórios conquistados ou se se tratava de um ideal visionário com vista a um futuro político. De facto, como acontece noutras ocasiões, os motivos do general podiam estar misturados.

Em 327 a.C., quando Alexandre atravessou o Indo e ultrapassou as fronteiras do império de Dario, o seu único motivo plausível era a conquista. Foi um milagre que tantos homens o seguissem, mas no fim o seu próprio exército acabaria por se rebelar.

Não se pode afirmar que os inimigos de Alexandre tivessem objectivos bélicos de carácter expansionista, já que o seu propósito era defenderem-se dele. Todos eles fracassaram. De qualquer forma, a única alternativa era reconhecê-lo como amigo e aliado, e oferecer-lhe uma contribuição em soldados e equipamento para a guerra. Alexandre podia ser generoso com os inimigos vencidos, mas também cruel e vingativo.



Diferentes tipos de lanças antigas, uma delas com contrapeso. Alguns consideram que o apoio que, em forma de laço, algumas delas têm era como um apêndice para ajudar o ginete a subir para o seu cavalo, mas é mais provável que, como aparece nos relevos antigos originais, desempenhasse a mesma função que os dardos, e que os laços servissem aos lançadores de dardo para aumentar a força e ganhar distância no tiro. Alexandre fez um bom uso dos lançadores de dardo quando teve que se defrontar com os elefantes de Poros.

A BATALHA DE GRANICO

Em Abril de 334 a.C., Alexandre atravessou o Helesponto. Quando as suas tropas tinham quase terminado o trajecto, visitou a antiga Tróia e ofereceu um cerimonioso sacrifício em honra dos lendários heróis gregos que, como ele, tinham lutado contra o poder persa no mesmo solo da Ásia. Para os seus homens atravessarem, Alexandre utilizou barcos de transporte escoltados por 160 galeras de guerra (trirremes). O seu primeiro objectivo era libertar as cidades gregas da Ásia do jugo dos persas, e para isso necessitava de marchar para sul pela costa oriental do Egeu. No entanto, um enorme exército persa, que não chegara a tempo para evitar que Alexandre atravessasse, agora ameaçava-o a partir de leste da Tróade. O desafio de uma nova batalha entusiasmava sempre o filho de Filipe.

As forças persas acamparam em Zeleia. Para as enfrentar, Alexandre atravessou a Tróade, um território atravessado por numerosos rios que corriam na direcção norte, para o mar de Mármara (Propôntide). Um destes rios, o Granico, tornou-se para os persas um fosso defensivo. O rei persa, Dario III, longe de Susa, a sua capital oriental, confiara o seu exército da Ásia Menor aos governadores das províncias ocidentais. Servia junto aos persas um corpo de mercenários gregos sob o comando de Mémnon, *o Rodiano*, um oficial que já tinha demonstrado a sua valentia na batalha contra as forças macedónias. Mémnon estava à frente de um contingente de pouco mais de 20.000 homens, um número equivalente ao da cavalaria persa, mas apenas dispunha de tropas de infantaria. Os persas não costumavam encontrar-se em desvantagem numérica, pelo que só é possível supor-se que não tinha sido mobilizada toda a infantaria. De facto, nesta ocasião, a reacção militar dos persas parece que sofreu um grande atraso.

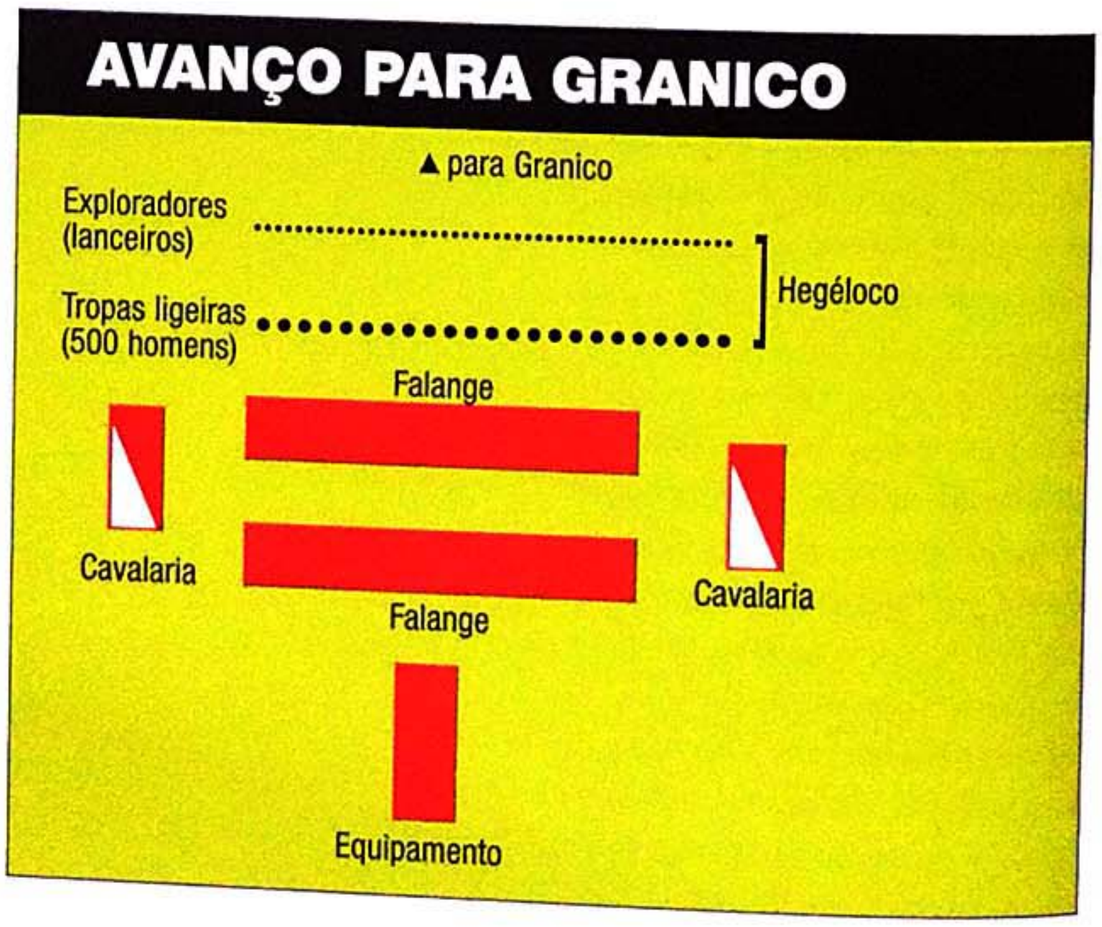
Alexandre aproximou-se do rio Granico por um terreno que permitiu ao seu exército colocar-se no terreno rapidamente. O corpo principal da infantaria pesada marchava em duas colunas, enquanto a cavalaria guardava os flancos; atrás marchava a coluna de aprovisionamento. Às ordens de um oficial chamado Hegéloco, uma força mista de exploradores, formada por lanceiros de montanha *(sarisophoroi)* e 500 soldados de infantaria ligeira, fazia o reconhecimento do terreno.

O exército macedónio não estava longe do rio Granico quando os exploradores de Hegéloco regressaram para informar que o inimigo fora avistado em linha de batalha do outro lado do rio. Alexandre colocou o seu exército, dividido ao meio, numa frente de batalha.

Conforme parece, nesse momento o braço direito de Alexandre, Parménio, sugeriu que era preferível esperar, alegando que era conveniente

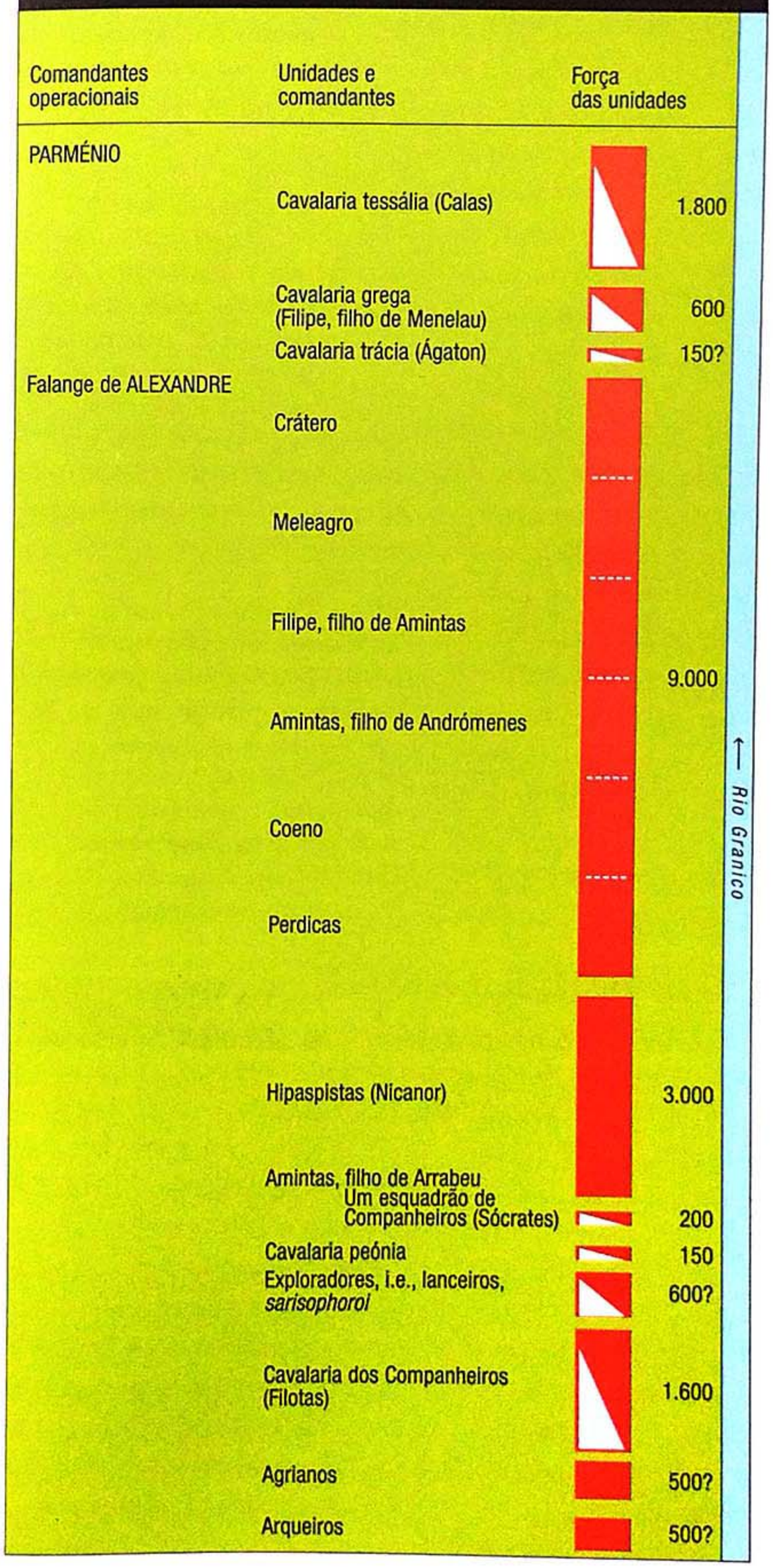
Esta era a posição de semidivisão: a «falange dupla» formar-se-ia com rapidez em quadrado em caso de ataque de surpresa. Sempre que era possível, os exércitos macedónios ou gregos avançavam em formação semidividida em campo aberto. A marcha em coluna, que se adoptava quando era necessário, por exemplo para atravessar um desfiladeiro de montanha, ficava exposta a um ataque de surpresa pelo flanco a partir do cume. Por isso, era preciso evitá-la, e Alexandre procurava sempre ocupar os desfiladeiros de montanha com avançadas que marchavam muito à frente do grosso do exército. Durante a marcha, o equipamento ocupava a retaguarda, ao contrário da prática dos exércitos gregos de épocas mais antigas, em que costumava situar-se no centro; mas a ágil cavalaria de Alexandre, colocada nas alas, teria sido, sem dúvida, capaz de repelir um ataque a partir da retaguarda.

AVANÇO PARA GRANICO



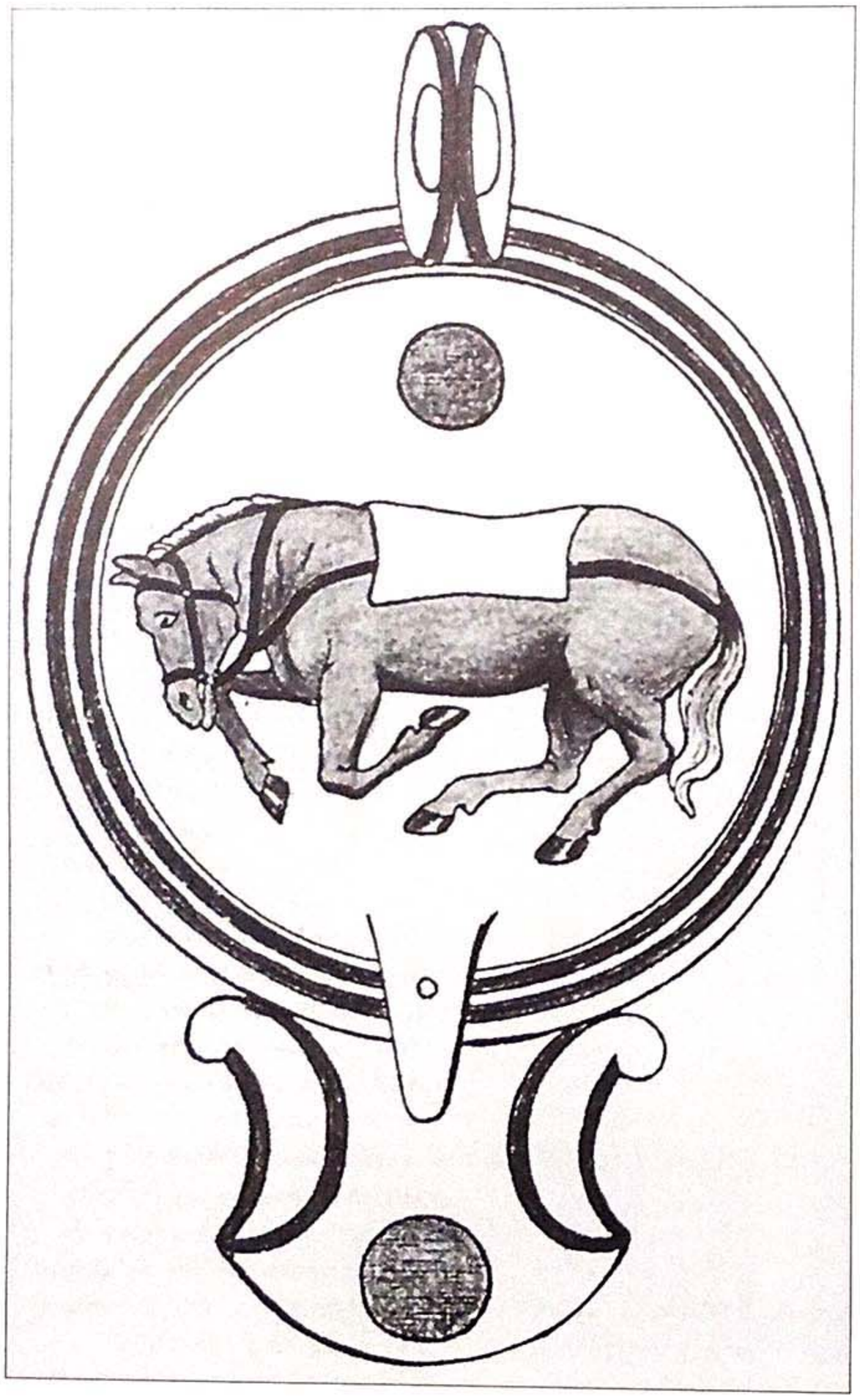
acampar naquela noite na posição onde se encontravam. Aquele rio rápido e profundo e as suas escarpadas margens formavam uma barreira formidável entre os dois exércitos, e se os homens de Alexandre tomassem a iniciativa naquele momento e vadeassem o rio, chegariam à outra margem em grupos dispersos ou em coluna, o que os exporia a perigosos contra-ataques. Parece que Parménio avisou que a infantaria inimiga era superior em número e que não podiam arriscar-se a tomar posições perto da margem do rio, onde ficariam vulneráveis a um ataque de surpresa durante a noite. Se os macedó-

BATALHA DE GRANICO: ALEXANDRE NA MARGEM ESQUERDA



O diagrama da esquerda mostra o avanço do exército de Alexandre na margem esquerda do Granico antes da batalha. Parménio estava ao comando da ala esquerda. Alexandre assumiu a responsabilidade operacional do resto do exército e tomou posição no flanco direito com os Companheiros. Amintas, filho de Arrabeu, estava à frente da força de assalto que iniciou a luta nos pontos vadeáveis do rio. Depois de vadear o rio, uma unidade de infantaria, provavelmente sem os hipaspistas, juntou-se aos homens de Amintas. Os números são provenientes da obra do professor N. G. L. Hammond em *Journal of Hellenic Studies*, vol. 100, 1980.

BATALHA DE GRANICO: ORDEM DE BATALHA PERSA



Quase todas as provas indicam que o *ephippion* era uma simples manta de sela, que não era montada sobre um sítio rígido. No entanto, argumentou-se que essa utilização era variável. Na época de Alexandre não se desfrutava da vantagem dos estribos e sugeriu-se que se ensinasse os cavalos a ajoelharem-se, a uma ordem do ginete, para o montar (tal como aparece nesta ilustração procedente de um candeeiro antigo). Apesar disso, sabe-se que Alexandre montava a cavalo de um salto, e qualquer ginete capaz devia montar desta maneira.

nios esperassem pelo amanhecer e se certificassem de que o inimigo não tinha ainda ocupado a outra margem, teriam a sua oportunidade de vadear o rio antes que os persas avançassem.

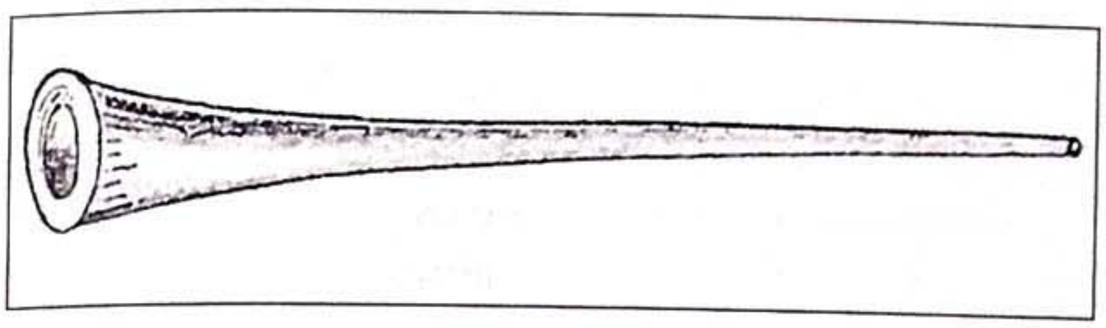
É possível que Parménio falasse nestes termos, mas também há a possibilidade de ter sido um recurso de historiador antigo para dramatizar um dilema militar. Mas Alexandre recusou a ideia sem contemplações. Era uma questão de moral: um ataque imediato daria confiança aos macedónios e esmagaria os persas.

Fosse como fosse, os dois exércitos esperaram algum tempo, uma vez que nenhum queria arriscar-se a dar o primeiro passo. A partir das colinas que se levantavam do outro lado do rio, os persas podiam ver Alexandre, que era facilmente distinguível pelo seu trono e a sua magnífica armadura. Num recente conselho de guerra que reunira os generais de Dario, Mémnon, *o Rodiano,* tinha-se oposto a empreender qualquer acção. Pretendia retirar-se para levar a cabo uma política de terra queimada e privar o exército de Alexandre de abastecimentos. Então seria possível defender as cidades gregas da costa do Egeu mediante uma simples estratégia naval e Alexandre ficaria isolado tanto da Ásia como da Europa. Mas os generais persas, que sentiam ciúmes da confiança que o rei Dario tinha depositado em Mémnon, não estavam dispostos a assumir os sacrifícios que a prática da estratégia de terra queimada exigia. Alexandre, por seu lado, tinha suficientes razões para lançar um ataque imediato. Além da questão moral, sabia que, se esperasse demasiado, os persas poderiam receber reforços e ele perderia a actual vantagem da superioridade numérica da sua infantaria.

A TÁCTICA DE ALEXANDRE

Pode deduzir-se que Alexandre utilizou em todas as suas campanhas a mesma táctica que herdou do seu pai, Filipe. Porém, é certo que a implementou com a versatilidade, a capacidade de improvisação e os recursos requeridos em cada ocasião e em cada momento. A batalha de Granico é um magnífico exemplo dessa versatilidade sobre um mesmo tema.

O clássico plano de batalha macedónio dependia da coordenação da estática falange de infantaria e do rápido flanco de cavalaria que avançava pela direita e rodeava o inimigo, arrastando-o para a frente das espadas da falange. Neste sentido, a função da falange foi comparada com uma bigorna mais do que com um martelo. No entanto, como seria possível pôr em prática esta táctica quando, em vez da ampla planície que se ajustava como anel ao dedo às suas necessidades, os dois exércitos estavam separados por um rio de margens pronunciadas e com o grande caudal de águas primaveris?



EM CIMA **Imagem extraída de um vaso grego onde aparece um hoplita preparado para entrar em acção. Tem na mão uma tigela plana na qual umas mãos amorosas vertem vinho. No interior do grande escudo côncavo pode ver-se o apoio do antebraço, a pega da mão e as correias que se utilizavam para carregar o escudo durante a marcha. As partes que serviam para ajustar o capacete ao queixo podiam virar-se para cima graças a umas dobradiças; deste modo, o hoplita podia ver e ouvir melhor.**

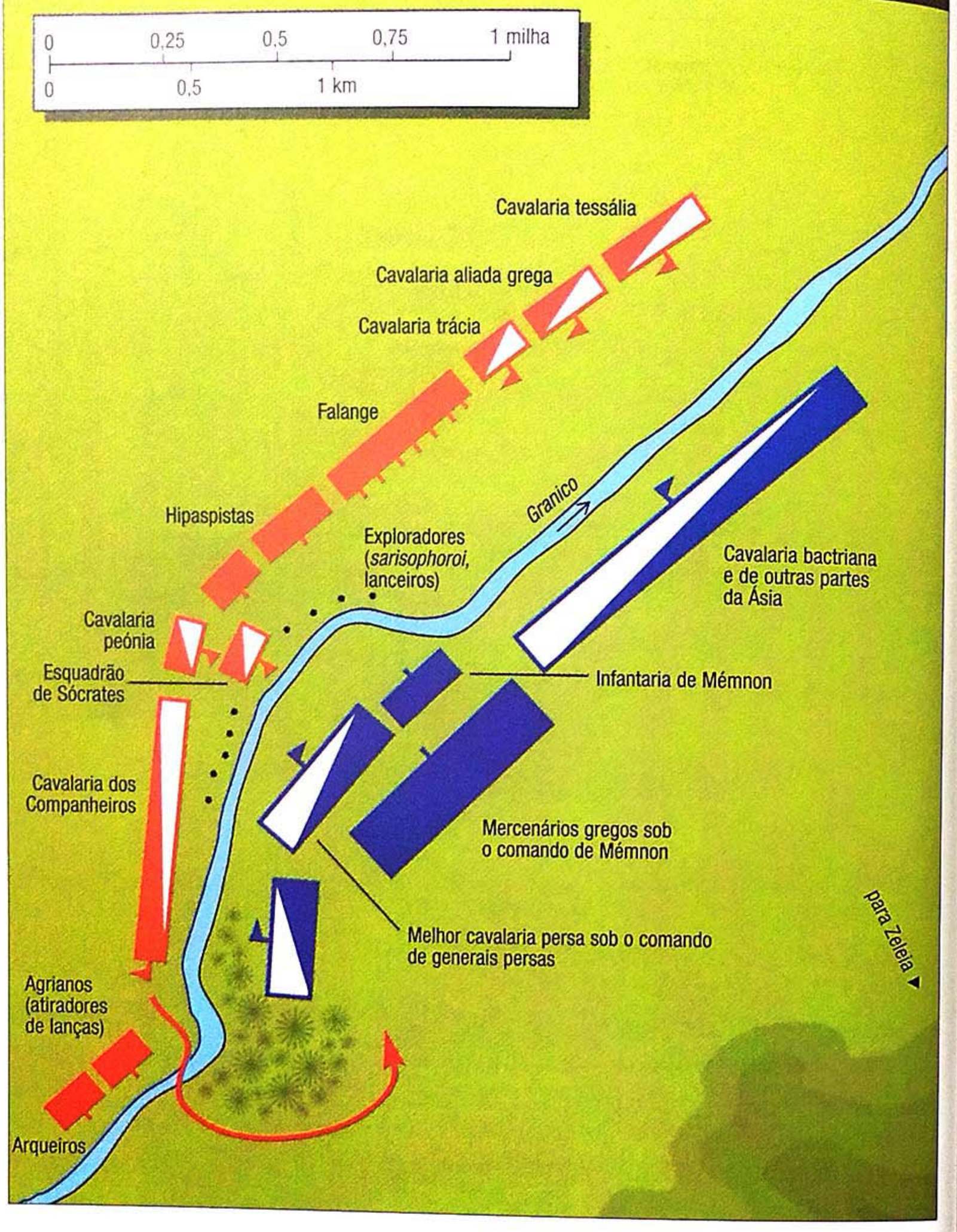
Alexandre, que estava à frente da cavalaria da sua ala direita, como era seu costume, lutou corrente acima contra as águas que corriam com força. Como sempre, estava resolvido a cercar o inimigo, não a ser cercado por ele. Nas horas anteriores à acção, os persas viram os movimentos de Alexandre a partir do cume; porém, quando o ataque começou com uma barulheira de trompas e gritos de guerra, e a vanguarda do exército macedónio entrou no rio, Alexandre e a cavalaria de elite dos Companheiros que ele liderava deviam ficar protegidos pelas margens do rio, pelos seus meandros e pelas árvores que cresciam nas suas margens.

Nada se sabe sobre o papel desempenhado por Parménio nesta batalha. Tudo o que se sabe é que Alexandre lhe ordenou que se ocupasse do flanco esquerdo. Nas primeiras fases da acção, o papel desse flanco deve ter sido meramente defensivo. Havia sempre o perigo de, graças à superioridade da sua cavalaria, os persas poderem neutralizar a manobra de envolvimento de Alexandre, deslocada no outro lado do campo de batalha, com uma saída do seu próprio exército, vadeando o rio, atacando o acampamento de provisões e ameaçando o centro dos macedónios a partir da retaguarda. É possível que Parménio, ao comando da ala esquerda, incluindo a cavalaria tessália posicionada no extremo, recebesse instruções para manter a linha do rio contra qualquer contra-ofensiva, até que o ataque central macedónio tivesse absorvido os esforços do inimigo e a travessia do rio fosse segura. De facto, a táctica da Macedónia requeria sempre um flanco esquerdo forte para equilibrar e salvaguardar audazes operações pela direita.

EM CIMA, À ESQUERDA **O *salpinx* era um tipo de corneta militar que foi utilizada durante muito tempo nos países mediterrânicos para transmitir ordens militares. A sua invenção data da época dos etruscos. Os romanos também as utilizaram e deram-lhe o nome de *tuba*. Eram compridas e elegantes, tal como aparecem na ilustração, e eram feitas em bronze. (Também se utilizava o *cornu*, um corno de forma curvada.) Em Granico, Alexandre e os seus soldados macedónios iniciaram o ataque com um toque de corneta *(salpinx)*.**

O ataque frontal era liderado por um esquadrão *(ile)* de Companheiros às ordens de Sócrates, filho de Satão. Naquele dia, o esquadrão de Sócrates estava à cabeça (parece que era a sua vez na ordem da lista). O ataque verificou-se na encruzilhada de Zeleia, que provavelmente as autoridades persas mantinham desobstruída para permitir a passagem de viajantes e comerciantes. Nesse momento, os dois exércitos confrontados tinham uma perfeita visão dos seus respectivos adversários colocados do outro lado do rio. Sócrates contava com um esquadrão de cavalaria peónia (ginetes procedentes de uma tribo do norte da Macedónia) e com um destacamento de infantaria, talvez dos hipaspistas colocados à sua esquerda. Os lanceiros a cavalo, que marchavam a seguir, partiram em seguida para explorar as margens do rio em busca de possíveis pontos vadeáveis. Enquanto se aproximavam da margem oposta, os homens de Sócrates sofreram uma chuva de projécteis inimigos, lançados pelos arqueiros a cavalo e pelas tropas ligeiras de mercenários gregos, que naquele momento estavam sob o comando de Mémnon. Enquanto o assalto frontal se realizava, Alexandre pôs-se à cabeça dos Companheiros (à excepção do esquadrão de Sócrates) e cavalgaram corrente acima num movimento envolvente. Também os acompanhavam arqueiros e portadores de dardos agrianos. O flanco esquerdo, às ordens de Parménio, não vadeou o rio de imediato, mas defendeu a margem de qualquer possível tentativa de travessia por parte do inimigo.

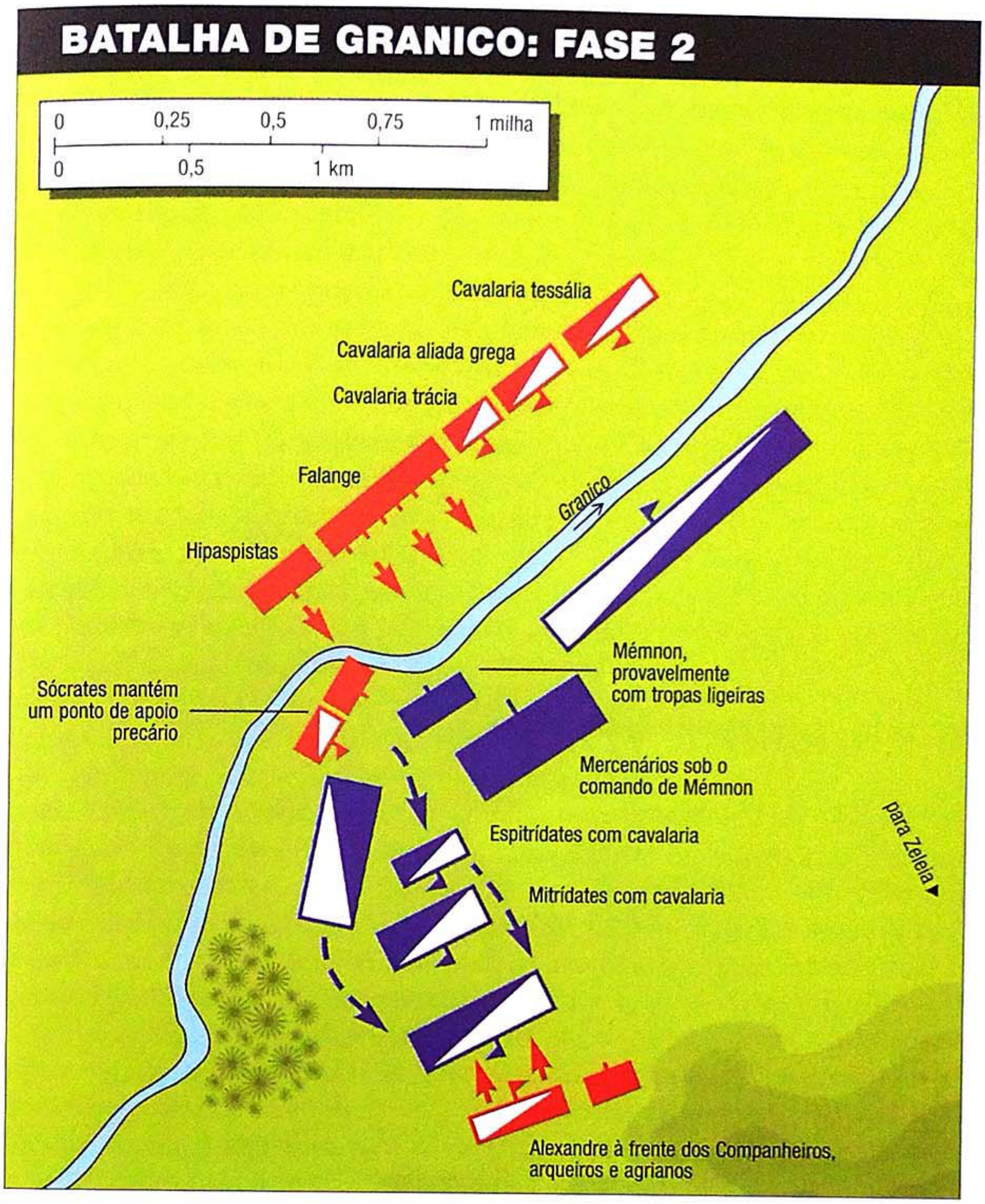
BATALHA DE GRANICO: FASE 1 O ATAQUE DE ALEXANDRE



Em Granico, os famosos lanceiros de infantaria da falange Macedónia formaram o centro como de costume. Menos habitual era que iniciassem a luta, papel que costumava ser assumido pela cavalaria de Companheiros de Alexandre a partir da ala direita. Inclusive neste caso, a ponta-de-lança do ataque na travessia do rio foi um esquadrão de cavalaria situado em frente da falange, que teria avançado a partir da direita. Enquanto estas unidades alcançavam a margem oposta, eram recebidas com setas e pedras atiradas com fundas, e em pouco tempo colidiram com a nata da cavalaria persa e com a infantaria pesada de Mémnon, que esperava os atacantes numa posição vantajosa. Como era previsível, os macedónios sofreram numerosas perdas.

Os oficiais de Alexandre, localizados no sector central, deviam ter consciência, tal como ele, de que toda a operação era uma corrida contra o tempo e de que a dedicação que tanto eles como os homens que tinham às suas ordens era uma medida da sua confiança em Alexandre e da sua

BATALHA DE GRANICO: FASE 2



A ala esquerda persa virou para a nova frente de batalha aberta por Alexandre. Enquanto o rei macedónio pressionava, os comandantes persas deslocaram a cavalaria do centro para socorrer o seu flanco esquerdo. A transferência persa de tropas a partir do rio implicava que a resistência neste sector ficasse reduzida, e os macedónios conseguiram vadeá-lo com maior facilidade. A forte pressão exercida sobre Sócrates ficou mitigada pela infantaria que vadeava o rio atrás dele e pela aproximação de Alexandre pela sua direita.

devoção por ele. É possível que este descobrisse que a corrente do rio era mais forte de que o previsto, mas, como em tantas outras ocasiões, aceitou a situação como um risco calculado.

Sem dúvida, a manobra que Alexandre necessitava da sua cavalaria de Companheiros para assegurar as posições de envolvimento era longa e tortuosa, e afastá-lo-ia do centro da batalha. Este era o preço de tentar contornar uma força numerosa com um exército mais reduzido. Por seu lado, os persas foram apanhados de surpresa, pois Alexandre apareceu pela sua esquerda. Assim se pode deduzir pela atitude precipitada com que os comandantes persas desviaram a sua atenção da acção principal para enfrentarem esta nova ameaça. Um antigo relato menciona a feroz oposição que Alexandre encontrou enquanto vadeava a margem oposta do rio, mas se a narração é rigorosa, quem ofereceu essa resistência foi um pequeno destacamento colocado para salvaguardar o que se considerava um ponto de travessia remoto e improvável.

Os persas calcularam que a cavalaria podia ser dispensada de participar no contra-ataque enquanto Alexandre avançava, mas as lanças curtas dos ginetes persas não eram rival para as sarissas *(sarisai)*, as longas lanças macedónias. Mais ainda, o facto de os persas terem dividido as suas forças para

Ao contrário dos Companheiros de Alexandre, parece que nem os homens da falange de lanceiros nem os hipaspistas usavam couraças. O seu traje habitual era o *chiton* do soldado, que se pode ver na ilustração. Os homens da falange baseavam a sua defesa (e o seu ataque), além de nos seus escudos, na sua habilidade para abater o inimigo à distância com as suas compridas espadas.

travar Alexandre tirou pressão à vanguarda macedónia, gravemente ameaçada, localizada na margem do rio. Os sobreviventes não continuaram a atacar, mas retiraram-se em relativa ordem, aproveitando o impacto de Alexandre e dos seus Companheiros, que se encontravam à sua direita.

Entretanto, quanto mais tropas persas se juntavam à luta contra o flanco de Alexandre, mais a guarda abrandava nas margens do rio e, vaga após vaga, os macedónios vadearam-no por diferentes pontos, reforçando assim a cabeça-de-ponte que tinham estabelecido de forma tão precária.

A situação criada era típica da táctica de Alexandre. A cavalaria persa foi apanhada nas garras de uma manobra de envolvimento em pinça. Nesta ocasião, no entanto, a mera densidade da «mêlée» de algum modo privou os lanceiros macedónios *(sarisophoroi)* da sua vantagem. As suas longas lanças emaranhavam-se e partiam-se facilmente. A luta transformou-se num combate corpo a corpo, mais típico da táctica da infantaria grega do que da guerra de cavalaria, pois os cavalos carregavam entre si. Em ambos os lados desembainharam-se as espadas e o confronto resolveu-se tanto com o fio destas como com a ponta das lanças.

A PRIMEIRA VITÓRIA

No coração da batalha, os comandantes de ambos os exércitos defrontaram-se cara a cara. Sem dúvida, nada mais adequado para o sentido trágico de Alexandre e para o seu gosto pelo conflito épico. A sua lança partira-se, mas gritou a Arétis, um oficial do seu corpo da guarda, que lhe desse a sua. A lança de Arétis também estava partida, mas Demarato, um guarda coríntio, entregou ao seu senhor o que este precisava e, assim armado, Alexandre avançou no meio do fragor da batalha, pois tinha avistado Mitrídates, o genro do rei Dario, que naquele momento liderava uma formação de cavalaria em forma de cunha; situado numa posição demasiado avançada, Mitrídates ficou isolado. Vendo uma excelente oportunidade para um combate singular, Alexandre carregou e a ponta da sua lança atingiu em cheio o rosto do príncipe persa, que caiu no chão inanimado.

Resaces, irmão do comandante persa Espitrídates, chegou tarde para poder salvar Mitrídates, mas tentou vingar a sua morte e brandiu a sua espada *(kopis)* contra a cabeça de Alexandre; o golpe abriu o seu magnífico capacete, mas conteve o impacto e salvou-lhe a vida. Alexandre rodou sobre si mesmo e atacou de novo com a sua lança, atravessando o corpo de Resaces.

Espitrídates estava agora na mira de Alexandre. A sua lança estava partida, mas não havia tempo para a reparar porque o persa estava já à distância de uma espada. Alexandre levantou a sua espada para se proteger do que teria sido um golpe fatal, mas antes de o persa poder descarregar o golpe, Clito, um leal oficial de Alexandre, desfechou um golpe mortal com a sua espada em Espitrídates. Existem outras versões sobre este sangrento episódio, mas todas elas terminam com a morte de Espitrídates, Resaces e Mitrídates.

Então, a cavalaria Macedónia, tal como a infantaria, já tinha vadeado o rio por diversos pontos com relativa facilidade e juntou-se ao fragor da batalha. Os persas viram-se obrigados a passar à defensiva e abandonaram a margem do rio no meio de uma grande confusão, perseguidos pelas setas dos arqueiros e pelos dardos atirados pelos homens que Alexandre tinha entalado entre a sua cavalaria de Companheiros. Os recém-chegados ginetes macedónios, que agora cercavam Alexandre, utilizaram bem as suas

lanças, que dirigiram contra o rosto dos seus inimigos e a cabeça dos seus cavalos. Pouco depois, os persas começaram a retroceder, sobretudo no sector onde a figura de Alexandre era mais visível.

Os persas empreenderam a fuga. Era a única maneira de não serem apanhados entre a cavalaria de Alexandre e a falange de infantaria, já firmemente estabelecida. Os persas tinham perdido 1.000 ginetes e o número teria aumentado se Alexandre não tivesse desviado o seu foco de atenção para as forças gregas de Mémnon.

Em contraposição, o contingente de mercenários gregos retirou-se para as colinas e defendeu as suas posições com profissional valentia. Arriano, o historiador mais bem informado sobre esta acção, comenta com dureza que os mercenários não tinham nenhum plano e que estavam estupefactos com o imprevisível desastre. Segundo parece, num primeiro momento tentaram render-se e exigiram condições respeitáveis, mas Alexandre recusou-se a aceitá-las. O contingente mercenário foi completamente cercado e todos morreram ou foram feitos prisioneiros, à excepção de alguns que conseguiram escapar fingindo que estavam mortos. Mémnon, o seu líder, também escapou, mas não é possível saber se recorreu a este estratagema para o conseguir. Mémnon viveu mais um ano para servir o rei persa, mas a sua inesperada morte por doença deve ter sido um sério problema para Alexandre.

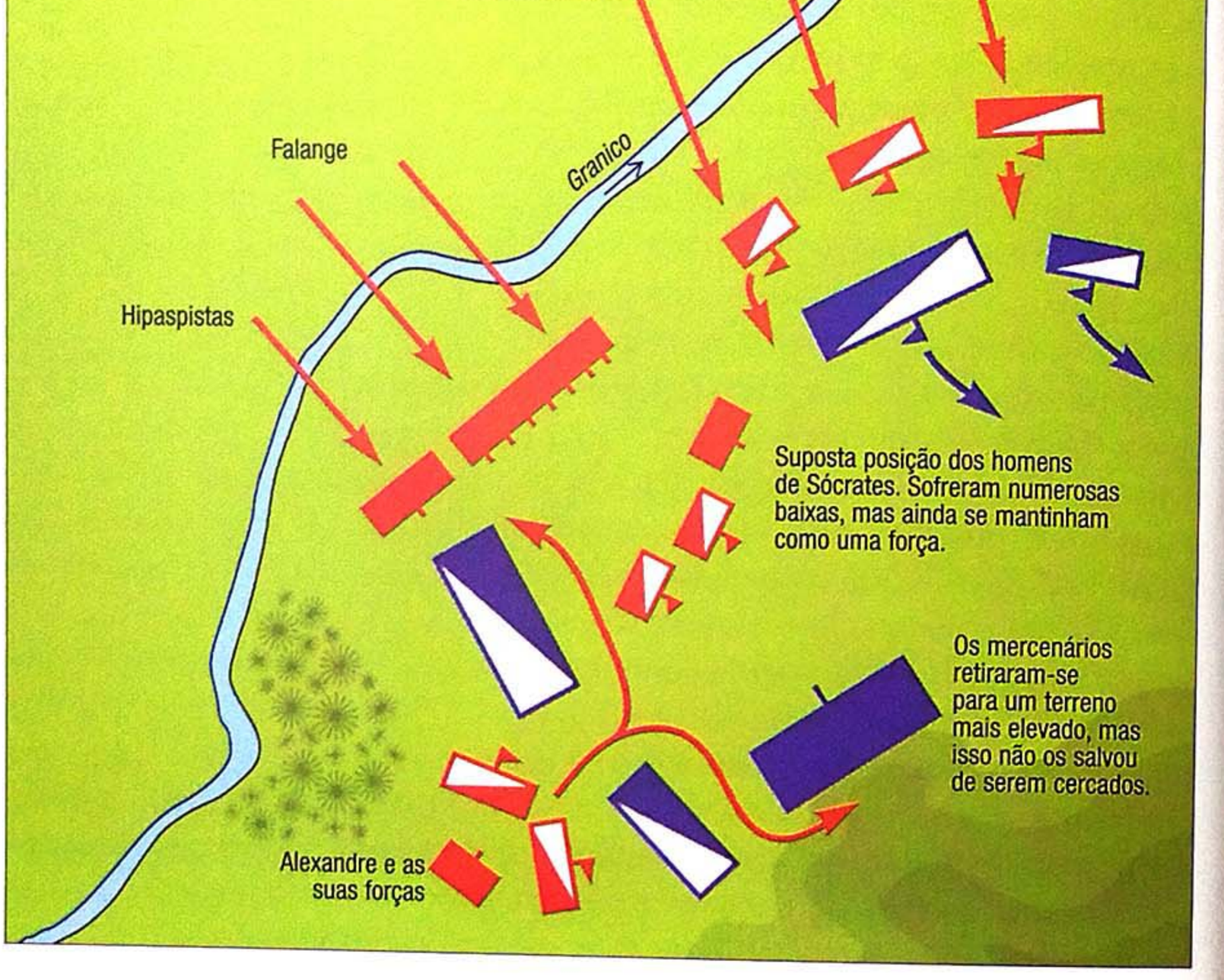
Diz-se que 25 ginetes de entre os Companheiros de Alexandre morreram na batalha, além de mais 60 de outros regimentos de cavalaria. Segundo parece, as baixas sofridas pelo corpo de infantaria mal chegavam às trinta. Estes números parecem muito de acordo com a ferocidade do combate. Alexandre enterrou os mortos de ambos os lados com as honras devidas e indemnizou as famílias dos seus soldados caídos dispensando-os do pagamento de impostos e das suas obrigações feudais. Visitou pessoalmente todos os feridos e escutou com paciência as suas aventuras no campo de batalha.

Os 2.000 mercenários gregos feitos prisioneiros foram condenados a trabalhos forçados e enviados para a Macedónia presos com correntes. Para Alexandre, não eram mais do que traidores à causa de uma Grécia unida da qual ele afirmava ser o líder legítimo. Provavelmente, os homens de Mémnon nunca consideraram que tal causa existisse e, do seu ponto de vista, é possível que um grego não devesse mais lealdade ao rei da Macedónia do que ao rei da Pérsia.

Alexandre enviou para Atenas um importante espólio de armas e armaduras persas em oferenda à deusa Atena. O espólio ia acompanhado por uma mensagem onde se afirmava que Alexandre e os gregos (à excepção

Soldado de infantaria (pintura de um vaso grego, Nápoles) com uma espada com fio *(kopis)*. Estas armas eram habituais nas tropas macedónias no século IV a.C. O capacete também o era, em especial do período clássico tardio, que não tem protecção nasal. O penacho rígido, ao contrário do móvel, era característico da Grécia mais antiga, mas o representado na ilustração tem um curioso penacho móvel. Por vezes, o cabelo dos infantes, normalmente comprido, era apanhado com um diadema e escondido debaixo do capacete. Tradicionalmente, os espartanos não deixavam crescer o cabelo antes de atingirem a idade adulta, ao contrário dos jovens atenienses, que cortavam o cabelo quando cresciam.

Os arqueiros e os agrianos, que no esquema aparecem a seguir o rei macedónio, costumavam lutar junto à cavalaria. Até esse momento, Alexandre tinha aliviado a pressão do centro, pelo que o grosso do exército macedónio pôde vadear o rio e atacar tanto a cavalaria persa como a infantaria mercenária grega que a apoiava. O flanco esquerdo persa, exposto após o colapso do centro, aparece a lutar, enquanto os mercenários gregos se retiram para as colinas, onde serão cercados e aniquilados. Mémnon conseguiu fugir; Sócrates sobreviveu.



Moeda (século III a.C.) de prata procedente de Magnésia, cidade grega situada junto ao rio Meandro, na Ásia Menor. O ginete está bem armado e calça uma espécie de botas. Não se pode inferir o comprimento da lança, mas parece que não tem ponta posterior nem contrapeso.

dos espartanos) o tinham arrebatado aos persas na Ásia. Claro que não se mencionavam expressamente os macedónios, pois Alexandre sempre os considerou gregos. A amarga referência aos espartanos assinalou a sua ausência no Congresso de Corinto e na guerra contra o Império Persa que este tinha autorizado.

Alexandre perdoou a vida aos cidadãos de Zeleia por terem acolhido o exército inimigo, pois compreendeu que não tinham tido outra alternativa. Outras localidades da zona, talvez animadas pela sua clemência, entregaram os seus oficiais. A guarnição persa em Dascílio, um importante centro administrativo, já tinha fugido, e Parménio foi enviado para a ocupar. Alexandre já podia avançar para sul e entrar em Sardes, quartel-general de Espitrídates e antiga capital da Lídia a partir da qual as cidades gregas na zona oriental do Egeu eram controladas.

DEPOIS DE GRANICO

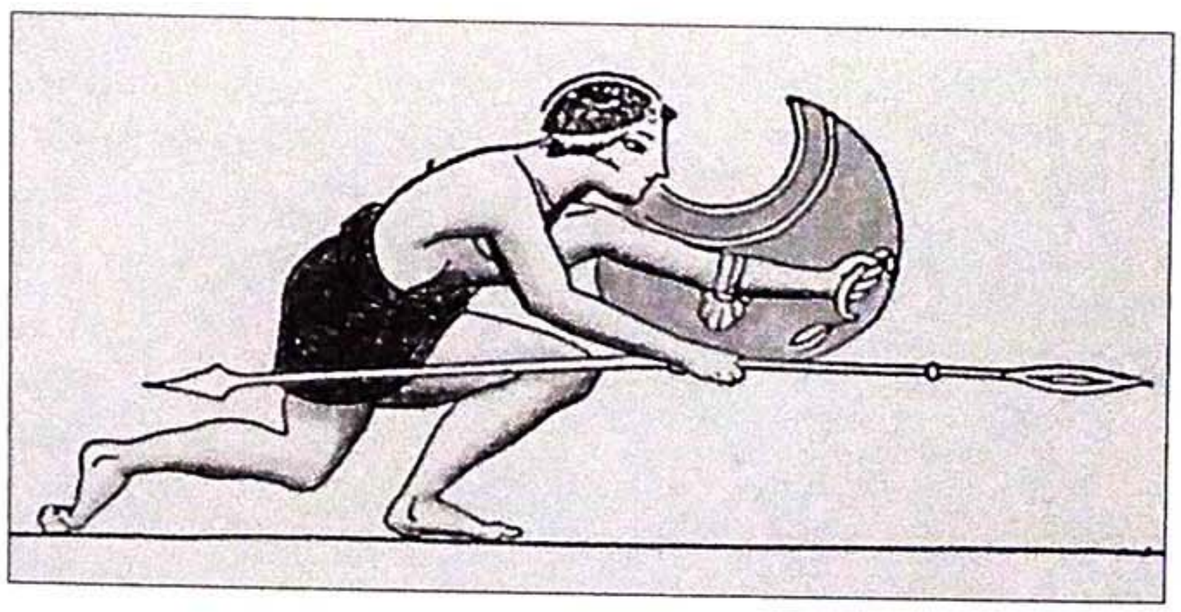
Depois da batalha de Granico, Alexandre apareceu, tal como ele tinha pretendido e tal como se via a si mesmo, como o libertador das cidades gregas da Ásia Menor, uma libertação que, na prática, significava substituir o comando supremo dos persas pelo seu próprio. Sem dúvida, este era o objectivo imediato de Alexandre, talvez o primeiro passo de uma estratégia mais ampla destinada à conquista do mundo. O rei macedónio tinha o costume de guardar para si as suas ideias até ao momento da acção; na altura, já tinha tomado uma decisão.

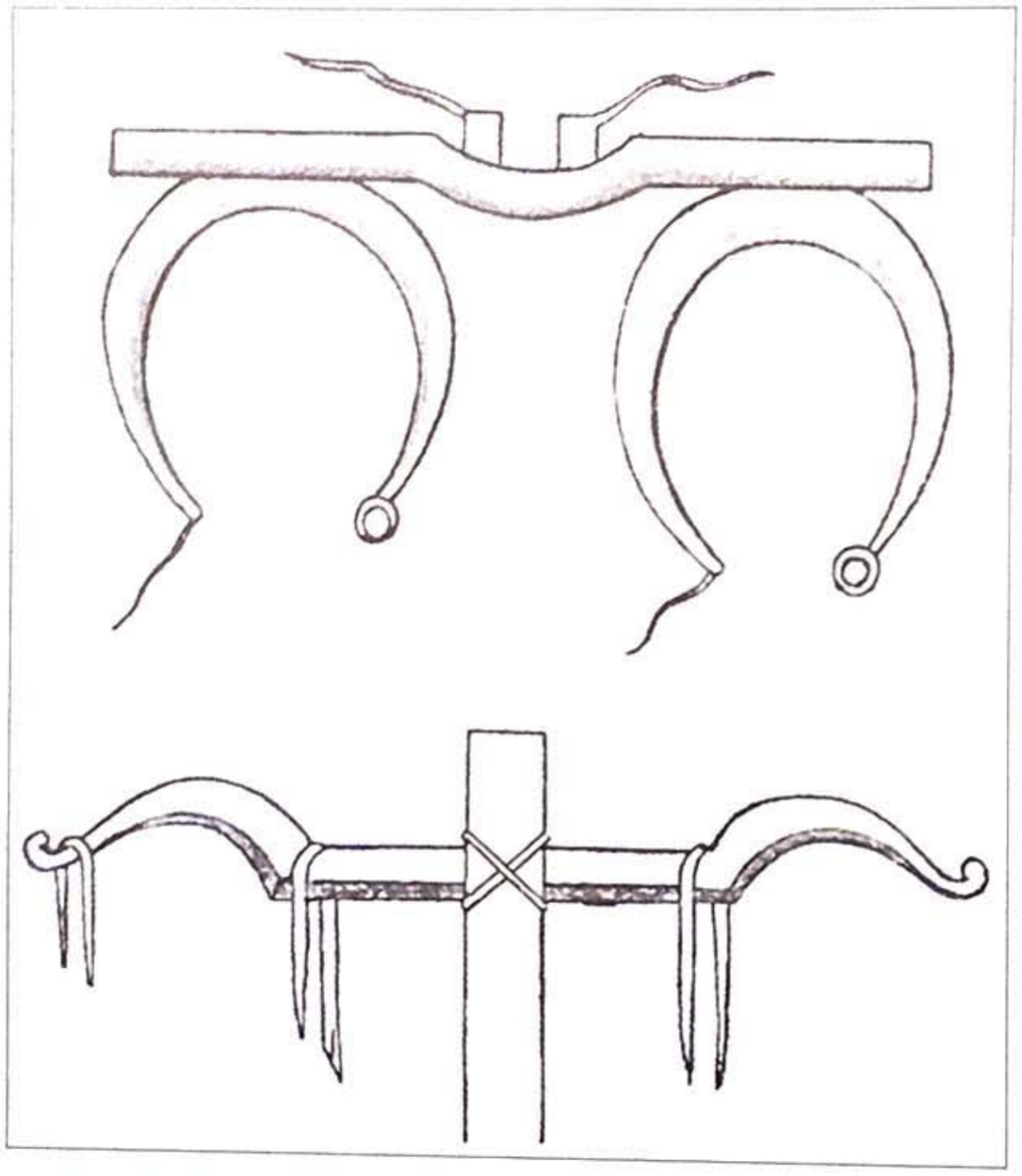
Evidentemente, a libertação nos termos de Alexandre era mais aceitável para o governo provincial persa do que para algumas das cidades-estado gregas, que eram o objectivo das suas benévolas intenções. Sardes abriu-lhe logo as portas e foi recebido amistosamente pelo comandante da guarnição persa. No entanto, quando o rei se dirigiu às cidades gregas da costa oriental do mar Egeu que eram administradas a partir de Sardes, foi recebido com opiniões divergentes. Éfeso rendeu-se facilmente. Alexandre instaurou nela uma democracia, certamente sujeita à sua própria soberania feudal, e quando a existente oligarquia pró-persa foi massacrada, o rei macedónio interveio sem demora para restabelecer a ordem.

Mémnon, que sobrevivera à batalha de Granico, encontrava-se na costa do mar Egeu à frente de uma frota naval como a que ele tinha solicitado antes da batalha. Naquele momento planeava aprovisionar e prestar apoio às cidades costeiras gregas contra os macedónios, ao mesmo tempo que privaria de provisões o exército de Alexandre. Ele era o único capaz de pôr em marcha uma estratégia deste calibre. Arsites, o sátrapa persa, que se tinha oposto a uma política de terra queimada em Granico, também sobreviveu à batalha, mas suicidou-se; talvez se tenha apercebido, demasiado tarde, do erro que tinha cometido.

Mileto, a sul de Éfeso, ter-se-ia rendido facilmente a Alexandre, mas com a frota persa, que era constituída por um importante contingente fenício e cipriota, tão perto para apoiar a resistência, Hegesístrato, comandante da guarnição, estava ansioso por se pôr ao lado do vencedor mais provável. A frota de Alexandre, formada por 160 barcos de guerra, chegou em primeiro lugar e ancorou nas águas da ilha de Lada, em frente à cidade. Alexandre colocou as suas tropas trácias e mais 4.000 mercenários na ilha, mas quando a frota persa, formada por 400 embarcações, atracou frente a ele por baixo do promontório de Micala, no continente, não se arriscou a uma luta naval em condições de inferioridade. Após repelir uma solução comprometida da guarnição e dos cidadãos de Mileto, segundo a qual a cidade ficaria aberta em igualdade de condições aos macedónios e

O *pelte* era um escudo ligeiro de vime ou de couro, com frequência com forma de meia-lua, como o que aparece na ilustração. Entre os povos dos Balcãs, com os quais gregos e macedónios entraram em contacto em datas anteriores, era muito habitual utilizar este tipo de escudos como protecção. Mais tarde, na Grécia também foi utilizado por tropas ligeiras semelhantes. Mas após as inovações introduzidas pelo comandante ateniense Ifícrates (415-353 a.C.), os peltastas gregos do século IV a.C. ficaram melhor equipados. Veja-se a ponta posterior, muito pesada, que permitia espetar a lança no chão sem que esta se estragasse. É provável que as tropas ligeiras de Alexandre incluíssem peltastas, que eram mais parecidos com os montanheses dos Balcãs do que com os homens de Ifícrates.





Ilustrações de jugos de animais de tracção procedentes de cópias de manuscritos medievais de textos antigos. É muito provável que derivem de representações antigas. O jugo que se colocava no pescoço dos animais era fixado à vara por meio de uma forquilha ou de um nó. Alexandre foi desafiado a cumprir uma profecia, segundo a qual desfaria um nó destas características em Gordion em 333 a.C. Prevendo dificuldades, tirou a sua espada e cortou os cabos, daí a expressão de «cortar o nó górdio» para descrever uma solução drástica para uma dificuldade que parecia insuperável. A história de Alexandre pode ser verdadeira ou não, mas se se tiver em conta o seu carácter, é verosímil.

aos persas, Alexandre ordenou que trouxessem as suas máquinas de cerco. Já lhe tinha sido permitido ocupar a parte exterior da cidade antes de se ter encontrado com os representantes de Mileto.

Os barcos de Alexandre retiraram-se de Lada e bloquearam a entrada ao porto da cidade para impedir qualquer possibilidade de os defensores poderem receber ajuda por mar. Enquanto os sitiadores fechavam a sua pinça, alguns dos homens da guarnição tentaram fugir a nado e trezentos mercenários gregos conseguiram chegar a uma ilha rochosa elevada; após tomar a cidade, Alexandre assaltou a ilha com escadas de assalto montadas sobre barcos. No entanto, admirando a desesperada coragem dos mercenários, perdoou-lhes a vida e pô-los ao seu serviço. Foi o princípio de uma nova política, mais sábia, em relação aos mercenários gregos; de outra forma, o exemplo da conduta de Alexandre com os prisioneiros de Granico só teria servido para aumentar o desespero daqueles homens, já sem esperança no futuro.

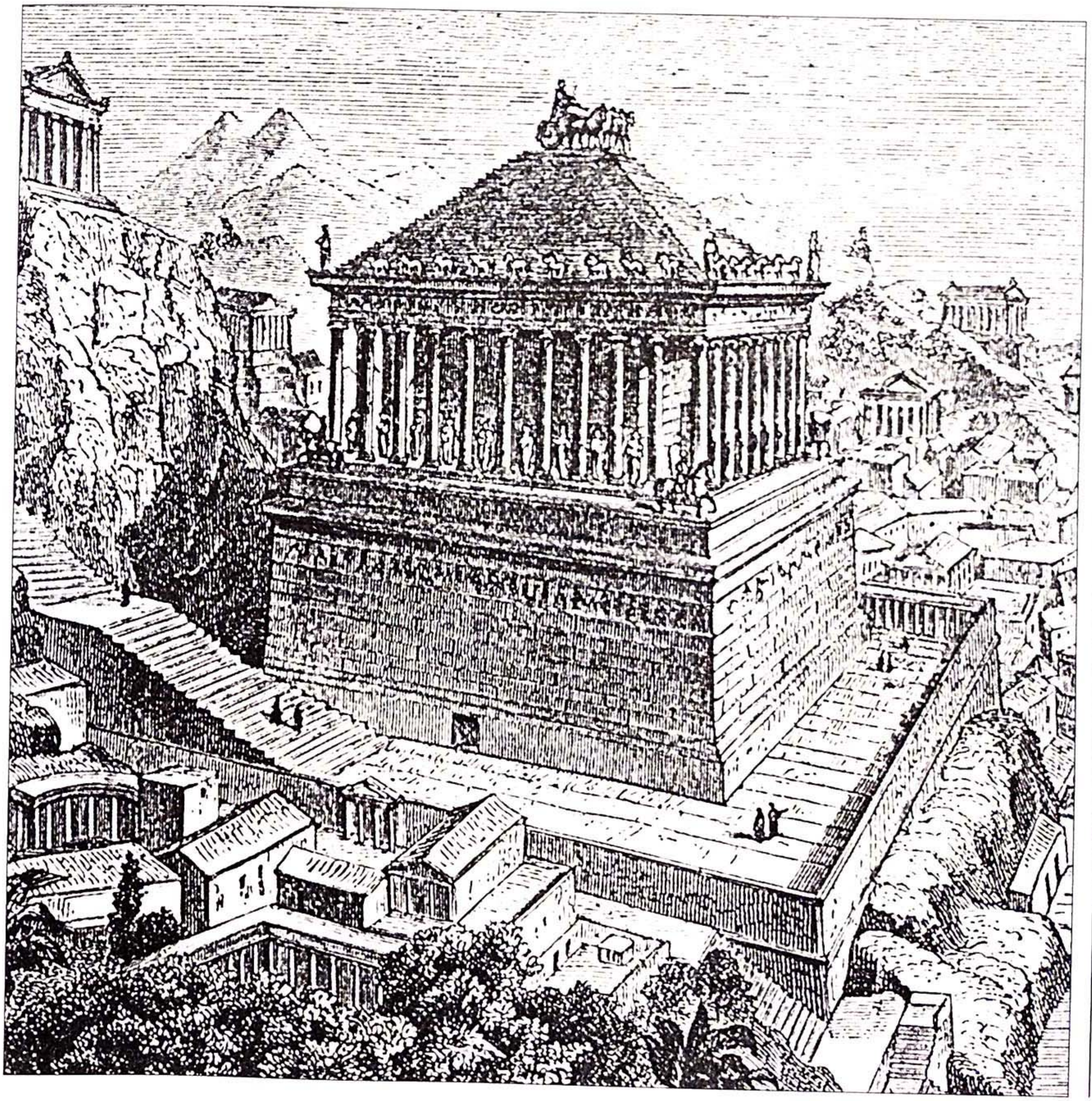
As cidades interiores de Magnésia e Trales renderam-se a Alexandre sem resistência, mas Halicarnasso, na costa do Egeu, 100 milhas a sul de Éfeso, tinha a possibilidade de receber apoio por mar. Rapidamente, Mémnon estava atrás das suas muralhas, tomando o comando da guarnição junto ao persa Orontobates. A cidade foi atacada e defendida com todos os meios conhecidos na arte do cerco no mundo antigo: encheram-se os fossos, montaram-se torres e derrubaram-se muros com aríetes. Os defensores construíram um muro de contenção interior nos pontos onde se podia abrir uma brecha e defrontaram os sitiadores com setas incendiárias. Mas Alexandre continuou a causar baixas e a infligir danos até que, no fim, a guarnição, sob o comando de Mémnon, incendiou os seus próprios armazéns e fortificações e fugiu para sul. O próprio Mémnon se dirigiu novamente para norte e ocupou Quios, onde a população grega, tal como ele, não via razão alguma para preferir o governo da Macedónia ao da Pérsia. Entretanto, o rei Dario tinha nomeado o mercenário grego comandante supremo de todas as forças persas na Ásia Menor. Há um interessante epílogo à tomada de Halicarnasso por Alexandre. No passado, a cidade tinha sido governada por um daqueles regimes matriarcais em que a soberania era reservada aos descendentes de certa família formada pelo casamento entre irmãos e irmãs. Em 334 a.C., uma mulher chamada Ada, que reclamava os seus direitos soberanos e cujo poder tinha sido limitado pelas desavenças entre dinastias e agora só prevalecia na vizinha Alinda, deu as boas-vindas a Alexandre e ofereceu-se para o adoptar como filho. Ele aceitou a oferta e pouco depois nomeou-a rainha de toda a Cária, incluindo Halicarnasso.

Entretanto, Alexandre não se preocupou a perseguir Mémnon, pois contentava-se em assegurar as suas próprias posições. Concedeu uma licença a alguns dos seus soldados que tinham contraído matrimónio antes de partirem para a guerra. Também enviou um dos seus oficiais ao Peloponeso grego para que recrutasse homens. Naquele Inverno, Alexandre conduziu o seu exército terra adentro, contornando o extremo sudoeste

da Ásia Menor, onde as cidades e as suas guarnições mercenárias se renderam sem opor resistência. Então dirigiu-se para norte numa expedição de exploração a Gordion, onde o seu exército se juntou ao de Parménio, que, seguindo instruções do seu senhor, já tinha ocupado a zona. Também neste lugar se lhe juntaram os macedónios que tinham regressado das suas licenças e das novas levas da Macedónia e da Grécia continental: 3.000 soldados a pé e 300 a cavalo, todos macedónios, juntamente com 200 ginetes tessálios e 150 mercenários do Peloponeso às ordens do seu próprio comandante.

Foi então que Mémnon faleceu. A sua morte foi uma grande perda para o Governo persa e talvez tenha sido o que acabou por persuadir o rei Dario de que tinha chegado o momento de sair para o campo de batalha contra Alexandre.

Depois da vitória de Granico, Alexandre dirigiu-se para sul e tomou as cidades gregas que lhe resistiram, incluindo Halicarnasso. O mausoléu desta cidade, reconstruído na ilustração, foi uma das maravilhas do mundo antigo. Mausolo, o rei cujos restos descansam neste sepulcro, era irmão da rainha Ada, aliada e protegida de Alexandre.



A BATALHA DE ISSO

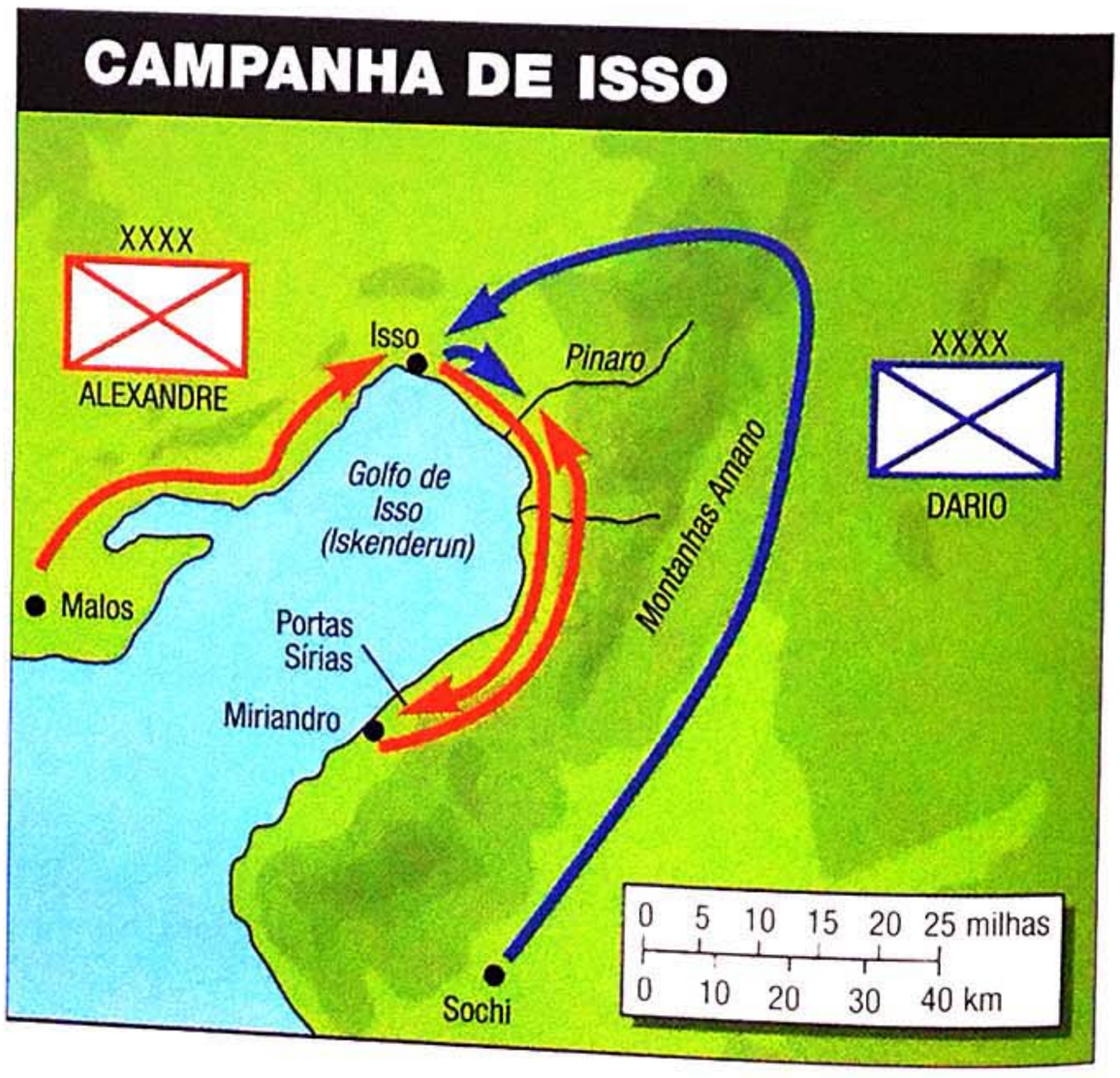
Não é possível apreciar a táctica e a estratégia da seguinte grande batalha de Alexandre sem nos determos brevemente na geografia da zona. A batalha travou-se num território em que a costa da Síria forma um ângulo recto com a da Ásia Menor, nas imediações de Iskenderun, em Alexandreta, nome derivado do de Alexandre e que ainda preserva a sua memória. Com o mapa sempre presente, pode adivinhar-se o esquema da marcha estratégica que precedeu a luta.

MARCHA E CONTRAMARCHA

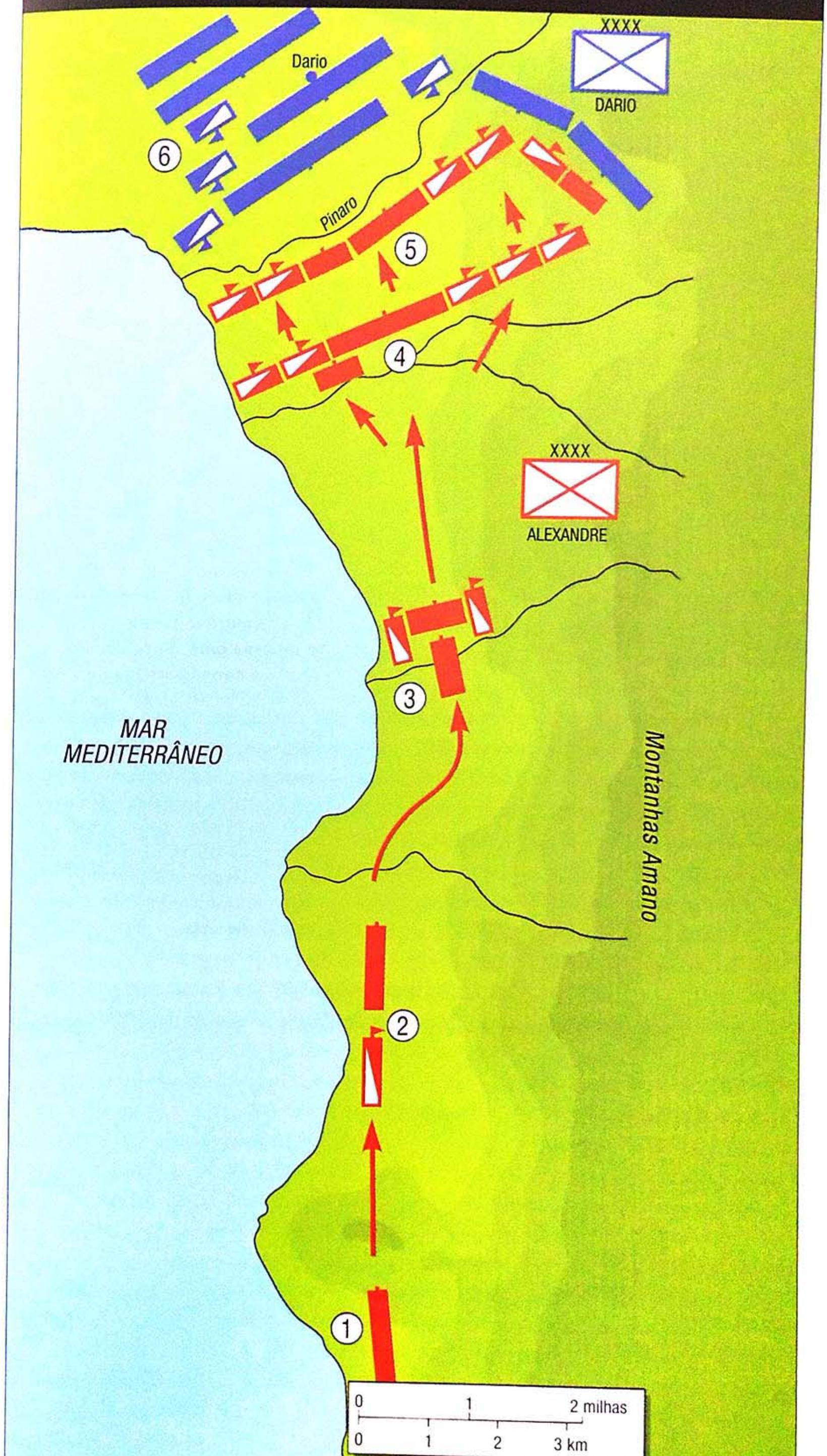
Por fim, os acontecimentos na região do Egeu tinham animado o rei persa a ir para a batalha com um exército de cerca de 600.000 homens. Os historiadores modernos acusam os antigos de exagerar o número de tropas deslocadas pelos persas e outras potências orientais contra as quais, num momento ou noutro, entraram em conflito os exércitos gregos e macedónios. No entanto, deve recordar-se que, tal como os exércitos modernos, os persas dependiam de longas linhas de comunicação e abastecimentos; em contrapartida, os exércitos gregos eram reduzidos e viviam na mesma terra onde lutavam. Assim era, essencialmente, o exército de Alexandre. Os números que se avançam sobre a composição do exército de Dario podem dar conta das tropas de reforço; mesmo assim, Alexandre, que tinha atravessado o Helesponto com uma força não superior a 40.000 homens, estava em clara inferioridade numérica. Talvez Dario tenha pensado que a sua esmagadora superioridade numérica bastaria para aterrorizar os macedónios e o seu líder, e que só a notícia da sua chegada faria Alexandre fugir. Pelo menos, esta era a ideia que o menos prudente dos seus conselheiros conseguiu imbuir na mente de Dario. Aparentemente, para o rei persa o desejo pesava mais que a razão, e os seus oficiais e conselheiros sabiam muito bem que era inútil dizer-lhe algo que não queria ouvir. De facto, tal era o seu optimismo que, mais que expulsar Alexandre da Ásia, pretendia apanhá-lo ali. O único problema, na sua opinião, era prevenir a fuga do exército macedónio.

Enquanto Alexandre se dirigia para sul pelos montes Tauro para entrar na planície perto de Tarso por aquele estreito desfiladeiro conhecido como «Portas Cilícias», Dario conduziu o seu exército pelo vale do Eufrates e através da Síria. A fim de evitar que Alexandre ocu-

Alexandre fez o caminho de regresso de Miriandro para Isso pela rota que tinha seguido na sua marcha para sul. Dario dirigiu-se para norte desde Sochi e conseguiu esquivar-se ao exército de Alexandre sem ser visto porque, naquele momento, umas colinas separavam os dois exércitos. As conjecturas sobre estas manobras são expostas na descrição da batalha; Alexandre dirigiu-se para norte desde Miriandro, quando ficou a saber que Dario estava em Isso.



BATALHA DE ISSO: O AVANÇO DE ALEXANDRE



O exército de Alexandre acampou no desfiladeiro da montanha, e pela manhã avançou pela estreita faixa costeira, com a cavalaria na retaguarda. À medida que essa faixa se estendia, foi possível deslocar parcialmente o exército e a cavalaria passou a ocupar os flancos. A linha de infantaria, da direita para a esquerda, era a seguinte: três unidades de hipaspistas sob o comando de Nicanor; unidades de falange às ordens de Coeno, Perdicas, Meleagro, Ptolomeu e Amintas; à frente da infantaria da ala esquerda estava Crátero, e Parménio assumia o comando geral da ala esquerda. A cavalaria tessália e peónia colocou-se à direita, e à esquerda as tropas mercenárias gregas, entre as quais se incluíam arqueiros cretenses e a cavalaria trácia sob o comando de Sitalces.

A cavalaria da ala esquerda era formada, na sua maior parte, por tropas aliadas (gregas).

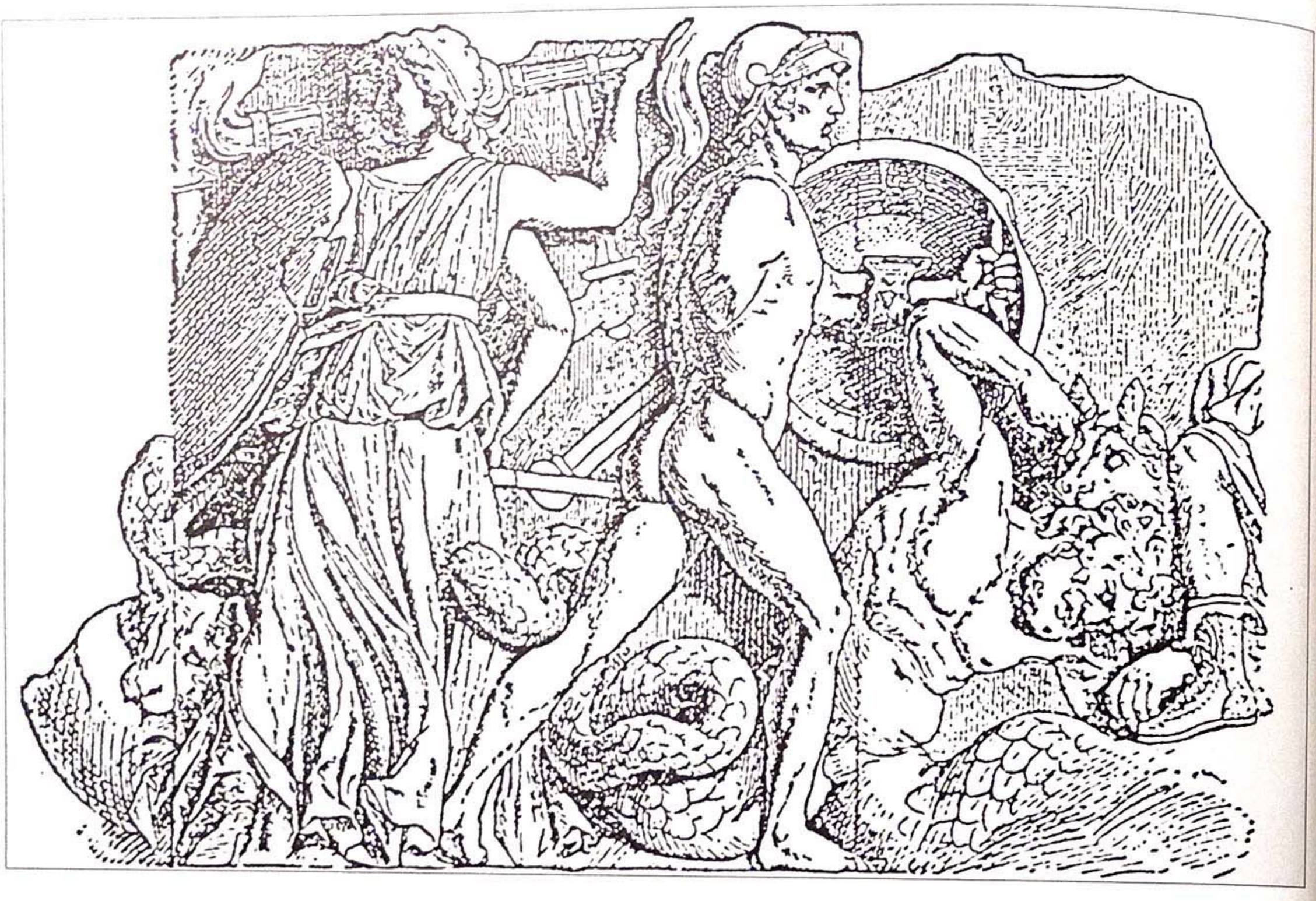
Os tessálios cercaram o grosso das tropas e deslocaram-se para a retaguarda para reforçar a cavalaria da ala esquerda.

Pela direita marchavam os exploradores de Protómaco, os peónios às ordens de Aríston e os arqueiros com Antíoco à frente. Átalo, com os seus arqueiros e algumas tropas de cavalaria, afastou a ameaça de envolvimento nas montanhas.

Posições persas durante o avanço de Alexandre: uma frente de 30.000 ginetes e 20.000 soldados de infantaria avançou para sul do rio Pinaro para proteger o grosso das tropas persas enquanto se deslocava para a batalha.

Uma vez terminada a deslocação, esta linha avançada retirou-se e passou a reforçar a ala direita persa, que defrontava Parménio.

Assim, a frente de Dario era formada por 30.000 mercenários gregos e 60.000 *kardakes* (provavelmente, infantaria persa ligeira); estes últimos colocaram-se em ambos os flancos dos gregos. Atrás dessas forças encontrava-se o contingente multinacional do exército imperial de Dario. O rei conduzia pessoalmente o seu carro de guerra pelo centro.



Alto-relevo que mostra o deus Ares (Marte) a lutar com os gigantes. Protege-se com um escudo de hoplita, grande e pesado, típico da guerra na Grécia durante o período clássico. Estes escudos ainda eram usados na segunda metade do século IV a.C., e os mercenários gregos, tanto os que estavam ao serviço dos persas como ao dos macedónios, também deviam estar equipados com eles.

passe Tarso, o rei enviou o seu oficial Arsames com instruções para defender as Portas Cilícias do invasor.

Mas Arsames, apoiado por uma força pouco adequada, deparou-se com um destacamento com armas ligeiras e grande mobilidade sob o comando pessoal de Alexandre. Arsames não ofereceu resistência, e teria queimado Tarso para evitar que caísse em mãos inimigas, mas Alexandre era demasiado rápido para ele e Tarso salvou-se.

Em Tarso, Alexandre ficou doente com febre e o atraso que se verificou naquela contingência encorajou Dario a acreditar que os macedónios temiam o combate. O rei acampou em Sochi (Síria), perto do lugar que mais tarde seria Antioquia. Quando ficou a saber que Alexandre estava ainda em marcha, a sua primeira ideia foi manter as suas posições. Na planície síria, a superioridade numérica dos persas poderia ser a sua maior vantagem. É provável que lhe tivesse corrido melhor se tivesse respeitado a sua estratégia, mas a situação evoluiu e parecia que se lhe deparava a oportunidade de desferir um golpe certeiro.

Alexandre, agora acampado com o seu exército em Malos (Cilícia), atravessou o desfiladeiro costeiro até à Síria e avançou para o pequeno porto de Isso, que já tinha sido ocupado por um destacamento às ordens de Parménio. Alexandre estabeleceu uma base temporária neste lugar e deixou nela os soldados macedónios doentes ou feridos. Então, avançou para sul pela estreita faixa costeira que separava as montanhas do mar, em direcção às Portas Sírias, perto da moderna Iskenderun.

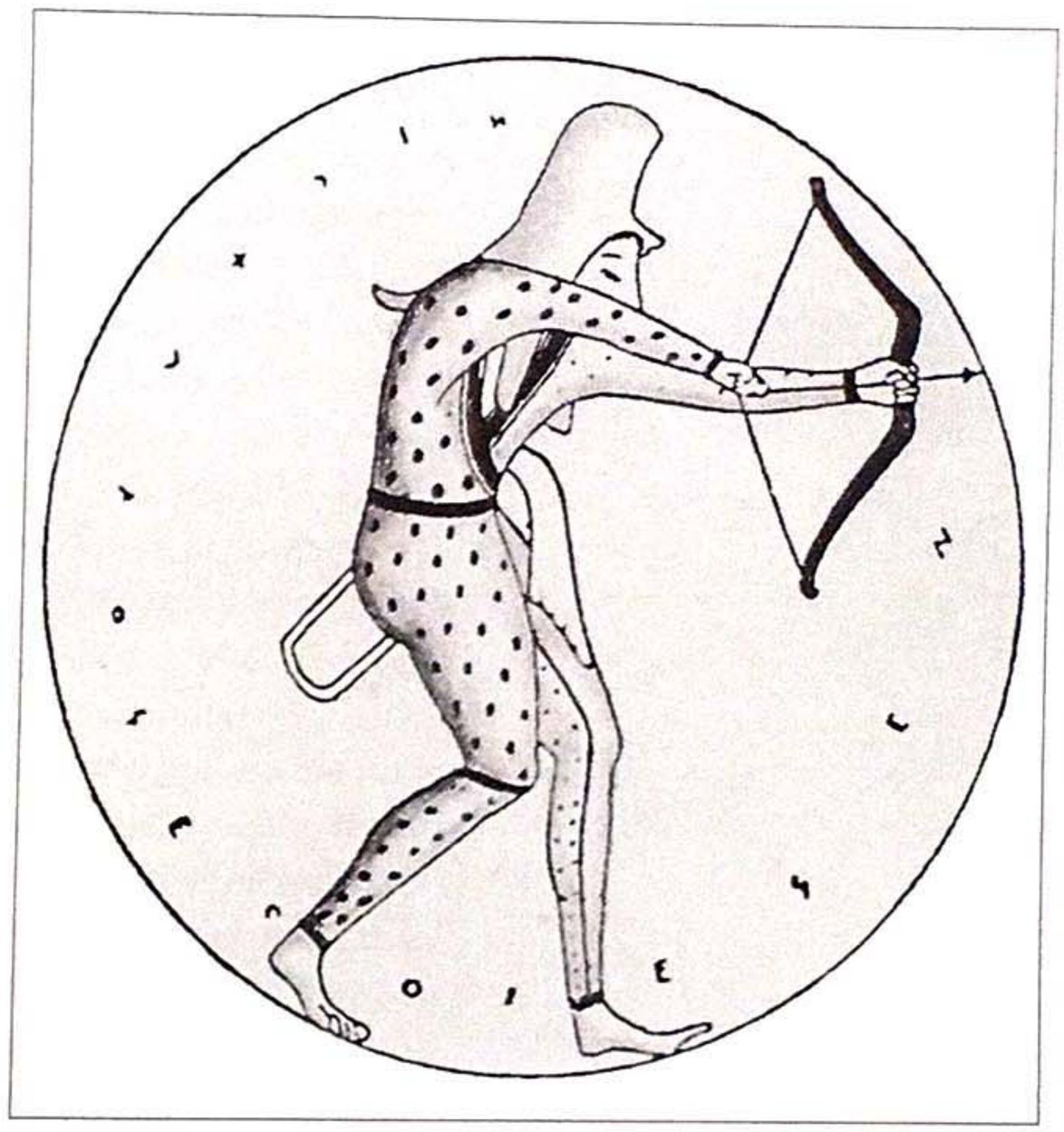
É possível que Alexandre marchasse durante a noite, tal como tinha feito no seu rápido avanço para as Portas Cilícias. Mas desta vez conduzia o grosso do seu exército, não uma simples força de ataque móvel. É possível que Dario se sentisse decepcionado ao ver uma réplica da estratégia Mace-

dónia na Cilícia. Assim, decidiu desferir um golpe certeiro: separaria Alexandre da sua base em Isso através de uma marcha tortuosa e isolá-lo-ia do grosso do seu exército. Uma violenta tempestade que surgiu de repente e deteve Alexandre em Miriandro, na costa, perto das Portas Sírias, facilitou esta operação. Dario aproveitou-se de uma rota pelo vale aberto, precisamente a leste da cordilheira do Amano, e conduziu os seus homens de novo para norte, evitando assim o exército de Alexandre e contornando a faixa costeira. No entanto, esta manobra tinha o inconveniente de obrigar o exército persa a regressar à estreita zona de terras baixas entre o mar e as montanhas, em vez de se dirigir para a mais ampla planície da Síria, onde poderia ter feito valer com mais eficácia a sua superioridade numérica.

Alexandre ficou surpreendido com a manobra de Dario e enviou uma trirreme para o golfo de Isso para confirmar a informação que tinha chegado aos seus ouvidos. De facto, esta nova situação provocou-lhe uma agradável surpresa; nada teria agradado mais ao rei macedónio do que a ideia de uma batalha num lugar estreito. Por outro lado, Dario deve ter sofrido uma grande decepção. Quando desceu das montanhas nas imediações de Isso, não encontrou mais que um acampamento hospital. Os persas massacraram muitos feridos e doentes do exército macedónio e cortaram a mão direita a quem ainda podia combater para se assegurar de que não voltaria a fazê-lo. Talvez aquilo fosse de esperar, mas naquele ponto crítico Dario não podia mostrar-se magnânimo.

Entretanto, Alexandre e o seu exército dirigiam-se para norte. É possível que Dario ainda pensasse que o general macedónio «tentava escapar», pelo que ordenou aos seus que avançassem para sul de Isso para lhe cortar a passagem. Quando as duas forças se encontraram, estavam separadas pelo rio Pinaro, uma pequena corrente que naquele momento levava pouca água. Alexandre virado para o norte e Dario, para o sul.

Um exame superficial da situação sugeriria que esta não era muito diferente do cenário de Granico; no entanto, o facto de o rio Granico descer aumentado pelas águas primaveris e de o rio Pinaro, já nos finais do Outono, levar pouco caudal, transformá-lo-ia num campo de batalha completamente diferente. Mesmo assim, Alexandre preparou-se em seguida para implementar a habitual táctica Macedónia, com uma coordenação eficaz de um centro, ocupado pela infantaria, e das alas, a cargo da cavalaria. O rei avançou para norte, em marcha lenta; pouco a pouco, a bonita margem da costa começou a alargar-se e Alexandre conseguiu deslocar o seu exército por etapas e colocar-se, finalmente, em linha de batalha.



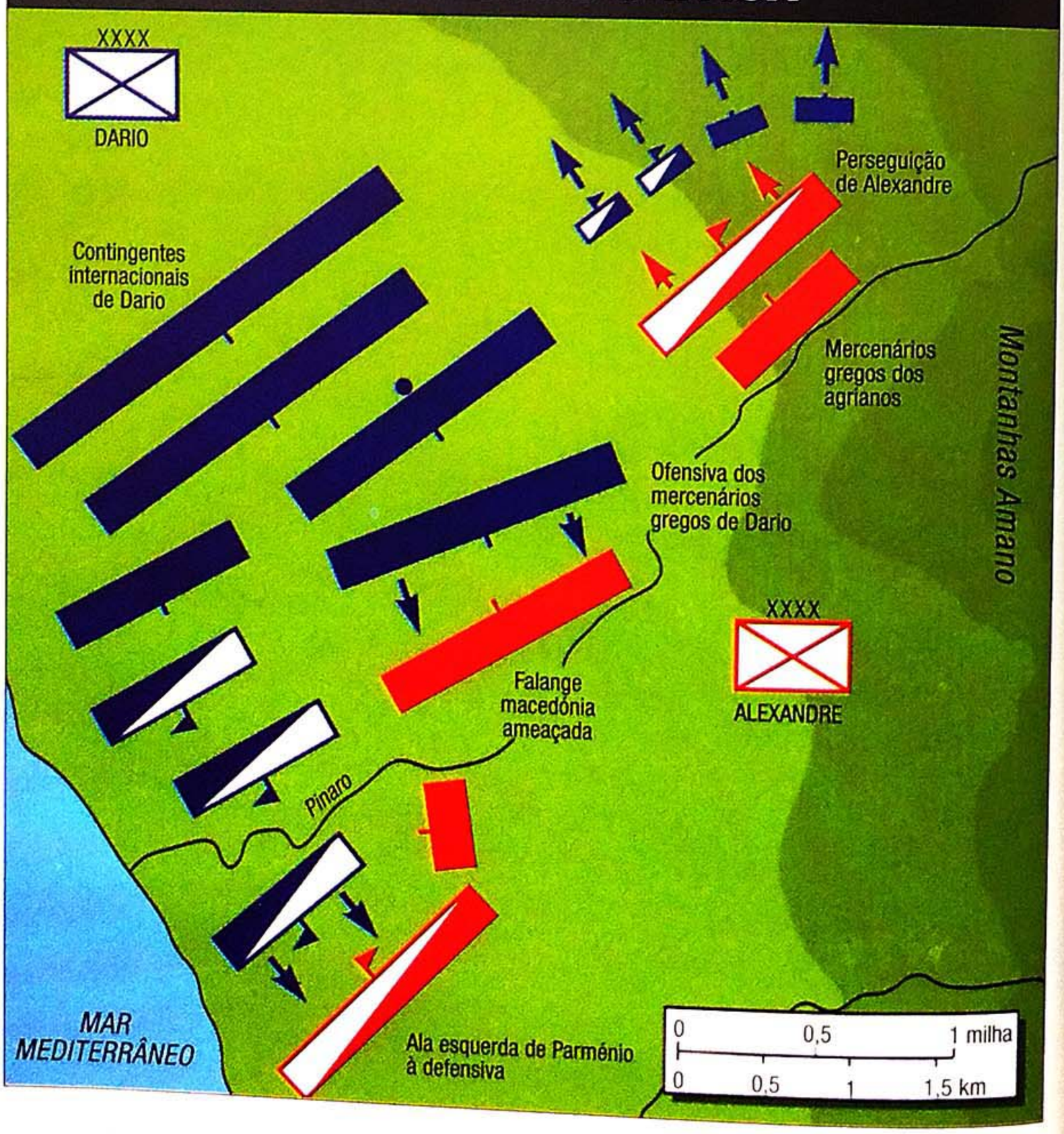
Infante arqueiro persa representado numa pintura de um vaso grego que se encontra no British Museum. Parece desajeitado e pouco eficaz, mas esta falta de habilidade pode imputar-se mais ao artista do que ao arqueiro. A sua perna esquerda está protegida por um tipo de peça acolchoada e a protecção lateral do seu *gorytos* (à maneira cita) está pendurada na coxa. Na inscrição lê-se o nome do artista: «Hischylos.»

FRENTE A FRENTE

Dario tinha sido convencido de que Alexandre não iniciaria a batalha por iniciativa própria, pelo que este movimento do seu inimigo deve tê-lo apanhado desprevenido. De qualquer forma, pôs-se à defensiva. Fortificou

a pronunciada margem do rio com uma paliçada em alguns pontos e enviou 30.000 ginetes e 20.000 soldados de infantaria ligeira para a margem oposta para proteger as suas posições enquanto ele formava em linha de batalha. O contingente de 30.000 mercenários gregos fortemente armados, juntamente com outros 60.000 mercenários persas, passaram a constituir o centro da vanguarda, em cuja posição defrontaria a falange macedónia. Dario dispunha de um número muito maior de soldados asiáticos do que os seus generais tinham tido à sua disposição na batalha de Granico. Distribuiu estes soldados em grandes corpos em apoio das tropas de vanguarda e espalhou-os tanto quanto o estreito campo de batalha o permitia; o mar, à sua direita, não estava longe e as colinas levantavam-se à sua esquerda. No centro deste heterogéneo grupo encontrava-se o próprio Dario, ao comando do seu carro. Esta posição central era a que os reis persas costumavam ocupar na batalha, e a partir dela despachavam ordens numa ou noutra direcção para qualquer recanto dos seus enormes exércitos. Em Isso, o perfil das colinas era tão pronunciado que a linha persa se curvou para a frente, ameaçando cercar o flanco direito de Alexandre. No centro, as unidades asiáticas de infantaria, agrupadas segundo as diferentes localidades em que tinham sido recrutadas, estavam tão aglomeradas que não era fácil conseguir que entrassem em acção. Não era necessário que os 600.000 homens que os historiadores atribuíram ao grande exército de Dario estivessem no campo de batalha.

BATALHA DE ISSO: FASE CRÍTICA



Enquanto Alexandre derrotava e perseguia a ala esquerda persa, corria o perigo de os mercenários gregos de Dario aproveitarem a brecha aberta entre a sua vitoriosa cavalaria e a falange. Parménio também se pôs à defensiva, já que corria o risco de perder contacto com a falange central e ficar isolado.

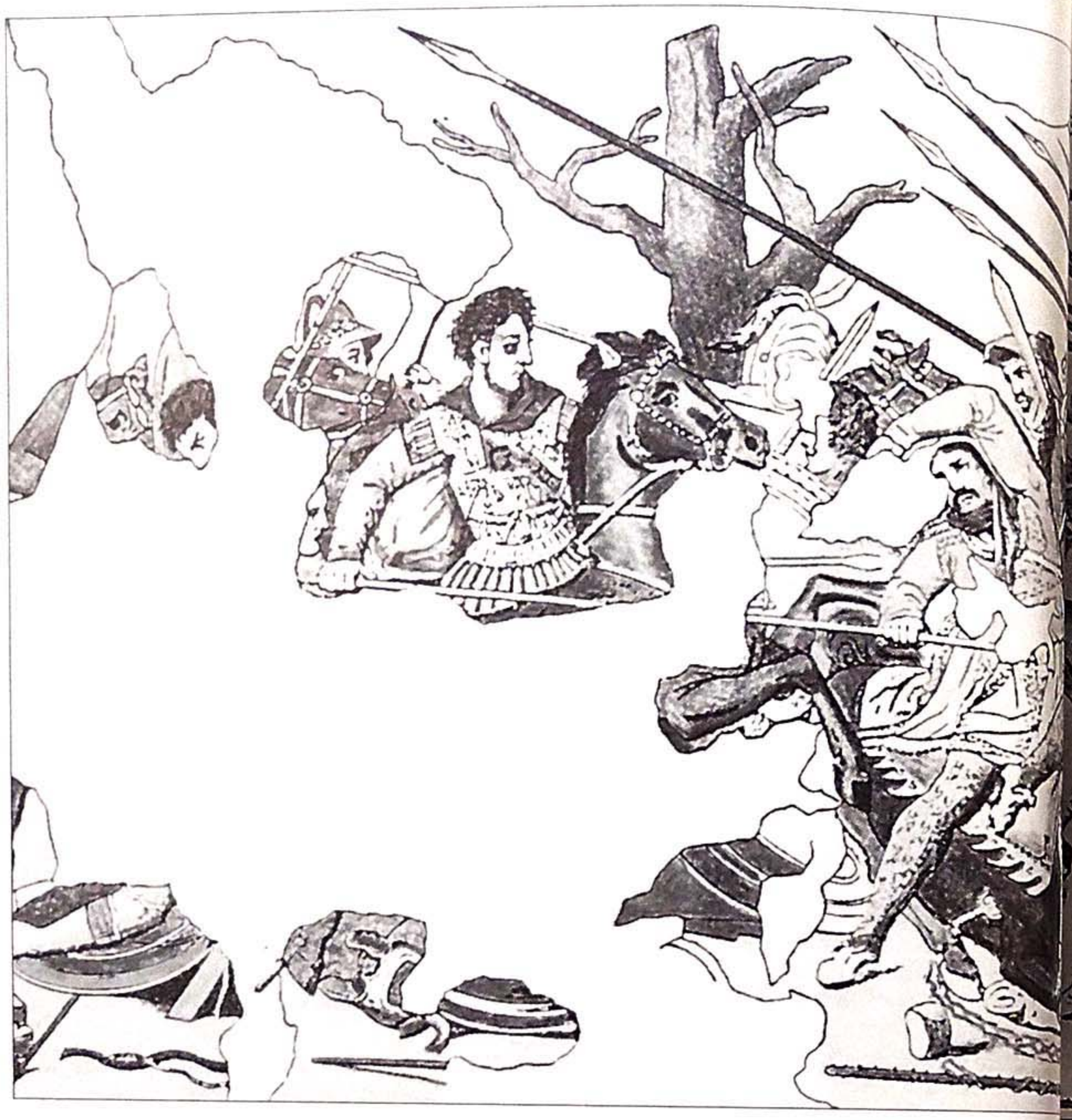
Todas as tropas situadas à esquerda da falange central do exército de Alexandre estavam sob o comando de Parménio. À direita, os arqueiros e os agrianos, com armas ligeiras, saíram ao encontro do inimigo ao pé das colinas. Foi uma missão simples, e a infantaria de Dario foi dispersada em pouco tempo; os soldados procuraram refúgio nas montanhas, onde não constituíam nenhuma ameaça, embora trezentos ginetes de Alexandre tenham recebido ordens para os vigiar.

No último momento, Alexandre retirou dois esquadrões de Companheiros de uma posição relativamente central e ordenou-lhes que reforçassem o flanco direito. Sem dúvida, este reajuste era muito necessário, pois o rei macedónio já tinha retirado a cavalaria tessália da sua posição original no flanco direito e ordenara que se deslocasse para a ala esquerda, onde os soldados persas se amontoavam. De facto, Dario tinha destacado os seus ginetes do outro lado do rio, tinha-os concentrado na sua ala direita e mandara-os contra Parménio. A planície costeira parecia favorecer o combate da cavalaria. Alexandre realizou os últimos ajustes com discrição. Os tessálios cercaram a retaguarda do exército em marcha e os Companheiros, alertados de que deviam passar desapercebidos aos olhos do inimigo, parece que encontraram um refúgio adequado entre os salientes que, desde as colinas interiores, se estendiam para o mar.

Alexandre continuou o seu lento avanço, assegurando-se de que todo o exército conservasse o nível de frente, até que se colocou à distância de tiro

BATALHA DE ISSO: REVIRAVOLTA

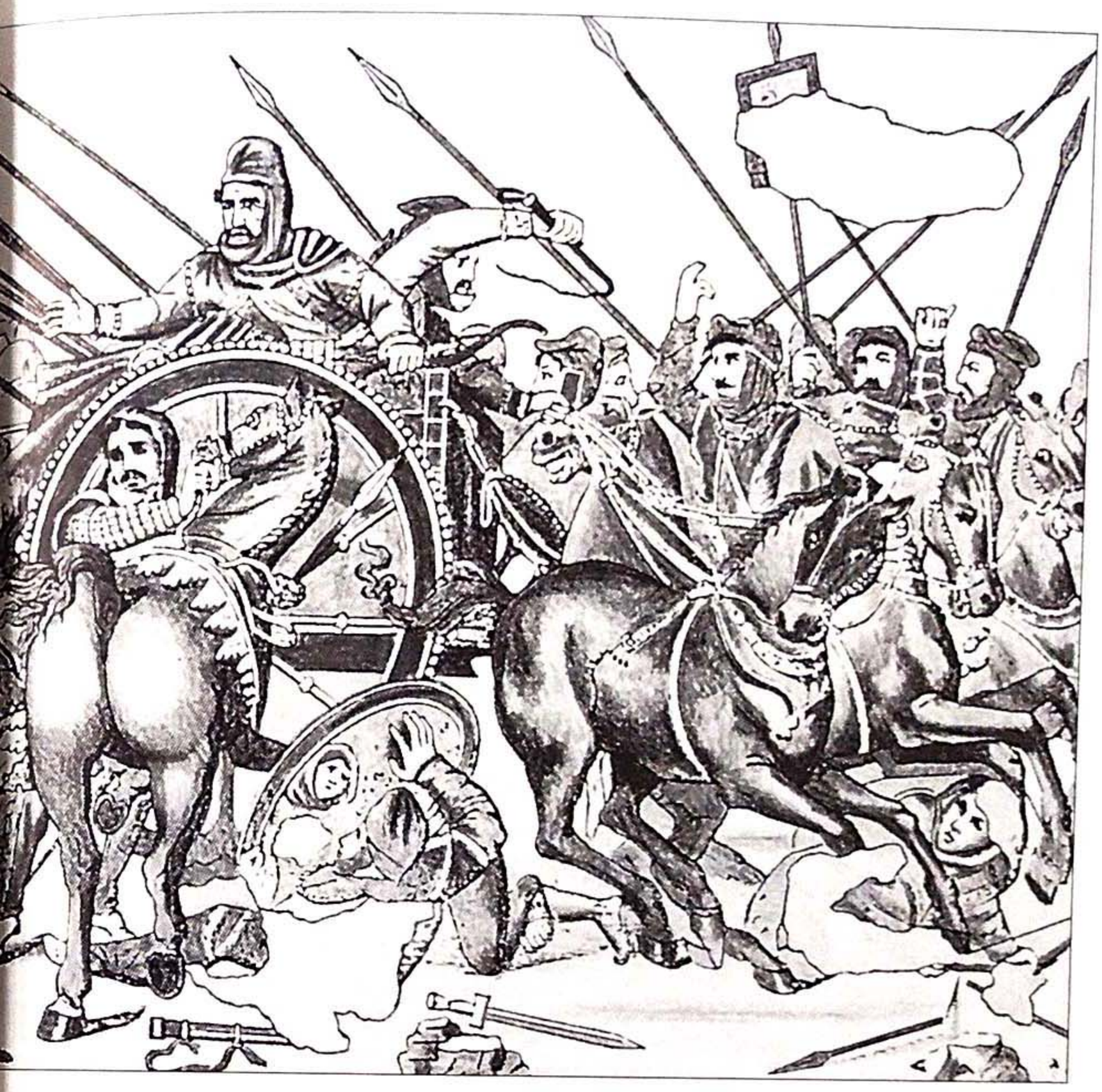
Alexandre, confiando em que a ala esquerda persa estava completamente destruída, foi em ajuda do seu centro ameaçado. Por sua vez, esta manobra aliviou a pressão sobre o flanco esquerdo de Parménio, e o exército macedónio pôde avançar de novo. Pouco depois, o exército de Dario, tal como o próprio rei, empreendia a fuga.



das linhas persas. Então, de improviso, lançou um ataque pela direita, liderando ele próprio os Companheiros, vadeou o rio e fez o inimigo retroceder. Mas, como era típico nas batalhas travadas na Antiguidade, o ímpeto do flanco direito arrastou-o demasiado para a frente e ficou isolado do centro. As margens do rio, pronunciadas e desiguais, sem mencionar as paliçadas de Dario, dificultaram a tarefa dos soldados da falange de se manterem juntos, e muito menos com Alexandre. Os mercenários gregos de Dario penetraram no espaço compreendido entre a cavalaria de Alexandre e a falange macedónia. Assim, estariam rapidamente em condições de obrigar a falange a retroceder para o rio e ameaçar pela retaguarda a cavalaria macedónia, que tinha derrotado a ala esquerda persa. Não podemos evitar interrogarmo-nos se este espaço tinha sido aberto precisamente neste ponto por uma decisão tomada no último momento por Alexandre para reforçar a sua ala esquerda de cavalaria a expensas do centro. É preciso correr riscos em algum momento.

VENTOS DE BATALHA

Apesar de todos os perigos, pode-se afirmar que a habilidade em combate do centro macedónio esteve à altura das circunstâncias, embora tenha sofrido cerca de 120 baixas importantes: Ptolomeu, filho de Seleuco e um dos comandantes veteranos de Alexandre, perdeu a vida. No final, os macedónios contiveram o perigoso contra-ataque e conseguiram deter também



Famoso mosaico, que provavelmente representa a batalha de Isso, e que foi descoberto entre as ruínas de Pompeia. Baseia-se, quase de certeza, na obra de um pintor contemporâneo de Alexandre. Concessões às exigências da composição artística à parte, o realismo desta obra contribui com uma valiosa informação sobre a época.

o saliente que se tinha formado à sua direita até Alexandre ter chegado para lhes proporcionar ajuda.

O rei macedónio, que controlava os ginetes sob o seu comando directo, não lhes permitiu cometer o típico erro de prosseguir a perseguição demasiado tempo, já que os teria afastado, perdendo o contacto com o principal teatro da batalha. Depois de ver que a ala esquerda dos persas tinha sido destruída e que não havia indícios de recuperação, Alexandre deu meia volta e carregou contra o flanco do corpo central de mercenários gregos, obrigando-os a retirar-se do rio ou cortando-lhes a passagem. Agora, a falange macedónia podia avançar de novo para destruir a maior parte dos inimigos que tivessem conseguido sobreviver ao impacto da cavalaria de Alexandre.

O exército de Dario quase conseguiu um triunfo pela direita contra o flanco esquerdo macedónio sob o comando de Parménio. Nesta zona, na praia e na planície que se estendia junto a ela, a esmagadora superioridade numérica persa podia transformar-se no seu trunfo principal. Não é claro se, nesta ocasião, a cavalaria direita persa recebia ordens de Dario; de qualquer forma, os oficiais deste sector já começavam a inquietar-se com o seu papel defensivo. Os ginetes persas surgiram do rio e atacaram a cavalaria tessália posicionada em frente a eles. Produziu-se uma encarniçada luta, mas quando os soldados que ocupavam o flanco direito persa se aperceberam de que o centro e a esquerda do seu exército tinham ficado paralisados, deram meia volta e empreenderam a fuga. Ninguém podia culpá-los. Se tivessem resistido, teriam sido cercados pela

Mercenário grego ao serviço dos persas. Tem a panóplia habitual de um hoplita, inclusive a lança comprida, uma versão tardia do capacete calcídico e uma armadura de couro ou de linho rígido. O grande escudo argivo é reforçado com um forro de couro que proporciona protecção adicional contra as setas, uma ameaça mais habitual na Ásia do que na Grécia. (Richard Geiger)

falange e pela vitoriosa cavalaria de Alexandre. No entanto, o facto de alguns sectores persas fugirem em bloco provocou uma grande confusão e deixou-os expostos aos tessálios, que saíram em sua perseguição.

Em pouco tempo, a derrota do exército de Dario neste sector transformou-se num desastre. Muitos dos fugitivos eram ginetes que carregavam com as suas armas e a sua panóplia; essas armas dificultava-lhes a sua fuga e alguns desfizeram-se delas, pelo que quando os homens de Alexandre os alcançaram, estavam indefesos. Na sua fuga, no meio do pânico, muitos cavalos com os seus ginetes precipitaram-se pelos desfiladeiros de montanha e muitos outros ginetes morreram espezinhados pelos animais dos seus companheiros. A cavalaria de Parménio não reduziu a sua pressão e os soldados persas que tentavam fugir, que estiveram colocados atrás da sua própria cavalaria, sofreram a mesma sorte que os ginetes.

Dario não esperou o suficiente para ver a derrota da sua ala direita. No mesmo momento em que, sob a pressão de Alexandre, o seu flanco esquerdo ficou paralisado, o rei persa fugiu no carro, que era bastante rápido em terreno plano. Mas quando se encontrou entre as rochosas gargantas que se abriam a leste e a norte, abandonou o carro, juntamente com algumas armas e roupas, e prosseguiu a fuga a cavalo. Contam as fontes antigas que os cavalos que puxavam o carro de Dario estavam feridos e que era impossível controlá-los; o animal que Dario finalmente montou ia atado atrás do carro, para uma possível emergência. De qualquer maneira, a chegada da noite salvou o rei persa da desapiedada perseguição de Alexandre.

Os historiadores antigos falam de 100.000 mortos entre as tropas de Dario em Isso e de outras 10.000 baixas da cavalaria. Parece provável que morressem muitos mais na perseguição subsequente à batalha que durante a própria luta, um facto habitual na guerra antiga. Como já se comentou, Alexandre abandonou a perseguição do inimigo para socorrer a falange, que naquele momento estava sob uma forte pressão; no entanto, havia ainda bastante luz para prosseguir a perseguição. O próprio Dario era agora o objectivo, mas o carro abandonado do rei e algumas das suas armas foi tudo o que lhe restou como recompensa.

O exército macedónio ocupou rapidamente o acampamento persa, onde fizeram prisioneiras as damas da corte do rei que o tinham acompa-

nhado na campanha. Entre elas encontrava-se a esposa de Dario (que também era sua irmã) com o seu filho, um bebé, e a mãe do soberano persa, assim como duas das suas filhas e algumas das nobres damas persas que as serviam.

Os persas também abandonaram o seu tesouro. Arriano, sem lhe dar demasiada importância, fala de «não mais de 3.000 talentos»; no entanto, deve fazer-se um parêntesis para comparar este tesouro com o mais importante espólio que aguardava os vencedores no quartel-general persa em Damasco. Um talento era o equivalente a 6.000 dracmas, e uma dracma, apenas oito anos antes, era o pagamento diário de um remador ateniense. Feitas as contas, em Isso havia suficiente dinheiro para pagar e manter o enorme exército de Dario durante toda a campanha.

Alexandre tratou com cavalheirismo as damas persas que caíram em seu poder. Quando estas pensaram que Dario tinha morrido e começaram a chorar desconsoladamente, o próprio Alexandre lhes disse que o rei conseguira fugir e assim tranquilizou-as. Ele, afirmou, não tinha qualquer problema pessoal com Dario, mas lutava por legítimas razões políticas: o controlo da Ásia.

Mesmo ferido na perna, Alexandre presenciou o enterro dos mortos e visitou todos os feridos, a quem felicitou e consolou como era seu dever; também recompensou aqueles que tinham tido mérito na batalha. Entretanto, Dario, a quem se tinham juntado outros fugitivos (cerca de 4.000 homens), continuou a sua fuga para leste. O seu principal objectivo era pôr o Eufrates entre ele e Alexandre o mais rápido possível.

Cerca de 8.000 soldados gregos que tinham desertado das filas de Alexandre para se juntarem às de Dario fugiram para oeste e alcançaram a costa fenícia em Tripoli, perto do monte Líbano, onde esperaram os barcos que os tinham transportado desde Lesbos. Queimaram as embarcações que não iam utilizar para evitar que os seus perseguidores as pudessem aproveitar. Alguns dos fugitivos navegaram para o Egipto, via Chipre, e outros devem ter ficado ao serviço do rei Agis de Esparta, que não tinha qualquer compromisso com a guerra «pan-helénica» de Alexandre. Alguns persas de alta categoria, mais decididos que o próprio Dario, morreram na batalha. Alguns deles eram sobreviventes de Granico.

Considerando a natureza decisiva da vitória de Alexandre, a batalha, apesar da sua violência, não se deve ter prolongado por muito tempo. O combate foi travado num dia de Novembro, mas parece que havia luz diurna suficiente para perseguir o exército derrotado. Pela manhã, Alexandre tinha avançado com deliberada lentidão até às posições de Dario, e ambos tiveram tempo suficiente para se estudar mutuamente e reordenar as suas linhas de batalha. A batalha propriamente dita só se pôde prolongar por mais algumas horas.

Arriano, embora mencione as baixas da falange, não dá números aceitáveis sobre as perdas de Alexandre. Outros escritores estão de acordo com Arriano sobre os números dos persas falecidos em combate, mas diferem nas informações sobre as baixas sofridas por Alexandre. Parece, no entanto, que o exército vitorioso apenas perdeu algumas centenas de homens.

DEPOIS DE ISSO

Após a morte de Mémnon, os almirantes persas Farnabazo e Autofradates tomaram o comando da frota do Egeu, permaneceram na sua base de Quios e continuaram com a estratégia de Mémnon: desgastar o poder da Macedónia na Grécia continental e nas ilhas, enquanto Alexandre estava ocupado nas suas conquistas orientais.

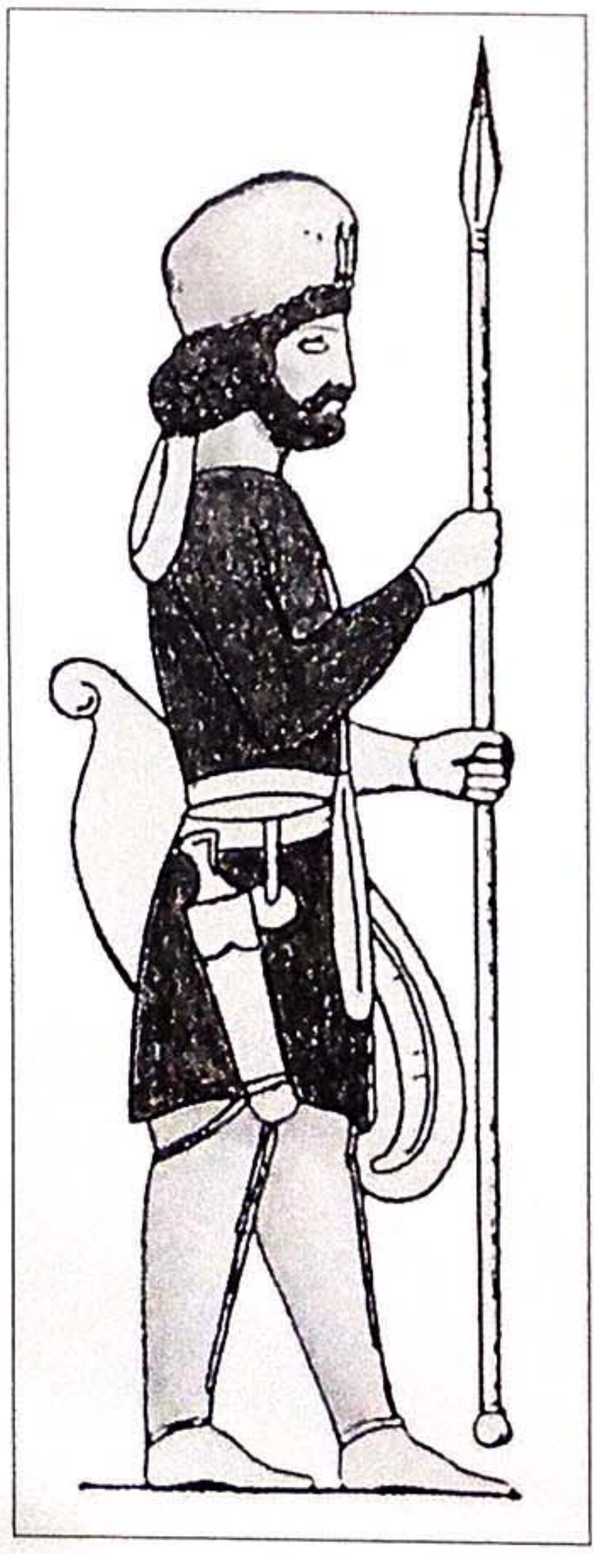
Entretanto, na Grécia, Ágis, rei de Esparta, um Estado que nunca tinha reconhecido a liderança da Macedónia, estava de acordo com a política persa e esperava unir os seus esforços aos dos persas. Navegou a bordo de uma única trirreme para se encontrar com Farnabazo na ilha de Sifnos, nas Cíclades, com o objectivo de obter embarcações e fundos dos persas para empreender a guerra contra Antípatro, vice-rei de Alexandre na Grécia.

As notícias da batalha de Isso chegaram aos ouvidos de Ágis e dos comandantes persas durante a sua entrevista em Sifnos. Farnabazo apressou-se a regressar a Quios. Corria-se o perigo de, ao longo da costa do Egeu, as cidades pró-macedónias se unirem à vitória de Alexandre e arrebatarem o controlo aos persas. Nessas circunstâncias, Ágis não recebeu toda a ajuda solicitada: Autofradates apenas lhe cedeu dez barcos e trinta talentos de prata. Ágis enviou-os ao seu irmão Agesilau, com instruções para pagar aos remadores e enviar a flotilha para Creta, onde estabeleceriam um núcleo antimacedónio. Esta operação foi levada a cabo com êxito.

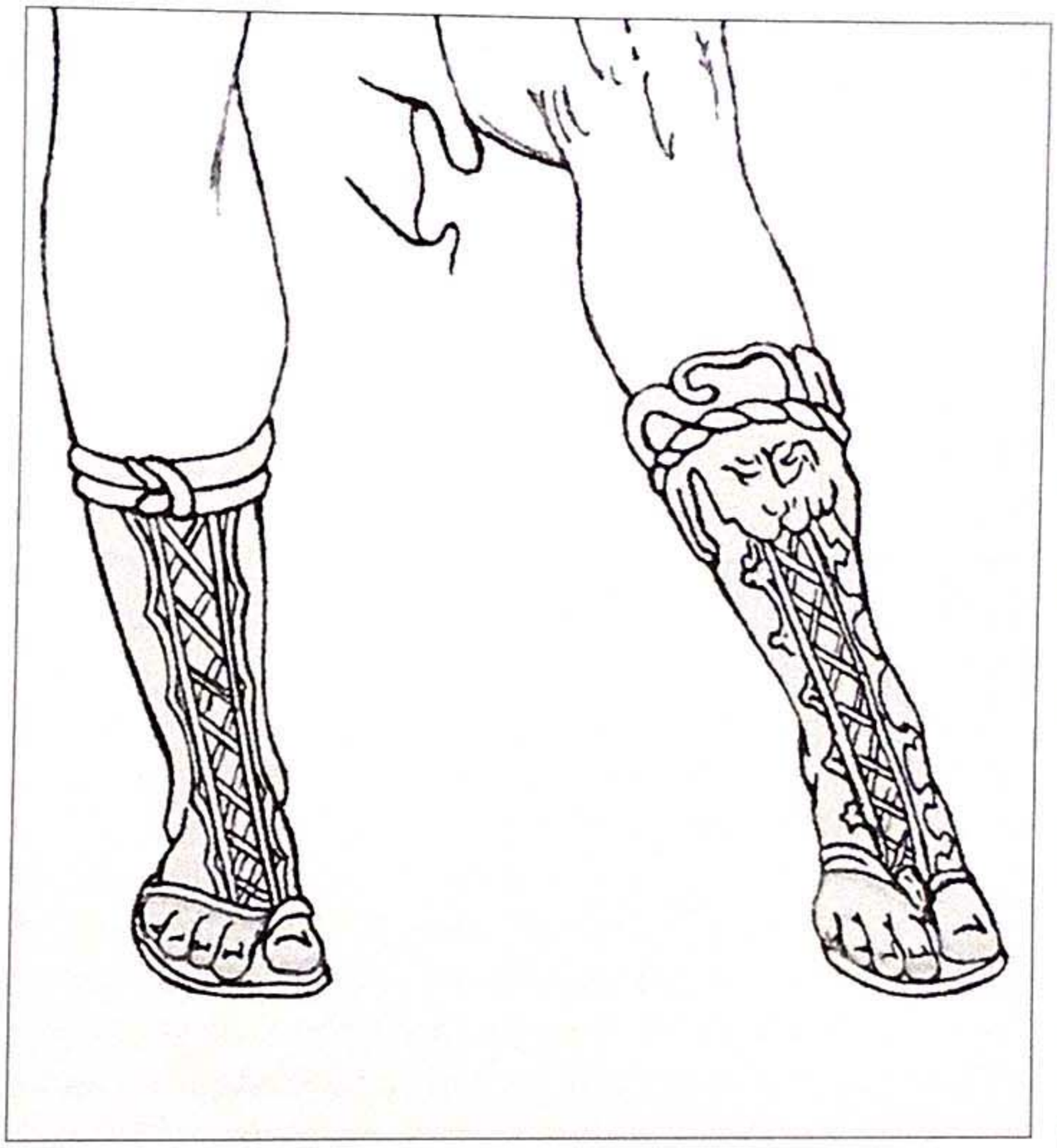
Alguns meses depois, um contingente de mercenários gregos que combatera contra Alexandre em Isso juntou-se a Ágis. (Segundo as fontes, o número original de fugitivos era de cerca de 8.000; alguns regressaram à Grécia pelo Egipto e outros, provavelmente, decidiram ficar neste país.) Ágis não recebeu apoio de Atenas. No Peloponeso, algumas cidades uniram-se à chamada de Esparta, mas Messene, Argos e Megalópolis, todas elas inimigas tradicionais de Esparta, não pensavam fazer oposição aos macedónios. Ágis deparou-se com um problema de números e quando por fim se encontrou à frente dos muros da hostil Megalópolis, fortalecida com as forças de reforço proporcionadas por Antípatro, viu-se superado por um exército que era o dobro do seu. O próprio Ágis morreu como um herói, a lutar apesar de ter sofrido um grave ferimento numa perna que o impedia de se manter em pé.

Por outro lado, no mar, os persas desfrutaram de uma vantagem numérica depois de incorporarem numerosas tripulações piratas à sua frota. Mas, tal como aconteceram os factos, aquilo não lhe permitiu desalojar os macedónios. Na sua tentativa de defender e ameaçar simultaneamente diversos pontos do Egeu, os persas tinham dividido excessivamente as suas forças. Algumas unidades da armada persa que tentaram recuperar o comando do Helesponto caíram perante a frota de Alexandre e dos oficiais macedónios Hegéloco e Anfotero. Os macedónios recuperaram Mileto e o próprio Farnabazo foi feito prisioneiro em Quios. As tripulações piratas recrutadas pelos persas foram aprisionadas e executadas.

Cópia de uma parte dos relevos de Persépolis que mostra o contrapeso esférico das lanças persas. As tropas assim armadas recebiam o nome de *melophoroi*, «portadores de maçãs». Heródoto, no seu relato da invasão da Grécia por Xerxes, diz que a infantaria de elite do rei usava contrapesos em forma de romãs e de maçãs de ouro e de prata. O ouro indicava uma categoria superior à prata, e as maçãs, às romãs. Em Gaugamela, Dario III levou consigo uma força de elite de «portadores de maçãs».



Quase ao mesmo tempo revitalizou-se o esforço bélico persa no interior da Ásia Menor. Os oficiais de Dario na Paflagónia e Capadócia recrutaram elementos locais dessas províncias; juntaram-se a eles soldados fugitivos de Isso, muitos dos quais, apesar das numerosas baixas persas sofridas na batalha, tinham conseguido fugir para norte. Agora, estas forças ameaçavam Antígono, o comandante a quem Alexandre confiara a Frígia. Antígono estava mais vulnerável porque tinha recrutado forças para apoiar as operações de Alexandre no Leste e a guarnição da Frígia ficara debilitada. No entanto, na altura da batalha, Antígono venceu o recém-constituído exército persa em três confrontos separadamente. Uma vez mais, não havia quaisquer dúvidas de que Alexandre tinha escolhido o homem adequado para se encarregar dos conflitos que pudessem surgir na Frígia, e o próprio monarca da Macedónia nunca teve que modificar o seu plano original enquanto conduzia os seus exércitos através da Síria e da Palestina.



O coturno *(kothornos)*, do qual se mostram duas variantes, era um calçado entre botas e sandálias, que deixava os dedos dos pés à mostra. Era utilizado pelos ginetes e, na época de Alexandre, em que não havia estribos nem esporas, deviam proporcionar um apoio extra ao costado do cavalo. O coturno adquiriu certo prestígio social, talvez porque aqueles que se podiam dar ao luxo de possuir um cavalo costumavam ser os mais endinheirados. As pessoas de certo nível, tal como os deuses, aparecem muitas vezes calçados com coturnos.

Em Damasco, Alexandre fez prisioneiras algumas damas persas das famílias dos oficiais de Dario que se tinham refugiado na cidade antes da batalha. O rei macedónio manteve-se longe delas, apenas com uma excepção: Barsine, a viúva de Mémnon e filha de um nobre persa, tornou-se sua amante e pouco depois deu-lhe um filho, a quem pôs o nome de Héracles em honra do seu famoso antepassado.

Dario, após alcançar a outra margem do Eufrates e já recuperado da sua precipitada fuga, enviou uma carta a Alexandre propondo-lhe a paz nuns termos que, na sua situação, só podiam ser conciliadores. Alexandre recebeu a proposta quando estava acampado perto de Arado, na costa da Síria, cidade que o tinha recebido como amigo, embora o seu rei estivesse ausente por estar em serviço com a frota persa do Egeu. Na sua missiva, Dario reprovava Alexandre pelo seu acto de agressão sem provocação prévia, mas oferecia-lhe amizade em troca de lhe devolver a sua esposa, a sua mãe e as suas filhas. A resposta de Alexandre foi arrogante. Pretextos históricos à parte, rejeitou a acusação de agressão sem provocação prévia e acusou Dario de ter ajudado os inimigos da Macedónia nas cidades gregas e também de ter conspirado para acabar com a vida do rei Filipe. De qualquer forma, recusou a possibilidade de uma paz negociada e exigiu-lhe uma rendição incondicional. De facto, o tom da sua resposta era tal que nenhuma rendição poderia tê-lo satisfeito: Alexandre lançava um desafio a Dario para continuar a luta.

Sem dúvida, Alexandre preferia a guerra a qualquer tipo de paz. Talvez a sua carreira se possa definir como a aplicação de duas políticas: fazer a guerra no estrangeiro (muito honorável na sua época) e manter a paz na sua própria casa. No entanto, há que dizer que Alexandre não se limitou a preservar a paz na Grécia, já que a impôs em lugares onde nunca antes existira.

O CERCO DE TIRO

Depois de ser aceite por outras cidades fenícias, Alexandre esperou conseguir a submissão de Tiro sem derramamento de sangue. O rei de Tiro, e o de Arado, estavam ausentes com a frota persa do Egeu, mas uns emissários da cidade juntaram-se a Alexandre e asseguraram-lhe que os seus governadores estavam à sua disposição. Então, o general pôs a sua boa vontade à prova manifestando-lhes o seu desejo de oferecer um sacrifício no altar de Héracles, no interior da cidade, já que os habitantes de Tiro adoravam um deus fenício que os gregos identificavam com Héracles, divindade da qual Alexandre afirmava ser descendente. Infelizmente, a boa vontade dos tirianos não chegava tão longe e recusaram-lhe o seu pedido. Enquanto o assunto entre os reis da Macedónia e da Pérsia continuasse pendente, argumentaram, não podiam tomar partido por nenhum deles. Em resumo, não lhe permitiram entrar na cidade.

O propósito da campanha de Alexandre era não deixar nenhuma base persa na sua retaguarda antes de empreender a sua marcha para leste para reiniciar as hostilidades contra Dario. Não podia fazer excepções, e menos ainda tratando-se de um poderoso centro naval como Tiro. As defesas da cidade pareciam inexpugnáveis, mas é provável que Alexandre já se considerasse invencível, e esta mesma percepção tinham os seus seguidores. Assim começou o cerco de Tiro.

O nome apropriado para designar uma operação tão longa e elaborada é o de «cerco», embora o primeiro propósito de Alexandre fosse atacar a

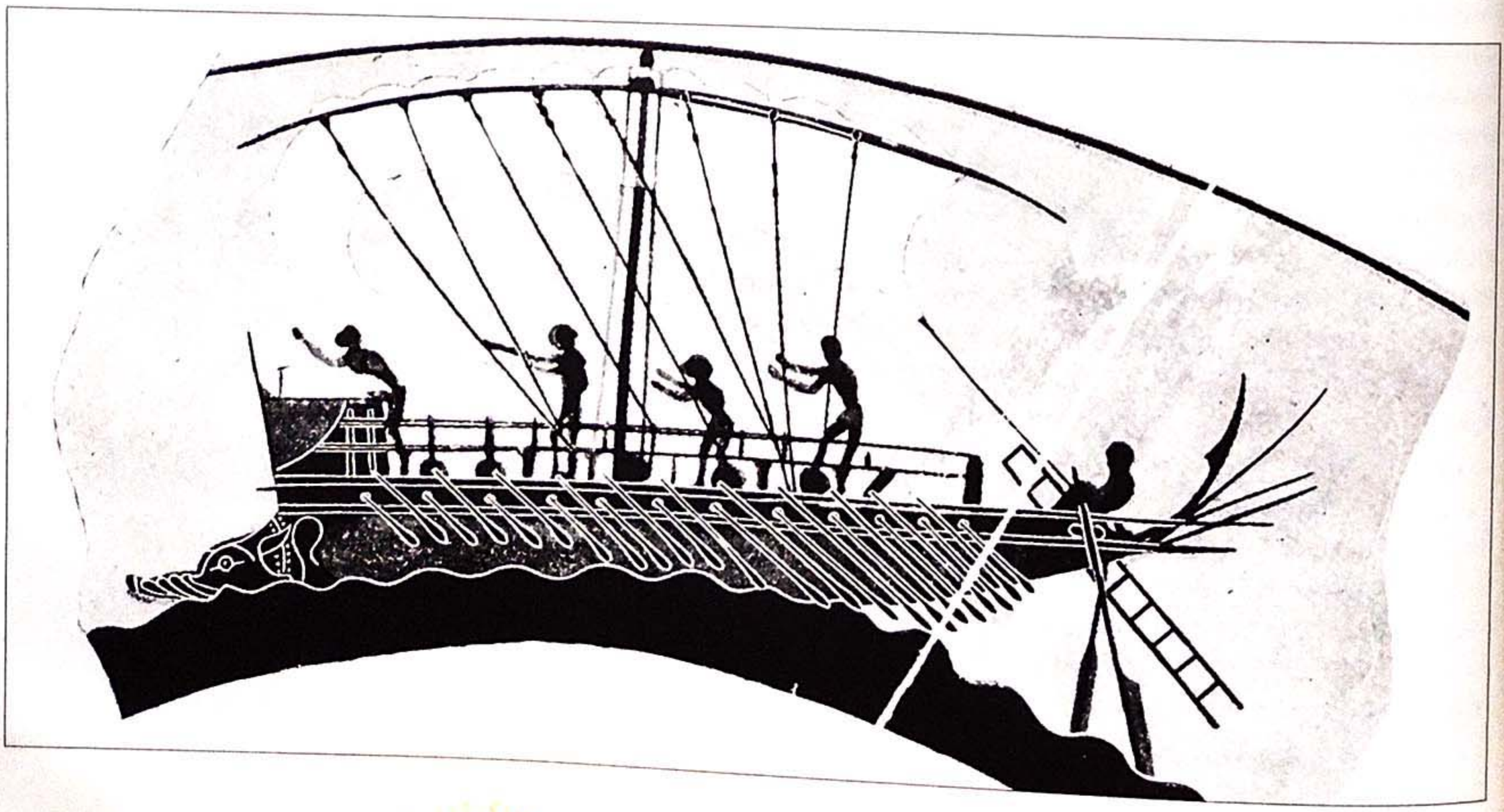


Ilustração procedente de um vaso grego encontrado em Itália e que data de cerca de 500 a.C., quando Mileto e outras cidades da Ásia Menor se rebelaram contra o rei persa Dario I. A revolta levou à invasão persa da Grécia, que Alexandre quis vingar um século e meio mais tarde com a sua ofensiva contra a Pérsia continental. Este barco de guerra é propulsionado por velas e por remos. Nessa época era habitual arriar as velas quando os barcos entravam em acção. As manobras, cuidadosamente calculadas, que permitiam utilizar os esporões dependiam da habilidade dos remadores. Pode observar-se o esporão de bronze com forma de cabeça de javali, à altura do nível da água, em posição um pouco mais avançada do que a proa.

cidade e não obrigá-la a render-se sob a ameaça da fome. As frotas fenícias que serviam o rei persa eram donas absolutas daquelas águas, e a ilha de Tiro recebia abastecimentos e apoio naval por via marítima. Assim, Alexandre decidiu construir um molhe entre o continente e a ilha sobre as estreitas águas — quase um quilómetro — que os separavam.

A construção do molhe começou de forma apressada. As águas nas imediações do continente não eram profundas e o fundo, de lama, era mole; além disso, era fácil obter rochas e madeira. As estacas espetavam-se facilmente na lama, que também era um bom material de união para os blocos de pedra. Mas ao avançar um pouco, o mar ficava de repente profundo, e nas imediações da ilha alcançava uma profundidade de três braças. A tarefa dos construtores tinha-se tornado mais difícil e perigosa, pois não só tinham de lidar com as águas profundas, como também ficavam ao alcance dos projécteis disparados a partir da cidade. Mais ainda, os tirianos podiam ameaçar os construtores com as suas galeras, pelo que seria praticamente impossível trabalhar.

Como resposta, Alexandre construiu duas torres no molhe, que forrou com couro para proteger os homens das setas, e a madeira, dos ataques incendiários. Instalou catapultas de artilharia nas torres para fazer frente às incursões dos barcos inimigos com mísseis pesados. Então, os tirianos deram-se conta de que deviam destruir as torres a todo o custo e prepararam um barco incendiário. Para isso, escolheram uma embarcação de grande capacidade, que tinha sido utilizada para transportar cavalos, e encheram-na com pedaços de madeira, lascas, breu, sulfureto e todo o material combustível que conseguiram obter. Fixaram nos mastros uns braços de quase dois metros, nos quais penduraram caldeiros cheios de uma substância oleosa para, virando-os, avivar as chamas. A popa do barco incendiário estava lastrada para que a proa pudesse levantar-se sobre o bordo do molhe e perto da base das torres. Então, umas trirremes rebocaram-no para o lugar; quando chegou a hora, a tripulação que governava o barco incendiário saltou e nadou para pôr-se a salvo.

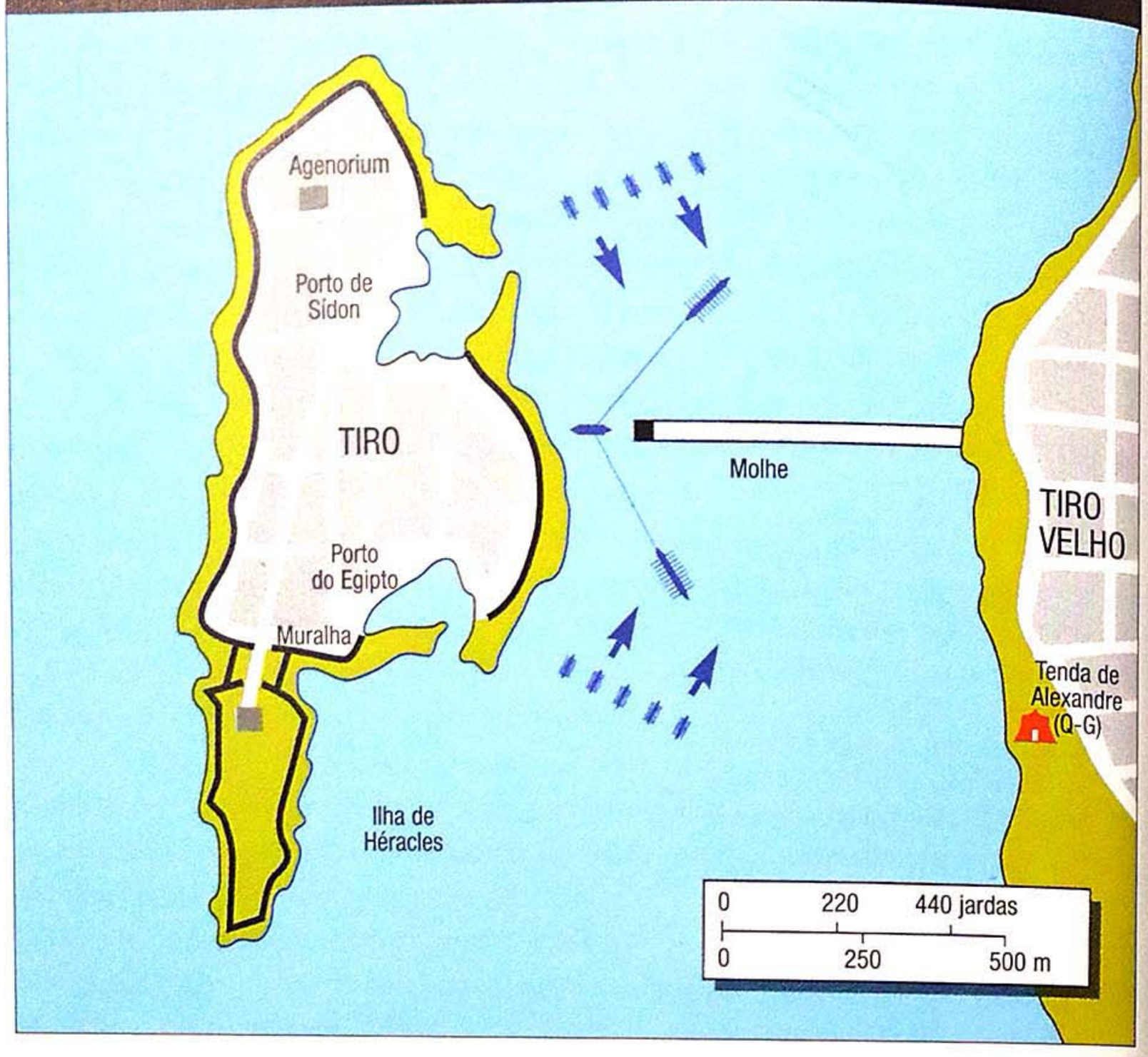
O resultado foi o esperado: em pouco tempo, as torres ardiam em chamas. Outras galeras de Tiro aproximaram-se da ponte e dispararam uma salva de projécteis, evitando com isso que os homens de Alexandre pudessem aproximar-se das torres para extinguir o fogo. Também se lançou uma incursão a partir da cidade em pequenos barcos. Os valentes soldados de Tiro desembarcaram no molhe, destruíram as paliçadas defensivas e incendiaram as catapultas da artilharia que tinham escapado ao caos provocado pelo barco incendiário.

Aquilo constituiu um verdadeiro revés para Alexandre. Mas, como bom estratega, o filho de Filipe fazia gala de uma paciência infinita, que contrastava com o ímpeto feroz da sua táctica na batalha. Como resposta, mandou ampliar o molhe para instalar um número maior de torres e mandou construir mais catapultas. Enquanto as obras se realizavam, escolheu um contingente de hipaspistas e tropas ligeiras agrianas, e voltou para trás para visitar os fenícios de Sídon, que o tinham tratado como amigo e onde deixara as suas trirremes. Necessitava de uma armada porque sem superioridade no mar era impossível tomar Tiro.

Entretanto, os comandantes navais das cidades fenícias de Arado e Biblos, impressionados pela vitória de Alexandre em Isso, abandonaram o almirante persa Autofradates, em cuja frota tinham servido, e puseram-se às suas ordens. Alexandre também recebeu dez trirremes de Rodes e outras treze

Observe-se que a Tiro marítima era formada por duas ilhas, unidas artificialmente no século x a.C. É provável que a muralha que defendia o sector meridional da ilha setentrional se conservasse como uma fortificação interior na época de Alexandre. Desde então, a linha da costa sofreu uma importante mudança e a ilha uniu-se com o continente.

TIRO: ATAQUE AO MOLHE DE ALEXANDRE

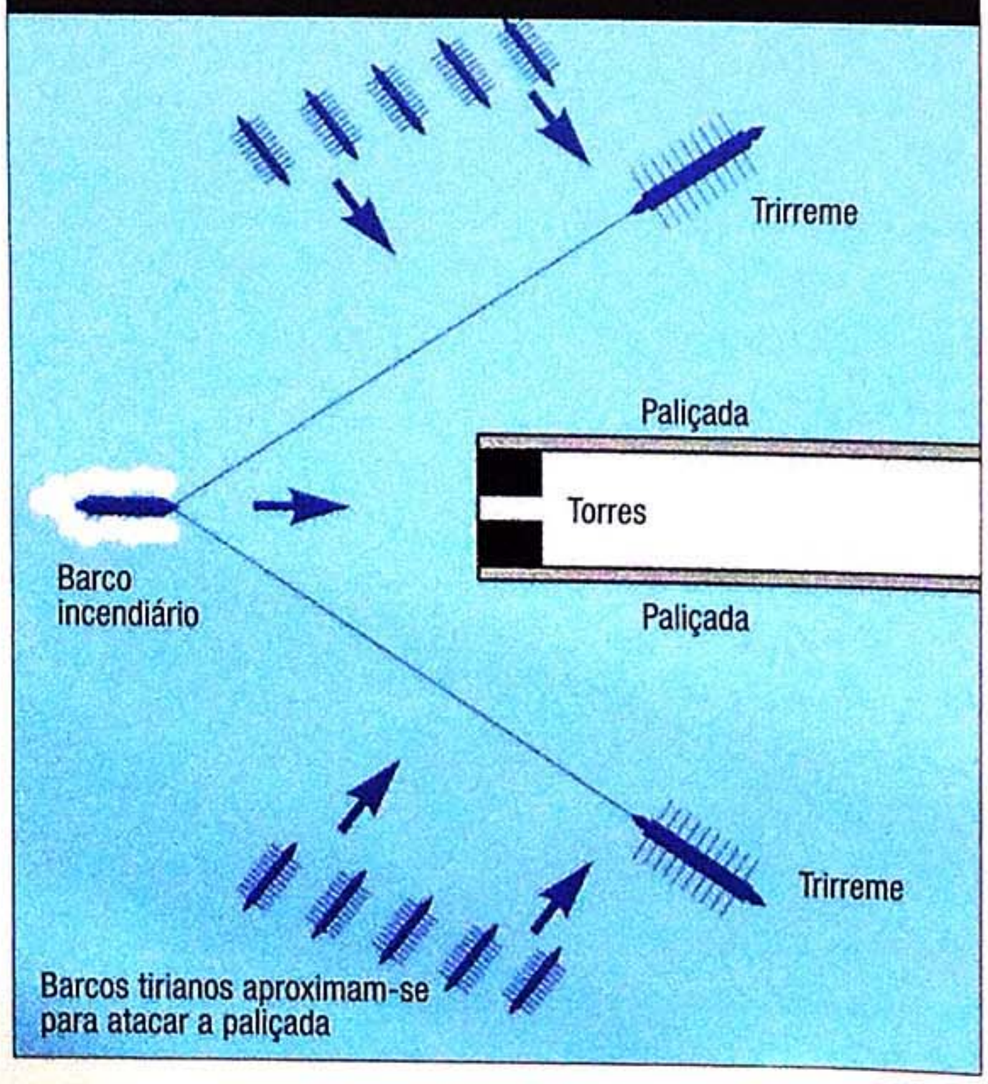


Quando, seguindo o plano de destruir as torres, o barco incendiário chegou ao seu ponto de destino, as trirremes que o rebocavam aproximaram-se do molhe e atacaram os «bombeiros» de Alexandre com setas. Logo que as torres começaram a arder, outros tirianos saíram em barcos e destroçaram as paliçadas construídas sobre o molhe.

das cidades das costas da Lícia e da Cilícia, assim como uma galera de cinquenta remos que chegou da própria Macedónia. A maciça deserção dos fenícios, com oitenta barcos, teve grandes repercussões em Chipre, cujos reis estavam impacientes por se colocar ao lado do vencedor. Uma frota cipriota combinada de 120 barcos partiu para Sídon e juntou-se à já importante armada de Alexandre, que estava pronta e a postos para zarpar.

Pode argumentar-se que Alexandre teve muita sorte, pois os ventos começaram a soprar a seu favor precisamente no momento em que mais precisava. Por outro lado, podem interpretar-se os acontecimentos como um merecido resultado da sua contundente vitória em Isso. De qualquer forma, alegrou-se de poder esquecer a antiga hostilidade dos seus novos aliados e considerou a sua anterior adesão à causa persa como um caso de força maior.

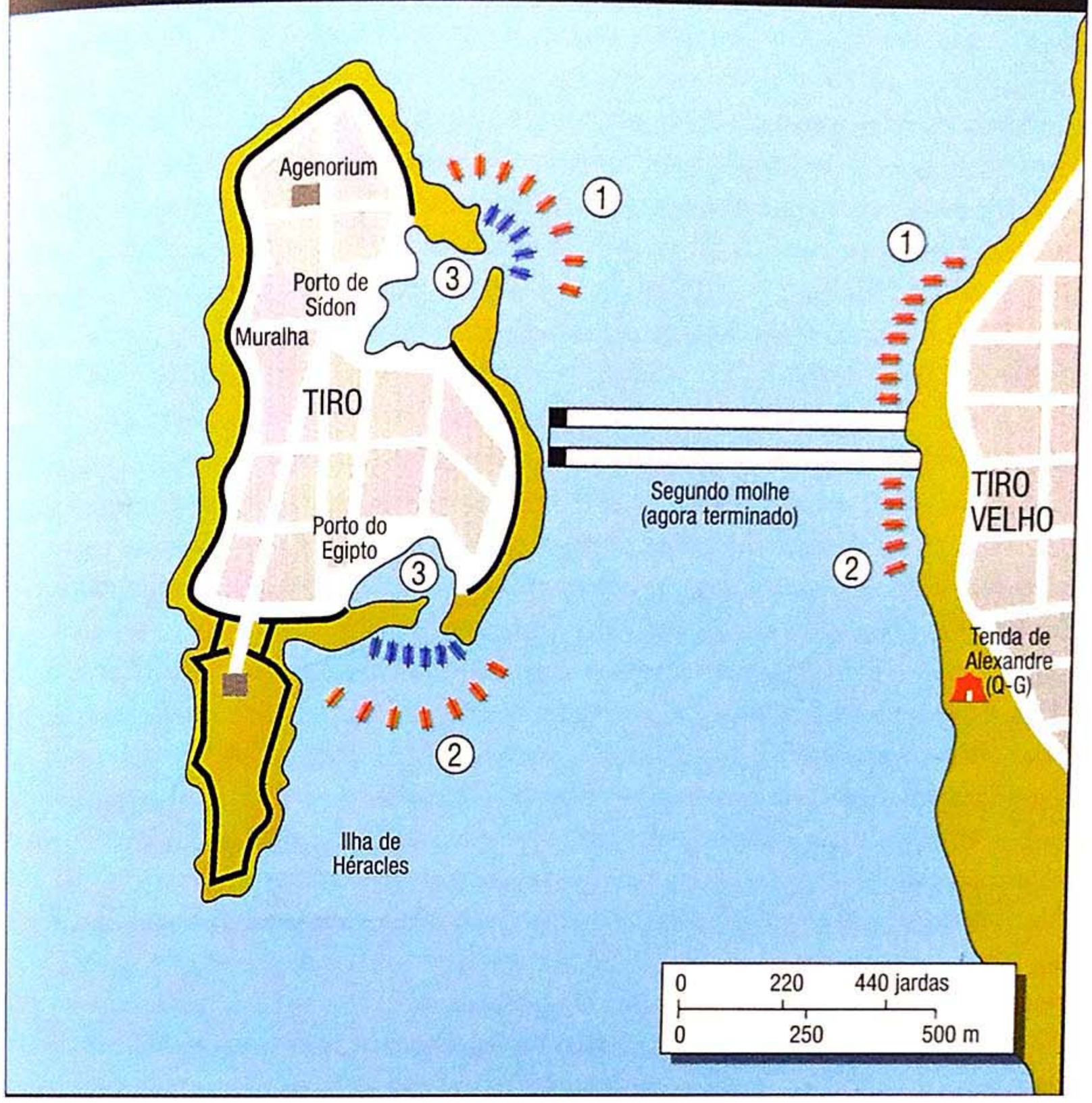
ATAQUE À CABECEIRA DO MOLHE



OPERAÇÕES NAVAIS

Enquanto a construção dos seus mecanismos de artilharia terminava, Alexandre fez uma incursão em território árabe, terra adentro, e depois de uma demonstração de força que se prolongou pelo espaço de dez dias, na qual utilizou alguns dos esquadrões de cavalaria de hipaspistas e agrianos, as gentes da zona ren-

TIRO: BLOQUEIO DE ALEXANDRE



1. Cento e vinte barcos cipriotas sob o comando de Andrómaco.
2. Oitenta barcos fenícios, mais 23 que chegaram de Rodes, Lícia, Soli e Malos, mais uma trirreme Macedónia de 50 remos.
3. Barcos tirianos.

deram-lhe submissão. É possível que para o rei macedónio esta incursão fosse um exercício militar, mas ajustava-se à sua estratégia de não deixar nenhum potencial inimigo na retaguarda.

No seu regresso, viu que Cleandro, filho de Polemócrates, que tinha enviado para a Grécia para recrutar mercenários, tinha regressado com um contingente de 4.000 soldados peloponésios. Agora estava bem preparado para abordar uma nova confrontação com os tirianos no mar. No que respeita à força naval, Alexandre tinha trocado as voltas. Enquanto a sua armada não ficou preparada para entrar em combate, ninguém estava consciente de que as suas forças tinham aumentado notavelmente graças aos contingentes fenícios e cipriotas.

Alexandre colocou-se à frente da frota a partir de um barco de guerra situado na ala direita, com a esperança de desafiar os tirianos para um confronto naval em mar aberto. Tinha colocado hoplitas nas pontes das suas galeras e estava preparado para investir ou abordar os barcos inimigos. No entanto, quando se deram conta da superioridade numérica de Alexandre, os prudentes tirianos evitaram o combate frontal e concentraram-se na tarefa de defender a entrada das suas pontes da eminente chegada do inimigo; só lutariam em águas estreitas, onde Alexandre não poderia tirar partido da sua superioridade numérica.

Os dois portos da ilha estavam orientados a norte e a sul, o primeiro para Sídon e o segundo para o Egipto. Ao observar que ambos os portos estavam solidamente defendidos, Alexandre não se apressou a entrar pela força.

Aproximou-se do porto setentrional e viu que estava bloqueado por trirremes com a proa a apontar para ele. Mas as suas galeras fenícias investiram contra três dos barcos inimigos situados numa posição vulnerável e afundaram-nos.

Após este breve encontro, Alexandre ancorou os seus barcos na costa do continente e acampou nas terras adjacentes, onde o molhe lhes proporcionava uma certa protecção contra as inclemências meteorológicas. O seu quartel-general ficava a sul, orientado para o porto meridional da ilha. Então, ordenou à frota cipriota que bloqueasse o sector setentrional da ilha, enquanto a fenícia fazia o mesmo no sector meridional.

Entretanto, Alexandre recrutou um grande número de técnicos da costa do Chipre e da Fenícia. As armas de cerco construíram-se com rapidez e colocaram-se no extremo do molhe, assim como nos barcos que participavam no cerco, tanto barcos de transporte como trirremes lentas, que Alexandre tinha mandado ancorar à volta da cidade. Preparava-se para bombardear as muralhas mais altas. (Os cronistas da época afirmam que estas muralhas mediam mais de 45 metros no lado do molhe. Inclusive assumindo que este número se refere à altura das torres mais do que à das muralhas, parece um exagero; o Mausoléu de Halicarnasso, uma das sete maravilhas do mundo antigo, media pouco mais de 40 metros.) Frente ao molhe levantavam-se uns muros de blocos de pedra unidos com argamassa. Sobre eles, os tirianos construíram torres de madeira para aumentar a vantagem da altura, a partir de onde atiravam todo o tipo de projécteis, incluindo dardos incendiários, contra os barcos de Alexandre. Também amontoaram rochas no mar, na base das muralhas, o que obrigou os barcos de Alexandre a manterem-se à distância. Na medida do possível, o rei macedónio retirou as rochas, tarefa feita pelos baixéis ancorados nas imediações da cidade. Como resposta, os tirianos reforçaram algumas trirremes, investiram contra os barcos de cerco e cortaram as suas amarras. Alexandre reforçou algumas das suas embarcações ligeiras — de trinta remos — e obstruiu as trirremes inimigas. Então, os tirianos enviaram mergulhadores para cortar as amarras, mas Alexandre substituiu os cabos por

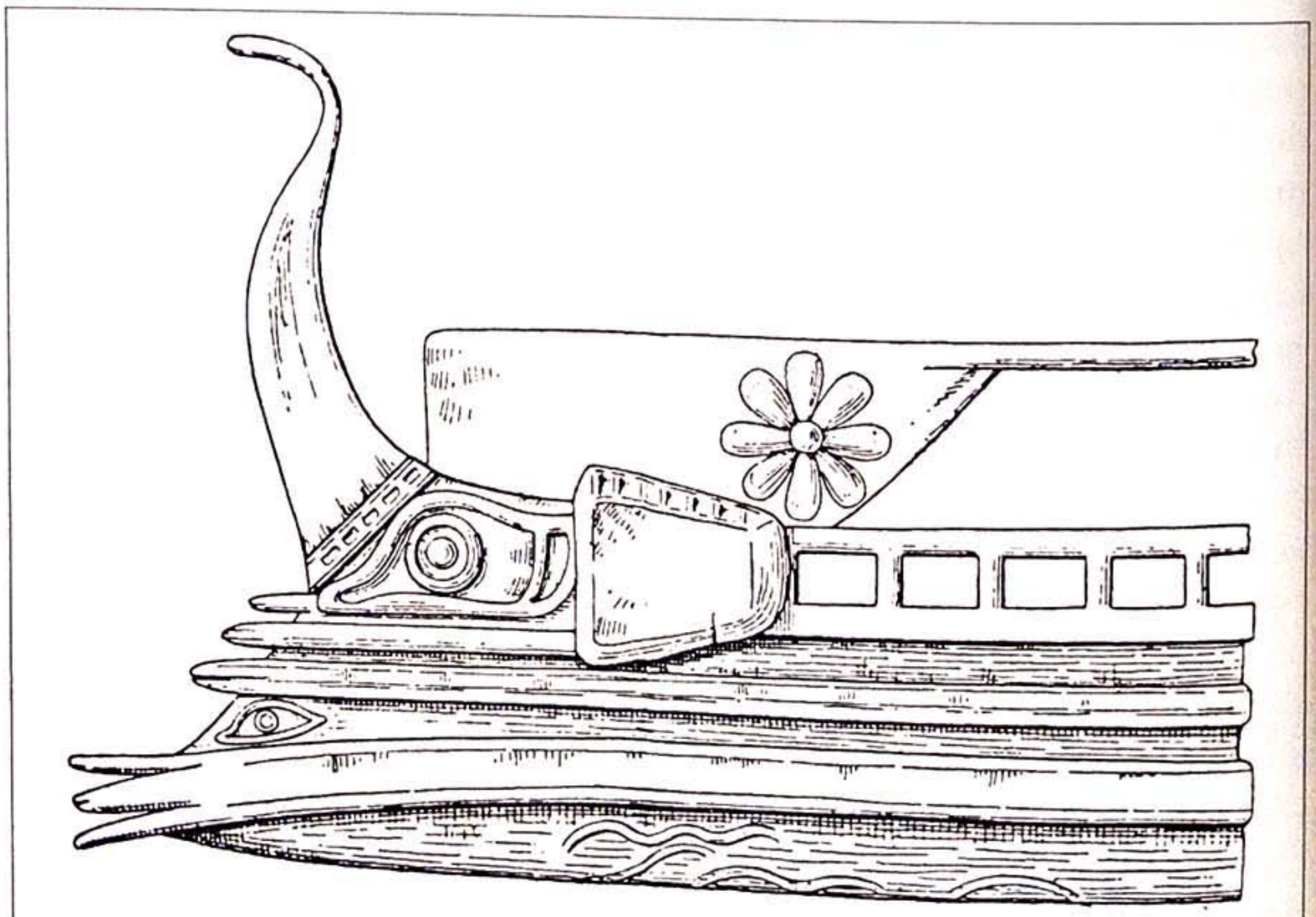


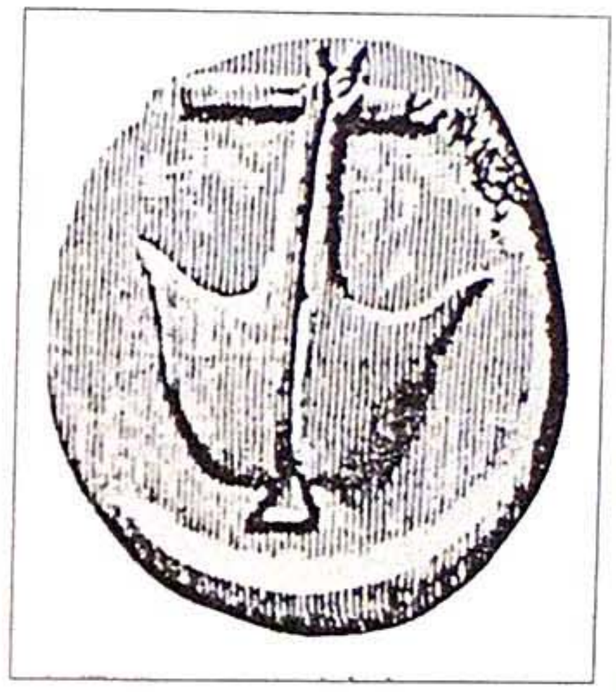
Ilustração procedente de uma moeda grega da Ásia Menor datada de cerca de 300 a.C. Ilustra um tipo de barco utilizado na época de Alexandre. O aríete, como costuma aparecer nas ilustrações tardias de barcos de guerra, tem três aguilhões, a substituir os anteriores desenhos em forma de cabeça de javali ou de um só aguilhão. No castelo de proa parece existir uma cabina e também suporta uma coberta superior, que se estende ao longo de todo o casco.

correntes, impossíveis de cortar. Em terra, os seus homens conseguiram lançar cabos desde o molhe e enlaçar algumas das rochas que os tirianos tinham atirado ao mar; então, arrastaram-nas para águas profundas, onde não constituíam qualquer perigo. Por último, desobstruiu-se os arredores da muralha e os baixéis de Alexandre fundearam sem serem incomodados.

Os tirianos, cada vez mais conscientes do perigo, perceberam que deviam desafiar a armada de Alexandre para alguma acção naval e decidiram atacar o contingente cipriota. Escolheram as quentes horas do meio-dia, quando se reduzia a vigilância dos sitiadores e o próprio Alexandre se retirava para a sua tenda para descansar. Os tirianos utilizaram três quinquerremes, três quadrirremes e sete trirremes com tripulações escolhidas e equipadas com as melhores armas que conseguiram reunir. As velas dos barcos tirianos foram utilizadas para ocultar os seus preparativos e os homens zarparam sem que os vigias inimigos, nem os que estavam posicionados no mar ou em terra, vissem a manobra. A flotilha tiriana saiu do porto setentrional em linha recta, com um ângulo que impedia o inimigo de a avistar. A bordo mantinha-se um silêncio sepulcral; os contramestres pararam de dar ordens aos remadores e emudeceram. Só quando tiveram os cipriotas à vista, se permitiram dar as pertinentes ordens de comando e rebentaram em gritos de guerra. Conseguiram lançar um formidável ataque de surpresa. Num primeiro momento, investiram e afundaram as quinquerremes do rei cipriota Pnitágoras, assim como as de Androcles e Pasícrates, das cidades cipriotas de Amato e Kurion, respectivamente. Outros barcos cipriotas viram-se obrigados a aproximarem-se da costa para fundear e foram destruídos. O ataque fora lançado quando a maior parte da frota cipriota estava indefesa.

No entanto, a sorte não sorriu por completo aos tirianos. Aconteceu que, naquele dia, Alexandre não fez a sua habitual sesta, tendo regressado quase imediatamente aos barcos. Ao ver o ataque do inimigo, reagiu sem demora e ordenou aos seus homens que subissem a bordo. As primeiras embarcações receberam ordens para bloquear a entrada do porto meridional e assegurar-se de que o inimigo não faria nenhuma outra saída a partir daquele lugar. Então organizou uma flotilha com um punhado de quinquerremes e umas cinco trirremes, e navegou à volta da cidade para desafiar o inimigo que tinha ousado sair.

A partir das ameias da cidade, os vigias tirianos observaram as manobras de Alexandre e tentaram alertar os seus compatriotas no mar e nas costas, mas os marinheiros estavam ensurdecidos pelo estrondo das suas próprias operações de resgate. Quando se aperceberam do que estava a acontecer, era já demasiado tarde; apenas um punhado de embarcações tirianas conseguiu regressar a tempo ao porto. As restantes ficaram inutilizadas pelos esporões dos barcos de Alexandre. Os homens do rei macedónio capturaram uma quinquerreme e uma quadrirreme. No entanto, não houve demasiadas baixas humanas, uma vez que as tripulações tirianas, como tantas vezes acontecia nas batalhas navais do mundo antigo, salvaram a vida nadando para terra.

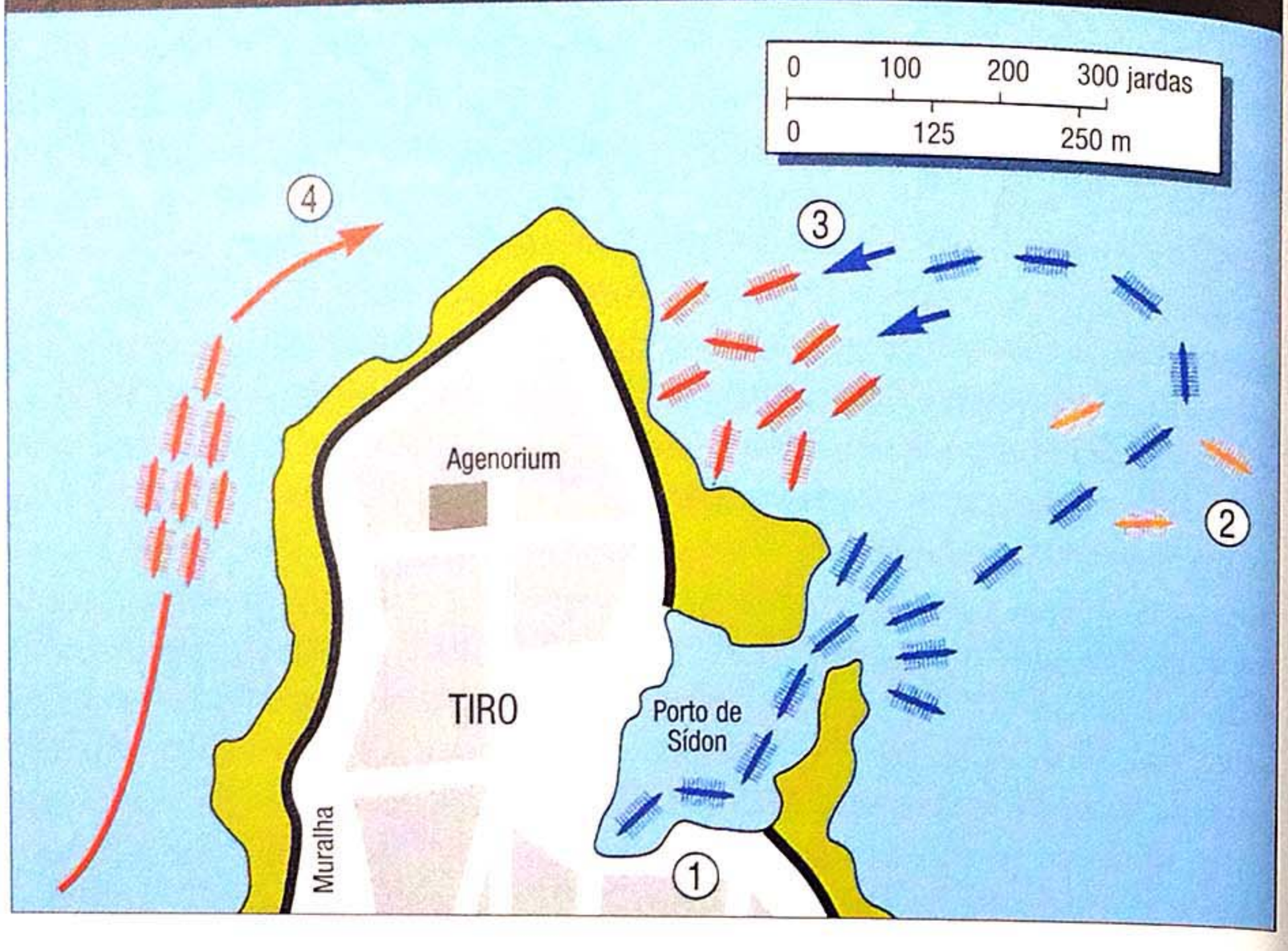


Moeda na qual se representa uma âncora, que data de cerca de 350 a.C., ou seja, da época de Alexandre. Ao contrário de outros tipos de âncoras antigas, esta tem um cabo. É tentador atribuir os largos braços da âncora à ignorância ou à falta de habilidade do artista, mas o peso máximo e um espaço de estiva mínimo eram sempre as principais considerações, pelo que se devem ter utilizado vários desenhos para o conseguir. Quando Alexandre fundeou os seus barcos de cerco por baixo das muralhas de Tiro, é provável que utilizasse âncoras deste tipo.

UMA BRECHA NA MURALHA

Agora, Alexandre sitiava as muralhas de Tiro de perto. O ataque dos defensores tinha tido um êxito limitado e o seu preço tinha sido demasiado alto. No entanto, as muralhas continuavam a constituir um enorme obstáculo.

SAÍDA DE TIRO



Meio-dia: os barcos de Alexandre permanecem fundeados praticamente sem defesa.
1. Galeras tirianas protegidas por barcos na entrada do porto.
2. Três barcos cipriotas afundados.
3. Outros barcos cipriotas levados para terra para serem reparados.
4. Alexandre aproxima-se.
Os barcos tirianos procuram refúgio, mas quase todos eles são atacados pela flotilha do rei da Macedónia (cinco trirremes e um punhado de quinquerremes) antes de poderem alcançar o porto. Para se salvar, as tripulações tirianas atiram-se ao mar e nadam para a costa.

A norte, o contingente grego rebocou máquinas de cerco, mas a solidez dos muros constituía um desafio para os seus esforços. A sul, os homens de Alexandre conseguiram infligir alguns danos a um sector da muralha e abriram uma pequena brecha por onde tentaram abrir caminho, mas os tirianos repeliram-nos sem demasiados problemas.

Após um intervalo de três jornadas, num dia com bom tempo Alexandre ordenou que se rebocassem mais máquinas de assalto até ao sector debilitado e que se ampliasse a brecha. Então aproximaram-se dois barcos com rampas de abordagem sob o comando de Admeto e Coeno, e abriram caminho para realizar um novo assalto; desta vez, o ataque estava a cargo das melhores tropas de Alexandre. Os hipaspistas eram conduzidos por Admeto, que se distinguiu pela coragem e pela valentia na acção. Os Companheiros a pé marchavam às ordens de Coeno, que mais tarde se tornaria um dos comandantes da confiança de Alexandre.

Ao mesmo tempo, os homens de Alexandre efectuaram ataques simulados e amplos movimentos de diversão à volta do perímetro da cidade, enquanto os barcos sitiadores tentavam aproximar-se das muralhas. Já se estavam a produzir tentativas de penetrar nos dois portos. O sector da muralha onde Alexandre tomava parte pessoalmente no assalto foi o primeiro a cair, e Admeto foi o primeiro homem a assaltar o muro. Ocuparam-se algumas das torres que coroavam as ameias, o que permitiu aos macedónios ficar com o controlo das muralhas-cortina de união. Rapidamente, os homens de Alexandre abriam passagem para a cidade.

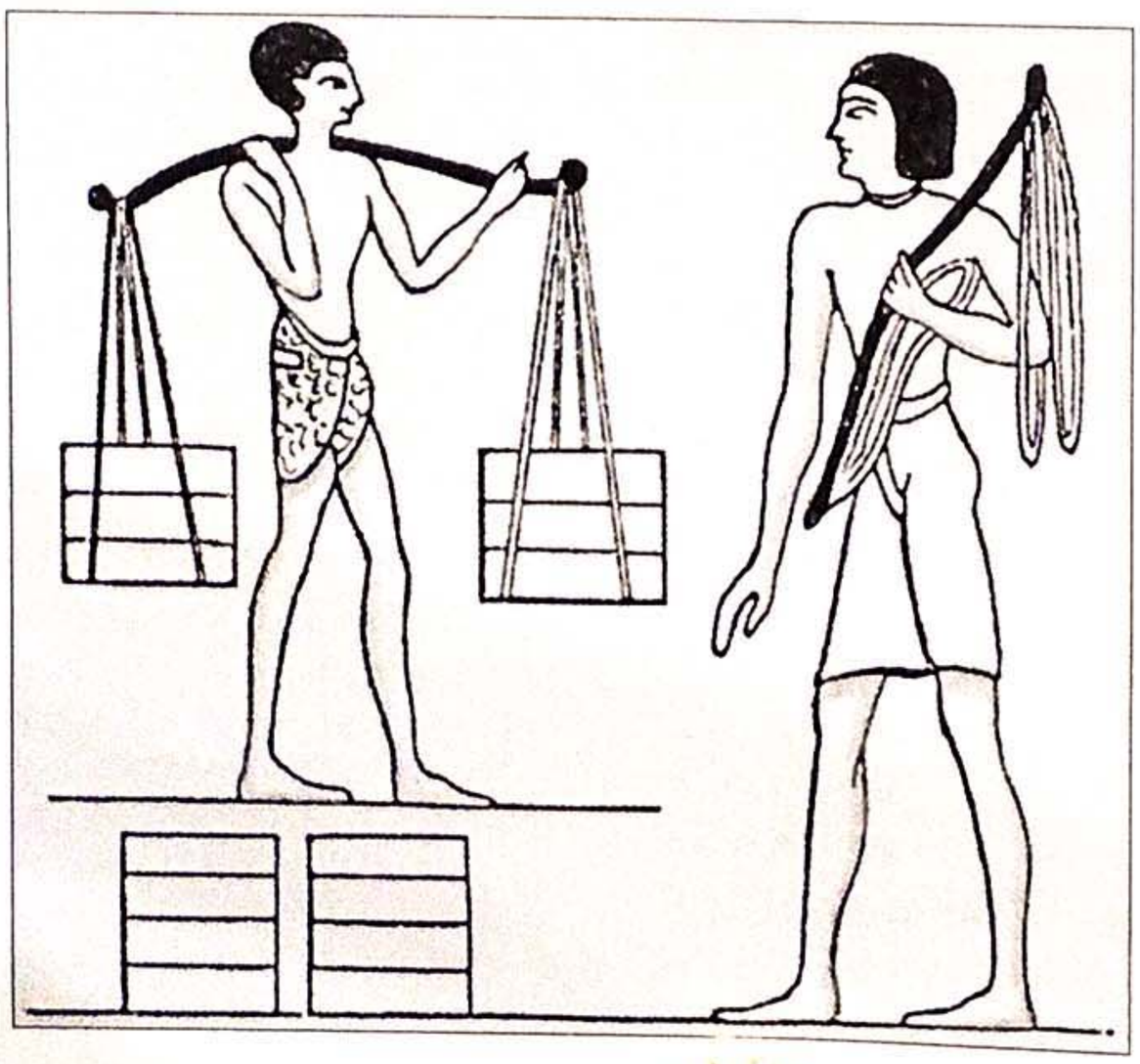


Ilustração de um túmulo egípcio que mostra um escravo a carregar tijolos feitos com barro do Nilo. Na Antiguidade era costume as muralhas das cidades serem construídas com este material, mas na época de Alexandre já eram habituais as defesas de alvenaria. Alexandre verificou que as muralhas de Tiro orientadas para terra estavam construídas com blocos de pedra unidos com argamassa, mas é possível que se utilizassem materiais mais fracos nas do sector meridional, viradas para o mar, onde Alexandre conseguiu abrir uma brecha.

TIRO: O PONTO FRACO

Assalto final à cidade de Tiro
1. Termina-se o segundo molhe de Alexandre.
As máquinas de cerco não podem fazer nada contra defesas tão poderosas.
2. Instalam-se máquinas de cerco nos barcos.
3. A frota de Alexandre (fenícios pelo sul e cipriotas pelo norte) bloqueia as entradas do porto, defendidas por barcos tirianos.
4. Táctica de diversão.
Os barcos ancoram por baixo das muralhas para as castigar e destruir, ou então aproximam-se delas para as atacar com projécteis.
5. Ataques de exploração.
6. Brecha (situação aproximada).

Os tirianos viram-se obrigados a abandonar as muralhas, mas continuavam a defender o Agenorium, no extremo setentrional da cidade, uma cidadela com o nome de Agenor, o lendário rei de Tiro. Muitos dos defensores morreram a lutar e outros foram dispersados por Alexandre e pelos seus hipaspistas. O rei macedónio entrou na cidade pelos portos e pelas muralhas. A frota fenícia quebrou a barreira flutuante e destroçou os barcos que esta protegia. No norte não havia barreira flutuante, e os cipriotas encontraram pouca resistência. As tropas de Coeno entraram na cidade, que se tornou o cenário de uma matança. Os macedónios estavam furiosos pelo prolongado cerco e por um incidente no qual os tirianos tinham matado uns prisioneiros diante dos olhos dos sitiadores.

Morreram 8.000 tirianos. Das forças de Alexandre, uns quatrocentos homens perderam a vida no cerco, entre eles vinte hipaspistas que caíram juntamente com o corajoso Admeto no assalto final. No momento do assalto havia na cidade muitos peregrinos cartagineses que, seguindo a tradição, visitavam a sua cidade-mãe para adorar Melcart, o Héracles fenício, em cujo templo se refugiaram. Alexandre perdoou-lhes a vida. Mas outros estrangeiros, juntamente com os sobreviventes tirianos, foram vendidos como escravos: cerca de 30.000 pessoas no total.

Então Alexandre resolveu oferecer um sacrifício a Héracles em agradecimento pela sua vitória. O rei da Macedónia assumiu a complacência do deus pelo tratamento que fora dado a uma cidade onde havia recebido honras supremas. O cerco prolongara-se por sete meses, desde Janeiro até Julho de 332 a.C..

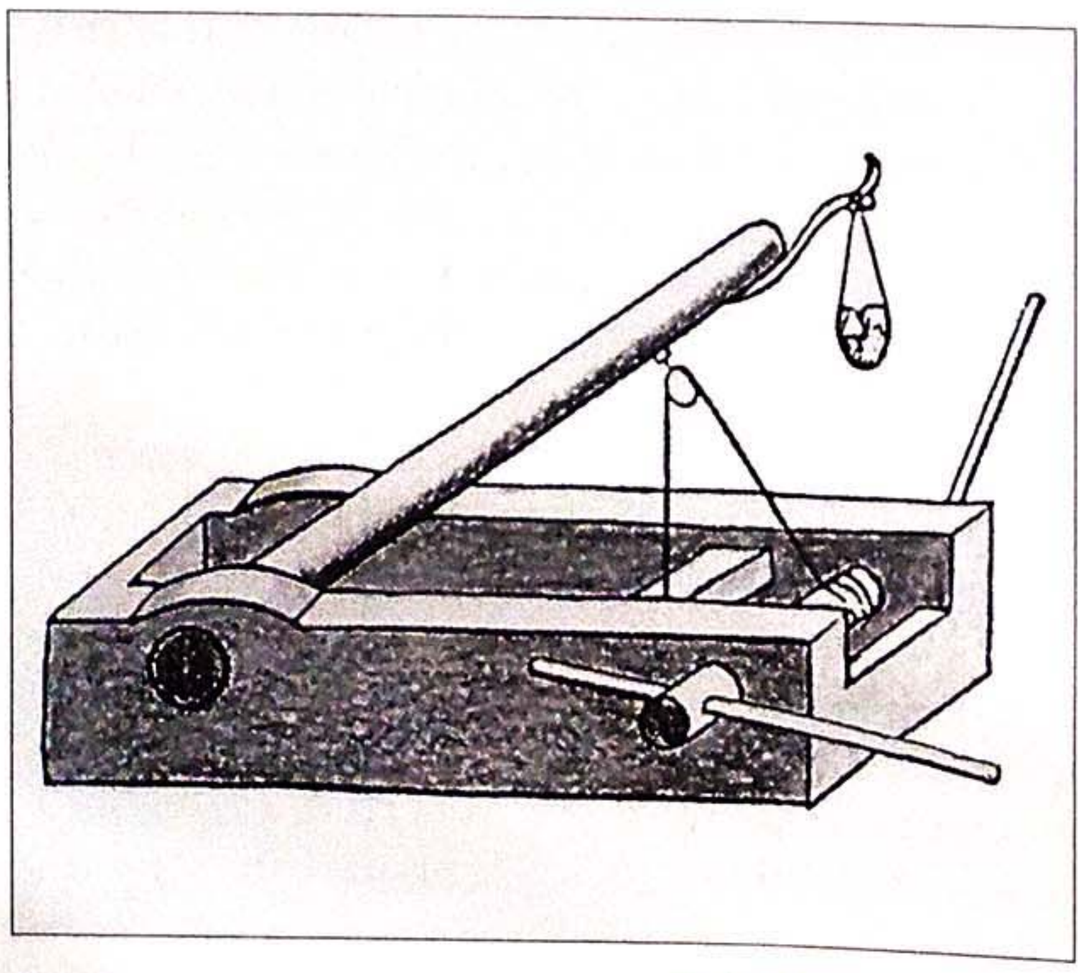
O INTERLÚDIO EGÍPCIO

Antes da tomada de Tiro, Alexandre recebeu uma missiva de Dario. O rei persa estava disposto a pagar um resgate de 10.000 talentos pelas damas persas da sua família e oferecia ao filho de Filipe todo o território persa situado a oeste do Eufrates e a mão da sua filha em casamento. Alexandre respondeu-lhe que já possuía e controlava essas terras, e que era livre de casar com a sua filha, contando com o seu consentimento ou sem ele. Se Dario queria pedir algum favor, devia fazê-lo pessoalmente.

Alexandre dirigiu-se para o Egipto em perseguição do seu próximo objectivo estratégico: assegurar toda a costa do Mediterrâneo Oriental. Nenhuma cidade se atreveu a oferecer resistência, salvo Gaza, uma fortaleza defendida com tanto empenho como Tiro. O seu governador fenício tinha recrutado numerosos mercenários árabes e dispunha de grandes armazéns de provisões. Mas, ao contrário de Tiro, Gaza não era uma ilha. Alexandre rodeou as muralhas da cidade com um terrapleno fortificado. Após algumas saídas e contra-saídas, Gaza caiu; a maioria da sua população masculina morreu na luta, e as mulheres e as crianças foram vendidas como escravas.

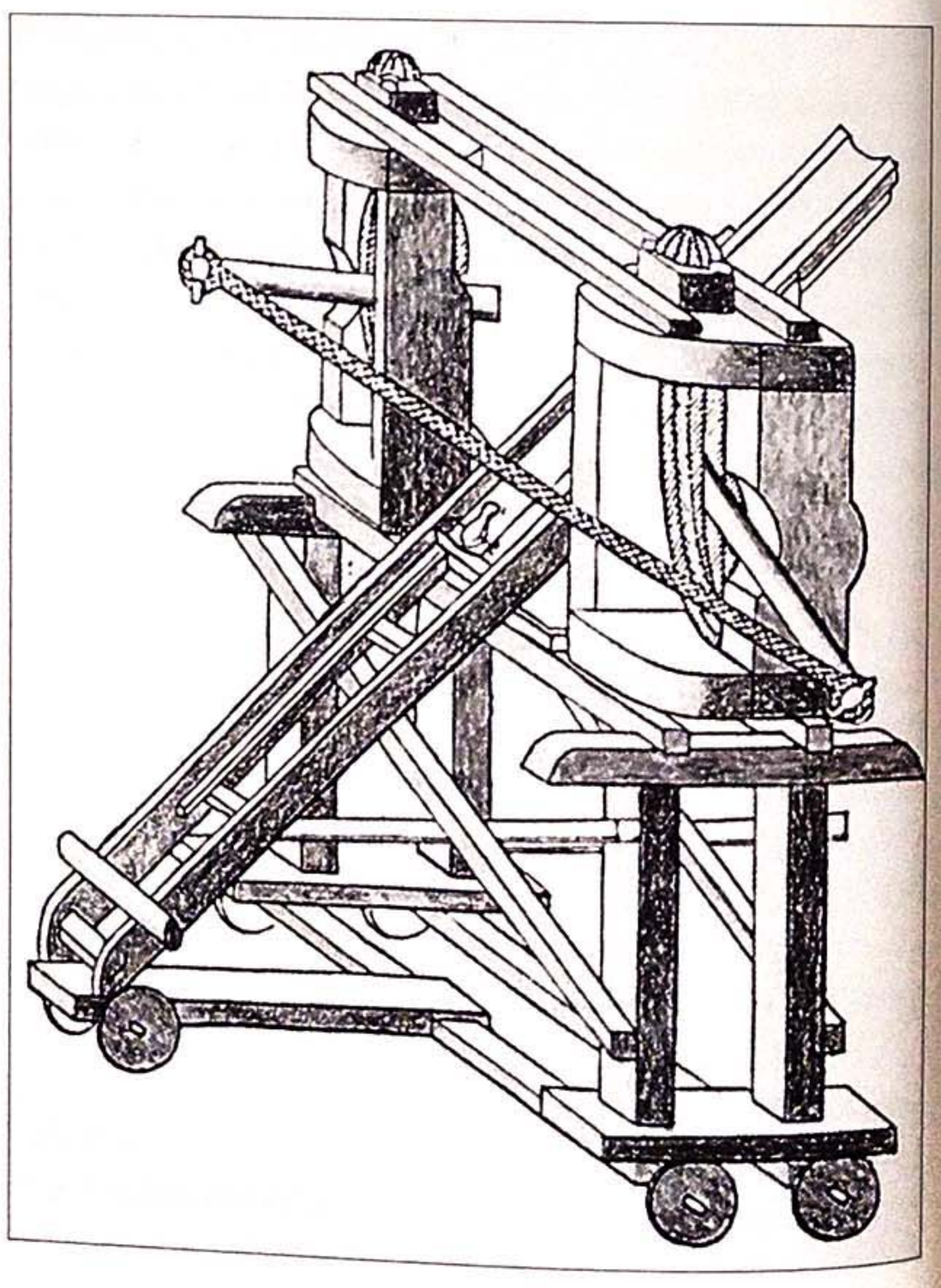
Com o exemplo de Tiro e Gaza, os egípcios não pretenderam em nenhum momento resistir a Alexandre. De qualquer forma, o Egipto, conquistado em 525 a.C. pelo rei persa Cambises, não era uma província como as outras do Império Persa. A resistência dos gregos às invasões persas realizadas nos anos 490 e 480 a.C. havia demonstrado que estes não eram invencíveis. Durante grande parte do século V a.C., o Egipto esteve intranquilo e verificaram-se algumas rebeliões, até que obteve a independência em 404 a.C. Só alguns anos antes da chegada de Alexandre foi reconquistado pela Pérsia. Sabaces, governador persa do Egipto, tinha morrido em Isso e o seu sucessor aceitou Alexandre sem problemas.

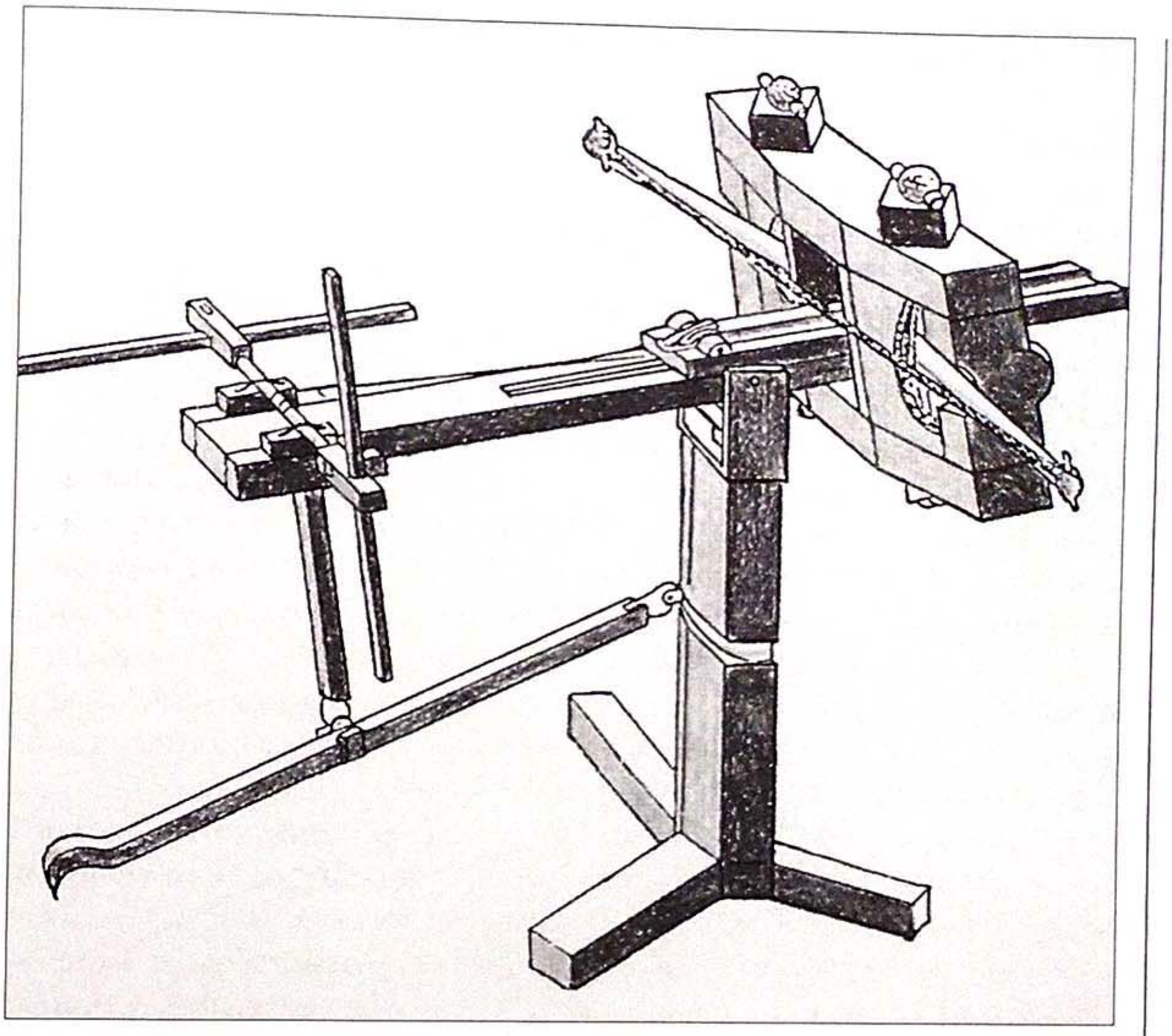
Para os egípcios, o rei da Macedónia era um libertador e ele, por sua vez, elogiou o sentimento nacional dos egípcios e honrou os seus deuses. Alexandre tomou o tesouro oficial de Mazaces, o novo governador, e estabeleceu uma guarnição em Pelusa, no extremo oriental do delta do Nilo. Percorreu o deserto e passou por Heliópolis e Mênfis,



EM BAIXO, À ESQUERDA **Catapulta de funda sem rodas, embora muito apropriada para os cercos. Nos séculos posteriores desenvolveram-se catapultas com maior mobilidade, embora se saiba que Alexandre já utilizou máquinas de artilharia nas suas operações de campanha. As balistas, montadas sobre uma base, mediam entre 1 e 1,50 m de altura. As catapultas de funda eram maiores e mais poderosas, mas também menos precisas.**

EM BAIXO **Filipe, pai de Alexandre, foi um importante pioneiro na utilização das catapultas na Grécia. Na imagen vemos uma catapulta lança-pedras *(lithobolos),* uma gigantesca máquina montada sobre uma plataforma de madeira para atirar pedras. É possível que tanto esta catapulta como a balista tenham sido inventadas antes de Alexandre iniciar o cerco de Tiro e que tenha utilizado tanto a balista como a catapulta de funda.**





Alexandre utilizou a artilharia de torção no cerco de Tiro. Os gregos costumam referir-se a estes artefactos com o nome de «catapultas» ou, por vezes, simplesmente como «máquinas» *(mechanai)*. A catapulta representada nesta ilustração é um oxibeles *(oxybeles)*, um lançador de setas. As modernas reconstruções desta máquina conseguiram um raio de alcance superior a 300 m.

a antiga capital egípcia e centro religioso, e regressou pelo Nilo até à sua foz a norte da Mareótida.

Nem sempre é possível encontrar um motivo estritamente militar para explicar os movimentos de Alexandre. Desde o Egipto atravessou o deserto para visitar o oráculo de Ámon no oásis de Siwa, no deserto Libico. É possível que a devoção ou a curiosidade o motivasse, ou talvez ambas. Diz-se que o oráculo saudou Alexandre como filho de Zeus, com quem se identificava o deus egípcio Ámon. Talvez Alexandre tenha interpretado à letra o que era uma fórmula de cortesia, mas nunca teve problemas para aceitar honras divinas.

Quando regressou a Mênfis, Alexandre reorganizou as administrações políticas do Egipto e substituiu os oficiais persas por egípcios, mas deixou as guarnições de Pelusa e Mênfis sob o comando dos seus próprios oficiais. Entretanto chegaram alguns reforços da zona do Egeu; eram quatrocentos mercenários gregos, juntamente com quinhentos ginetes trácios, às ordens de Antípatro. Hegéloco, o vitorioso comandante de Alexandre na costa setentrional do Egeu, também chegou ao Egipto com alguns prisioneiros, mas Farnabazo, o almirante persa feito prisioneiro em Quios, tinha conseguido fugir.

Regra geral, Alexandre escolhia bem os homens a quem entregava as suas administrações militares. Mas há sempre excepções, como o caso de um oficial civil chamado Hárpalo, a quem Alexandre encarregou do cofre de seu tesouro militar. Este homem, como tantos outros, tinha passado para o lado de Alexandre ao longo das contendas locais e das intrigas palacianas no tempo de Filipe, e tinha sofrido, como tantos outros, o castigo do exílio. Alexandre, ao subir ao trono, não se esqueceu dos exilados e recompensou-os com postos de confiança; uma confiança de que este homem, pelo menos, demonstrou ser indigno.

A QUEDA DE TIRO

Assalto final à cidade, Julho de 332 a.C.

9. **Os fenícios que se encontram na cidade, procedentes de Cartago, e o rei de Tiro refugiam-se no templo de Héracles (Melcart). Alexandre perdoa-lhes a vida.**

8. **Resistência final dos tirianos no Agenorium. Finalmente, caem vencidos; produz-se um massacre.**

5. **Ataques de diversão contra as muralhas com máquinas de cerco transportadas por mar.**

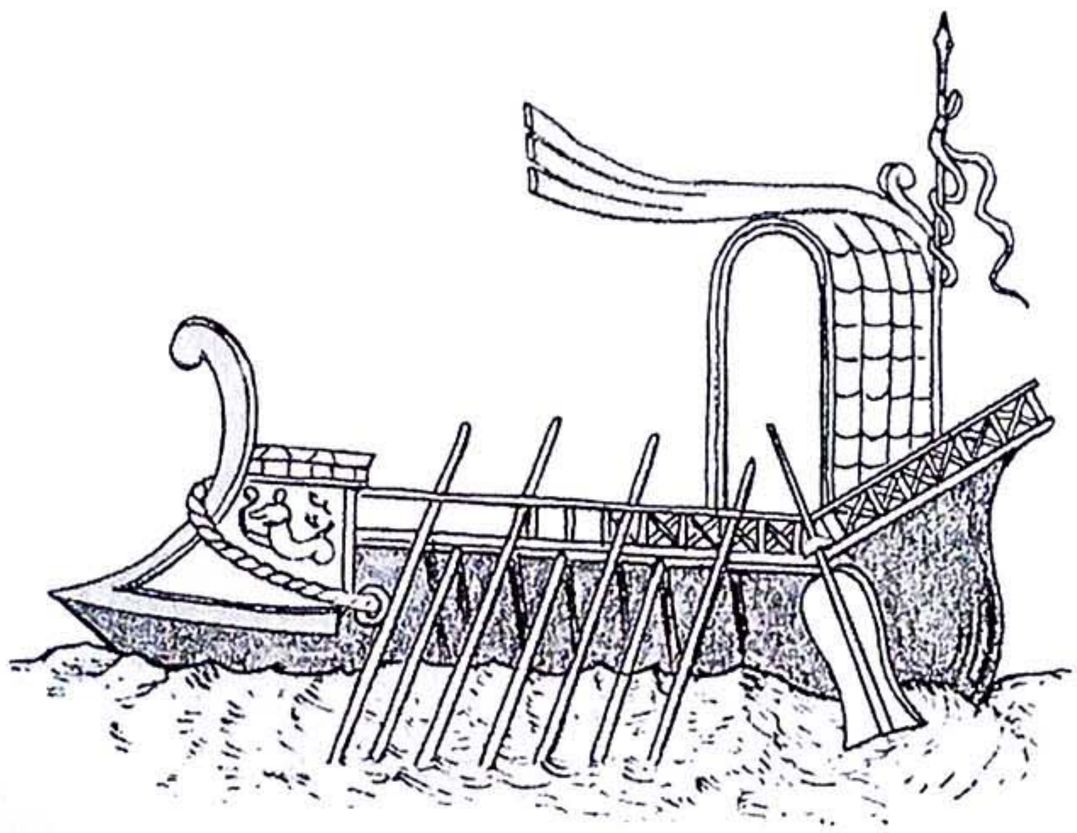
6. **A partida de assalto macedónia penetra pela brecha e chega às defesas da muralha, na parte superior. Tomada das torres adjacentes e descida à cidade pelo palácio real.**

Avanço dos macedónios pelas muralhas da cidade

5

4. **Abre-se uma brecha na muralha, mas os macedónios não conseguem entrar.**

3. **Alexandre tenta abrir uma brecha na muralha. Operações de exploração.**



Barco copiado de um mármore romano; apesar de não estar feito à escala nem ter as proporções reais, ilustra a prática dos antigos. Na proa pode ver-se uma corda da âncora; supostamente, a âncora está içada e descansa na coberta do baixel. Em geral, os barcos gregos ancoravam muito perto da costa e a proa mantinha-se nas águas profundas; a âncora mantinha o barco nessa posição.

1. **As máquinas de cerco montadas sobre o molhe (provavelmente terminado no início da Primavera) foram inúteis contra as enormes ameias.**

2. **As máquinas de cerco situadas nos barcos também eram completamente ineficazes contra as fortificações em terra.**

O porto de Sídon é defendido pelo remanescente da frota de Tiro e com barreiras flutuantes

Frota cipriota

Segundo molhe de Alexandre (agora terminado)

Velho Tiro *(Palaeotyros)*

O porto do Egipto defendido pelo remanescente da frota de Tiro

7. **Ataque das frotas que bloqueiam o porto. As barreiras flutuantes do outro lado do porto meridional são derrubadas e os defensores, agora expostos aos ataques simultâneos a partir de terra e mar, são arrasados.**

Frota fenícia

Ilha de Héracles (Melcart)

Veja-se que no momento de localizar a brecha aberta por Alexandre há que escolher entre a referência de Arriano à muralha meridional, orientada para o Egipto, ou a de Diodoro, que afirma que o assalto teve lugar nas imediações da base naval, um ponto onde a muralha era bastante fraca. A muralha à volta do templo estava relativamente perto do porto meridional, e é possível que fosse mais fraca que as da cidade, mas é ilógico que este recinto, durante um cerco que se prolongou sete meses, tenha ficado completamente desprotegido, tal como se diz em algumas ocasiões. Esse recinto pode ter sido um trampolim para os macedónios.

É verdade que Hárpalo não ficou no Egipto, mas serviu no exército como tesoureiro, enquanto outros foram destinados ao tesouro do Egipto. No entanto, chegou um momento em que Hárpalo voltou a estar em condições de abusar do seu cargo, e não pensou duas vezes.

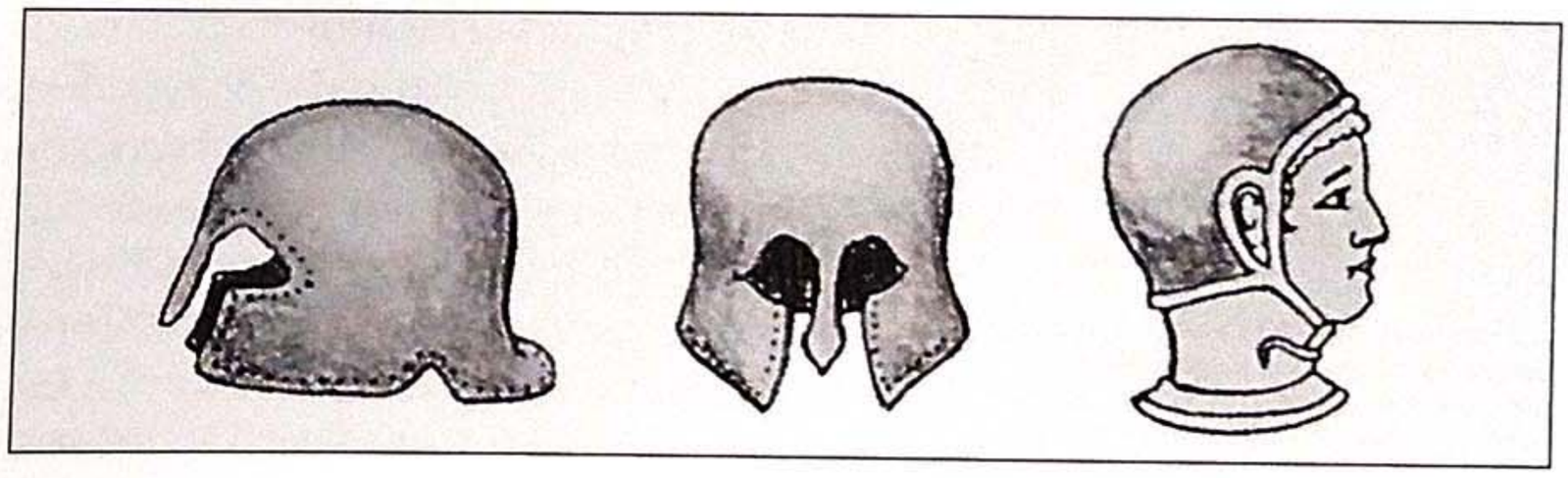
Alexandre já tinha terminado a primeira fase da sua grande estratégia. Assegurou firmemente a costa oriental do Mediterrâneo depois de alcançar a cidade de Tápsaco, junto ao rio Eufrates, no mês de Agosto daquele mesmo ano. As forças de Dario, sob o comando do seu oficial Maceo, entravaram a guarda macedónia quando tentou atravessar o rio Eufrates, mas então chegaram notícias de que o próprio Alexandre se aproximava. Com 3.000 ginetes no total, não podiam proceder de outro modo.

Depois de atravessar o Eufrates, Alexandre não se dirigiu para a Babilónia, que parecia o seu objectivo mais evidente, mas regressou para o norte, contornando as colinas das montanhas arménias, onde era fácil saquear e o calor era menos asfixiante. Mas é provável que já suspeitasse, tal como os seus exploradores lhe confirmaram pouco depois, que Dario o esperava na outra margem do Tigre, disposto para cair sobre a sua retaguarda se avançasse para sul. Ao mesmo tempo, pelas informações que lhe chegaram, parecia que os persas tentariam cortar-lhe a passagem se tentasse vadear o rio. De facto, o ponto mais alto do Tigre, por onde Alexandre acabou por vadeá-lo, não estava defendido. Aquilo não implicava que fosse fácil vadeá-lo, já que os seus homens corriam perigo de ser arrastados pela corrente e, depois de superar o obstáculo, necessitavam de um bom descanso.

O Tigre não era a única ameaça natural que Alexandre teve de enfrentar. Um eclipse da Lua provocou alaridos de supersticioso terror entre os seus soldados, num episódio que poderia ter derivado num motim. Mas os adivinhos egípcios que acompanhavam o rei, pela sua sabedoria e respeito pela tradição oriental, foram úteis, pois sabiam que os eclipses lunares eram provocados por movimentos regulares do Sol, da Lua e da Terra. Completava os seus conhecimentos de astronomia um conhecimento também profundo da natureza humana e, em vez de tentar de explicar aos soldados os movimentos dos corpos celestes, declararam que o eclipse era um bom augúrio que preconizava a vitória de Alexandre num futuro próximo. Os soldados tranquilizaram-se com esta explicação; aqui temos pelo menos uma prova de que os egípcios apoiavam a causa da Macedónia.

A BATALHA DE GAUGAMELA

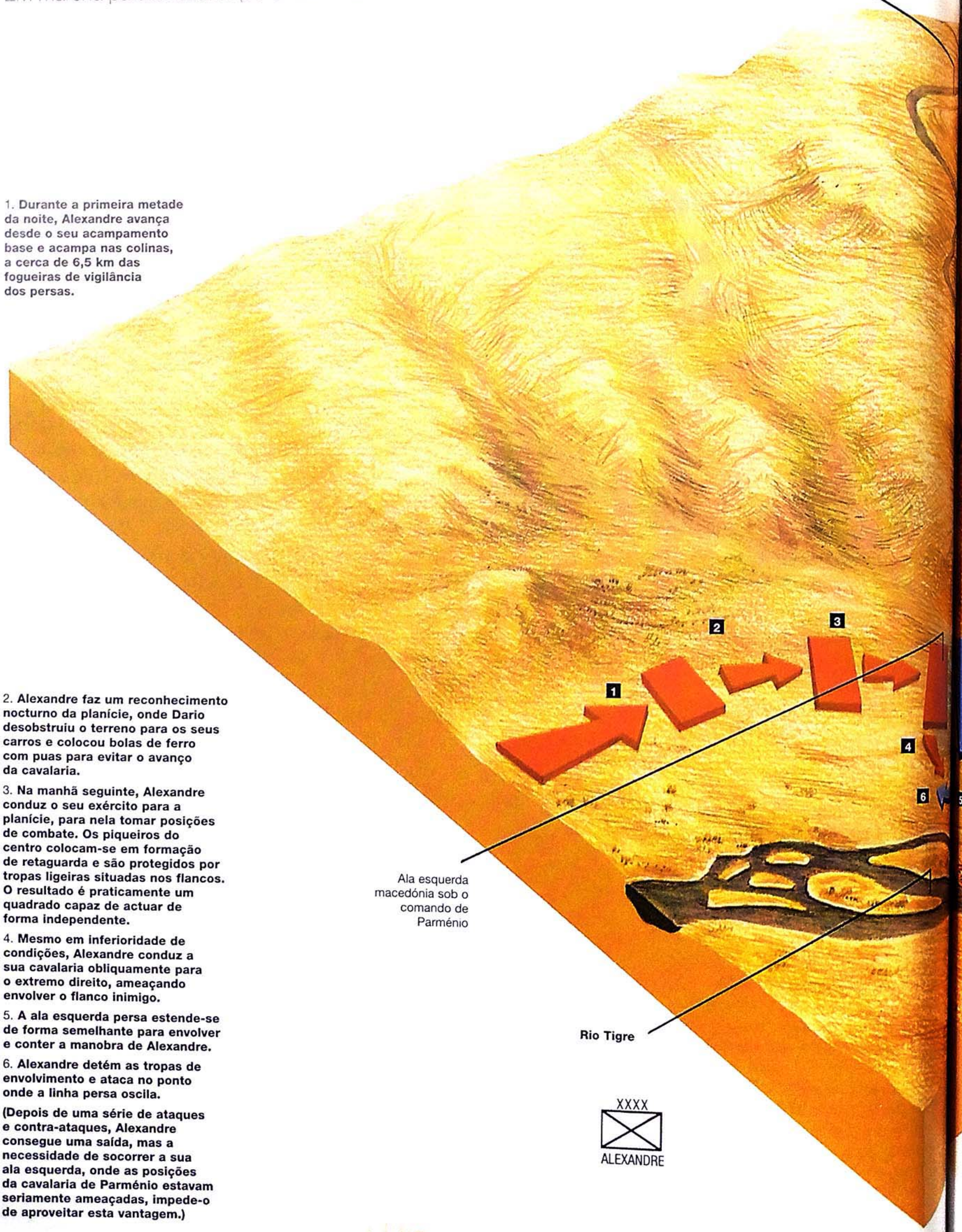
Quatro dias depois de atravessar o rio Tigre, os exploradores de Alexandre avistaram ao longe a cavalaria persa. Após ser informado, Alexandre colocou o seu exército em ordem de batalha e, assim formados, avançaram lentamente. Mais tarde, as informações dos exploradores revelaram que essa força persa era apenas um destacamento não superior a 1.000 homens. Alexandre ordenou ao seu exército que avançasse ao mesmo ritmo e ele adiantou-se com o seu esquadrão real e com um destacamento de ginetes ligeiros peónios. Os persas empreenderam a fuga quando o viram aproximar-se, mas o rei da Macedónia perseguiu-os, matou alguns e fez os restantes prisioneiros. Dos que fez prisioneiros obteve uma valiosa informação sobre a força e o movimento do exército de Dario, e dos vários contingentes que o formavam. O Império Persa, apesar dos territórios da Ásia Menor, Egipto e costa do Levante que Alexandre lhe tinha arrebatado, continuava a ser enorme e o seu potencial militar, formidável.



Nestas ilustrações podem ver-se os capacetes mais simples para serem comparados com os mais ornamentados. O simples, mas bem moldado, capacete coríntio (imagem superior) já tinha desaparecido na época de Alexandre. O tipo que os arqueólogos conhecem com o nome de «capacete trácio» (à direita), com dobradiças e penacho ao vento, era mais habitual nos finais do século IV a.C. O conhecimento que hoje se tem dos capacetes ornamentados procede mais das representações antigas do que de exemplares conservados.

GAUGAMELA: PRIMEIRAS MANOBRAS

Em marcha para a batalha (30 de Setembro-1 de Outubro de 331 a.C.)



1. **Durante a primeira metade da noite, Alexandre avança desde o seu acampamento base e acampa nas colinas, a cerca de 6,5 km das fogueiras de vigilância dos persas.**

2. **Alexandre faz um reconhecimento nocturno da planície, onde Dario desobstruiu o terreno para os seus carros e colocou bolas de ferro com puas para evitar o avanço da cavalaria.**

3. **Na manhã seguinte, Alexandre conduz o seu exército para a planície, para nela tomar posições de combate. Os piqueiros do centro colocam-se em formação de retaguarda e são protegidos por tropas ligeiras situadas nos flancos. O resultado é praticamente um quadrado capaz de actuar de forma independente.**

4. **Mesmo em inferioridade de condições, Alexandre conduz a sua cavalaria obliquamente para o extremo direito, ameaçando envolver o flanco inimigo.**

5. **A ala esquerda persa estende-se de forma semelhante para envolver e conter a manobra de Alexandre.**

6. **Alexandre detém as tropas de envolvimento e ataca no ponto onde a linha persa oscila.**

(Depois de uma série de ataques e contra-ataques, Alexandre consegue uma saída, mas a necessidade de socorrer a sua ala esquerda, onde as posições da cavalaria de Parménio estavam seriamente ameaçadas, impede-o de aproveitar esta vantagem.)

Gaugamela (Tel Gomel)

Linha de avanço persa
a partir de Arbela

Acampamento base de Dario

Ala direita persa sob o comando de Maceo

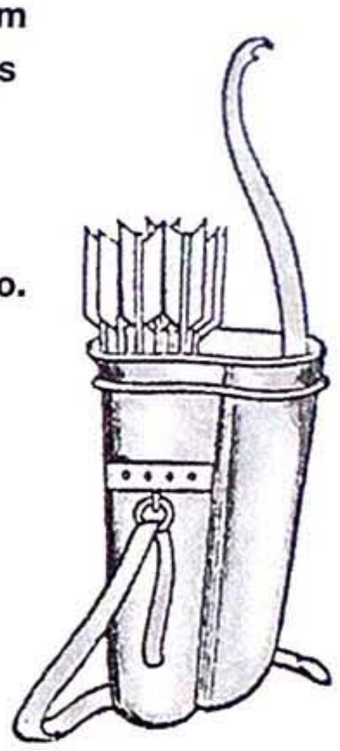
Contingentes citas
e bactrianos

Dario com a sua guarda pessoal e os seus familiares no
centro; frente a eles há um grupo de elefantes e 50 carros

Ruínas de Nínive

XXXX
DARIO

Os arqueiros gregos carregavam às costas uma aljava para setas *(pharetra)*, mas os asiáticos costumavam levá-la na anca esquerda. O típico *gorytos* cita servia também para levar o arco.



Veja-se que Nínive, destruída em 612 a.C., já estava em ruínas na época de Alexandre. A aldeia de Gaugamela devia ser a localidade que estava mais perto do campo de batalha.

AVANÇO PARA GUAGAMELA

Bessos, sátrapa da Bactriana, nos domínios do nordeste do Império Persa (correspondentes à zona setentrional do actual Afeganistão e dos seus territórios adjacentes), pôs-se à frente de um exército dessa região, que também incluía uma unidade de indianos. Outros contingentes eram formados por citas da Ásia, aracosianos (do sul do Afeganistão), hircanos do sul do Cáspio e os seus vizinhos orientais, os arianos, sob o comando do sátrapa Satibarzanes. Também foram recrutados homens das tribos do golfo Pérsico, medas e outros povos das regiões de Susa e Babilónia; os sírios da Mesopotâmia estavam às ordens de Maceo, comandante que gozava da confiança de Dario. O contingente reunido somava 40.000 ginetes de cavalaria, 1.000.000 de soldados de infantaria, 200 carros citas e cerca de 15 elefantes, proporcionados pelos indianos do oeste do Indo.

Este exército tinha acampado perto de Gaugamela (que significa literalmente, «casa do camelo»), uma aldeia situada na margem do rio Bumodos, 121 km a oeste de Arbela. Depois de admitir os erros que cometeu em Isso, Dario escolheu uma ampla planície como campo de batalha, de onde podia manobrar a sua cavalaria e utilizar os seus carros em todo o seu potencial. O rei persa mandou nivelar o terreno nas zonas irregulares para facilitar a táctica dos carros.

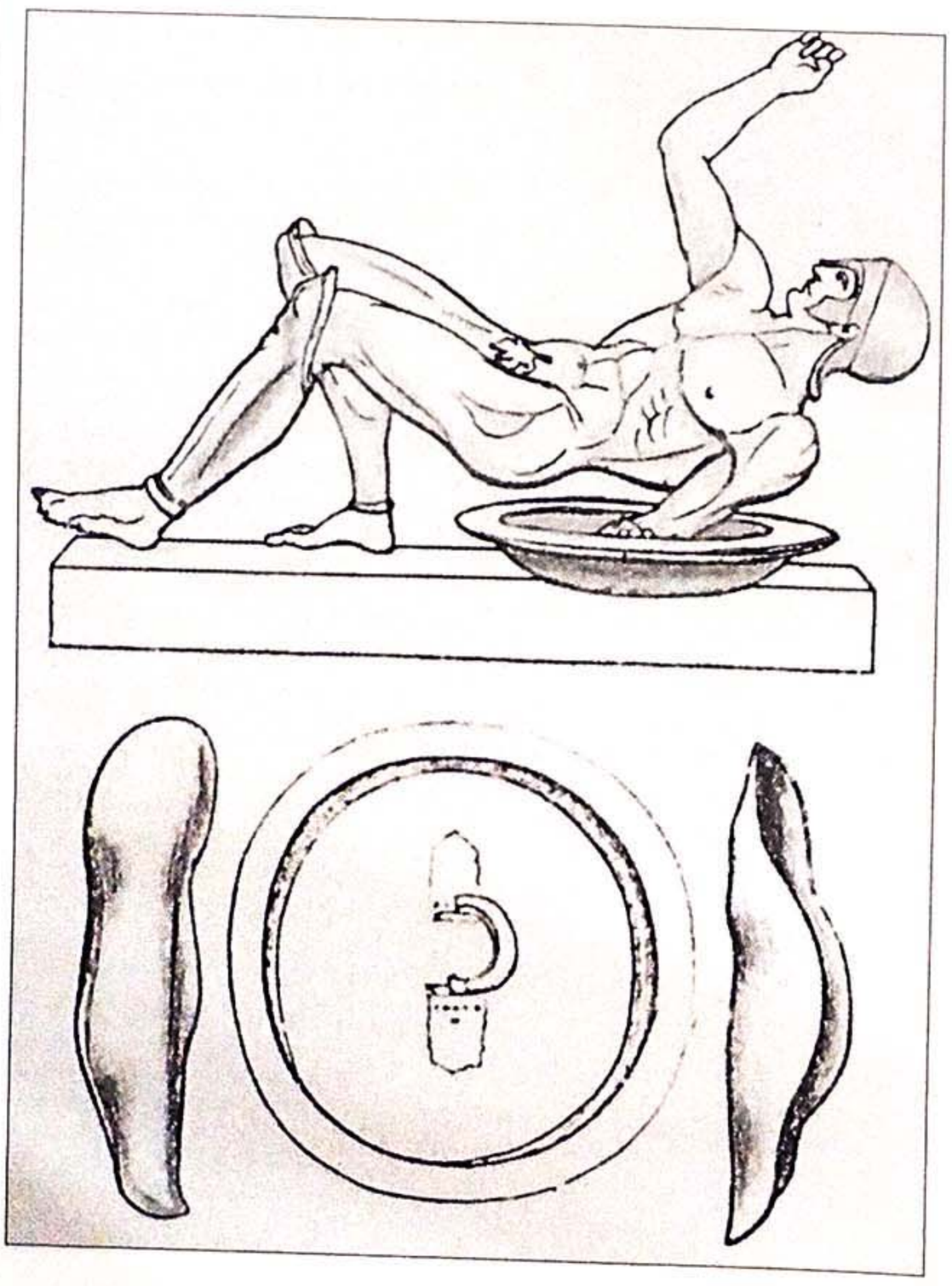
Logo que Alexandre soube que Dario o esperava, parou o seu avanço e estabeleceu um acampamento, que fortificou com uma vala e uma paliçada. Deixou aí o seu equipamento e os seus animais de carga, juntamente com alguns soldados, tropas não combatentes e prisioneiros, e à noite pôs-se à frente dos seus soldados, avançando em ordem de batalha somente com as suas armas. O seu propósito era defrontar o inimigo ao amanhecer. Cerca de 11 km separavam os acampamentos de ambos os exércitos, e entre eles interpunha-se uma cadeia de colinas que os impedia de se verem mutuamente.

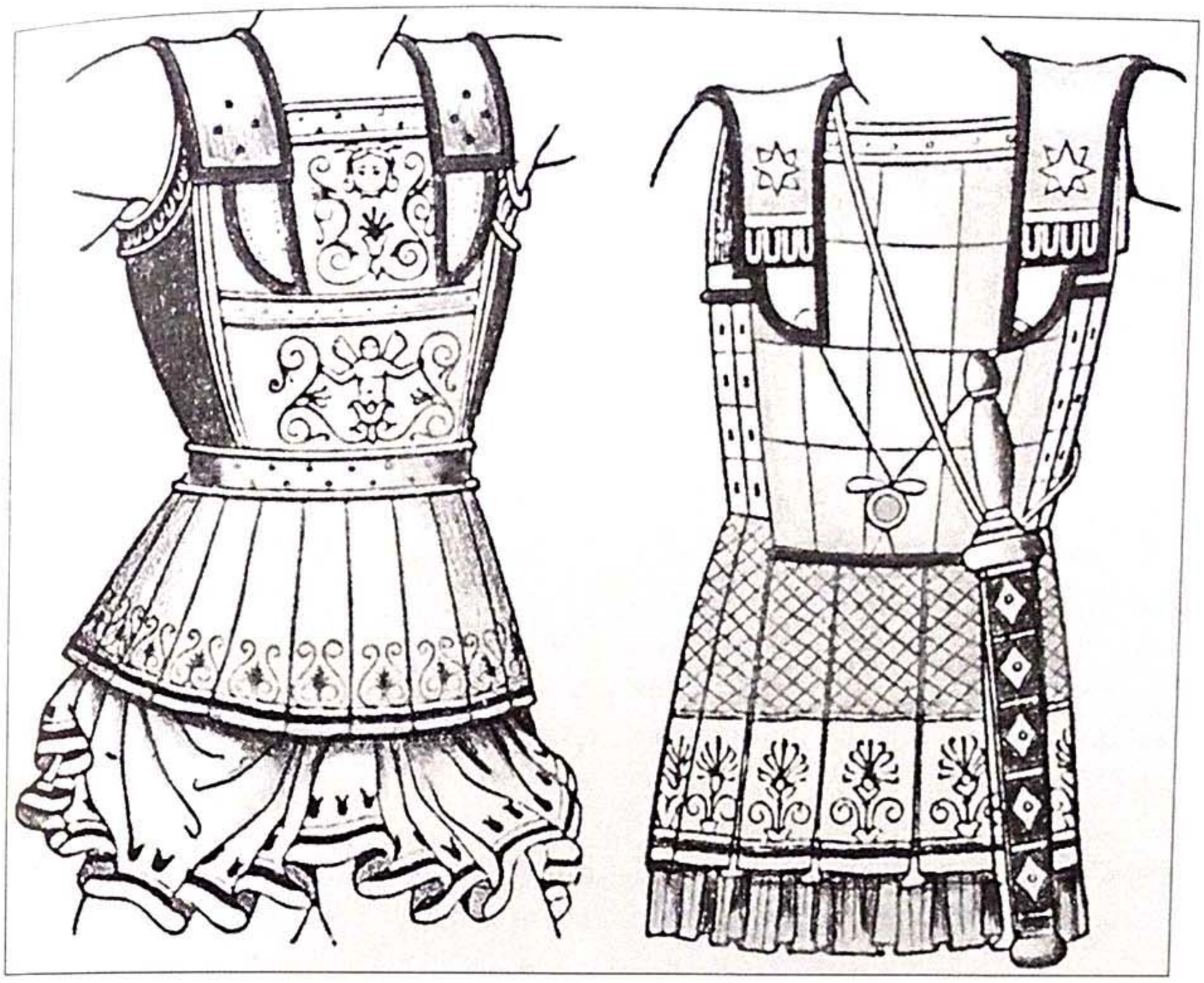
Alexandre partiu com a sua força de batalha no segundo turno de vigilância nocturno, provavelmente algumas horas antes da meia-noite. Depois de percorrer metade da distância entre o seu acampamento e o do inimigo, chegou ao cimo das colinas: dali conseguiu ver as posições persas, iluminadas pelas fogueiras de vigilância.

As colinas onde os macedónios se detiveram deviam estar praticamente despidas, e Alexandre deslocou o seu exército para a batalha. O rei macedónio realizou um conselho com os seus comandantes, no qual se decidiu acampar naquele mesmo lugar, dispostos em linha de batalha.

Alexandre reuniu um corpo do contingente de cavalaria dos Companheiros e algumas tropas ligeiras, e foi reconhecer o campo de batalha que Dario tinha escolhido na planície. É bastante provável que o luar lhe permitisse proceder deste modo, já que nesta zona do Médio Oriente pode ser muito brilhante. No entanto, deve ter-se mantido à distância das linhas inimigas porque o seu

Ilustração de um guerreiro caído baseada numa escultura encontrada em Egina, na qual se podem ver pormenorizadamente as caneleiras, com as correias apertadas aos tornozelos. No desenho inferior, que mostra um escudo e umas caneleiras de bronze, aparecem uns objectos achados num túmulo etrusco. Devem ter sido feitos à semelhança dos utilizados pelos gregos, ou talvez lhos tenham sido comprados.





Na Antiguidade, os gregos fabricavam os *thorax* ou couraças com camadas de linho sobrepostas. As couraças de metal e as peças para as costas ofereciam maior protecção, mas também eram mais pesadas. Na época de Alexandre fabricavam-se sofisticadas couraças combinando o metal com materiais perecíveis. Uma peça característica de quase todos eles eram as ombreiras, que se atavam sobre o peito.

Gravura de um antigo camafeu que representa o herói Aquiles, a quem Alexandre honrava de maneira muito especial. No entanto, as armas e a armadura de Aquiles pertencem a uma época histórica comparativamente tardia. A protecção em metal do peito reproduz a forma dos músculos do corpo, um tipo de couraça que os arqueólogos denominam «couraça anatómica». Pode ver-se que o guerreiro leva a espada pendurada no ombro com uma correia *(telamon)*. A inscrição em grego corresponde ao nome do artista.

plano não contemplava um confronto nocturno. De facto, quando Alexandre regressou às posições macedónias, diz-se que Parménio sugeriu lançar um ataque nocturno para tentar surpreender os persas. A resposta do rei macedónio foi inesperada: seria uma pena roubar uma vitória desta maneira. Regra geral, convidava os seus oficiais a darem a sua opinião, mas tomava sempre as suas próprias decisões sem se sentir obrigado a tê-las em consideração. Embora fosse aconselhável atacar sempre à noite, e Alexandre surpreendesse quase sempre os seus inimigos com rápidos ataques nocturnos, desta vez preferiu lutar à luz do dia.

No entanto, parece que os persas temiam um ataque destas características, pois não levantaram nenhum acampamento e esperaram aborrecidos toda a noite, com as armas à mão, em formação de batalha. É verdade que os macedónios também não contavam com um acampamento fortificado nas suas posições, mas como a colina oferecia uma defesa natural que o contingente de carros de Dario não podia passar, sentiam-se bastante seguros para pararem para comer e para descansar.

A ordem de batalha dos persas é conhecida com bastante precisão, já que as instruções escritas por Dario viriam a ser capturadas mais tarde. O flanco esquerdo, em frente do próprio Alexandre e do flanco direito macedónio, estava a cargo da cavalaria bactriana e dos citas asiáticos e aracosianos. Os persas ocupavam o centro, onde, segundo a prática habitual, se encontravam também o rei e o seu séquito. Apoiavam o flanco direito as tropas da Síria, da Mesopotâmia e do golfo Pérsico. Uma força de avanço protegia o flanco esquerdo. Esta força era formada pela cavalaria cita, 1.000 bactrianos e 1.000 carros citas. Os elefantes, juntamente com meia centena de carros, estavam localizados

em frente de Dario. Os mercenários gregos, com as tropas persas situadas de ambos os lados, também se colocaram na frente do sector central. Aquelas eram as únicas forças que podiam defrontar a falange macedónia. O exército de Alexandre era formado por cerca de 40.000 soldados de infantaria e 7.000 ginetes de cavalaria.

NA BATALHA

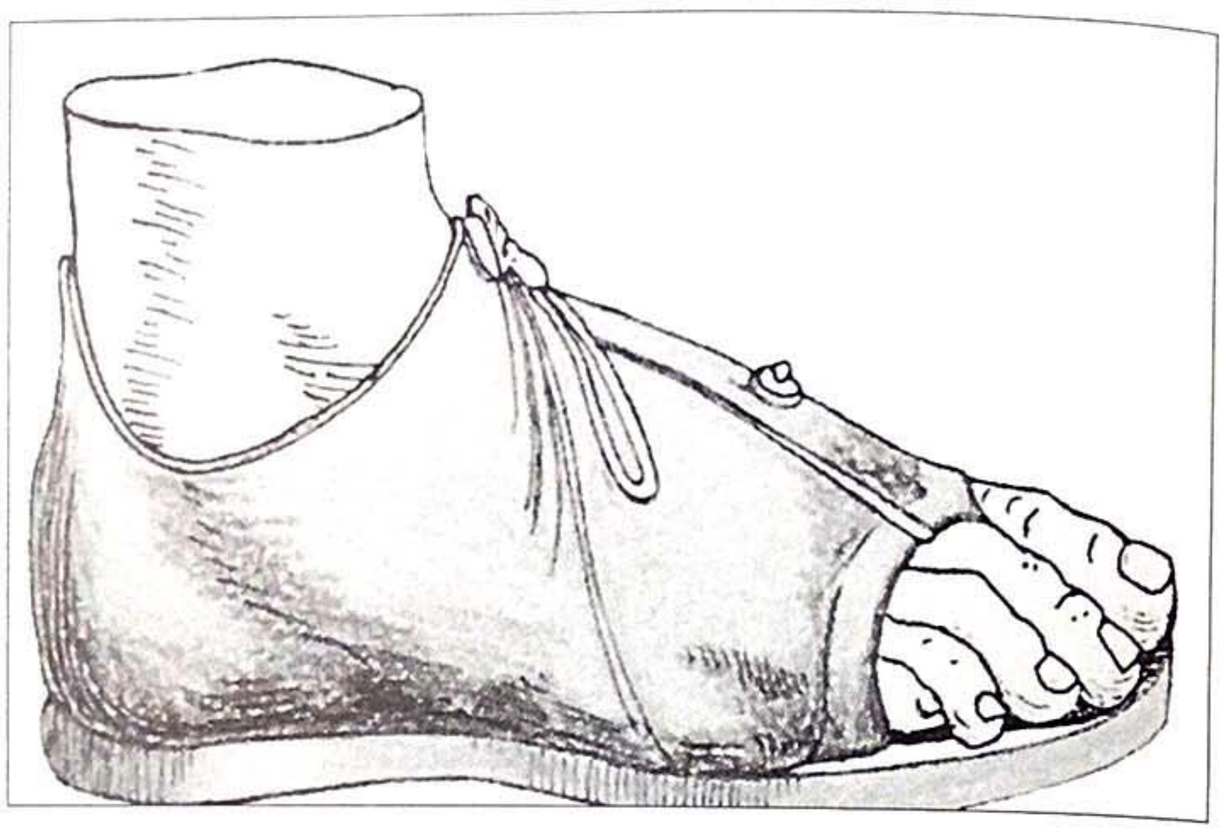
Na táctica grega e macedónia, o flanco direito tinha sempre tendência para contornar a ala esquerda do inimigo. Era uma consequência natural de levar as lanças na mão direita; o homem situado no bordo direito tendia a deslocar-se para o exterior para ganhar mais espaço para o seu cotovelo e poder desferir golpes com mais eficácia. Era inevitável que os que lutavam à sua esquerda seguissem o seu movimento para o exterior para manterem a sua linha intacta e impedirem que se abrisse uma brecha na formação, pelo que, a pouco e pouco, enquanto cada um dos homens se aproximava do seu companheiro da direita, a falange inteira se deslocava nessa direcção. Embora isso conduzisse a um envolvimento do flanco esquerdo do inimigo, a força que efectuava o movimento corria sempre o risco de perder o contacto com o seu próprio centro e abrir uma brecha, que o inimigo podia aproveitar.

Na táctica de Alexandre, este perigo transformou-se num risco calculado. Sempre alerta, o general macedónio tomou medidas para as neutralizar. Em primeiro lugar, a cavalaria do flanco direito, que ele comandava pessoalmente, estava sob o seu controlo e podia retroceder para socorrer o centro da falange, até mesmo em embriagadores momentos de vitória e perseguição. Em segundo lugar, a falange estava organizada, até certo ponto, como uma unidade independente e auto-suficiente, que mantinha a sua posição e a sua função a todo o custo até à chegada de ajuda.

Em nenhuma das batalhas de Alexandre estes cálculos teóricos foram tão evidentes como em Gaugamela. Sabendo que era muito provável que a falange macedónia ficasse isolada enquanto ele e a sua cavalaria lutavam no extremo direito, tomou medidas excepcionais para salvaguardar a sua posição. Em primeiro lugar, reforçou-a com uma formação dupla de retaguarda, que no caso de cerco podia receber e enfrentar o inimigo a partir da posição contrária. Também decidiu que a falange devia estender as suas linhas no último minuto, antes de se incorporar à batalha, e para a proteger — pelo menos enquanto se estava a levar a cabo esta operação —, colocou uma formação em forma de meia-lua de arqueiros agrianos e macedónios em ambos os flancos.

De acordo com alguns relatos antigos, parece que, na manhã da batalha, Alexandre estava a dormir, e que os seus oficiais, conscientes de que necessitava de descansar, hesitaram em acordá-lo. De qualquer forma, a luta deve ter começado quando o Sol já estava bem alto no céu. Os dois exércitos avançaram um para o outro lentamente em linha de batalha, e ambos realizaram uma série de manobras preliminares cautelosas e calculadas.

A ampla planície favorecia Dario, pois permitia-lhe aproveitar-se da sua superioridade numérica. Os persas começaram a envolver o exército de

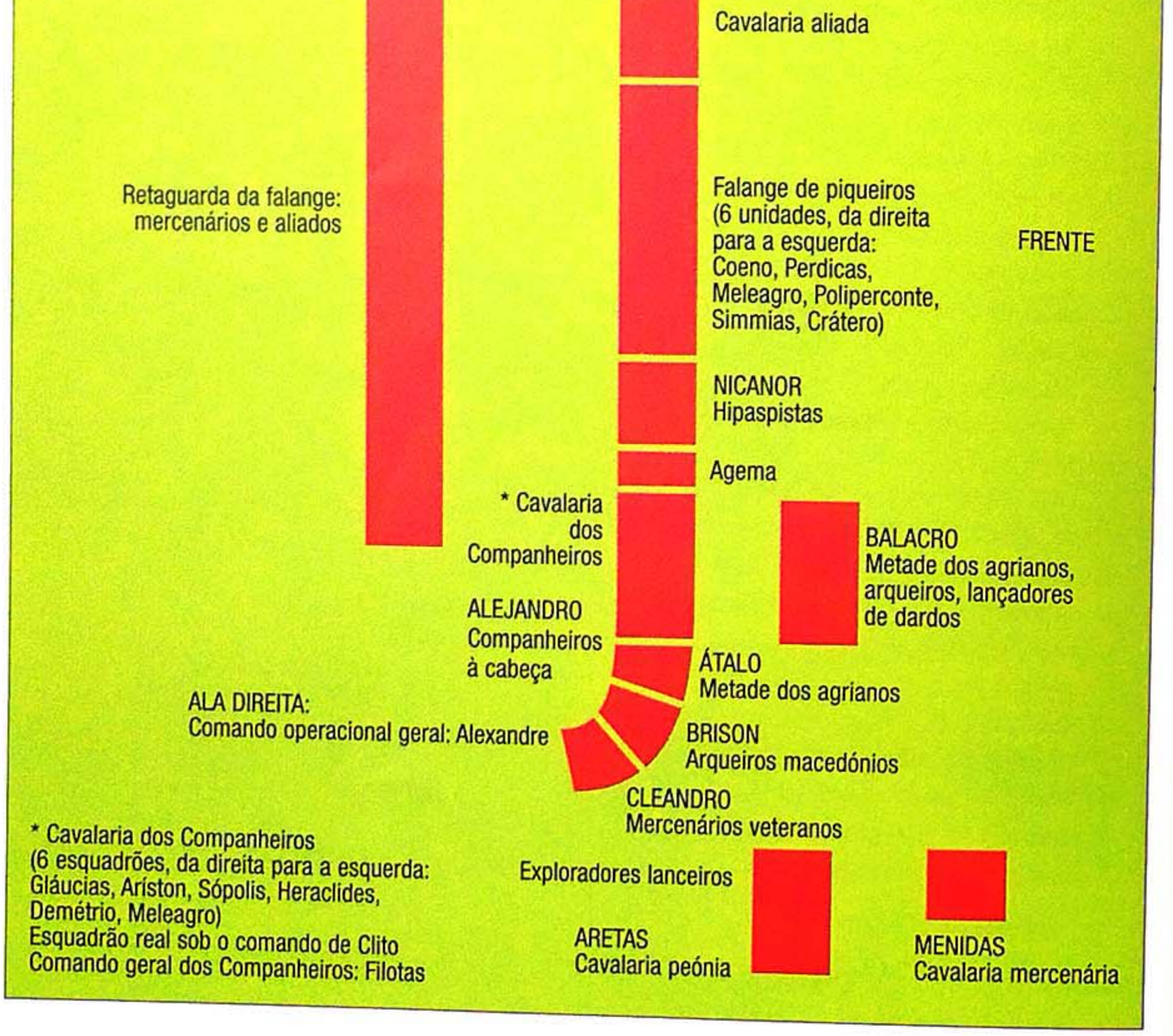


Segundo as provas fornecidas pela cerâmica e pela escultura antiga, os guerreiros e os atletas gregos costumavam marchar descalços para a acção. Os pés descalços permitiam exercitar os músculos dos dedos dos pés e conseguir uma boa fixação. Porém, é improvável que Alexandre levasse um exército de homens descalços para a Índia. Os camaradas de Xenofonte, em 400 a.C., usavam um tipo de calçado atado *(hypodemata)* na sua marcha desde o interior da Pérsia até ao mar Negro. Esta ilustração, que representa um mármore que se encontra no British Museum, mostra um calçado antigo, com os dedos à vista, como era habitual.

Ginete persa baseado numa figura do mosaico de Isso, que pode representar um membro da guarda real, já que aparece a lutar em defesa do carro real. Está equipado com duas lanças de madeira de corniso, chamadas *palta;* embora não se veja nenhuma armadura, é possível que tenha um colete de escamas por baixo da túnica. Parece que os persas utilizaram lanças e armas de mão contra a cavalaria macedónia de Alexandre. A cavalaria persa sofreu muito contra os seus inimigos macedónios, melhor armados. (Richard Geiger)

Fócio foi um grande estadista e soldado ateniense da época de Alexandre. Ao contrário do seu adversário político, Demóstenes, defendia uma atitude saudável e equilibrada em relação à Macedónia. Em 318 a.C., os atenienses – adaptando-se como tão frequentemente faziam às piores tradições da democracia – condenaram-no à morte. Nesta imagem, Fócio aparece com o manto militar, chamado *chlamys*.

BATALHA DE GAUGAMELA: ORDEM DE BATALHA DE ALEXANDRE E POSTOS DE COMBATE



Alexandre por ambos os flancos, mas o rei macedónio, disposto como sempre a conservar a vantagem das alas, deslocou a sua cavalaria para a direita. A cavalaria bactriana e cita do exército de Dario seguiu-lhe os passos e desdobrou a sua linha na mesma direcção. No entanto, por causa daquelas manobras, ambos os lados se afastavam das posições centrais que Dario tinha desobstruído e nivelado para utilizar os seus carros, e corria o perigo de o contingente de carros ser incapaz de operar como estava previsto. Assim, o rei persa deu ordens para que o seu flanco esquerdo, aproveitando a sua vantagem numérica e a maior extensão da sua frente, contivesse o movimento lateral de Alexandre com uma saída de envolvimento. As ordens foram obedecidas pontualmente.

Perante esta situação, Alexandre lançou um ataque contra o centro das tropas de envolvimento, utilizando a cavalaria mercenária comandada por Menidas. As tropas bactrianas e citas contra-atacaram, mas Alexandre enviou os seus cavalos peónios juntamente com mercenários, e por um momento

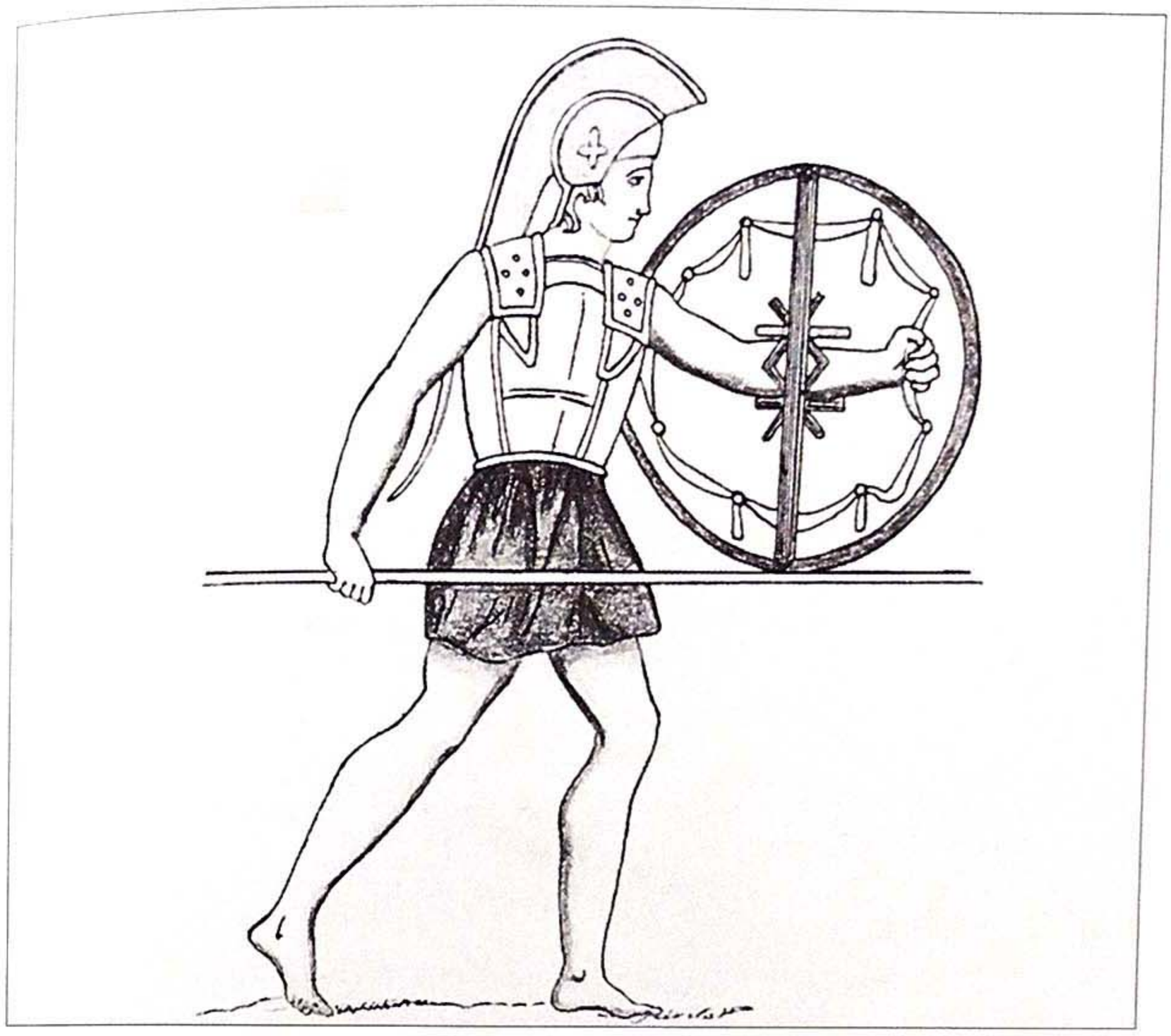
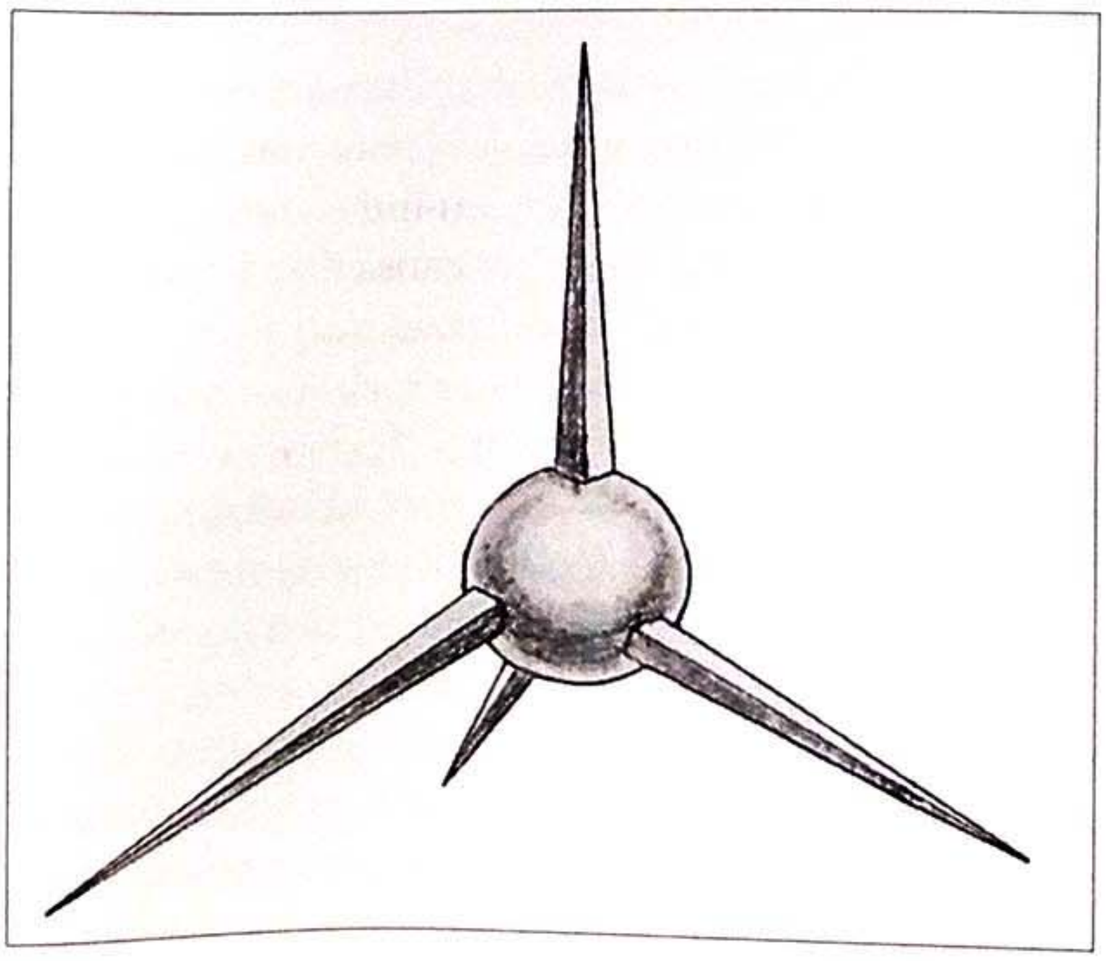


Imagem que mostra o tipo de punho que se costumava colocar no interior de um escudo côncavo grego. Este tipo de cordame deve ter sido utilizado em substituição do punho rígido *(antilabe)* e também servia para pendurar o escudo nas costas durante a marcha. Os rebites adornados com borlas podiam retirar-se, e numa obra de Aristófanes o facto de estas se encontrarem no seu lugar provava que o escudo estava preparado para ser utilizado.

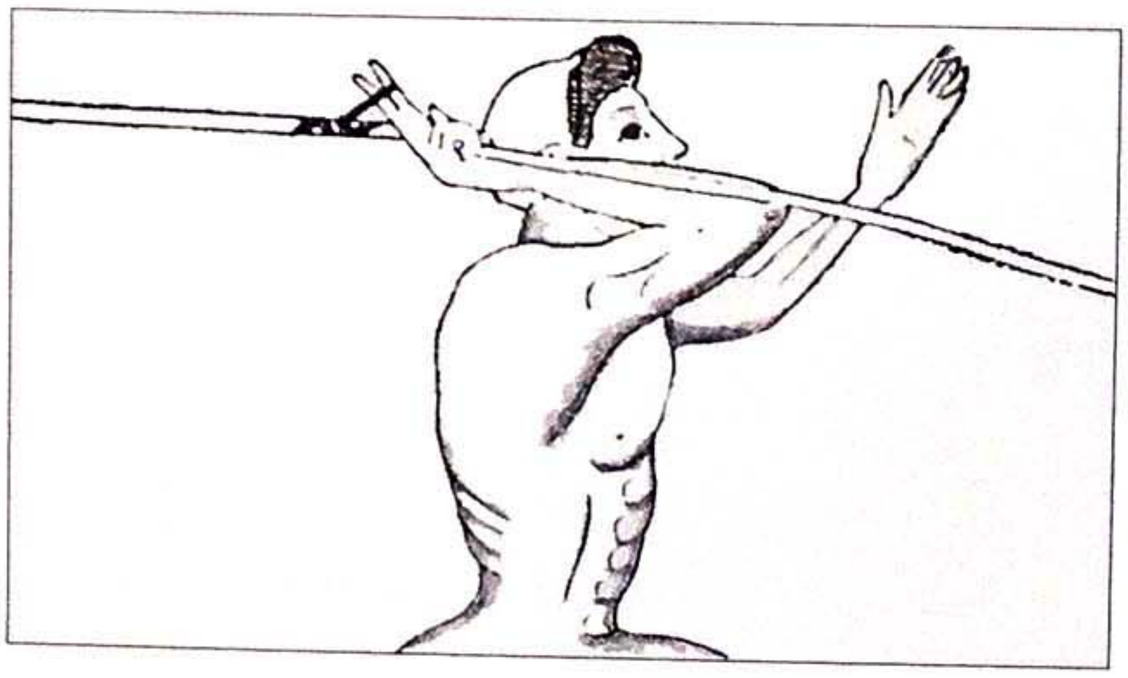
obrigaram-nos a retroceder. Muitos fugiram, mas então chegaram reservas de soldados bactrianos e os fugitivos voltaram a concentrar-se, consolidaram as suas posições e iniciou-se um confronto de cavalaria, no qual Alexandre sofreu numerosas baixas. Lutava em inferioridade de condições, e o inimigo, em especial os citas, estavam fortemente armados. No entanto, uma a uma, vagas de macedónios juntaram-se à luta e acabaram por conseguir romper as formações inimigas.

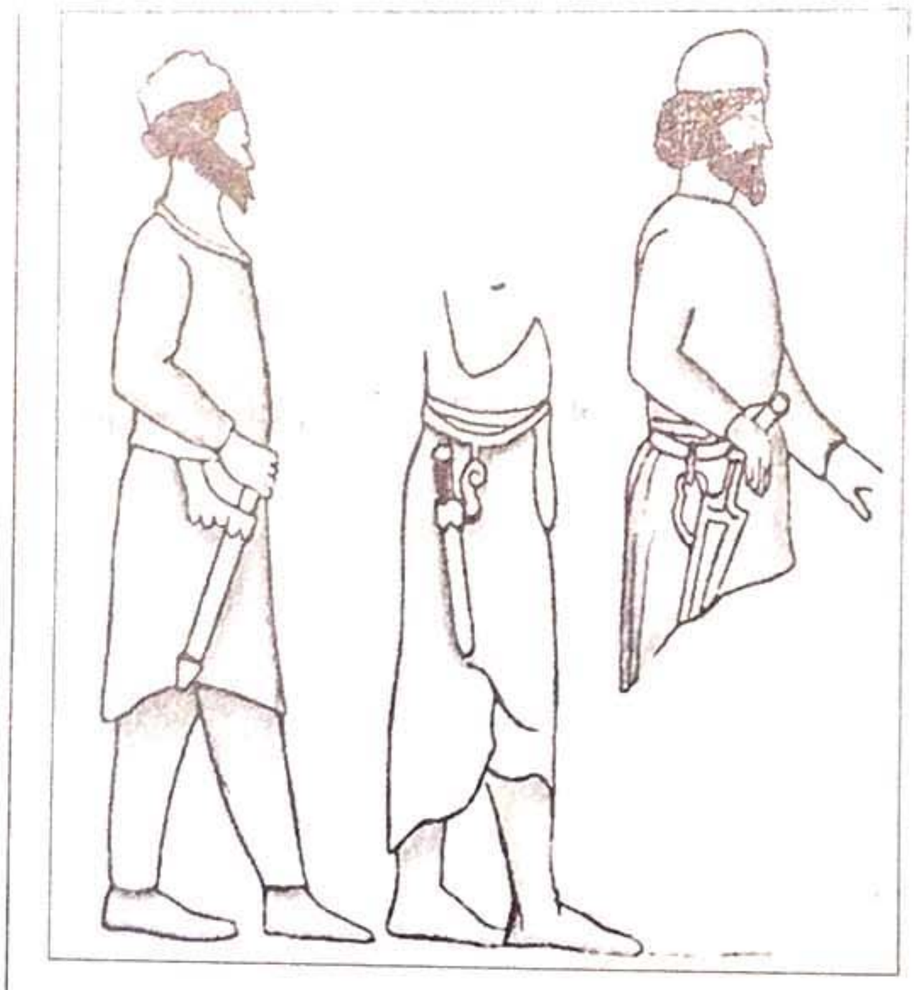
Deve ter-se em conta que os movimentos dos flancos de Alexandre eram, com frequência, rápidas fintas e que o seu ataque era pensado para apanhar de surpresa o inimigo enquanto voltava a colocar-se em posição para o defrontar, no momento em que era mais difícil oferecer uma resposta organizada.

EM BAIXO, À ESQUERDA **Os *triboloi* (bolas de ferro com puas) eram utilizados para evitar a passagem da cavalaria. Existiam de dois tipos: os que se fixavam no chão e os que se dispersavam sobre o terreno. A ilustração mostra um destes últimos. Os *triboloi* de superfície eram mais fáceis de distribuir, mas os enterrados devem ter sido mais insidiosos. Dario colocou artefactos deste tipo no campo de batalha de Gaugamela, mas Alexandre, graças à informação fornecida por um desertor, conseguiu evitá-los.**



EM BAIXO, À DIREITA **Motivo copiado de um vaso grego do século VI a.C. que mostra um atleta a lançar um dardo. É interessante observar a correia atada no dardo, graças à qual se imprimia à arma um movimento rotativo e uma maior estabilidade. Alexandre utilizou atiradores de lanças nos seus exércitos de forma regular.**





Akinakes **é uma palavra persa que nos chegou através do grego. Costuma traduzir-se por «sabre» ou «cimitarra», mas provavelmente era uma adaga curta parecida com uma espada, como a que aparece na ilustração, baseada nos relevos de Persépolis. Os inimigos persas de Alexandre também devem ter utilizado espadas deste tipo. Aparecem nas esculturas antes e depois da época de Alexandre.**

É provável que este tipo de táctica fosse a que decidiu a batalha de Gaugamela, embora o seu êxito não tenha sido imediato. Nesse momento, Dario lançou os seus carros citas. O ataque fracassou, mais ou menos como tinha sucedido com outros carros deste tipo que tinham lutado para outro rei persa 70 anos antes na batalha de Cunaxa. Naquela ocasião, como relata Xenofonte, as tropas gregas atacantes limitaram-se a abrir as suas filas e a permitir que os carros passassem entre elas, enquanto lançavam setas, lanças e pedras contra os ginetes e os seus cavalos. Os arqueiros e os atiradores de dardos de Alexandre, avançados para proteger a cavalaria de um ataque semelhante, empregaram uma táctica parecida; em alguns casos, os gregos agarraram os cavalos pelas rédeas e os ginetes desmontaram. Os carros que passaram sem sofrer danos foram isolados e cercados pelos hipaspistas macedónios.

Pelo menos isto é o que Arriano relata. Outros historiadores apresentam um quadro mais aterrador da surtida dos citas. Mas, de qualquer forma, em Gaugamela, a importância do ataque com carros não foi decisivo, nem sequer parece que tenha influenciado decisivamente o curso da batalha.

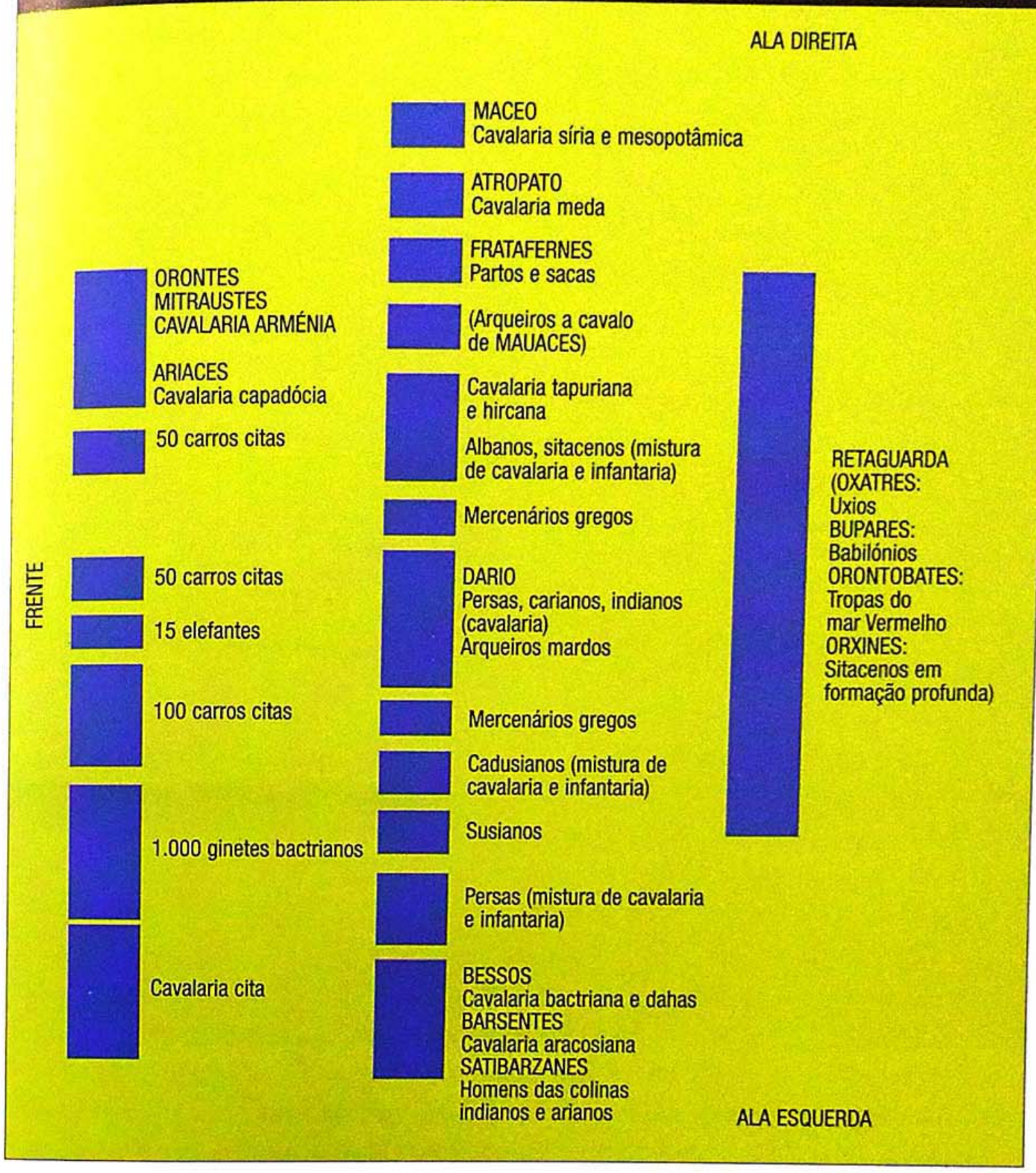
Logo que a força dos seus carros se desvaneceu, e mesmo quando estes estavam ainda em acção, Dario fez uma nova tentativa para conter os movimentos de Alexandre à sua esquerda, pois este, quando os seus adversários bactrianos e citas foram repelidos, continuou a conduzir a sua cavalaria para fora em coluna.

Numa nova tentativa para lhe cortar a passagem, Dario enviou a cavalaria persa do sector central do seu amplo exército. Isso abriu uma brecha no centro, um ponto fraco que demonstrou ser fatal, e sem dúvida era a oportunidade de que Alexandre estivera à espera, talvez o falso movimento que tentou provocar. De repente, o rei da Macedónia mudou de direcção e cavalgou para a esquerda, onde convergiu com as unidades da direita da sua própria linha central de infantaria; o soberano macedónio conduziu os seus homens para a brecha entre selvagens gritos de guerra e dirigiu-se para o lugar onde Dario se encontrava. Pouco depois, os piqueiros macedónios seguiram o seu general.

Dario fugiu, como fizera em Isso, dando um mau exemplo ao seu exército. Pode mesmo dizer-se que perdeu a batalha por ter fugido. Entretanto, Aretes, o temível oficial de cavalaria de Alexandre, tinha conseguido romper a formação persa que se defrontava com o flanco direito macedónio, e neste sector do campo de batalha os macedónios cantaram uma vitória completa. A seguir, verificou-se uma perseguição e um massacre.

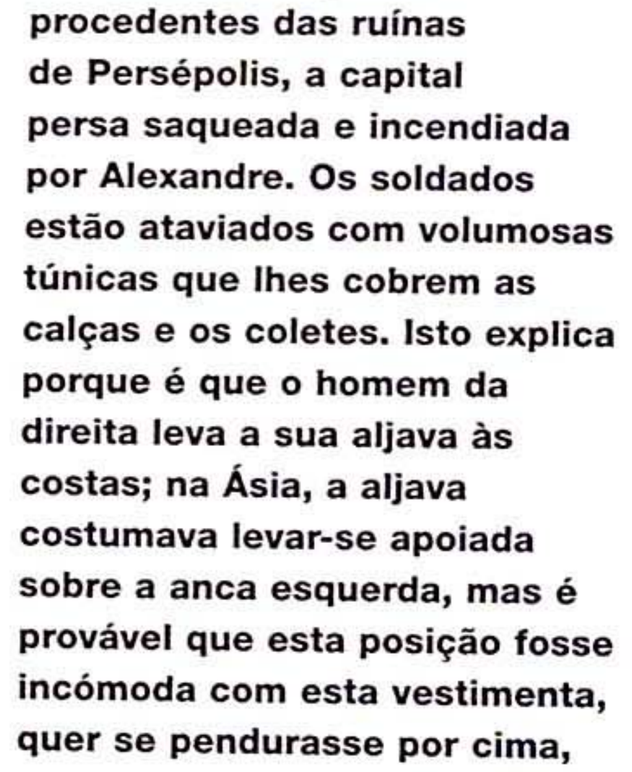
No entanto, na esquerda do ataque macedónio, assim como no centro, os acontecimentos tomaram um curso bem diferente. Apenas as unidades de piqueiros situadas no extremo direito puderam seguir Alexandre no seu ataque contra Dario. As restantes detiveram-se para ajudar os seus companheiros do flanco esquerdo, que estavam com dificuldades. A abertura de uma brecha na falange de piqueiros foi inevitável, e por ela penetraram a cavalaria e a infantaria persa, juntamente com o contingente indiano. Estes não tentaram tomar a falange pela retaguarda, mas penetraram em profundidade e prosseguiram o seu caminho para atacar o acampamento macedónio, onde se guardava o equipamento. Mesmo tendo em conta que o

BATALHA DE GAUGAMELA: ORDEM DE BATALHA DE DARIO E POSTOS DE COMBATE



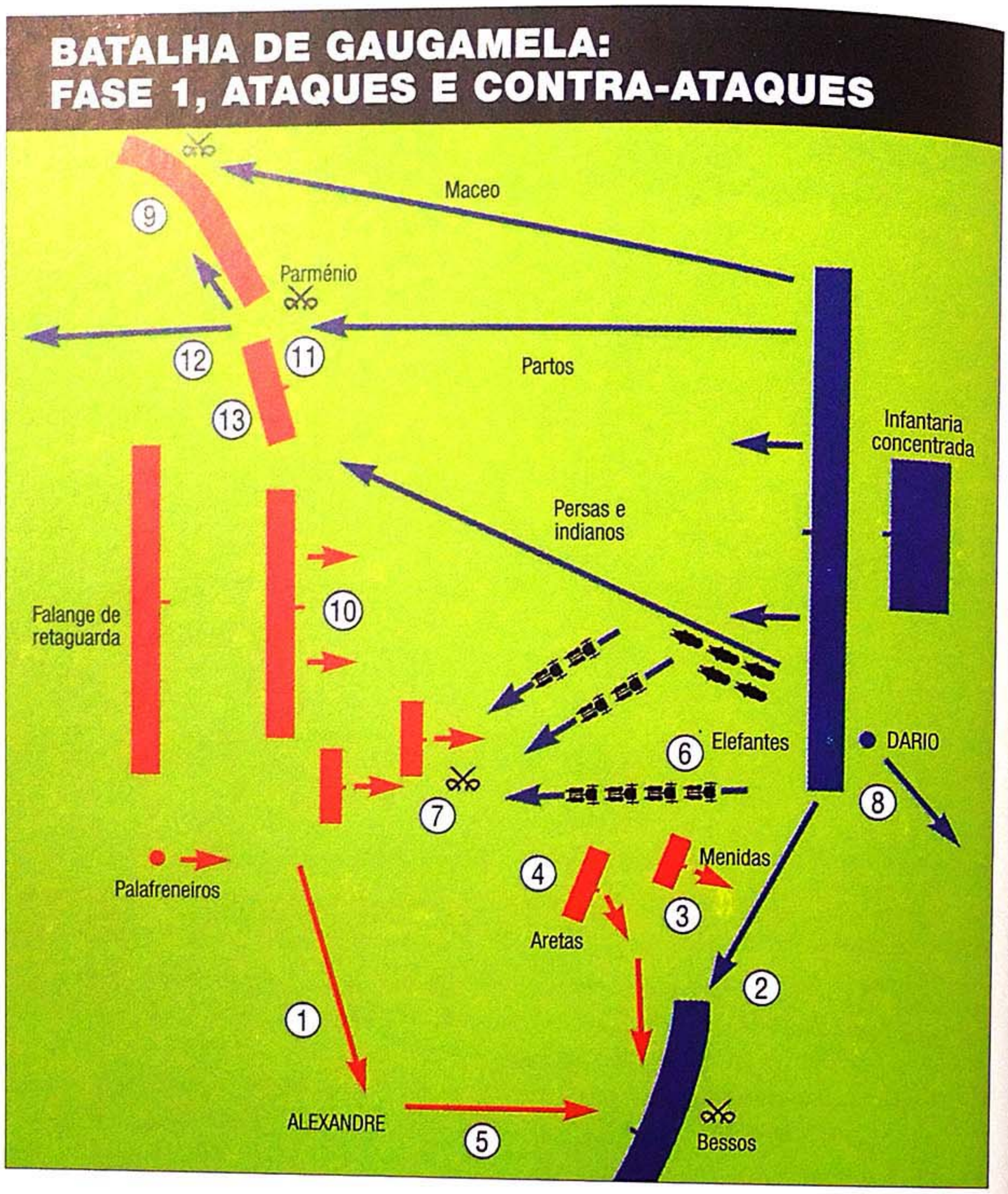
avanço geral persa se processou durante toda a manhã, o acampamento encontrava-se a seis ou sete quilómetros a oeste. Ao invadirem o acampamento, acabaram com as tropas não combatentes e libertaram os prisioneiros persas, que se juntaram ao ataque nas suas antigas formações. Além dos que saquearam o acampamento, alguns ginetes persas que penetraram pela brecha macedónia viraram para ameaçar o flanco esquerdo de Parménio a partir da retaguarda. O perigo coincidiu com uma manobra de envolvimento lançada pela cavalaria da direita persa, e os ginetes de Parménio viram-se ameaçados em duas frentes. Perante esta situação desesperada, Parménio enviou uma mensagem a Alexandre, que estava no outro lado do campo de batalha, pedindo ajuda urgente.

A formação da retaguarda da falange de Alexandre, que se tinha posicionado para enfrentar uma ruptura inimiga destas características, retrocedeu para salvar o seu acampamento, ao mesmo tempo que ameaçava a cavalaria persa que naquele preciso momento defrontava o flanco de Parménio. Pode presumir-se que Alexandre dividiu as suas forças para efectuar aquela dupla façanha. De novo, como aconteceu em Isso, Alexandre demonstrou um grande controlo e disciplina para conduzir os seus homens



Lanceiros esculpidos procedentes das ruínas de Persépolis, a capital persa saqueada e incendiada por Alexandre. Os soldados estão ataviados com volumosas túnicas que lhes cobrem as calças e os coletes. Isto explica porque é que o homem da direita leva a sua aljava às costas; na Ásia, a aljava costumava levar-se apoiada sobre a anca esquerda, mas é provável que esta posição fosse incómoda com esta vestimenta, quer se pendurasse por cima, quer por baixo. O nome grego deste tipo de túnica era *kandys*.

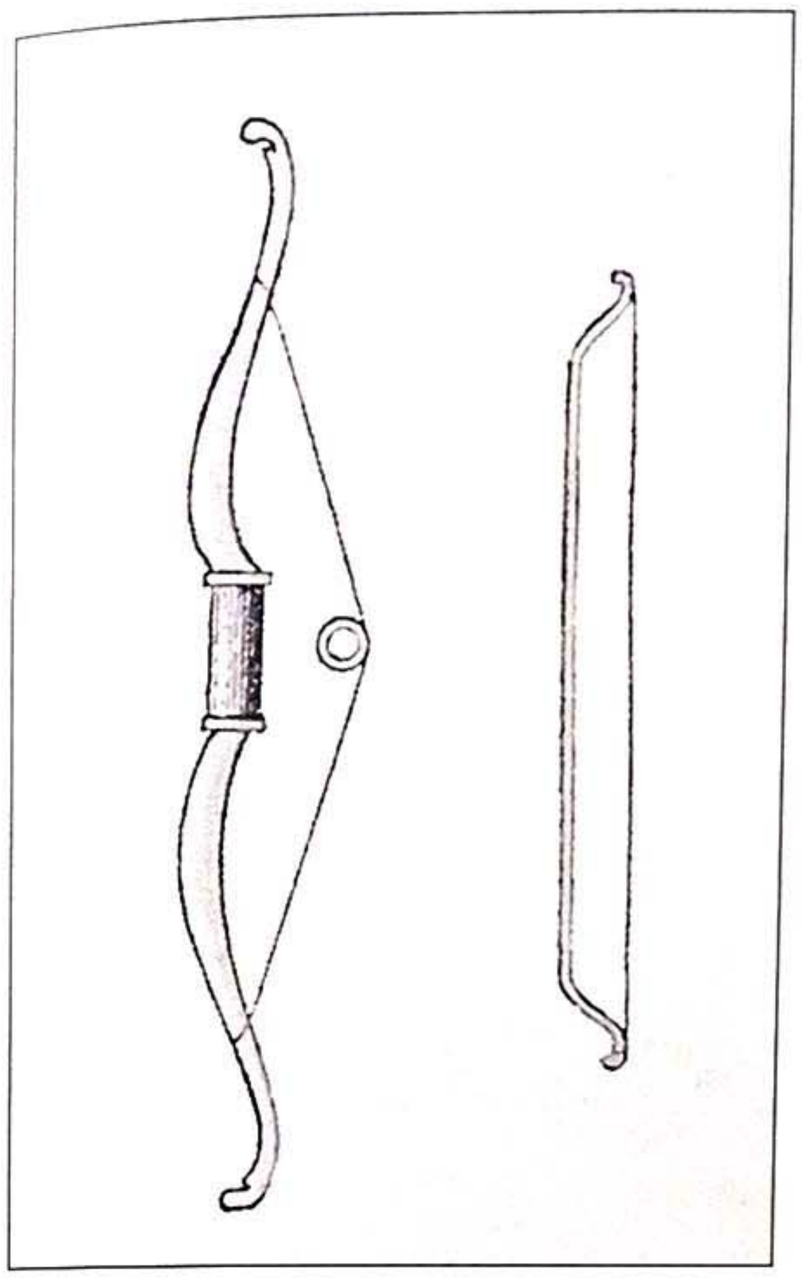
1. Alexandre conduz os Companheiros em formação de coluna oblíqua enquanto a infantaria avança em linha de batalha. A cavalaria e as tropas ligeiras protegem a manobra de Alexandre.
2. Os bactrianos e os citas tentam envolver e conter a manobra de Alexandre sobre o seu flanco.
3. Menidas, às ordens de Alexandre, tenta atravessar o lado esquerdo do ataque persa com a cavalaria mercenária.
4. Quando Menidas é repelido, Aretas ataca os bactrianos e os citas.
5. Aretas abre uma brecha. Os Companheiros atacam em vagas sucessivas; conseguem romper a formação persa e afugentar o inimigo.
6. Os persas lançam um ataque com carros.
7. Os arqueiros e as tropas ligeiras de Balacro neutralizam os ataques dos carros.
8. Dario enfrenta o colapso da sua ala esquerda e a ameaça do avanço da falange de piqueiros. O rei persa foge para Arbela.
9. O flanco de cavalaria de Parménio, reforçado pelos ginetes de Maceo, põe-se à defensiva.
10. A infantaria central de Alexandre avança para se manter junto do seu general e protege o seu flanco direito e a sua retaguarda.
11. Como consequência, abre-se uma brecha entre a infantaria e a cavalaria de Parménio.
12. As cavalarias persa e indiana penetram pela brecha, deslocam-se alternadamente para a esquerda e para a direita para atacar o acampamento base macedónio e cercam a cavalaria de Parménio.
13. As duas unidades de piqueiros da ala esquerda não conseguem deter a ruptura persa e vão em ajuda de Parménio. Veja-se que o terreno situado em frente das posições de Dario foi nivelado para facilitar os movimentos dos carros e da cavalaria, mas o alcance e localização desta obra é pura especulação.

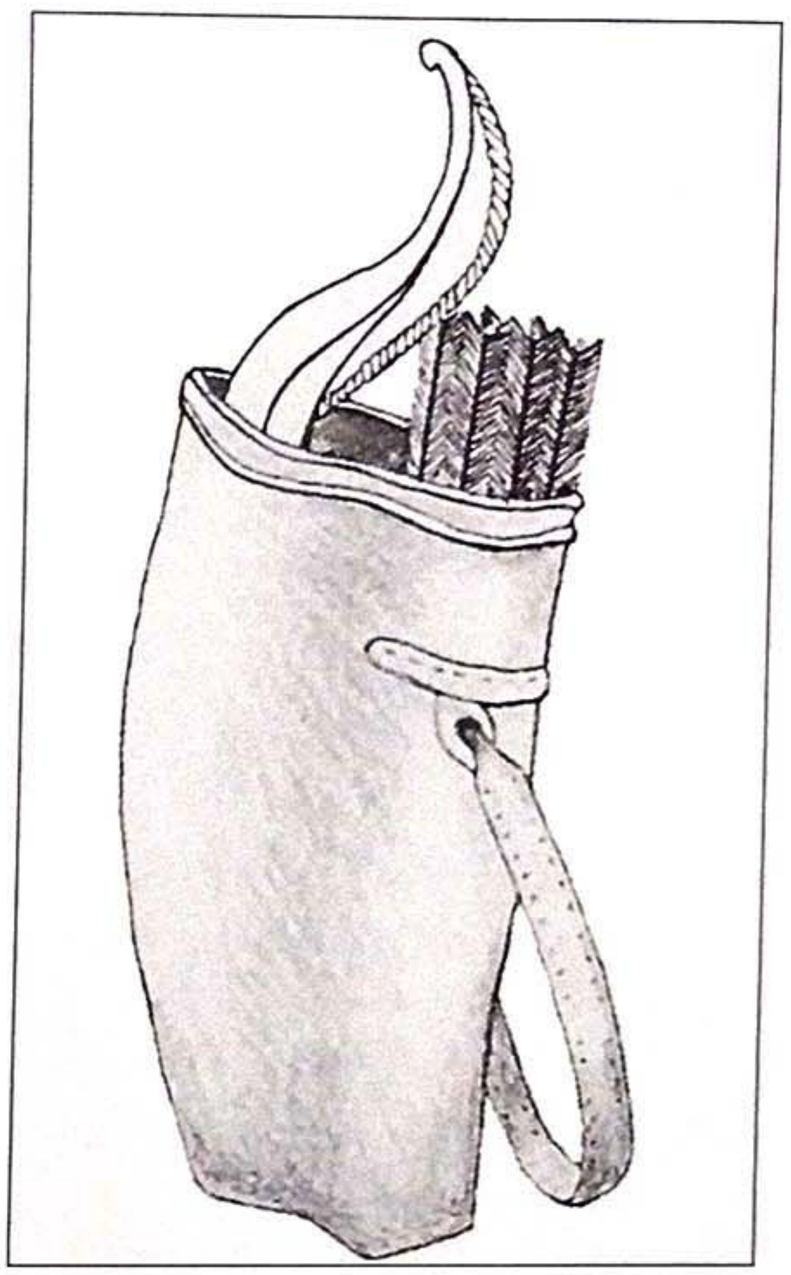


na simples e gratificante perseguição de um inimigo encurralado ao calor da batalha, pois era isto o que implicava responder ao pedido de Parménio. No entanto, aconteceu uma situação confusa. Na planície central, Alexandre colidiu com a cavalaria persa que, em situação desesperada, tentava a retirada. A colisão das cavalarias inimigas, congestionadas, foi feroz e caótica, e atrasou a ajuda que Parménio necessitava. Finalmente, os Companheiros acabaram por dispersar ou cortar a passagem ao inimigo. Os que conseguiram sobreviver fugiram para salvar a vida.

VITÓRIA FINAL

A ajuda de Alexandre, juntamente com a retaguarda da falange, acabaram com a ameaça sobre os homens de Parménio e a cavalaria macedónia dispôs-se a enfrentar a manobra de cerco lançada por Maceo — o comandante de cavalaria de Dario —, pela ala direita do ataque persa. No seu avanço, Maceo tinha perdido contacto com o rei e durante algum tempo não soube que tinha fugido e que o exército persa tinha entrado em colapso pela esquerda e pelo centro. Quando recebeu estas notícias, Maceo hesitou e o seu ataque perdeu ímpeto. Do seu ponto de vista, os seus homens corriam perigo de serem cercados. Era apenas uma questão de tempo que os mace-





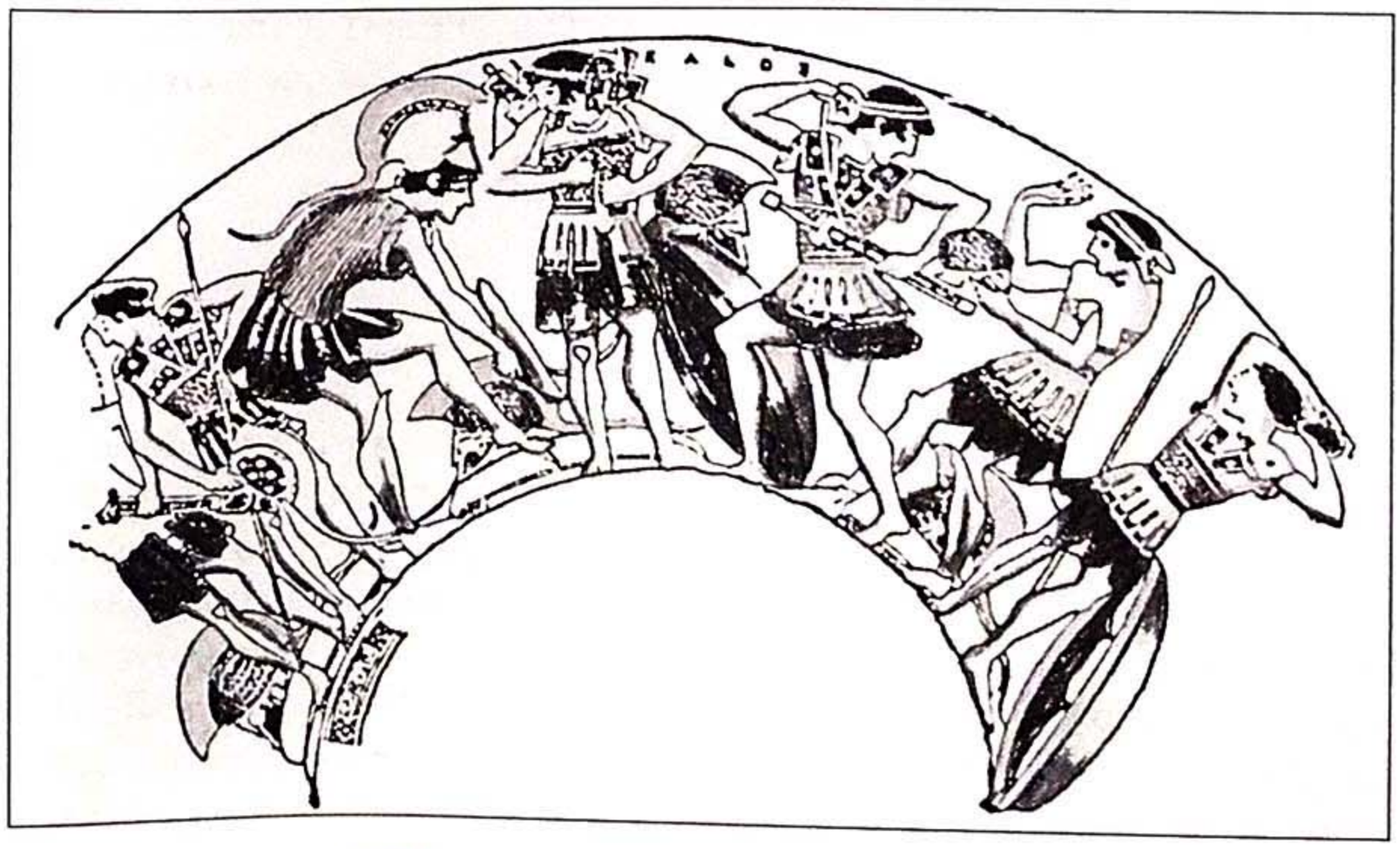
À ESQUERDA **Na Antiguidade utilizavam-se dois tipos de arcos: o simples e o composto, este último fabricado com duas peças onduladas de madeira ou de chifre, unidas no centro. É provável que a sua origem remonte aos citas. Em mais de uma ocasião, Alexandre deve ter-se confrontado com inimigos citas, e também contou com arqueiros citas no seu próprio exército.**

À DIREITA **Um *gorytos* com setas e um arco. A fonte da ilustração é um alto-relevo do templo de Hércules em Tibur, perto de Roma. O *gorytos* era habitual entre os citas na época de Alexandre. No túmulo de Vergina, onde se pensa que estão enterrados Alexandre e o seu pai, Filipe, encontrou um *gorytos* forrado de ouro que continha pontas de seta e restos da madeira das hastes.**

dónios, que já controlavam o centro do campo de batalha, se dirigissem para a sua posição. Além disso, as numerosas hostes formadas por diferentes povos do Oriente às ordens de Dario não estavam psicologicamente preparadas para continuarem a lutar depois da fuga do rei.

Quando Alexandre chegou às posições de Parménio, o principal perigo sobre o flanco esquerdo macedónio tinha desaparecido. Já não era necessário que o rei macedónio atacasse Maceo, pois a cavalaria tessália, depois de oferecer uma heróica resistência sob uma grande pressão, podia tomar a iniciativa na ofensiva e as tropas de Maceo cediam terreno frente a elas. Uma vez mais, Alexandre lançou-se em perseguição de Dario, e o exército macedónio marchou em pleno em perseguição de um inimigo derrotado.

O centro persa não aliviou a fuga. Alexandre perseguiu os fugitivos até ao amanhecer; depois, vadeou o rio Lico e descansou até meio da noite, momento em que reiniciou a perseguição. Dario não parou para descansar.



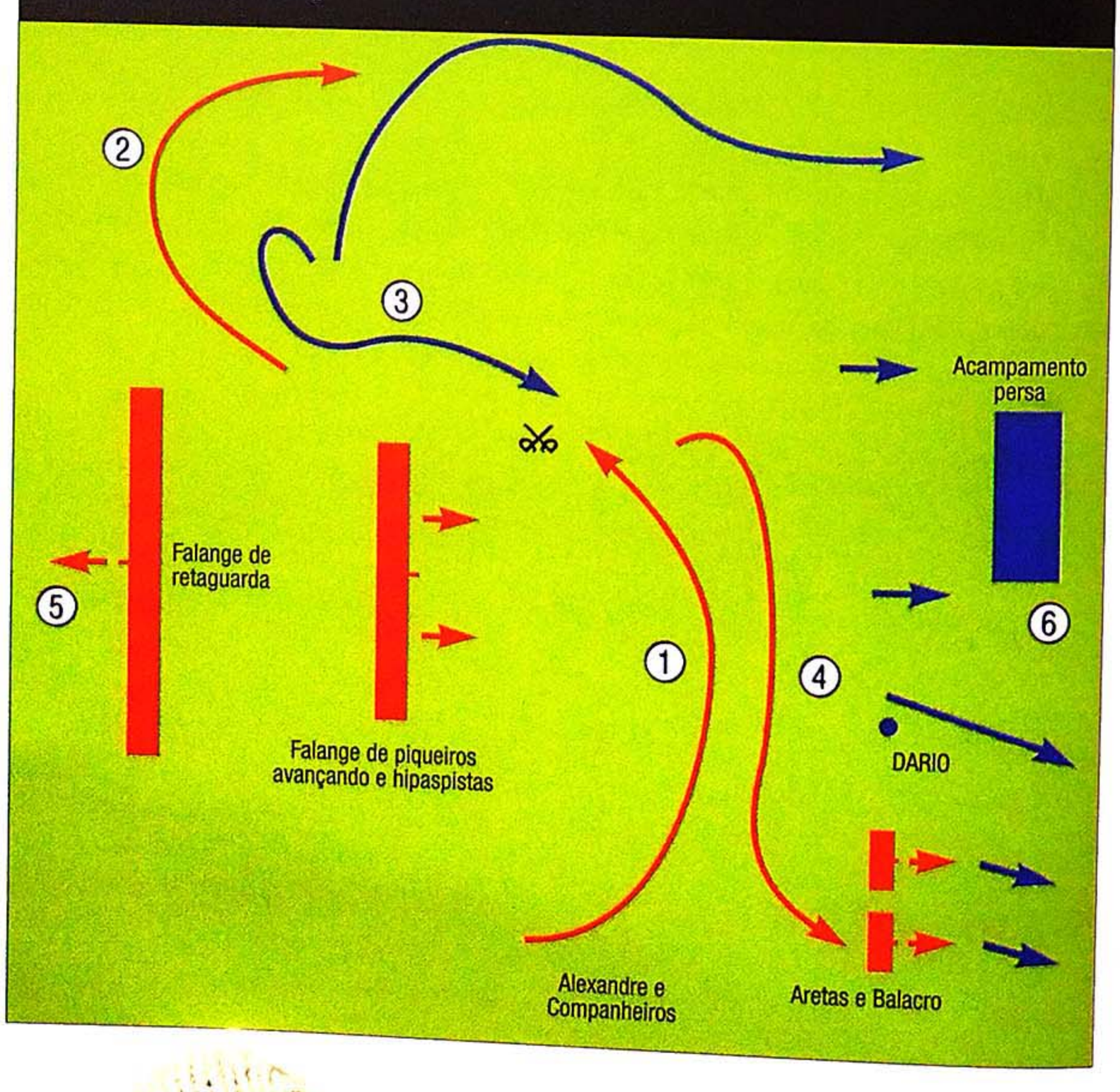
Cena numa taça grega do século v a.C., na qual um grupo de hoplitas prepara as armas para a batalha. Alguns já vestiram as couraças, mas a terceira figura (completa) a partir da esquerda ainda tem as ombreiras levantadas atrás das orelhas do hoplita, à espera de as baixar e de as ajustar ao peito. A terceira figura à direita parece estar preocupada com a perda do penacho do seu capacete. Se os hoplitas que Alexandre conheceu, tanto os amigos como os inimigos, diferiam dos da ilustração, deve ter sido mais pelo estilo dos seus capacetes do que pelas outras peças da sua panóplia de guerra.

Parménio, cujo sector ficara atrasado em relação a Alexandre na perseguição, ocupava agora o acampamento persa. O equipamento dos macedónios tinha-se salvo e os atacantes morreram ou ficaram feridos, mas a captura do acampamento persa — com elefantes e camelos —, compensava sobejamente as baixas. Alexandre esperava capturar Dario na cidade de Arbela, a cerca de 120 quilómetros a oeste do campo de batalha, mas o rei persa tinha-se esfumado. Alexandre ficou com o abandonado tesouro persa e com os seus haveres, incluindo, como acontecera em Isso, o seu carro e as suas armas.

Os historiadores antigos não proporcionam os mesmos números de baixas da batalha; de facto, estes relatos são inverosímeis. Segundo Arriano, Alexandre perdeu 100 soldados e mais de 1.000 cavalos, metade dos quais pertenciam aos Companheiros. Diz-se que as baixas sofridas pelos persas somaram cerca de 300.000 mortos e um número ainda maior de prisioneiros. Deve recordar-se de novo que a maior parte das baixas sofridas nas batalhas da Antiguidade se verificavam no decurso da fuga e perseguição.

Como aconteceu em Isso, pode dizer-se que Alexandre fracassou ao tentar capturar Dario porque se recusou a abandonar o centro e a ala esquerda do seu exército, que estavam em dificuldades. Isto significa que as prioridades do filho de Filipe eram claras. A história antiga deixou-nos testemunho de outras batalhas onde algum vitorioso rei organizou uma perseguição desorganizada e desapiedada, que só serviu para deixar o inimigo firmemente estabelecido como vencedor no centro do campo de batalha.

BATALHA DE GAUGAMELA: FASE 2, OPERAÇÕES DE APOIO (ESQUEMA)



1. Parménio pede ajuda a Alexandre. O rei macedónio conduz de novo os seus vitoriosos Companheiros ao campo de batalha para socorrer o seu oficial.
2. O ataque de Maceo sobre a ala de Parménio perde força, provavelmente após a notícia da fuga de Dario. A inteligente chegada de Alexandre e o apoio da infantaria macedónia do flanco esquerdo também contribuíram para resolver a situação. Parménio toma a iniciativa da ofensiva.
3. Os persas e os indianos que penetraram na retaguarda de Parménio tentam retirar-se, mas chocam com Alexandre. São aniquilados, mas alguns conseguem fugir seguindo os passos de Dario.
4. Alexandre fica a saber da fuga do rei persa e decide sair em sua perseguição.
5. Outros persas e indianos chegam ao acampamento base macedónio, a cerca de 8 km de distância. Matam numerosos guardas e libertam os prisioneiros persas, mas a retaguarda da falange de Alexandre persegue-os e, depois de lutarem nos arredores do acampamento, os persas e os seus aliados dispersam-se.
6. Parménio persegue as tropas fugitivas de Maceo e toma o acampamento persa. Alexandre persegue Dario até Arbela, mas uma vez mais, o rei persa consegue evitá-lo. Observe-se que quando Alexandre vai com os Companheiros ajudar Parménio, supostamente deixa algumas tropas na retaguarda da ala esquerda persa em debandada para que o inimigo não se agrupe e consiga recuperar a formação. É possível que a responsabilidade dessa manobra recaísse nas unidades de Aretas e Balacro. A cavalaria mercenária sob o comando de Menidas, encontra-se junto a Alexandre no choque das tropas centrais, no qual Menidas caiu ferido.

Guerreiros citas da época das campanhas de Alexandre. Os citas tinham o seu próprio reino independente a norte do mar Negro, e demonstraram ser perigosos inimigos tanto para os persas como para os macedónios. Também contavam com uma magnífica cavalaria ligeira mercenária, uma das mais eficientes do mundo antigo, e em diversas ocasiões lutaram tanto ao lado de Alexandre como ao lado de Dario. (Angus McBride)

OS ANOS DE BACTRIANA

Decorreram quase cinco anos antes que Alexandre empreendesse uma nova batalha; de facto, a maior parte daquele tempo passou-o a disputar ataques de guerrilha e de montanha. Dario fugiu para nordeste, para as montanhas de Média, pois pensou, acertadamente, que Alexandre dirigiria a sua atenção para as grandes cidades do Sul do Império: Babilónia, Susa e Persépolis.

Alexandre foi bem recebido em Babilónia e Susa, e por isso tratou a população com generosidade, mas teve que lutar para controlar Persépolis, primeiro contra as tribos de montanha de Uxia e depois contra o exército regular persa. Finalmente, o rei macedónio tomou a cidade e incendiou-a. É possível que este acto de destruição não fosse premeditado; segundo alguns relatos, foi a consequência de um brutal capricho, já que Alexandre tinha estado a beber até à embriaguez na companhia de um membro da corte.

Antes de regressar para o norte, através da Média, em perseguição de Dario, Alexandre foi deixando governadores em todo o território recentemente conquistado, incluindo uma série de administradores persas; é possível intuir aqui uma nova política, com a qual Alexandre saborearia de antemão o objectivo político que perseguia: a cidadania universal, que mais tarde abraçaria quando a mera destruição do inimigo já não fosse suficiente para justificar o tempo, os problemas e o sofrimento da guerra. Mas naquele momento, Dario ainda parecia oferecer alguma resistência. Reuniu à sua volta uma espécie de exército, com cerca de 2.000 mercenários gregos, com os quais, em caso de necessidade, se podia dirigir para leste do Cáspio e depois para norte, para as montanhas bactrianas.

Alexandre não conseguiu capturar Dario vivo. Já era tarde para evitar que o rei persa fugisse pelas Portas Cáspias para as montanhas setentrionais. Enquanto o exército macedónio que perseguia o rei persa fazia um breve intervalo no seu caminho para descansar no seu acampamento, chegaram notícias de que tinha sido capturado por um grupo dos seus próprios oficiais, entre os quais se encontrava Bessos, sátrapa de Bactriana e parente do rei. Como é lógico, Bessos reclamava — o que efectivamente viria a acontecer pouco depois — o seu direito a governar o Império Persa. Antigo comandante do contingente bactriano em Gaugamela, era provável que fosse um inimigo mais importante do que Dario.

Era importante evitar qualquer possibilidade de ressurgimento dos persas. Em seguida, Alexandre deixou para trás o grosso do exército e seguiu no encalço dos fugitivos com um contingente pequeno e ágil. Os homens da sua avançada descobriram Dario moribundo, mortalmente ferido pelos seus captores quando se aperceberam que não podiam levá-lo com eles. Alexandre organizou um funeral real a Dario; mais tarde, quando capturou Bessos, entregou o assassino do rei e aspirante ao trono persa a Oxatres, irmão de Dario, que o executou brutalmente.

Moeda cunhada por Alexandre, típica da época. A cabeça coberta com um capacete no anverso representa a deusa Atena. O capacete é uma versão muito ornamentada do funcional capacete coríntio, que se podia pôr para trás para respirar e ver melhor, e mais tarde como viseira na batalha. No reverso representa-se a personificação de uma Vitória alada segurando uma coroa de flores.

O problema dos objectivos de guerra era premente. A norte, as populações de Bactriana e Sogdiana, cujo vínculo com o Império Persa não era demasiado forte, pareciam resolvidas a lutar pela sua independência. Mas antes de prosseguir para norte, Alexandre perseguiu os mercenários gregos que tinham servido Dario e obrigou-os a renderem-se em Hircânia, a sul do mar Cáspio.

Apesar de todas as vitórias, como os homens de Alexandre não se identificavam com o ideal do seu general, de uma nacionalidade mista europeia e asiática, não tardaram a produzir-se conspirações entre os oficiais e o seu séquito mais próximo. Como resposta, Alexandre executou Filotas, filho do seu antigo e leal Parménio, e depois, como medida de precaução, ordenou o assassinato do próprio Parménio, a quem tinha encarregado da guarnição de Média. Num arrebato de embriaguez assassinou Clito, o oficial que lhe tinha salvo a vida em Granico. De facto, Alexandre comportava-se muitas vezes como um tirano, percepção que muitos historiadores antigos posteriores tinham dele. No entanto, os seus soldados e a maioria dos oficiais ainda o seguiam com devoção.

Após a tomada de Bessos (329 a.C.), em Sogdiana, a norte do rio Oxus, surgiu um novo líder da resistência entre a nobreza bactriana, Espitámenes. Pode dizer-se com justiça que Espitámenes era o inimigo mais formidável que se defrontou a Alexandre. A táctica de guerrilha flexível do líder bactriano, implementada com a ajuda dos seus aliados citas do outro lado do rio Jaxartes, custou a vida a muitos macedónios. De facto, só numa devastadora emboscada Alexandre perdeu mais homens do que em todas as suas gloriosas batalhas.

No entanto, Alexandre foi estabelecendo, a pouco e pouco, guarnições nas províncias do nordeste. Espitámenes procurou a ajuda dos massagetas, uma tribo guerreira cita que vivia a leste do mar Cáspio. Mas quando Alexandre os venceu, os citas assassinaram Espitámenes e entregaram a sua cabeça ao vencedor como oferenda de paz. (Segundo outro relato, Espitámenes foi assassinado pela sua própria esposa.) Em Maricanda (Samarcanda), Alexandre contraiu núpcias com Roxana, filha de um nobre sogdiano, famosa pela sua beleza e que os macedónios fizeram prisioneira. Além da sua conveniência política, este casamento estava em consonância com os objectivos bélicos de Alexandre: forjar uma nação euro-asiática e uma cultura greco-asiática. O facto de Alexandre ter casado antes com Estateira, filha de Dario, em Susa, não constituía nenhum impedimento para o casamento sogdiano: os reis da Macedónia não praticavam a monogamia e, pelo menos neste sentido, Alexandre era «pouco grego».

Os historiadores recolhem com pormenor, embora com numerosas discrepâncias, os anos que Alexandre passou a lutar nas províncias do nordeste do Império Persa. Narram batalhas e traições, marchas rapidíssimas, travessia de rios, escaladas de alcantilados e tomada de poderosas fortalezas de montanha, numa série de façanhas nas quais Alexandre foi ferido em mais de uma ocasião. Naquela época, mais que em qualquer outra, a soma do esforço e a liderança sofridos pelo exército conquistador parece estar fora de qualquer proporção, independentemente do objectivo que perseguisse.

No entanto, graças a uma combinação de guerra e diplomacia, Alexandre conseguiu subjugar a intransigente população. Assegurou o território estabelecendo guarnições de soldados macedónios e gregos. Os citas,

a norte do Jaxartes, eram uma ameaça constante. Antigamente tinham sido homens livres numas terras que os persas controlariam mais tarde, e existia o perigo de se unirem a qualquer movimento de insurreição nas próprias províncias do nordeste. Antes de marchar para sul, pelo «Cáucaso indiano» (Hindu Kush), Alexandre estabeleceu postos com homens cansados da guerra para defender a fronteira do Jaxartes e a cidade que ali fundou, «Alexandria Eschate», que significa «a Alexandria mais longínqua».

Agora, o seu destino era o rio Indo. Ao planear a sua expedição à Índia, Alexandre estendera as suas ambições para lá dos confins do antigo Império Persa. Era o momento em que podia esperar-se que alguns dos seus homens mostrassem alguns sintomas de motim que tanto o viria a prejudicar mais tarde. Mas o exército, incentivado pelas lendas da visita do deus Dioniso à Índia, seguiu o seu líder até ao vale do Indo.

De facto, Alexandre não se propôs atravessar de imediato o grande rio, mas durante o Inverno de 327-326 a.C. passou o tempo de campanha a lutar contra as tribos da montanhosa região do actual Chitral. Alexandre enviou o seu oficial Hefestião por uma rota mais meridional e concebeu a construção de uma ponte sobre o Indo antes de o general se juntar a ele. Arriano, em analogia com o estilo romano de construção de pontes da sua própria época, sugere que a ponte de Hefestião assentava sobre pontões.

Para lá do Indo, os macedónios foram bem recebidos pelo governador de Taxila, a quem Arriano chama Taxiles. É provável que o seu nome real fosse Amfi e que o de Taxiles derivasse do nome da sua capital. Esta personagem submeteu-se a Alexandre por vontade própria, sem dúvida vendo nos invasores possíveis aliados contra um rei de um território mais oriental que os gregos conheciam com o nome de Poros. Enquanto as suas tropas descansavam em Taxila, outros governadores indianos submeteram-se a Alexandre, mas depressa foi evidente que, ao aceitar a amizade de Taxiles, o macedónio tinha ganho a inimizade de Poros; assim, empenhado numa nova guerra, marchou novamente para leste, para o rio Hidaspes (actual Jinlam), atrás do qual Poros mobilizava o seu exército.

A BATALHA DE HIDASPES

Quando Alexandre alcançou o Hidaspes, deparou-se com o considerável exército do rei Poros formado na margem oposta. Na Antiguidade acontecia muitas vezes que as batalhas eram disputadas nos pontos vadeáveis dos rios, pois estes não só eram um fosso defensivo natural, mas também constituíam uma fonte de água para as tropas acampadas nas suas margens. O Hidaspes não era uma simples corrente de montanha, nem sequer um rio de dimensões moderadas que pudesse ser atravessado em qualquer ponto. Naquela época do ano em particular, era uma via de água navegável que corria com o seu caudal máximo.

Cada exército podia ver o seu adversário do outro lado das amplas águas que, naquela época do ano, em princípios do Verão, desciam rápidas e turbulentas. Os diferentes historiadores oferecem distintos relatos sobre a força numérica do exército de Poros e as narrações modernas nem sempre estão de acordo na interpretação dos números. O contingente principal do exército indiano parece que estava entre 20.000 e 50.000 soldados de infantaria, entre 2.000 e 4.000 de cavalaria, entre 85 e 200 elefantes e entre 300 e 1.000 carros. Além disso, diz-se que o irmão de Poros se encontrava com uma força de 4.000 ginetes e 1.000 carros. As diferenças, portanto, são notáveis, e por isso o leitor deverá perdoar a ousadia de considerar um número intermédio.

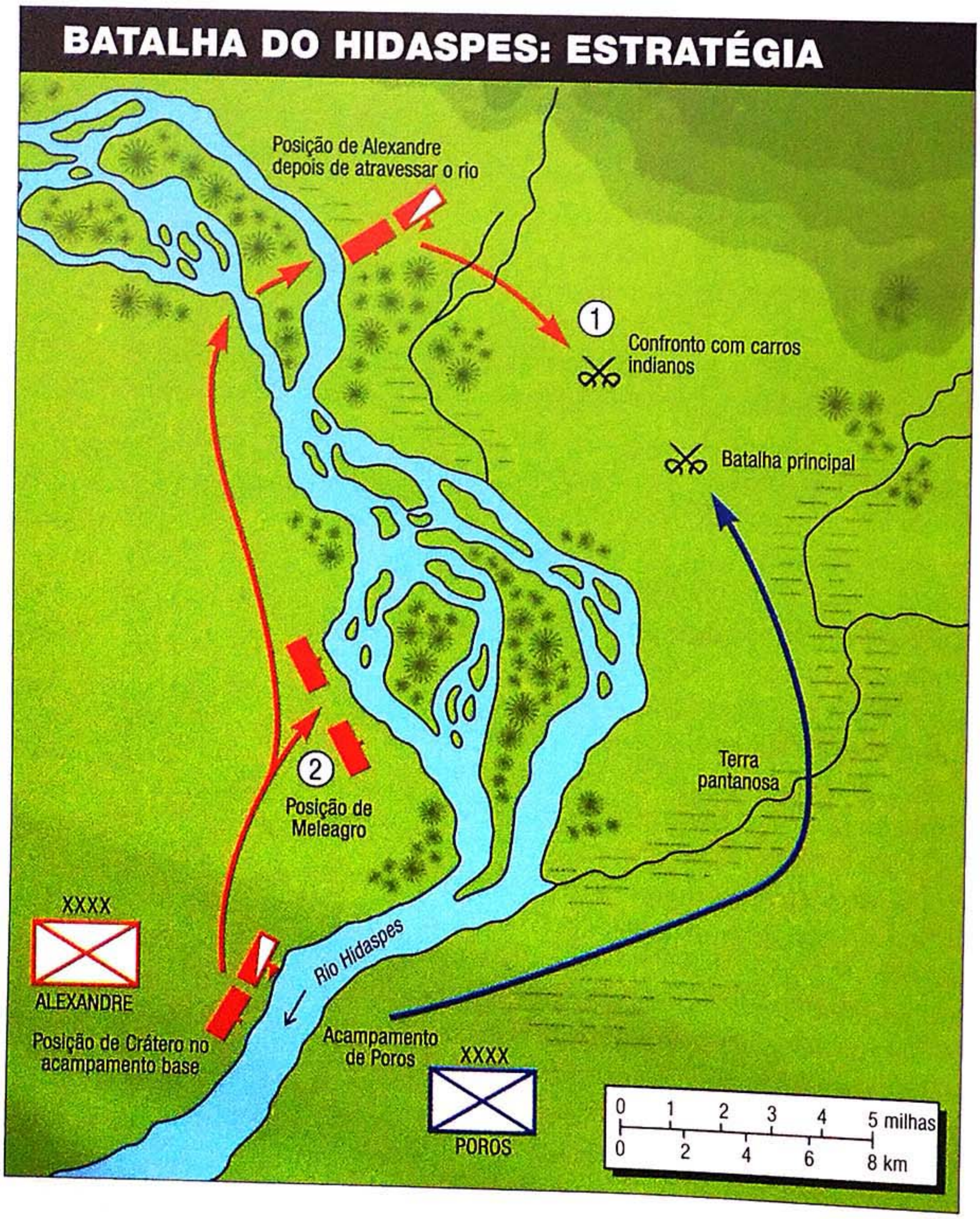
Alexandre, além de uma força de 5.000 aliados indianos, estava à frente de outras tropas asiáticas oriundas mais do oeste, mas o grosso do seu exército continuava a ser a infantaria macedónia e a cavalaria dos Companheiros, com quem tinha atravessado o Helesponto, e o exército com que enfrentou Poros provavelmente não ultrapassava os 40.000 homens. Pensara sempre que este número lhe proporcionava uma grande mobilidade táctica e estratégica, e tinha demonstrado que era capaz de derrotar os exércitos asiáticos de qualquer tamanho que se defrontassem com ele.

Certamente, se o caudal do Hidaspes fosse considerável não havia possibilidade imediata de vadear o rio. Alexandre manifestou publicamente que esperaria uns meses, até à chegada do Outono, momento em que o nível das águas registaria uma notável descida. Sem dúvida, pretendia que o seu anúncio chegasse aos ouvidos do inimigo, mas também é evidente que tinha outros planos.

Poros vigiou todos os possíveis pontos de travessia do rio, papel para o qual os seus elefantes foram muito valiosos, já que aterrorizavam os cavalos e, portanto, impediam o desembarque da cavalaria em jangadas e barcaças. Mas, como sempre, Alexandre tinha muitos recursos. Antes de avançar para as fronteiras do território de Poros, desmantelou os barcos e as galeras que tinha utilizado no Indo. As embarcações mais pequenas foram divididas em duas, e as galeras de trinta remos, em três; as secções foram transportadas em carros e a flotilha foi totalmente reconstruída no Hidaspes. Desde o primeiro deles, todos os barcos puderam navegar pelo

Hidaspes sem serem incomodados, porque os indianos lhes permitiram usar o canal intermédio. Nas semanas seguintes, Alexandre fez a sua cavalaria deslocar-se rio acima e abaixo com o maior alvoroço possível. Poros, para antecipar a concentração das forças de Alexandre num único ponto, ordenou que os seus homens marchassem ao mesmo passo que Alexandre na outra margem, guiados pelo ruído que os macedónios faziam deliberadamente. Os indianos colocaram homens em todos os pontos em que parecia possível atravessar o rio. No entanto, os movimentos de Alexandre eram meras manobras de diversão. Não se materializou qualquer ataque e, no fim,Poros resolveu diminuir a vigilância. É claro que esta era a intenção de Alexandre. Agora, os macedónios estavam em posição de lançar um ataque real, pois o inimigo considerava falso alarme qualquer ruído que as suas manobras produzissem.

Enquanto efectuava estes movimentos de diversão rio acima e rio abaixo, a cavalaria de Alexandre explorou o terreno em busca de possíveis pontos vadeáveis e regressou para informar Alexandre, que escolheu o mais adequado e decidiu atravessá-lo à noite. Deixou o seu oficial, Crátero, na zona onde o exército macedónio tinha acampado desde o primeiro momento, com a unidade de cavalaria (hiparquia) que este oficial



1. Ataque preliminar dos carros indianos: o filho de Poros (segundo Curtios, seu irmão e com uma força de 4.000 ginetes), com um corpo de 2.000 ginetes e 4.120 carros, enfrentou os desembarques de Alexandre. Esta força teria sido suficiente se tivesse chegado ao lugar a tempo, ou seja, enquanto os macedónios ainda hesitavam na margem, mas Alexandre já tinha desembarcado 5.000 ginetes e 6.000 soldados a pé. O príncipe indiano, que estava em inferioridade numérica, tentou retirar-se, mas as suas forças foram surpreendidas e dispersadas, e perdeu 400 ginetes. Alexandre capturou todos os carros e matou o príncipe indiano. 2. Crátero e Meleagro mantiveram a linha do rio e imobilizaram as tropas indianas que de outro modo teriam defrontado Alexandre. Após a vitória, Crátero e Meleagro, cumprindo ordens de Alexandre, levaram os seus homens para o outro lado do rio e interceptaram os fugitivos.

BATALHA DE HIDASPES: TRAVESSIA DO RIO E ORDEM DE BATALHA DE ALEXANDRE

Embora Arriano não o mencione expressamente, é possível inferir que Meleagro, Átalo e Górgias estavam ao comando das suas próprias unidades de piqueiros e das tropas mercenárias que lideravam naquela ocasião.
A hiparquia que estava sob o comando nominal e administrativo de Pérdicas parece que foi a que Coeno comandou na batalha. Pérdicas acompanhava Alexandre na qualidade de guarda. Os parapamísidas foram recrutados no «Cáucaso indiano» (ou seja, o Hindu Kush). A hiparquia era formada por cerca de um milhar de homens. Os hipaspistas encontravam-se divididos em três unidades de cerca de 1.000 homens cada uma.
A força de uma unidade de piqueiros *(taxis)* ascendia a cerca de 1.500 homens. Alexandre dispunha de cerca de 1.000 arqueiros a cavalo para a batalha.

Veja-se que «Hidaspes» é a transcrição grega de *Vidasta*, nome do rio em hindi. Os invasores muçulmanos dos séculos posteriores trocaram o seu nome pelo de Jihlam *(Jhelum)*, como a cidade que se erguia nas suas margens. Provavelmente, a cidade de Jihlam está perto do lugar onde Alexandre instalou o acampamento base.

costumava comandar juntamente com outras unidades asiáticas de cavalaria e tropas indianas locais (cerca de 5.000 homens), mais duas unidades da falange macedónia.

Alexandre partiu para o ponto escolhido com uma força de características semelhantes, mas mais numerosa, que incluía a vanguarda dos Companheiros e as unidades de cavalaria dos seus oficiais Hefestião, Pérdicas e Demétrio. Estas unidades eram hiparquias de maior força que os esquadrões que tinha utilizado na Ásia Menor. Também dispunha de tropas asiáticas que incluíam arqueiros a cavalo e duas unidades da falange com arqueiros e agrianos.

O propósito de deixar no acampamento base uma força substancial era esconder de Poros os seus movimentos. Os indianos não deviam conhecer as suas intenções de atravessar o rio até estas se tornarem realidade. Ordenou a Crátero que se Poros tivesse apenas uma parte do seu exército para fazer frente a essa emergência, deixando atrás de si uma força de elefantes, os macedónios do acampamento base deviam permanecer nas suas

posições, cobrindo o inimigo situado na margem oposta. Se, por outro lado, Poros abandonasse a sua posição actual, quer para enfrentar Alexandre, quer para fugir, Crátero e os seus homens podiam vadear o rio sem receio. De facto, o principal perigo para a cavalaria macedónia eram os elefantes. Quando estes fossem retirados, poderia atravessar-se o rio com confiança, independentemente do número de tropas indianas que permanecessem posicionadas na outra margem.

OPERAÇÕES NOCTURNAS

O ponto escolhido para atravessar o rio estava situado a cerca de 29 km, rio acima, do acampamento base. Na margem oposta, em frente àquele ponto, havia um saliente de terra, coberto com abundante vegetação, por onde o rio curvava; junto ao rio havia uma ilha, também coberta com densa vegetação que poderia ocultar a proximidade e até a presença da cavalaria. Na margem macedónia, Alexandre colocara uma cadeia de vigias capazes de comunicarem através de sinais acústicos ou visuais. De acordo com a sua prática anterior, fez com que o inimigo se acostumasse aos gritos e às fogueiras nocturnas desses postos.

Ao abrigo dessas manobras de diversão, a marcha de Alexandre realizou-se com grande discrição. O rei macedónio avançou por uma rota interior, o que não implica que fosse tortuosa; muito pelo contrário, as pistas interiores entre dois meandros podiam ser com frequência atalhos. Na sua marcha nocturna, os macedónios foram surpreendidos por uma tempestade que descarregou uma chuva torrencial, que, embora lhes tenha causado muitos incómodos, ajudou a ocultar os seus movimentos.

No vau tinha-se preparado uma flotilha de transbordadores. Muitas das embarcações eram jangadas que flutuavam sobre peles de animais, que se tinham enchido com palha desfeita e cosido para ficarem impermeáveis. Alexandre já tinha utilizado esta técnica para transportar tropas pelo Danúbio e pelo Oxus, mas agora também dispunha de galeras de trinta remos que o tinham servido no Indo. Estas embarcações também eram transportadas por secções e montadas novamente onde fossem precisas.

Perto da margem do rio, numa posição intermédia entre o acampamento base e o ponto de travessia, Alexandre deixou os seus três oficiais Meleagro, Átalo e Górgias, cada um encarregue da sua própria unidade de infantaria, com outras unidades mercenárias de cavalaria e infantaria. Tal como a de Crátero, esta força recebeu ordens para só atravessar o rio quando o inimigo, na outra margem, estivesse ocupado noutros pontos. A travessia realizar-se-ia em três vagas. É fácil adivinhar que os meios que os macedónios tinham à sua disposição não eram suficientes para transportar todos os homens de uma só vez.

Ao amanhecer, a tempestade amainou. Ao princípio, a flotilha, que avançou pelo rio sob o comando de Alexandre e dos seus oficiais numa galera de trinta remos, não era visível da outra margem. Mas à medida que avançavam, não tiveram outro remédio senão colocar-se à vista do inimigo, cujos exploradores se apressaram a informar da chegada de Alexandre.

Os homens de Alexandre tiveram dificuldades imprevistas, já que o que parecia ser a margem oposta, na realidade era outra ilha separada de terra firme por um canal profundo, mas estreito. Homens e animais muito a custo conseguiram resistir à forte corrente, e, por vezes, apenas sobressaíam

da água pouco mais do que as suas cabeças. Após terminar finalmente a segunda travessia, Alexandre conduziu os seus homens para terra firme, sem mais contrariedades e sem serem incomodados pelo inimigo. Segundo uma interpretação de um texto antigo que é discutível, parece que Alexandre avançou com o rio à sua direita (ou seja, corrente abaixo) para defrontar o exército de Poros e que marchou numa formação a meio formar. Os Companheiros, com a sua melhor cavalaria, colocaram-se frente à infantaria; frente a eles colocaram-se 1.000 arqueiros a cavalo que serviam como escudo protector e estavam equipados para fazer frente, à distância, aos elefantes. A cavalaria principal, cerca de 5.000 homens no total, foi protegida com uma guarda de flanco de arqueiros às ordens de Tauron, a quem foi ordenado que se mantivesse, na medida do possível, junto aos cavalos.

Atrás da cavalaria marchavam os hipaspistas sob o comando de Seleuco. A principal falange de piqueiros, em linha de batalha, era protegida pelos agrianos e pelos lançadores de dardos em ambos os flancos. Desconhece-se a posição das unidades de cavalaria que não estavam situadas na vanguarda; de qualquer maneira, neste ponto da batalha deveriam ter seguido na retaguarda ou talvez ficassem para vigiar o flanco esquerdo dos hipaspistas.

Arriano sugere que se se apresentasse a ocasião, Alexandre pretendia desafiar todo o exército de Poros só com a sua cavalaria, mas é pouco provável que assim fosse. Outras considerações à parte, o objectivo da táctica de Alexandre era evitar o confronto da sua cavalaria com os elefantes do inimigo. Quase de certeza, a sua ideia devia ser repelir qualquer ataque da cavalaria ou dos carros no ponto de desembarque. De facto, a operação de transporte não estava completa, inclusive depois do desembarque da maior parte do exército. Tinha sido impossível passar todos os homens de uma só vez. A infantaria que desembarcou somava cerca de 6.000 soldados, um número inferior ao que tinha partido do acampamento base.

A REACÇÃO INDIANA

Quando Poros soube que os macedónios tinham atravessado o rio, o rei indiano não quis acreditar que Alexandre tivesse levado consigo todo o exército, e considerou que uma força móvel, sob o comando do seu filho, seria suficiente para controlar a situação. Afinal de contas, podia ver os homens de Crátero acampados na outra margem do rio, e pensou que era o grosso do exército macedónio. Isto é o que Alexandre tinha planeado. O destacamento indiano que Poros comandou contra Alexandre era formado por cerca de 2.000 ginetes e 20 carros. Pelo menos, estes são os números dados por Ptolomeu, oficial de Alexandre, e aceites por Arriano. Os carros foram repelidos sem dilação; diz-se que as baixas ascenderam a 400 homens, entre eles o jovem príncipe. A maior parte dos cavalos e dos carros foram capturados.

Poros apercebeu-se de que não lhe restava outra opção senão atacar com o grosso do seu exército. No entanto, não podia esquecer as tropas de Crátero, que já se preparavam para atravessar o rio, e o rei indiano deixou um pequeno corpo de homens com alguns elefantes para vigiar a outra margem do rio; esperava que isto fosse suficiente para afugentar a cavalaria macedónia que se aproximara deles. Poros avançou pessoal-

1. Após várias semanas de manobras de diversão frente aos elefantes de Poros, na margem oposta, Alexandre conduz a sua força de cavalaria e infantaria rio acima para o atravessar. A noite, a tempestade e a selva escondiam a sua iniciativa aos olhos do inimigo.

2. Crátero fica com uma força de apoio frente aos elefantes de Poros.

3. Meleagro, com Górgias e Átalo, fica numa posição intermédia. Deviam atravessar o rio com as suas tropas em três vagas, mas só quando a vitória na margem oposta estivesse assegurada.

4. No ponto de travessia previsto, uma flotilha de barcos e barcaças (transportadas em peças pre-fabricadas) espera Alexandre. Mas o rei macedónio desembarca numa ilha que confunde com um promontório da margem oposta, e os seus homens vêem-se obrigados a vadear por outro canal, muitas vezes com a água pelo pescoço.

O diagrama mostra 200 elefantes colocados a uma distância de 30 m entre si. A disposição em quatro filas, com uma frente de 1,6 km, é uma suposição. O propósito é ilustrar o papel da linha de elefantes como fortaleza móvel. Servia a cavalaria e a infantaria indiana como um refúgio para onde se podiam retirar e também como uma base a partir da qual realizar uma investida. Sob pressão das setas inimigas, a linha de elefantes rompia-se e contraía-se. Os que se tinham refugiado entre eles morriam muitas vezes esmagados pelos elefantes em debandada. Tanto Diodoro como Curtios comparam a linha de elefantes com uma cidade amuralhada com torres construídas com intervalos. Arriano afirma que as companhias de infantaria indiana se projectavam em distâncias curtas nos espaços livres entre os animais. Diodoro compara a infantaria com muralhas cortina entre as torres dos elefantes. O diagrama também mostra os ginetes indianos à procura de refúgio na linha de elefantes para escapar da matança de Alexandre e Coeno.

BATALHA DE HIDASPES: LINHA DE ELEFANTES

TRAVESSIA DO HIDASPES

Manobras nas margens do rio que conduzem à batalha (Maio de 326 a.C.)

5. **Alexandre coloca-se à frente das suas tropas e leva a sua cavalaria principal para a direita; a esquerda estava debilitada.**

6. **Pouco depois do desembarque, Alexandre é atacado por uma força de cavalaria e carros indianos, mas afugenta-os infligindo-lhes grandes perdas.**

7. **Continuando a marcha rio abaixo para defrontar Poros, Alexandre encontra tempo para os seus homens descansarem.**

8. **Poros fica a saber que Alexandre atravessou o rio com as suas forças e adianta-se para o defrontar, deixando para trás parte dos seus homens, incluindo alguns elefantes, para defrontar Crátero. Alexandre dá batalha com um ataque de arqueiros a cavalo.**

XXXX

XXXX

POROS

Marcha de Poros para defrontar Alexandre

Acampamento base de Poros frente a Crátero no outro lado do rio

LOCALIZAÇÃO DA MODERNA JIHLAM

Rio Hidaspes

Versões alternativas: o relato de Arriano implica tanto que Coeno estava inicialmente colocado à direita do exército de Alexandre como ia defrontar a ala direita do exército indiano. De qualquer modo, devem presumir-se demasiados dados que não se mencionam em nenhuma das fontes antigas. No entanto, como precedente pelo tortuoso caminho da direita para a esquerda, existe o dado da decisão de última hora de Alexandre de transferir (pela retaguarda) a cavalaria tessália em Isso. Se Coeno inicialmente se defrontou à direita do ataque indiano, o inimigo deve tê-lo visto antes de atravessar o campo de batalha, não quando a cavalaria de Alexandre já os estava a ameaçar. É possível que, no início, estivesse protegido por tropas da ala esquerda macedónia o por alguma duna da arenosa planície, mas, de novo, é apenas uma conjectura.

mente com a sua cavalaria contra Alexandre. O seu exército era formado por cerca de 4.000 ginetes, 300 carros, 200 elefantes e 30.000 soldados de infantaria. A maior parte do terreno era pantanoso e era difícil caminhar por ele, mas o rei indiano encontrou uma planície arenosa que daria à sua cavalaria liberdade de manobra. Parou nela e preparou-se para o combate.

A frente indiana era composta por elefantes colocados a intervalos de cerca de 30 metros. Atrás dos elefantes, e nos espaços abertos entre estes, tinha mais soldados de infantaria, cujos flancos exteriores estavam protegidos pela cavalaria e pelos carros de guerra situados em cada extremo da frente. Quando Alexandre ficou à vista da linha de batalha indiana, parou e ordenou à sua infantaria que descansasse, enquanto a cavalaria patrulhava à sua volta. Antes de entrar em acção contra Poros, Alexandre modificou a liderança dos seus próprios homens. Os seus oficiais podiam ser colocados em diferentes postos, uma vez que a sua competência individual não se limitava a uma só das armas da força de combate. A Coeno foi-lhe confiada a cavalaria de Demétrio, que seguramente ficou como seu subalterno; Seleuco permaneceu ao comando dos hipaspistas, mas os líderes da falange de piqueiros eram agora Tauron e Antígenes. Uma vez que era possível realizar tais mudanças, é fácil compreender porque é que eram convenientes nesta situação. Lutar numa batalha é uma operação muito diferente de atravessar um rio, e é razoável pensar que Alexandre pudesse necessitar de mudanças nos seus comandos.

Poros desfrutava de uma esmagadora superioridade em infantaria, mas Alexandre contava com a vantagem da cavalaria. De qualquer forma, todos os assuntos dependiam de se os elefantes indianos podiam defrontar a cavalaria macedónia e provocar o caos ou se era possível evitar tal confrontação. O rei da Macedónia evitou-a. Abriu a batalha com um ataque dos seus arqueiros a cavalo, que provocaram uma considerável desordem nas formações do flanco esquerdo do inimigo.

Há que recordar que os carros de Poros estavam situados nos flancos, diante da sua cavalaria. Os carros situados à esquerda tiveram de aguentar o primeiro impacto dos arqueiros a cavalo de Alexandre. Os carros eram objectivos de grande tamanho para os atacantes, pois cada um deles transportava seis homens, levando escudos dois deles.

Parece que o rei indiano mudou de opinião em relação à deslocação do seu exército, já que tentou conduzir a sua cavalaria para a frente dos carros. Mas Alexandre e os seus Companheiros caíram sobre os ginetes do flanco esquerdo indiano enquanto estes ainda avançavam em coluna e antes de lhes dar tempo para que pudessem deslocar-se em linha de batalha. O flanco esquerdo de Poros foi obrigado a passar para a defensiva.

No outro lado do campo de batalha, a cavalaria do flanco direito indiano fez todo o possível para salvar a situação. Deslocaram-se pela planície central para contra-atacar o flanco de Alexandre. Os ginetes situados no flanco esquerdo da infantaria macedónia eram muito poucos ou estavam demasiado longe para impedir a manobra do exército indiano. Mas o oficial Coeno, agindo segundo um plano preestabelecido, separou-se do resto dos Companheiros e conduziu os seus homens, seguramente a galope, por um tortuoso caminho para aparecer na retaguarda do contra-ataque indiano após uma corrida através do campo de batalha. Não se pode excluir que, para levar a cabo esta operação, Coeno passasse pela retaguarda da infantaria macedónia em marcha antes de o inimigo se precaver da sua chegada. A verdade é que apareceu de forma repentina e ines-

Elefante de guerra indiano parecido com os que Poros utilizou junto ao rio Hidaspes. (Richard Geiger)

perada, quando a cavalaria do flanco direito indiano já tinha entrado em combate com os Companheiros de Alexandre. Agora, os indianos eram ameaçados em duas frentes, e a sua reacção foi dividir as suas forças e enfrentar simultaneamente Alexandre e Coeno. Isto obrigava-os a formar de novo. Mas, de improviso, Alexandre mudou de direcção e arrasou-os enquanto estavam em plena manobra. Sem tentar opor resistência ao embate dos Companheiros, os indianos puseram-se a coberto entre os elefantes.

A DERROTA DE POROS

Naquele momento, os elefantes demonstraram o seu valor. Longe de se cingirem a desempenhar um papel defensivo, avançaram contra a infantaria macedónia que se aproximava, indiferentes à chuva de setas e dardos dos homens de Alexandre. Arrasaram com fúria a falange de piqueiros, esmagando os inimigos debaixo das suas patas ou destroçando-os com os seus dentes, demonstrando o seu treino militar. Os ginetes indianos descansaram uns instantes, encheram-se de coragem e realizaram uma nova investida contra a cavalaria de Alexandre, mas foram repelidos uma vez mais entre os elefantes. Nesta fase, a batalha apresentava um aspecto pouco habitual, já que, em vez de se distribuir pelas alas, a cavalaria de ambos os lados se concentrava no centro como uma massa densa e confusa.

Mas o ataque dos elefantes rapidamente perdeu o ímpeto. Os seus condutores eram vulneráveis ao ataque das lanças e das setas, e os macedónios estavam em posição de ceder perante eles, antes de renovar a sua ofensiva quando os animais pareciam cansados. Além disso, muitos dos paquidermes sofreram vários ferimentos e enlouqueceram ao ponto de perderem o controlo, inclusive os que não tinham perdido os seus condutores.

Número de efectivos e de baixas sofridas pelo exército indiano de acordo com as principais fontes antigas

Participantes na batalha principal

	Cavalaria	Carros	Elefantes	Infantaria
Arriano	4.000	300	200	30.000
Quinto Curtios Rufo	Sem dados	300	85	30.000
Diodoro Sículo	3.000	Mais de 1.000	130	50.000
Plutarco	2.000	Sem dados	Sem dados	20.000

Participantes no confronto aberto com o filho (irmão?) de Poros

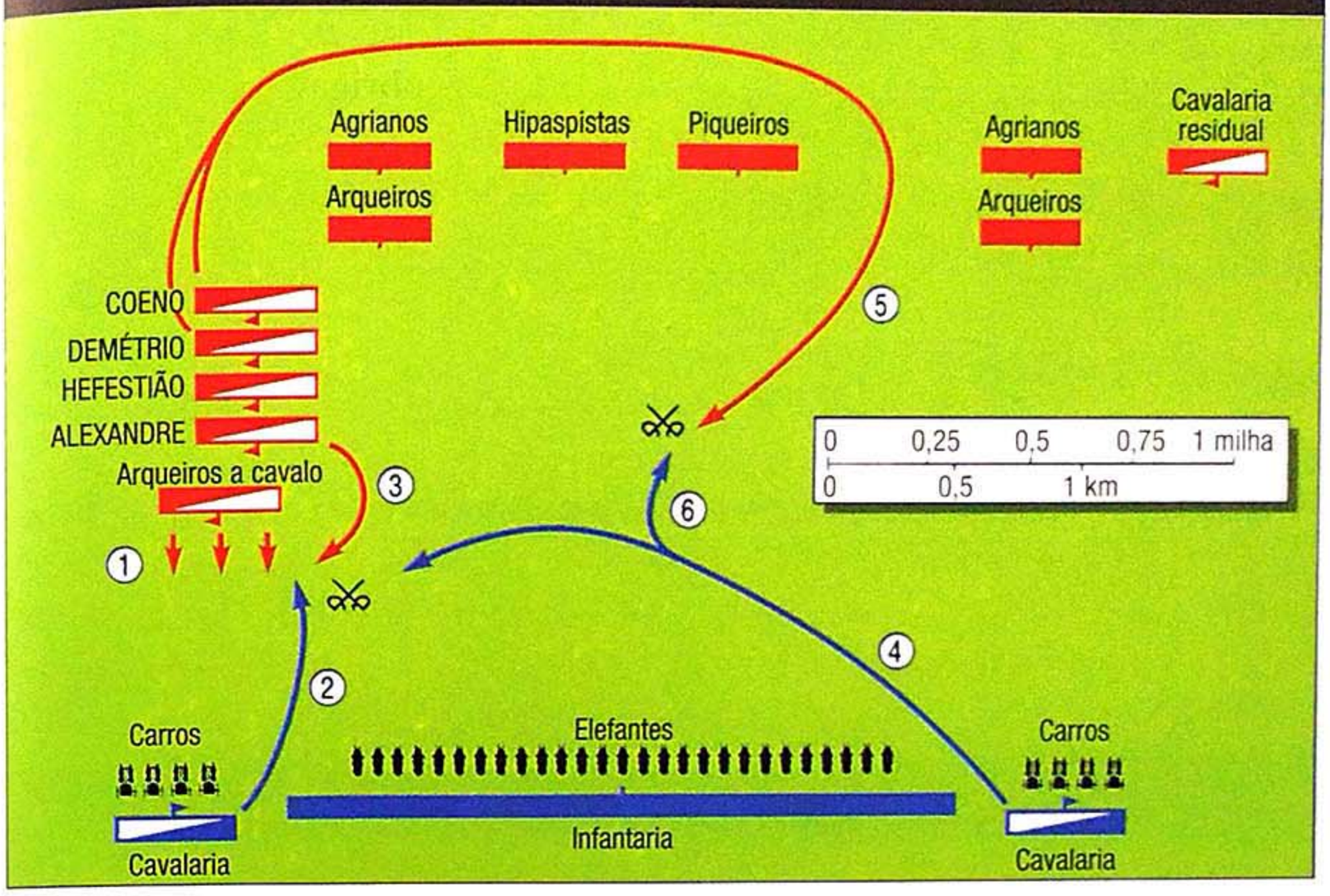
Aristíbulo (citado por Arriano)		60
Ptolomeu (citado por Arriano)	2.000	120
Plutarco	1.000	60
Quinto Curtios Rufo	4.000	100

Baixas

Arriano	3.000	Todos os carros	Todos mortos ou feitos prisioneiros	20.000
Diodoro Sículo	Desconhecidas	Desconhecidas	85 prisioneiros	Desconhecidas

Diodoro também afirma que o total de baixas sofridas pelas filas indianas somavam 12.000 mortos e 9.000 prisioneiros, e que os macedónios perderam 280 ginetes e 700 soldados de infantaria. O relatório de Arriano sobre o número de baixas sofridas nas filas macedónias acrescenta 230 ginetes e 80 soldados de infantaria.

BATALHA DE HIDASPES: TÁCTICAS



1. Os arqueiros a cavalo de Alexandre dispararam uma chuva de setas contra a cavalaria do flanco esquerdo do exército indiano.
2. A cavalaria indiana avançou para os arqueiros, recusando-se a tornar-se um objectivo estático.
3. Os Companheiros de Alexandre carregaram contra a cavalaria indiana enquanto marchavam em coluna, ou seja, antes que pudesse deslocar-se, provocando o caos nas filas inimigas.
4. A cavalaria do flanco direito indiano marchou de forma transversal para apoiar o ameaçado flanco esquerdo.
5. Coeno apareceu de improviso e atacou o flanco direito indiano pela retaguarda, enquanto avançava pelo campo de batalha.
6. Parte da cavalaria do flanco direito indiano dividiu-se para enfrentar o ataque de Coeno. Depois, a cavalaria indiana, que já combatia em duas frentes, foi obrigada a retirar-se entre os elefantes, que por sua vez estavam a ser atacados pelos agrianos e pelos arqueiros de Alexandre. Gerou-se então uma grande confusão e a derrota dos indianos. Todos os carros foram destruídos, e os elefantes, capturados ou mortos.

Em contraposição à cavalaria macedónia, os indianos fechavam-se numa zona cada vez mais limitada entre os elefantes. Na guerra da Antiguidade costumava acontecer que os elefantes aterrorizados magoavam tanto os seus próprios donos como os inimigos. Nesta ocasião, os elefantes de Poros não foram uma excepção. Os indianos, amontoados entre eles, foram esmagados. Entretanto, a infantaria indiana, privada do suporte da cavalaria, dos elefantes e dos carros, não era rival para a falange de piqueiros macedónia, que a arrasou com os seus escudos, perfeitamente formados uns junto aos outros.

Por último, quando as forças de Poros ficaram exaustas, a cavalaria e a infantaria de Alexandre cercaram-nas e capturaram os elefantes que, reduzidos agora a um papel estacionário, barriam em patético protesto. A cavalaria indiana foi aniquilada, e aqueles de entre os homens de Poros que tiveram a sorte de encontrar uma milagrosa brecha entre as linhas inimigas, fugiram para pôr-se a salvo. No entanto, a fuga também não lhes salvou a vida, já que Crátero e os outros macedónios, situados na margem ocidental do Hidaspes, atravessaram o rio e interceptaram os exaustos fugitivos.

Ao contrário de Dario, Poros, um homem de gigantesca estatura, subiu para o lombo de um elefante e, protegido por uma robusta protecção do peito, lutou até ao fim. Só quando foi ferido é que abandonou a luta. Alexandre enviou o seu aliado, o rei indiano Taxiles, para falar com ele instando-o a render-se, mas este, a partir do seu elefante, ameaçou-o com uma lança e Taxiles foi obrigado a retirar-se. Então Alexandre enviou outro embaixador que, no passado, tinha mantido boas relações com Poros. Finalmente, o rei indiano aceitou desmontar e parlamentar com Alexandre, que, sentindo uma profunda admiração pelo seu corajoso inimigo, e provavelmente também ávido de diplomacia, aceitou as condições honoráveis que Poros exigia e assinou uma aliança com ele.

No decurso da batalha e da perseguição perderam-se todos os carros e morreram 3.000 ginetes e 20.000 soldados de infantaria. Os elefantes sobreviventes constituíram o espólio dos vencedores. De novo dá a impressão de que as batalhas antigas eram uma espécie de acontecimento atlético violento, no qual a derrota era castigada com o massacre.

REGRESSO À BABILÓNIA

Alexandre fez Poros seu aliado e reconciliou-o com Taxiles. Fundou duas novas cidades, Niceia e Bucefália, junto ao Hidaspes, esta última assim chamada em memória do seu famoso cavalo, Bucéfalo, que tinha morrido de velho. Deixou os seus homens descansar um mês, durante o qual recebeu reforços — tropas trácias recrutadas pelo seu governador na zona do Cáspio. Alexandre ficou a saber da existência de certos problemas em Asacenia, cidade situada num território montanhoso (identificado com os actuais Bajaur e Swat) que tinha conquistado na sua marcha para o vale do Indo, e mandou tropas para os solucionar.

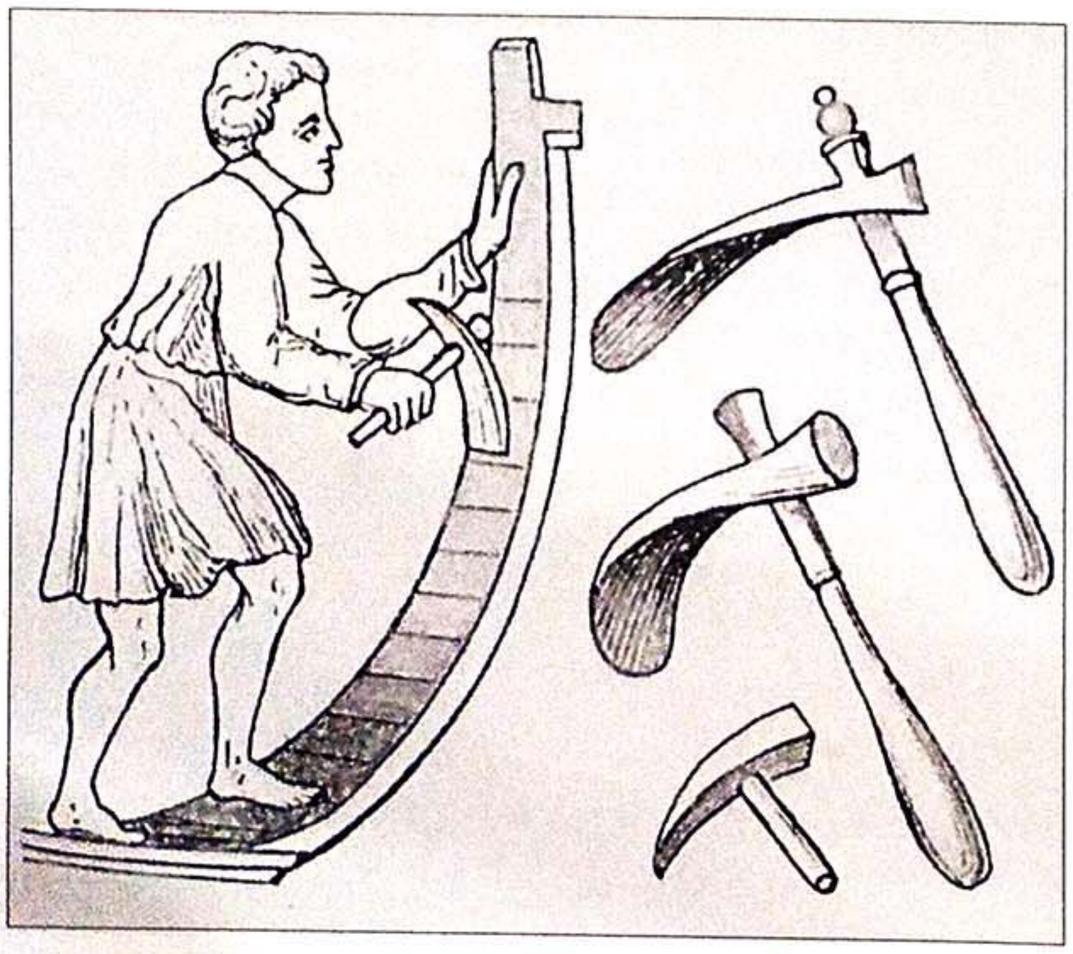
Mas agora Alexandre era desafiado por outro rei indiano, também chamado Poros (deduz-se que a forma grega representa um título indiano). Poros fugiu rapidamente ante o avanço de Alexandre, mas o rei macedónio perseguiu-o, vadeando o turbulento rio Acesines *(Chenab)* e o de águas mais tranquilas Hidraotes *(Ravi)*. Isso provocou um conflito com a tribo dos catas, hostilidades que de novo exigiam a intervenção do seu versátil génio militar. Então dirigiu-se para o rio Hifasis (Beas).

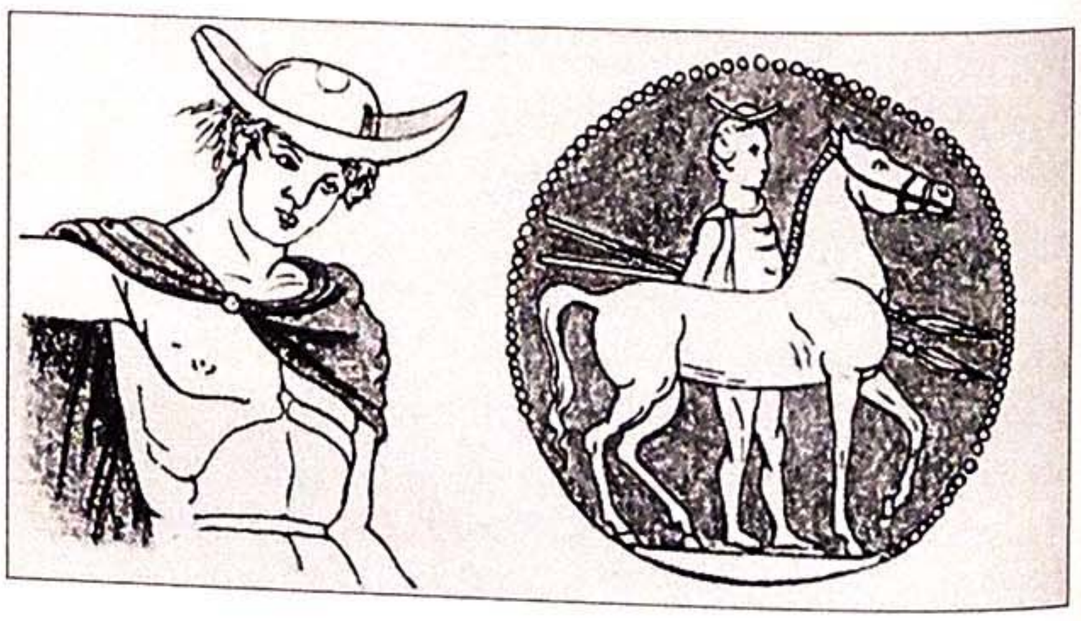
No texto de Arriano sugere-se que Alexandre tinha esperanças de alcançar a «corrente do oceano» que, segundo a concepção geográfica grega, contornava a massa terrestre do mundo. Mas os seus homens seguiam-no agora com pouco entusiasmo. Quando observou o baixo moral dos seus homens, Alexandre tentou levantar-lhes o ânimo com um aceso discurso; após o prolongado silêncio com que as suas palavras foram recebidas, o valente Coeno falou do mal-estar do exército. Alexandre ficou zangado com o exército em geral e com Coeno em especial, e meteu-se na sua tenda durante dois dias. Como os soldados não mostraram arrependimento por terem ferido a sua susceptibilidade, Alexandre teve consciência de que tinha chegado o momento de fazer uma retirada mais ou menos digna.

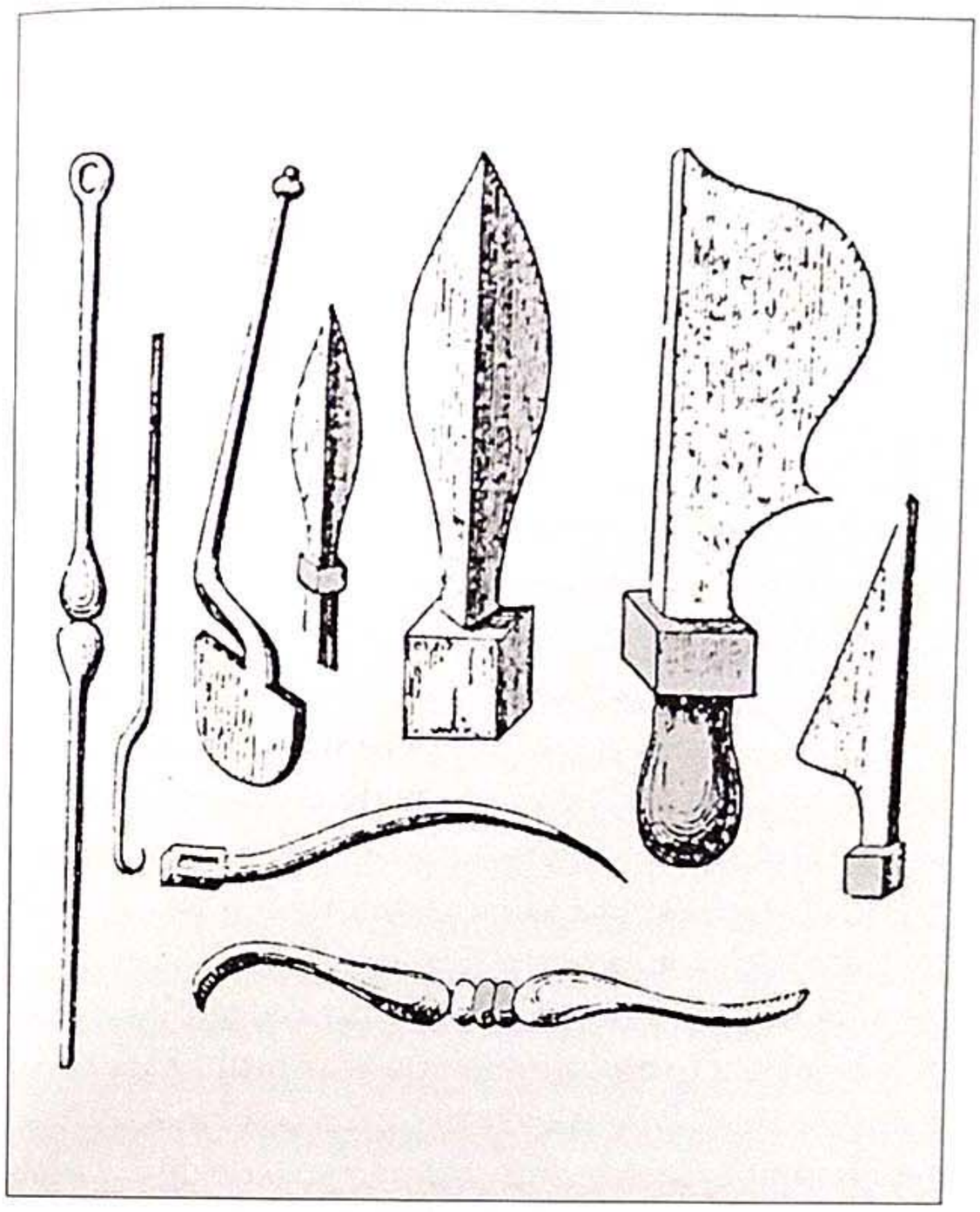
Mesmo durante a retirada continuaram a travar batalhas e sucederam-se uma série de acontecimentos dramáticos. Alexandre viu-se envolvido numa feroz batalha com os malios, uma tribo do vale do

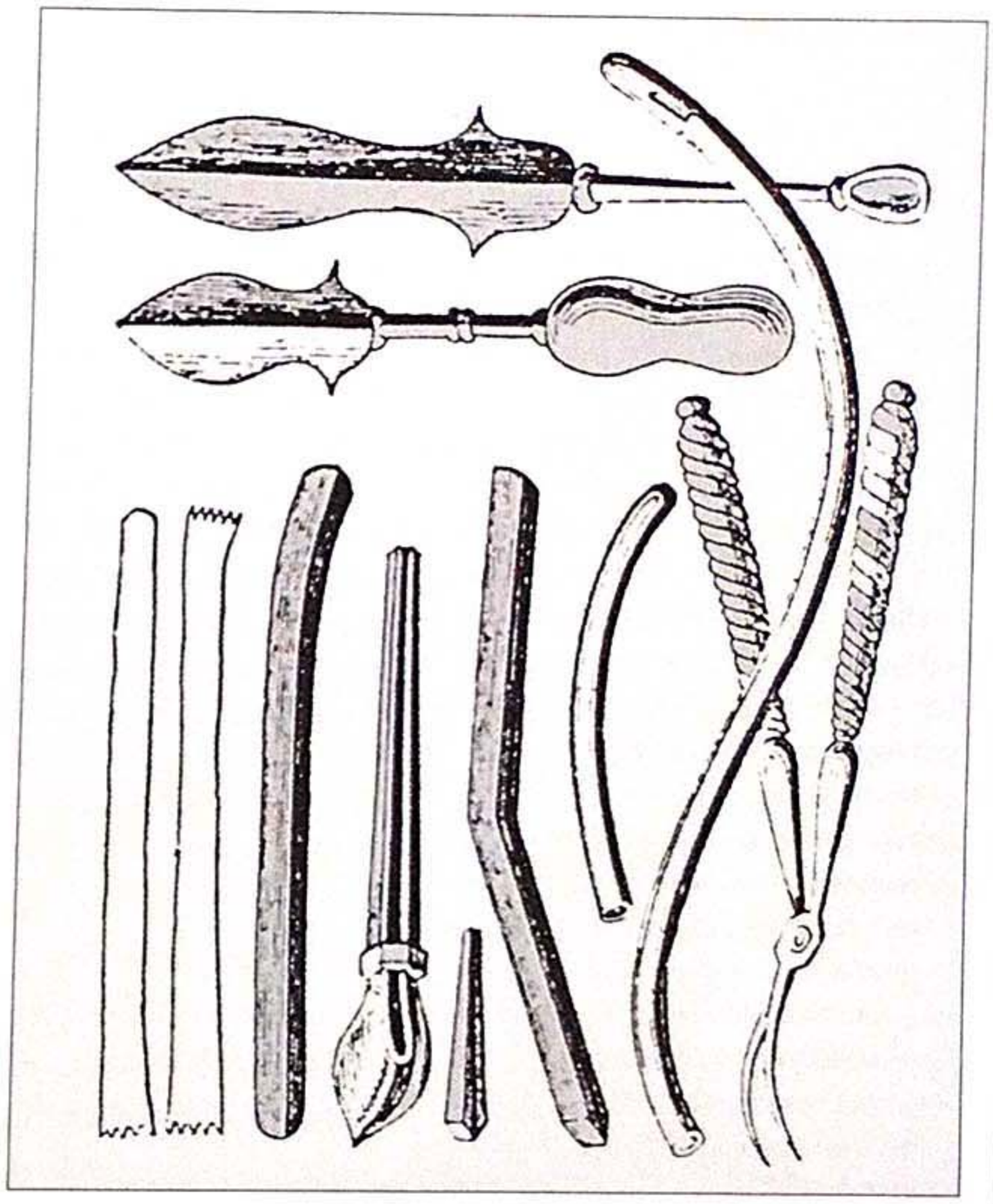
EM BAIXO, À ESQUERDA **Alexandre contava com hábeis artífices no seu exército, que recrutava muitas vezes entre as gentes da zona. A enxó (em grego *skeparnon*) era uma ferramenta que se utilizava constantemente. Na ilustração exemplifica-se como era usada para construir barcos, e cabe recordar aqui a eficácia com que as frotas fluviais eram construídas, desmontadas e transportadas durante as campanhas indianas.**

EM BAIXO, À DIREITA **Imagem que mostra um tipo de chapéu macedónio de abas largas chamado «causia». A figura da esquerda procede de um vaso grego, e a da direita, de uma medalha de Alexandre I da Macedónia. Nas moedas de Filipe II da Macedónia também aparecem chapéus de formas semelhantes, com uma figura a cavalo, e sabe-se que Alexandre III, *o Magno*, também os usava em certas ocasiões.**









Indo simpatizante dos catas. Impaciente pelo lento progresso dos seus homens que encostavam as escadas de assalto aos muros inimigos, Alexandre pegou numa delas e trepou para as ameias com uma só mão. Depois de se aperceber da vulnerabilidade da sua posição, saltou para trás dos muros da cidadela e desafiou toda a guarnição. Foi atacado e ferido gravemente. Os seus oficiais resgataram-no, mas um deles perdeu a vida[1]. Entretanto, os macedónios deitaram a porta abaixo. Alexandre viu a morte de perto naquela ocasião e, como vingança, os macedónios massacraram todos os homens, mulheres e crianças da cidade.

Enquanto se recuperava do seu gravíssimo ferimento, Alexandre dirigiu a construção de uma grande frota no Hidaspes, pôs-se à frente da mesma e dirigiu-se águas abaixo até ao Acesines, e finalmente alcançou o Indo. Certas considerações militares e políticas obrigaram-no a enviar Crátero e o grosso do seu exército para casa através de Aracosio e Alexandria *(Kandahar),* que tinha fundado nesse lugar. Mas Alexandre quis explorar a zona. Reuniu as tropas que lhe restavam e a frota que o acompanhava em Patala, na cabeceira do delta do Indo, e preparou duas expedições de regresso por terra e por mar.

Antes de partir, explorou a foz do Indo. A frota, que aparentemente devia ter navegado ao seu lado enquanto conduzia as tropas de terra para oeste, foi atrasada por uma monção, pelo que Alexandre e os seus homens perderam o contacto com os barcos que navegavam sob o comando do seu almirante Nearco. Em várias ocasiões, os homens de Nearco ficaram aterrorizados com as condições meteorológicas do oceano Índico, desconhecidas para eles, que incluíam fenómenos como as marés e a presença de baleias. Passaram muitas dificuldades e privações, e perderam alguns barcos.

Ilustrações de instrumentos cirúrgicos baseadas nos objectos deste tipo encontrados em Pompeia, e que não deviam ser muito diferentes dos utilizados pelos médicos dos exércitos de Alexandre. Na Índia, o próprio Alexandre teria morrido se não se lhe tivessem extraído uma seta. Alguns autores afirmam que a operação foi realizada por Critodemo de Cós, um médico profissional, embora noutros relatos se diga que um dos soldados da sua guarda lhe extraiu a ponta da seta com a espada, porque não era possível conseguir ajuda médica.

[1] Trata-se da Abreas; os outros dois salvadores de Alexandre, Peucestas e Leonato, foram promovidos e condecorados mais tarde.

A coluna vertebral do exército de Alexandre eram os piqueiros, que lutavam na maciça falange macedónia. Este soldado está equipado com um capacete trácio de bronze, uma armadura de couro e uma *sarisa* (dardo) de 4,5 m. A cavalaria e a infantaria ligeira persas pouco podiam fazer contra as lanças da falange macedónia. O inimigo mais formidável da formação eram os elefantes do exército indiano de Poros, que desestabilizaram a sua coesão e lhe infligiram numerosas baixas. (Richard Geiger)

As forças terrestres sofreram muito mais na travessia do deserto de Gedrosia (actual Makran, uma região ainda desolada). No princípio, levaram o luxuoso espólio que tinham conquistado nas suas guerras orientais, e um grupo de mulheres e crianças. Mas tiveram que queimar o espólio e mataram muitos dos seus animais de carga para se alimentarem. Torturados pela sede, muitos encontraram a morte no leito de um rio, junto ao qual acamparam após a descoberta de um pequeno fio de água. Uma repentina tempestade que rebentou sobre as montanhas transformou o pequeno rio num enorme caudal, e muitas mulheres e crianças morreram afogados. Durante a marcha verificaram-se numerosas baixas, tanto entre os homens como entre os animais. Os doentes ou os que estavam demasiado exaustos para continuar eram abandonados onde caíam, porque ninguém tinha força para carregar com eles. Quando uma violenta rajada de vento apagou todas as marcas do terreno e cobriu as pistas da areia, os guias de Alexandre, incapazes de se orientarem pelas estrelas, falharam. Nesta emergência, o próprio Alexandre se pôs à frente da expedição e, graças ao seu sentido de orientação, conduziu os seus desesperados homens de regresso ao mar, onde descobriram uma fonte de água fresca na praia. Graças a um grande número de fontes, o esgotado exército percorreu a linha da costa durante sete dias.

Finalmente, Alexandre contactou com Crátero terra adentro, em Carmânia (Kerman). Crátero forneceu-lhe os tão necessários animais de carga e elefantes, e o resto da marcha foi feita em condições bastante aceitáveis. Na entrada do golfo Pérsico, os homens de Nearco encontraram um grego do exército de Alexandre que ficara para trás, e o próprio Nearco, com um pequeno grupo, se aventurou para norte ao encontro de Alexandre.

Apesar do emotivo encontro, as expedições naval e terrestre continuaram por caminhos separados. Nearco subiu o golfo Pérsico, primeiro até à foz do Eufrates e depois para o Tigre, para se reencontrar

finalmente com Alexandre em Susa. As informações da duração desta histórica viagem diferem, mas o mais provável é que Nearco partisse da foz do Indo no fim da estação das monções do sudoeste, em Outubro de 325 a.C., e alcançasse Susa na Primavera de 324 a.C.

No seu último ano de vida, Alexandre enfrentou um motim mais grave do que a passiva resistência que encontrara no Hifasis. Aconteceu em Opis, uma centena de quilómetros a norte de Babilónia. Alguns veteranos macedónios tinham sido destituídos do seu cargo e tinham-se recrutado alguns persas para a falange, o que provocou um grande mal-estar. Alexandre executou os líderes dos amotinados e tranquilizou os restantes com a sua brilhante oratória. Mas a sua atitude cosmopolita e a sua política internacional eram fonte de conflito em toda a parte. Na sua ausência tinham-se produzido casos de corrupção evidentes no coração do seu recém-criado império. Hárpalo, que ficara à frente dos assuntos fiscais, cometeu graves irregularidades e fugiu para a Grécia. O primeiro impulso de Alexandre foi persegui-lo e arrasá-lo, mas pouco depois ficou a saber que o fugitivo tinha sido assassinado pelos seus próprios subordinados.

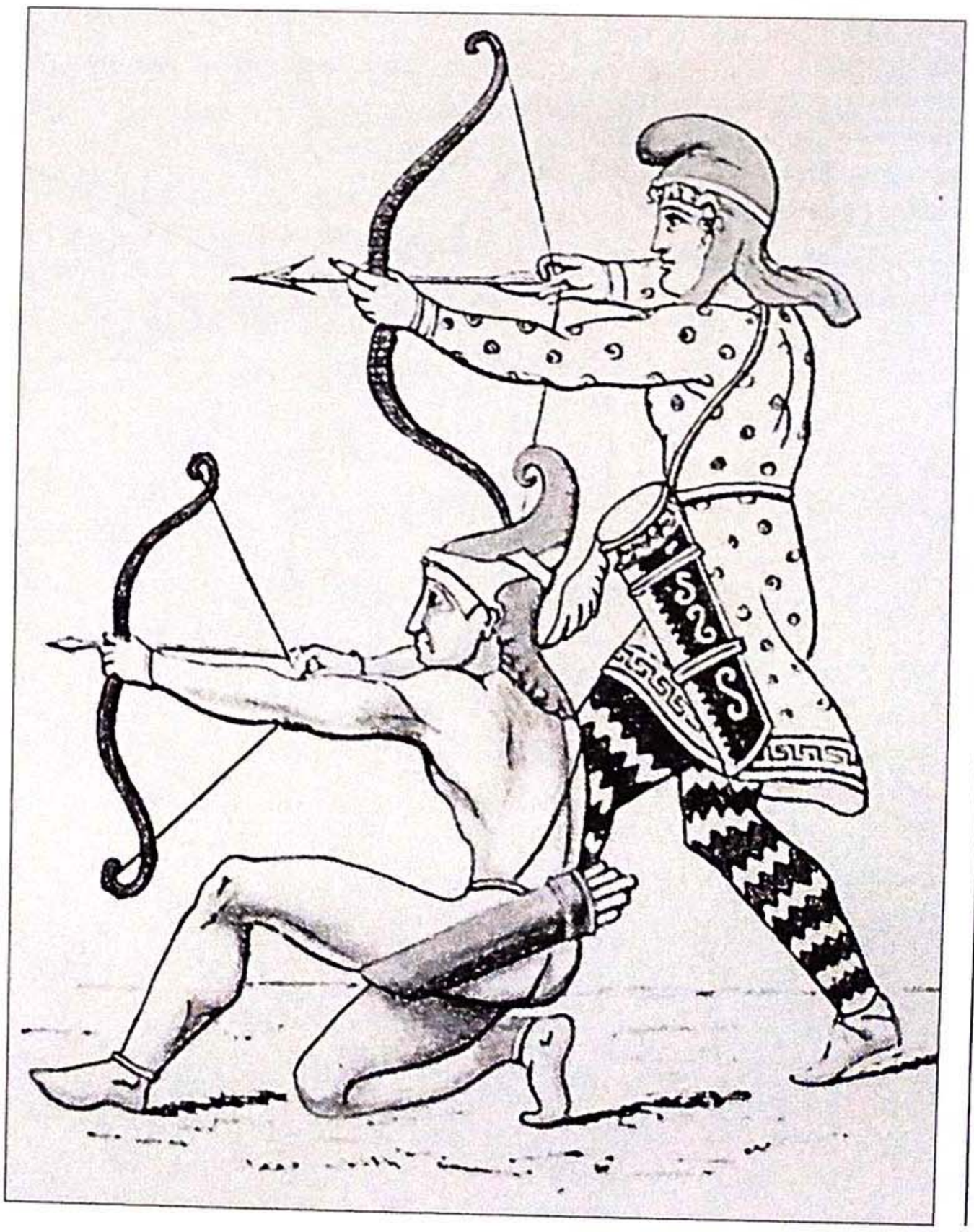
Independentemente dos sentimentos dos macedónios, Alexandre não alterou os seus planos de uma fusão nacional. O seu objectivo não era uma sociedade multirracial, mas uma fusão de cultura, nação e raça. Seguindo o seu ideal, obrigou os oficiais macedónios a casar com mulheres orientais, e ninguém pôde acusá-lo de não servir de exemplo. Além disso, decidiu transformar Babilónia na capital do seu império.

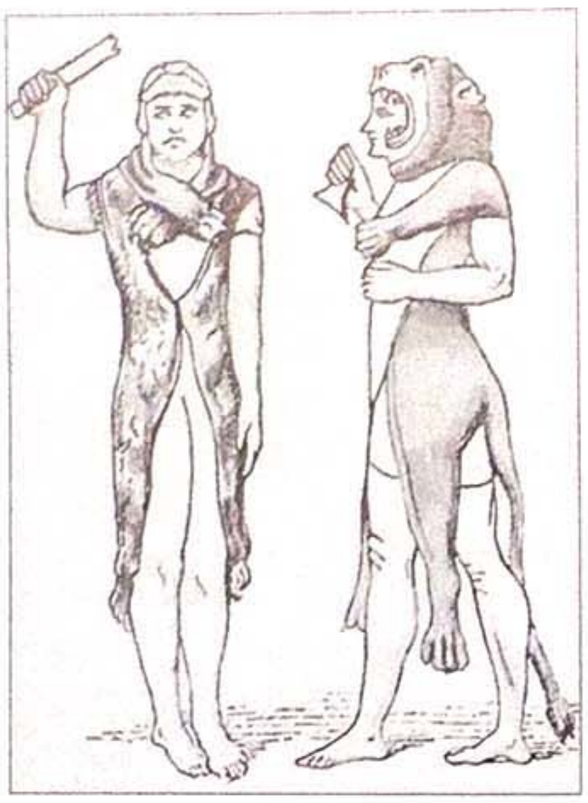
Nas últimas etapas da sua carreira, parece que o seu carácter se tornou mais azedo, deixando-se arrastar cada vez mais pelos caprichos e a autocomplacência, vícios que os gregos associavam ao despotismo. Também aceitou as honras quase divinas que lhe foram atribuídas por uma aduladora expedição grega. É possível que as suas aspirações divinas tivessem começado anteriormente, por ocasião da sua visita ao oráculo líbio de Ámon.

A fama das suas conquistas no Oriente chegou até ao Mediterrâneo Ocidental, e quando estava perto de Babilónia, em 324 a.C., foi homenageado por amistosas embaixadas procedentes da Líbia, Cartago, Hispânia e Gália. Se tivesse vivido o suficiente, talvez empreendesse uma conquista ocidental, mas naquele momento planeava uma expedição ao interior da Arábia, impelido pelos relatos de Nearco.

Os preparativos dessa expedição, em especial enquanto dirigia a construção de uma frota no golfo Pérsico, foram interrompidos pela sua morte, em 323 a.C., devida a uma febre repentina. Não deixou nenhum sucessor. Aquela não era a primeira vez que a sua vida tinha sido ameaçada pela doença ou pelos ferimentos de

A figura da direita é uma amazona, tal como aparece pintada num vaso grego. Na mitologia grega, as amazonas eram uma raça de guerreiras que perpetuavam a sua tribo através de contactos casuais com as tribos vizinhas. Costumam representar-se vestidas à maneira dos citas, como a que aqui aparece (copiada de uma escultura em mármore procedente de Egina). Muitas lendas sobre as façanhas orientais de Alexandre contam que encontrou as amazonas no decurso das suas campanhas. Também se conta que um grupo de mulheres armadas chegaram ao acampamento macedónio e que Alexandre, ao verificar que a sua presença prejudicava a ordem e a disciplina militar, lhes ordenou que abandonassem o lugar com a promessa de que, tal como lhe pediam, visitaria a sua rainha e geraria um filho com ela.





Alexandre é muitas vezes representado vestido com uma pele de leão, e estas ilustrações baseadas em esculturas de bronze antigas mostram a forma como se usava esta vestimenta. Também há outras peles que se usam da mesma maneira, com o guerreiro a passar a cabeça entre as mandíbulas abertas do animal. O herói da Antiguidade Héracles (Hércules) aparece muitas vezes vestido com uma pele de leão. Alexandre afirmava que era descendente de Héracles, e sentia-se orgulhoso de vestir-se como o seu antepassado.

guerra, e nunca mostrou interesse em nomear um sucessor. A morte em combate tinha-o perseguido sem cessar, mas parece que não tinha pensado na questão da sua sucessão. Segundo Arriano, não pronunciou uma única palavra nas suas últimas vinte e quatro horas de vida, mas Curtios afirma que falou de forma coerente instantes antes da sua morte. Ou não desejava nomear um sucessor ou a questão lhe era completamente indiferente. Por fim, os seus oficiais veteranos dividiram o seu vasto império e repartiram-no, nomeando os seus próprios sucessores, que, como novos senhores da guerra, continuaram a lutar entre si durante os dois séculos seguintes. É possível que Alexandre tivesse previsto tal contingência e que se resignasse a ela.

Também é possível que a política não fosse a sua verdadeira preocupação. Os últimos anos de vida projectaram uma nova luz sobre a sua personalidade e pode-se vê-lo como um explorador obcecado que abriu caminho pelo mundo porque essa era a única maneira possível de o explorar. Os seus inimigos eram aqueles que o impediam de ir onde ele queria e no momento em que o desejava.

O arqueiro era o soldado de infantaria mais numeroso do exército indiano que se defrontou com Alexandre. Estava equipado com um longo e poderoso arco de bambu, da mesma altura que o arqueiro, que levava uma corda de tendão ou de cânhamo que esticava aproximando-a da orelha. As setas eram muito compridas, de junco ou de cana, e no extremo colocavam-se penas de abutre. As pontas costumavam ser de ferro, embora às vezes também fossem feitas de corno, e, segundo algumas fontes gregas, estavam envenenadas. Arriano afirma que o arco indiano era tão poderoso que não havia couraça nem escudo capaz de deter as suas setas. No entanto, alguns dos oficiais de Alexandre mantêm que era demasiado pesado para apontar com precisão, e que os resultados obtidos pelos arqueiros indianos na batalha de Hidaspes foram insignificantes. (Richard Geiger)

DEPOIS DE ALEXANDRE

Filipe Arrideu, meio-irmão de Alexandre que provavelmente o acompanhou à Ásia Menor em 334 a.C., estava na Babilónia no momento da sua morte. Filho de Filipe II e da sua amante tessália Filina, Arrideu era reconhecido de forma quase unânime como o legítimo sucessor ao trono da Macedónia, embora o seu poder fosse nominal. De facto era atrasado mental e, portanto, um activo político para qualquer pessoa que reclamasse ser o seu tutor. Finalmente, caiu nas mãos de Olímpia, a mãe de Alexandre, que, receando a sua própria posteridade, ordenou a sua morte em 317 a.C.

Então, o filho póstumo de Alexandre e Roxana foi nomeado rei com o nome de Alexandre IV da Macedónia. Mas ele e a sua mãe foram assassinados em 310 a.C. por Cassandro, filho do regente Antípatro (falecido em 319 a.C.). Cassandro, que se livrou pelas suas próprias mãos de todos os possíveis rivais, considerava-se o legítimo herdeiro do trono da Macedónia.

Se a família de Alexandre não herdou a Macedónia, esta também não herdou o Império Persa. Em 321 a.C., os territórios ocidentais conquistados por Alexandre estavam sob o controlo de Antígono, antigo governador de Alexandre na Frígia (a noroeste da Ásia Menor). Antígono considerava-se o único herdeiro do império de Alexandre e livrou-se rapidamente dos oficiais que disputavam o trono. O seu reino foi o mais forte dos reinos sucessores e nele surgiu uma coligação dos restantes governantes contra ele: Seleuco, que governava o leste a partir da Babilónia; Ptolomeu, senhor do Egipto; Cassandro a partir da Macedónia e Lisímaco a partir da Trácia.

Tetradracma de Seleuco I, um dos oficiais veteranos de Alexandre que lutou juntamente com ele no Hidaspes. Tem um capacete ático, que lhe tapa as orelhas. Neste tipo de capacete, as partes laterais podiam ser móveis. Na época de Alexandre costumavam usar-se capacetes mais abertos para facilitar a visão e a audição. O reverso representa uma Vitória alada a coroar o guerreiro com um troféu de armas e armadura.

O primeiro Ptolomeu do Egipto cunhou tetradracmas de prata como estas. Como era um dos oficiais veteranos de Alexandre, depois da sua morte sucedeu-lhe como governador do Egipto. Tal como Seleuco, Ptolomeu esteve presente na batalha de Hidaspes e saiu vitorioso do encontro com os elefantes de Poros. A sua moeda, que aparece na imagem, ainda tem o nome de «Alexandre» no reverso. No anverso, o capacete em forma de cabeça de elefante é uma clara reminiscência do troféu de máscara de leão de Héracles, que tantas vezes aparece nas moedas de Alexandre. Também estão presentes os chifres de carneiro em espiral de Ámon, a insígnia pessoal de Alexandre. É possível que a sinuosa posição da tromba do elefante seja uma imagem do emblema da cobra que aparecia na testa dos faraós.

Esta poderosa aliança terminou com a derrota e morte de Antígono em Ipsos (Frígia) em 301 a.C. Como consequência disso, os reinos sucessores permaneceram separados até ao século II a.C., quando foram caindo um atrás do outro nas mãos de Roma. A última representante da linha dinástica macedónia foi a famosa Cleópatra, amante de Júlio César e Marco António, que se suicidou no ano 30 a.C.

O domínio macedónio do noroeste da Índia não sobreviveu muito tempo. Pouco depois da marcha de Alexandre, o Penjabe caiu sob o poder de Chandragupta Maurya, o rei indiano conhecido entre os gregos com o nome de Sandracoto. No entanto, quando o poder dos Maurya declinou, a Índia foi conquistada novamente por reis de língua grega, que eram os sucessores dos governadores de Alexandre e das guarnições de Bactriana e Afeganistão. Estes penetraram para lá do vale do Ganges, embora nunca tenham conseguido consolidar as suas conquistas.

A existência de moedas cunhadas em alfabeto indiano e grego ao mesmo tempo demonstram a existência de cerca de quarenta reis indo-gregos durante os séculos II e III a.C. Um deles, Menandro, que governou entre 155 e 130 a.C., sobrevive na tradição indiana com o nome de Milinda, um monarca justo e sábio que se converteu ao budismo.

Moeda de prata quadrada na qual aparece um texto com caracteres gregos com o nome de Apolodoro Soter. No reverso há uma inscrição com grafia asiática. Apolodoro foi um rei grego da dinastia bactriana que, seguindo os passos de Alexandre, invadiu a Índia no século II a.C. Pouco se sabe sobre os monarcas gregos que herdaram as conquistas de Alexandre no longínquo Oriente do Império Persa; o escasso conhecimento baseia-se sobretudo na numismática.

O CAMPO DE BATALHA, HOJE

Não tem importância o rio turco que identificarmos como o Granico, já que a povoação de Dimetoka se encontra mais perto do campo de batalha. O viajante que chegar a Istambul por ar também pode visitar o Museu de Istambul, onde se encontra o famoso sarcófago de Alexandre com relevos esculpidos que talvez representem a batalha de Granico. Deve destacar-se que Erdek — uma tranquila povoação turística situada a sul do mar de Mármara — se encontra a cinco horas de distância por mar ou por estrada desde Istambul; Dimetoka encontra-se a cerca de 56 quilómetros de Erdek.

A batalha de Isso foi travada no que hoje é um pequeno distrito administrativo turco *(isanjakl),* chamado Iskenderun, como a sua cidade mais importante, um porto perto da fronteira com a Síria. «Iskander» é a palavra turca e árabe para Alexandre, daí o seu nome. Iskenderun, antes conhecida no Ocidente com o nome de Alexandreta, é a cidade fundada por Alexandre depois da campanha de Isso. O campo de batalha de Isso encontra-se a cerca de 32 quilómetros na direcção norte, provavelmente junto ao rio Payas, ou Pinaro dos textos antigos. Mas o rio sofreu modificações no seu curso desde 333 a.C., tal como a linha da costa adjacente.

Tiro ergue-se na costa meridional do Líbano. Já não é uma ilha, pois foi unida ao continente no sector onde se construiu o molhe de Alexandre. Existem muitas ruínas antigas, tanto na ilha original como na costa continental, mas não são os restos da cidade fenícia que resistiu ao ataque de Alexandre, sendo na sua maior parte romanas ou bizantinas. Se não houver tensão na zona, pode chegar-se a Tiro a partir de Beirute ou de Israel. Nas actuais circunstâncias pode ser recomendável adiar a visita.

Quanto a Gaugamela, há a destacar que Bagdade (capital do actual Iraque, antiga Pérsia) tem aeroporto internacional. Está ligada por caminho-de-ferro com Mossul, Kirkuk e Arbil (Arbela). Tel Gomel, que se identificou com Gaugamela, onde Alexandre conseguiu a sua grande vitória, encontra-se cerca de 32 quilómetros a nordeste de Mossul. É mais simples chegar ao campo de batalha se se tiver conhecimentos de árabe. É possível encontrar dificuldades para obter um visto de entrada no Iraque ou na Síria.

Os pontos onde alguns autores localizam as campanhas indianas de Alexandre são imprecisos. O curso dos rios do Penjabe modificou-se desde os tempos de Alexandre, com as correspondentes transformações do terreno. Em geral, a zona encontra-se em território do Paquistão, numa área em que o turismo teve um grande crescimento. Pode chegar-se a Taxila, com o seu importante museu arqueológico, a partir de Rawalpindi num mini-autocarro. Rawalpindi encontra-se no coração do «país de Alexandre». Islamabad-Rawalpindi é um importante aeroporto, o segundo mais importante do país depois do aeroporto internacional de Carachi.

CRONOLOGIA

336 a.C.	**Junho:** Assassinato de Filipe. Alexandre sobe ao trono da Macedónia.
	Outono: Alexandre, ditador da Grécia.
335	**Primavera e Outono:** Guerra contra as tribos balcânicas.
	Outubro: Destruição de Tebas.
334	**Maio:** Alexandre atravessa o Helesponto.
	Maio ou Junho: Batalha de Granico.
	Finais do Verão: Alexandre ocupa as cidades gregas da Ásia Menor.
	Cercos de Mileto e Halicarnasso.
334	**Junho:** Morte de Mémnon.
	Abril-Julho: Alexandre é reconhecido em Gordion.
332	**Janeiro-Julho:** Cerco de Tiro.
	Setembro-Novembro: Cerco de Gaza.
	Dezembro: Entrada no Egipto.
331	**Julho-Setembro:** Alexandre marcha para o Eufrates e atravessa o Tigre.
	1 de Outubro: Batalha de Gaugamela. Fuga de Dario.
330	**Janeiro-Maio:** Ocupação da Mesopotâmia e da Babilónia.
	Maio: Antípatro derrota Ágis em Megalópolis.
	Julho: Perseguição e morte de Dario.
	Outubro: Execução de Filotas e assassinato de Parménio.
329	**Verão:** Tomada de Bessos.
328	**Inverno:** Derrota e morte de Espitámenes.
327-326	**Inverno:** Campanha no noroeste da Índia.
	Hefestião no Indo.
326	**Maio:** Batalha do Hidaspes.
	Verão: Avanço para Hifasis e retirada.
326-325	**Inverno:** Guerra contra os malios.
	Alexandre recupera de um gravíssimo ferimento.
325	**Fevereiro:** Alexandre reúne as suas forças no Indo.
	Junho: Crátero marcha para oeste.
	Finais de Agosto: Alexandre marcha para oeste.
	Outubro: Nearco navega para oeste.
	Dezembro: Alexandre reúne-se com Crátero em Carmânia.
324	**Janeiro:** Alexandre reúne-se com Nearco em Carmânia.
	Fevereiro: Segunda reunião com Nearco na cabeceira do golfo Pérsico.
	Verão: Motim em Opis.
	Outono: Morte de Hefestião.
	Alexandre em Ectábana.
323	**Abril-Maio:** Alexandre reúne-se com o grosso do seu exército em Babilónia.
	10 de Junho: Morte de Alexandre em Babilónia.

GLOSSÁRIO

Na presente obra tentámos evitar as palavras que aparecem no glossário na medida do possível, mas nestas páginas apresenta-se uma pequena lista de termos transliterados do grego, que também se usam noutros livros sobre Alexandre Magno. Em geral, estão transcritos no singular, mas os plurais (com terminações em «oi» ou «ai») são facilmente reconhecíveis. Portanto, o leitor pode encontrar algumas palavras latinas, nas quais as formas «os», «oi», «a» e «ai» se transformam em «us», «i», «e» e «ae», respectivamente. Além disso, há que notar que Parménio e Aríston são variantes do nome grego *Parmenion* e *Ariston*. As formas gregas em «ei» transcrevem-se com «i» em latim, pelo que é possível encontrar tanto a forma «Clitus» (em português «Clito») como a forma «Cleitos», e muitas vezes aparece também «Cleitus». A letra «y» usava-se em latim para transcrever a grega «ipsilon» (que originariamente se pronunciava como um «u» francês), mas por vezes o «u» substitui o «y» nas transliterações em português. Alguns nomes próprios são aportuguesados de forma regular. Por exemplo, os *agrianes* (quatro sílabas com um «e» breve) aparecem nos livros em português como «agrianos» e os *malli* (plural, *malloi*) como «malios». Filipe é o aportuguesamento do grego *Philippos* (em latim, *Philippus*) e Alexandre, a do grego *Alexandros* (em latim, *Alexander*). Os nomes gregos transcritos de outras línguas (em especial os guias turísticos) podem ter reminiscências do original grego. Por exemplo, o alemão, mais que o inglês, o espanhol ou o português, reflecte a forma e a ortografia gregas e prefere utilizar o grego «k» ao latino «c». Os franceses empregam formas afrancesadas com mais assiduidade do que o inglês ou o português, que utilizam formas adaptadas nas suas respectivas línguas. Assim, num texto em francês não só se escreve «Philippe» e «Alexandre», mas também se encontra Démosthènes (trissílaba) e Néarque, por não mencionar «Macédoine». A título de exemplo, a palavra «Macedónia» (em grego *Makedonia*) refere-se ao Estado político ou território da Macedónia, mais tarde província romana; a palavra grega *makedon* corresponde ao gentílico «macedónio».

agema Vanguarda. *Basilikon agema* (= vanguarda real), normalmente de cavalaria, mas também de hipaspistas. (*Ver* mais abaixo.)

akontion Dardo, lança.

baisilikoi paides «Pajens reais» que seguiam os reis macedónios em serviço activo. São conhecidos porque conspiraram contra a vida de Alexandre em Bactriana.

chiliarchia Quiliarquia. Unidade de 1.000 homens.

chiliarches Quiliarco. Comandante de uma quiliarquia; também era a palavra persa para designar o primeiro-ministro.

hetairos Companheiro. Corpo de elite de cavalaria encabeçado pelos reis da Macedónia. Aparecem muitas vezes com o nome de *philoi*, em grego, que significa «amigos».

hipparchia Hiparquia. Subdivisão dos Companheiros. A sua força numérica parece que era variável.

hipparchos Hiparco. Comandante de uma hiparquia.

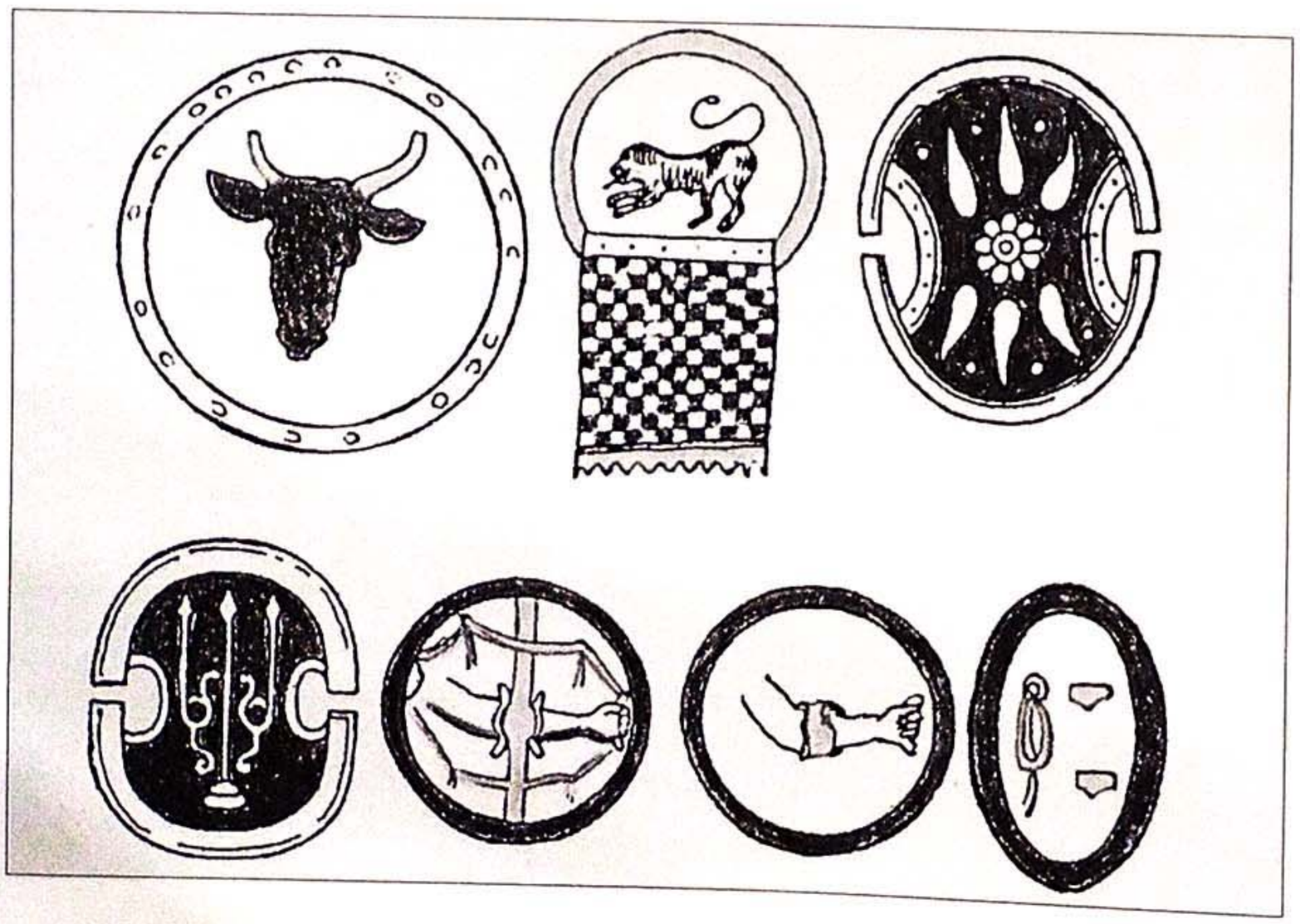
hoplites Hoplita. Soldado de infantaria do exército grego que usava um escudo redondo.

hypaspistes Hipaspista. Soldado de infantaria macedónio armado com lança e escudo. Os hipaspistas eram muitas vezes denominados «guardas».

ile Esquadrão de cavalaria.

ilarches Comandante de um *ile*.

kopis	Espada cortante de folha curva, diferente da pontiaguda *xiphos*, de folha direita e duplo filo.
lochos	Companhia. Subdivisão de uma *ile*.
longche	Lança mais curta que a *sarisa*. (*Ver* mais abaixo.)
machaira	Espada cortante (= *kopis*).
melophoroi	«Portadores de maçãs». Palavra grega que designava a guarda real persa, cujas lanças tinham contrapesos em forma de maçãs.
pelte/pelta	Escudo pequeno e leve de pele ou de vime.
peltastes	Peltasta. Originariamente, escaramuçador com armas ligeiras *(pelta)*, mas nos finais do século IV a.C. usava um equipamento mais pesado.
pentekontoros	Galera de cinquenta remos.
penteres	Quinquerreme. Galera com cinco remadores de ambos os lados em cada secção.
pezetairos	Infantaria macedónia. Os *asthetairoi* eram recrutados principalmente nas cidades e pouco nas zonas rurais.
phalanx	Falange. Linha de batalha, linha de infantaria; nos relatos modernos usa-se para designar a densa linha de piqueiros macedónios.
prodromos	Explorador (= *sarisophoroi*; ou seja, explorador lanceiro).
sarisa	*Sarisa*. Espada da infantaria ou lança da cavalaria.
sarisophoros	Lanceiro. No exército macedónio (= *prodromo* = lanceiro explorador).
satrapes	Sátrapa. Forma grega de uma palavra persa que significa «governador provincial».
somatophylax	Plural, *somatophylakes:* corpo da guarda.
stadion	Estádio. Medida grega variável que equivale a cerca de 182 metros.
synaspismos	Formação compacta da falange, «escudo a escudo»; costuma traduzir-se por «escudos entrelaçados».
taxis	Unidade militar em sentido geral, mas aplicada às unidades de infantaria em particular; traduz-se com frequência por «batalhão».
tetreres	Quadrirreme. Galera com quatro remadores de ambos os lados em cada secção.
thorax	Couraça.
triakontoros	Galera de trinta remadores.
trieres	Trirreme; galera com três remadores em cada lado de cada secção.
xyston	Lança.



Os escudos gregos e macedónios, à excepção de alguns de bronze, são feitos com materiais perecíveis, e o que se sabe sobre eles baseia-se sobretudo nas representações pictóricas que chegaram até aos nossos dias. O escudo macedónio era mais pequeno e leve do que o do hoplita grego. Tinha um punho e uma alça para ser segurado com o antebraço e, provavelmente, uma correia para o pendurar ao pescoço e aos ombros. Desta maneira, ambas as mãos ficavam livres para manejar a espada macedónia *(sarisa).*

BIBLIOGRAFIA

1. Traduções acessíveis dos textos antigos

Plutarco, *Vidas Paralelas*, ed. Amigos do Livro, Lisboa, 1978.
Plutarco, *Alexandre Magno*, Lello & Irmão Editores, Lisboa, 1980.

2. Estudos modernos

Fuller, J. F. C., *The Generalship of Alexander the Great*, Londres, 1958. Da Capo; reimpressão de New Brunswick, 1960.
Fox, R. Lane, *Alexander the Great*, Londres, 1973, 1978; 28 gravuras, 7 mapas.
Green, P., *Alexander the Great*, Londres, 1970; edição em capa mole, 1974; profusamente ilustrada.
Hammond, N. G. L., *Alexander the Great: King, Commander and Statesman*, Londres, 1981; 2.» edição, Bristol, 1989.
A lista de referências proporciona uma bibliografia muito útil.
Marsden, E. W., *The Campaign of Gaugamela*, Liverpool, 1964. Obra objectiva com mapas, diagramas, quadros e números estimativos.
Pearson, L., *The Lost Histories of Alexander the Great*, Nova Iorque, 1960. Para os que estudam as fontes antigas.
Tarn, W. W., *Alexander the Great*, 2 vols., Cambridge, 1948. Um relato muito favorável da figura de Alexandre.
Wilcken, U., *Alexander the Great*. Tradução de G. C. Richards. Londres, 1932; Nova Iorque, 1967, editado por E. Borza.
Visão equilibrada da história. A bibliografia de Borza concentra-se em obras publicadas desde o aparecimento do livro de Wilcken e inclui numerosos artigos em revistas especializadas.

3. Livros com capítulos ou ilustrações relevantes

Connolly, P., *The Greek Armies*, Macdonald, 1977.
Keegan, J., *The Mask of Commnand*, Londres, 1987; capa mole, 1989.
Marsden, E. E., *Greek and Roman Artillery*, Oxford, 1969.
Parke, H. W., *Greek Mercenary Soldiers from the Earliest Times to the Battle of Ipsus*, Oxford, 1933.
Snodgrass, A. M., *Arms and Armour of the Greeks*, Londres, 1967; reimpresso em 1982.

ÍNDICE

Os números em **negrito** correspondem a ilustrações

Admeto 48-49
Ágis, rei de Esparta 39-40
agrianos 10, 11, 34
Alexandre Magno (356-323 a.C.) 25, 40, 55, 87
  assegura a Grécia 8-11
  assassinato de Parménio 71
  atravessa o Helesponto 18
  atravessa o rio Eufrates 54
  atravessa o rio Hidaspes 73
  atravessa o rio Indo 72
  atravessa o rio Tigre 54
  avança para a Índia 72
  carácter 11, 17, 83
  casamento com Roxana 71
  cerca Mileto 27-28
  cerco de Tiro 42-54
  como libertador 27
  como tirano 71
  divindade 87
  e Dario 17, 41, 51
  e Egipto 50-51
  e Espitámenes 71
  e Poros 72, 77, 80, 82-83
  em Gaugamela 60-68
    preparativos 58
  em Isso 30-39
  explora o rio Indo 85
  ferido 85
  força um motim 87
  herda a Macedónia 8
  marcha para a Pérsia 10
  morte de 87
  na Babilónia 70
  no Granico 18, 20, 22
  no Hidaspes 73
    diversões 74, 76
  objectivos 17, 87
  tácticas 20-24, 60, 73
  toma Halicarnasso 28
  tomada de Persépolis 70
  vestimenta **84**
  visita o oráculo de Ámon em Siwa 50
amazonas **87**
Antígono 41, 89-90
Antípatro 10, 40, 51, 89
Aretes 64
Arétis 24
armadura 14, 16, **21**, **58**, **59**, **67**
armas **63**, **64**
  arcos **15**, **57**, **67**
  espadas **14**
  lanças **15**
Arsames 30, 32
Arsites 27
artífices **84**
Asacenia 84
Atenas 6, 8, 25, 40
Autofradates 40, 43

baixas
  em Gaugamela 68
  em Isso 38-39
  no cerco de Tiro 49
  no Granico 25
  no Hidaspes **82** (quadro)
barcos **42**, **46**, **47**, **52**
Bessos, sátrapa de Bactriana 58, 70

calçado **41**, **60**
capacetes **13**, **55**, **67**
Cassandro 88-89
cavalos **20**
Cilícias, Portas 30, 32
Clito 24, 71
citas **69**, 71
Coeno 12, 48-49, 80, 84
Crátero 12, 74, 76-77, 82, 85-86

Dario III, rei da Pérsia 12, 18, 28, 29, 30, 32
  continua a resistência 70
  em Gaugamela 55, 58-62, 64, 66-68
  em Isso 30, 32-39
  fuga de 37-38
  morte de 70
  optimismo de 30
  e Alexandre 17, 41, 49
Demarato 24
Demétrio 74, 80
Demóstenes **9**
disposições
  Gaugamela **62**, **65**
  Granico **18**, **19**
  Hidaspes **78-79**, **83**

Éfeso 27-28
Egipto 6, 12, 39-40, 45, 50-51, 55
escudos **21**, **27**, **32**, **58**, **63**, **94**
Esparta 6, 8, 39, 40
Espitámenes 71
Espitrídates 12, 24
Esquines **9**

Farnabazo 40, 51
Filipe Arrideu 89
Filipe II, rei da Macedónia (382-336 a.C.) 8, **8**
Filotas 12, 71
Fócio **62**

Gaugamela, batalha de (331 a.C.) **56-57**, **66**, **68**
Gaza 50
Gedrosia, deserto de 86
górdio, nó **28**
Gordion 29
Granico, batalha do (334 a.C.) 18-26, **22**, **23**, **26**
Granico, rio 18
Grécia 6-11, 17, 25, 28, 32, 40-41, 45, 86

Halicarnasso 28, **29**
Hárpalo 51, 87
Hefestião 12, 72, 75
Hegéloco 18, 40, 51
Helesponto 18, 40
Hidaspes, batalha do (326 a.C.) 73-83, **78**, **83**
Hidaspes, rio 72-73
  travessia de Alexandre **75**, **78-79**

Ilíria 9
indianas, forças 74, 76, 82, **83**, **88**
  elefantes 75, 77, **78**
Índico, oceano 85
Indo, rio 85
instrumentos cirúrgicos **85**
Isso, batalha de (353 a.C.) 30-39, **36-37**, 90-91
  avanço de Alexandre **31**
Isso **34**, **35**
Isso, porto de 32
Istambul, Museu de 91

Langaro, rei dos agrianos 11
Lisímaco 89

Macedónia, auge de 7-8
macedónias, forças 10, 12, 18, 29, 33, 82
  aspecto **24**, **27**, **86**
  cavalaria 12, 14, **26**
  Companheiros 14, 21-25, 35, 48, 58, 66, 68, 73, 75-76, 80
  confiança em Alexandre 22
  em Gaugamela 58-60, 62-63, **62**
  em Isso 33, 36-38
  em Tiro 48-49
hipaspistas 12, 14, **14**, 43-44, 48-49, 64, 77, 80
motim 87
na Índia 71
navais 44-47, 85-86
no Granico **19**
no Hidaspes 76-77
mercenários 45
reforços 51
Maceo 51, 58, 66-67
malios 84
máquinas de cerco 47, **49**
Mémnon, *o Rodio* 12, 18, 20, 22, 25, 27-28, 40
mercenários 6, 12, 16, 18, 25, 27-29, 33, 36, 40, 45, 50, 51, 59, 62, 70-71, 76
Mileto 27-28, 40
Mitrídates 24

Nearco 85-87
Nicanor 12

Olímpia 8, 89
oráculo de Ámon 50, 87
Orontobates 28

Parménio 12, 18, 32
  assassinato de 71
  em Gaugamela 59, 65-67
  em Isso 32, 34
  no Granico 18-21, 26
Peloponeso, guerra do (431-404 a.C.) 6
persas, forças 16, 54
  aparência **12**, **15**, **16**, **33**, **40**, **61**, **65**
  carros de rodas citas 64
  em Gaugamela 55, 58-62, 64-68
  em Isso 30, 32-37
  generais 12, 20
  navais 39-40
  no Granico 18-26, **19**
  no rio Eufrates 52
  no rio Tigre 54
Persépolis 70
Pérsia 6-10
Poros 72, 77, 80, 82-83
Ptolomeu 12, 36, 89, **90**

Queroneia, batalha de 338 a.C. 8

reinos sucessores 84, 87-88
Resaces 24
Roma 90
Roxana 71, 89

Sardes 26-27
Seleuco 12, 80, **89**
Siwa 50
  abastecimentos 30, 43

Tarso 30, 32
Taxila 72, 91
teatro de operações **10-11**
  Grécia e Macedónia **7**
  Isso **30**
  o Hidaspes **74**
Tebas 8, 9
Tigre, rio 54
Tiro, cerco de 42-54, **45**
  máquinas de cerco 47
  molhe de Alexandre **44**
  operações navais 44-47, **48**
  queda de **49**, **52-53**
Trácia 8-11
Tróade 18

vestimenta **16**, **25**, **84**

Zeleia 18, 26

GRANDES BATALHAS

As Campanhas de Alexandre 334-323 a.C.

Alexandre Conquista a Ásia

John Warry

Alexandre Magno foi, sem dúvida, um dos maiores generais de todos os tempos. Esta obra de John Warry, especialista na guerra no mundo antigo, estuda em pormenor as principais batalhas das campanhas de Alexandre. Granico, Isso, Gaugamela, Hidaspes e o complicado cerco de Tiro, todos profundamente analisados. Estes cuidadosos estudos esclarecem as tácticas macedónias, em especial sobre a combinação da falange, infantaria blindada, com a cavalaria rápida. Analisam-se também os homens e o equipamento do rei da Macedónia e dos seus inimigos persas, e dá-se uma visão em pormenor da vida de Alexandre e dos seus costumes militares.